

Sala:

Gab. *R*

Est. *4*

Tab. *13*

N.º *13*

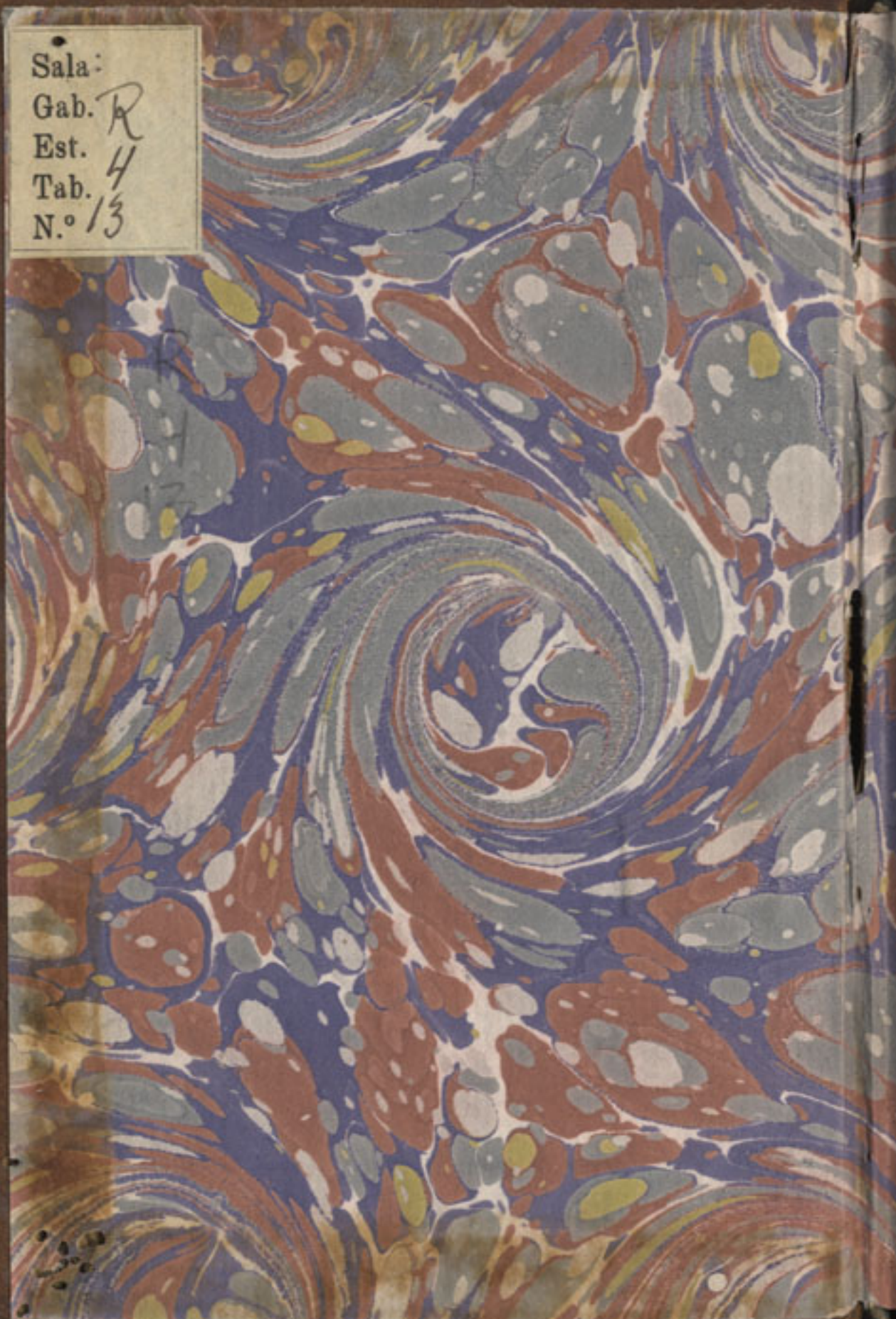


IMAGEM DA VIDA

(1^a) (A)-45²CHRISTAM (A)-45-2

Ordenada per dialogos como
membros de sua
composição.

O primeiro he da verdadeira philosophia

O segundo da Religião.

O terceiro da Iustica.

O quarto da Tribulação.

O quinto da vida solitaria.

O seixto da lembrança da Morte.

Compostos per F. Heçtor Pinto
frade Jeronymo. E per elle acrese-
tados nesta segunda impressam.

Impressos em Coimbra per Ioão Barceita
à custa de Antonio Coruete mercador
de liuros. Anno de 1565.

Com priuilegio del Rey.



1675
IMAGEM
DA VIDA
CHRISTAM

Ordenada por dialogos com
membros de sua
complicação.

- Opinione he da verdadeira
- Segunda da Religiao
- Terceira da Justica
- Quarta da Indulgencia
- Quinta da viciolencia
- Seis da temeraria da morte

Compozido por R. Hector Pinto
Anonimo e per elle escrito
tudo neste anno de 1675

Impressos em Coimbra e por Joao Barboza
A custa de Antonio Couceiro meador
de Junho de 1675.
Com privilegio do Rey.

Del Rey faço saber
aos que este aluaravirem, q̃
auêdo respeyto ao q̃ na pe-
tição a tras escripta. Diz F.
Hector Pinto, frade da ordem de S. Iero-
nymo. Ey por bê, & me praz que pessoa
algũa de qualquer qualidade que seja, não
possa imprimir, nê mandar imprimir em
meus reinos & senhorios, nê fora delles, o
liuro chamado *Imagẽ da vida Christã.*
que diz que fez, & mandou imprimir:
da maneyra q̃ na dita petiçã declara nê
o possa trazer de fora dos ditos reynos & se-
nhorios, nê vender nelles sem sua licença
& cõsentimento, & isto por tempo de seis
annos somente, que começarão da feytu-
ra deste, sob pena de cincoenta cruzados, a
metade pera os catiuos, & a outra metade

pera quem os accusar, & de perder pera o
dito frey Hector todos os liuros que assi
imprimir ou mandar imprimir, ou trou-
xer de fora, ou vender em meus reynos &
senhorios. E mando a todas minhas ju-
sticias, officiaes & pessoas a que o conheci-
mento disto pertencer, que cumprão, &
guardem & fação inteiramente cumprir
& guardar este aluara como se nelle con-
tem. O qual ey por bem que valha & te-
nha força & vigor, omo se for carta feyta
em meu nome per mĩ assinada, & passa-
da per minha chancelaria: posto que este
não seja passado pola dita chancelaria, sem
embargo das ordenações do segũdo liuro
q̃o cõtrayro despõe. Ioão de Seixas o fez.
Em Lisboa, aos vj. de Nouẽbro de 1564.

O. Cardeal Iffante.

PROLOGO

do author, dirigido ao illustris-
simo & muyto excellente se-
nhor Dom Theodosio,
duque de Bragança.

& c.



Oiã os antigos imagi-
narios, quãdo acabauão
de fazer suas estatuas, a-
tes que de todo laissena
com ellas a luz, & as des-
sem por acabadas, exa-
minalas curiosamente: & se lhe achauão
tal viueza, proporção, & perspectiua, que
nem seu artificio tiuesse mais que pintar,
nem seu desejo mais que pedir, punhanas
em lugares, em q̃ todas as podessem ver
miudamente, & cõtemplar a perfeycão
de suas feyções. Mas se em algũa dellas

achauão taes erros & defeitos, que logo se
conhecessem, dos q̄ a olhassem de perto
punhana nũa alta & fermosa coluna, pa
que os que de longe a vissem, lhos nao
enxergassem, âtes a tiuessem por perfeyta
sõmente pola perfeçãõ da coluna. Assi
eu depoyz que tiue feyta esta obra como
statua & imagem da viuã Christam, re-
partida em dialogos como em membros
d'hũa figura, vilhe tantas imperfeyções,
que senti que me compria, buscarlhe hũa
coluna muy alta & excellente, a que a de-
dicasse, E lançando a hũa & a outra par-
te os olhos do entendimento, não achey
outra mais illustre que vossa senhoria, a
quem a deuesse intitular & dirigir, pera q̄
sômête cõ isto os q̄ a vissem, a estimassem.
Mas p̄ outra parte vendo q̄ não cõuinha
apparecer ante tão excellente principe
senam obras de primor, & grande lustro,
& de tanto preço, que o não tiuessem,
pondo os olhos na bayxeza desta minha
feyta, não per aquelles insinhes artifices

Phidias

Phidias & Policleto, q̃ antre os antigos
pretenderam abalifar-se na arte de archi-
tectura, mas per hum mal destro & pouco
pohdo imaginario, & laurada pela fraca
mão de meu bayxo ingenho, estiuue per
vezes cuidando o que faria. E depouys de
baralhado em diuersos pensamētos, con-
firando a humanidade de vossa senhoria
& a fama de sua grande virtude, igoal &
corespondente ao real tronco dō de pro-
cede, teue esta confiração tãta força, que
ma deu pera conuertet meu temor em
ousadia, forjãdoa na fragoa do desejo de
o seruir. Aqui cabia bem tomar eu nas
mãos lououres de vossa illustrissima S.
pouys hai câpo larguissimo, pa me per elle
poder nelles esprayar, mas eu não o farey,
porque sey, quanto mays elle quer me-
recelos, que ouuilos: couisa natural d'altos
animos, ter a honra em muyto, & o pre-
gão della em pouco. Sōmente tocarey,
pōtque não posso deyxar de o fazer, a ju-
sticia & paz, em que vossa senhoria tem

suas terras, que he em tão alto grao de
perfeção, & passa tanto além das balizas
de meu ingenho, que não podião deyxar
de ficar baixos quaesquer lououres, q̄ lhe
eu nisto quisesse dar. Poys a grande affey-
ção & inclinação, que tem ás letras, & a
vontadecõ que as fauorece, & deseja de
aumentar, quem ahi que o não veja mais
claro com seus olhos, do que o eu posso di-
zer com minhas palauras, poys está cõsti-
tuindo a sua Villa Viçosa em vniuersal
academia, & fazêdo della outra Athenas
onde concorrão de muytas partes deste
reyno, assicomo a Athenas concorrião
douttras partes de Grecia, como a feyra
frãca de todas as boas artes & doutrinas.
Este he hũ grande louuor de V. S. hũ ma-
rauilhoso resplendor de seu nome, q̄ nũ-
ca será escurecido com treuas de esqueci-
mẽto, & hũ gloria, que ainda depõys de
sua morte terá vida, em quanto a tiuer a
memoria dos mortaes. Quãto mays que
ainda que á virtude faltasse o louuor hu-
mano

mano, não ahi mór theatro q̃ a consciencia, & além do eterno premio, q̃ lhe no ceo está reseruado, por ser feyta por amor de Christo nosso verdadeyro Deos, ainda nesta vida traz ella consigo gloria & iuaue cõtentamento. Isto he o q̃ dizia aquelle diuino Paulo vaso de eleyção, na segūda aos Corinthios: Esta he a nossa gloria ^{2. Cori. 2.} o testemunho de nossa consciencia. Donde veo a dizer S. Ambrosio, que assi como ^{Ambros.} o máo he pena de si, assi o bom he gloria de si mesmo: porque assi como os peccados sam ratos de polé, & como diz nosso padre S. Ieronymo, quãtos sam os vicios, ^{Hieron.} tantos sam os tormētos d' alma, assi as virtudes sam gostos do espirito, & quãtas ellas sam, tantos sam elles. Mas como a virtude lance de si hũ singular resplãdor, não pode deyxar de ser louuada. E caso que os enuejosos a queirão apagar, todauia não ^{Compa.} podē effectuar seu desejo, âtes ficão seme- ^{ração.} lhãtes ás infelices berbo letas, q̃ querēdo apagar o claro lume da candeia, ellas mes

mas se queymão, & ficando a vela accesa
com sua claridade, pagão ellas com sua
morte a temeridade de sua vida, sem a
poderem tirar á clara luz. Esta claridade
resplandece em V. S. em estimar summa-
mente a sciencia, & a paz, ea impossivel
he fauorecer hũa desfauorecendo a ou-
tra. E por isso não he de espantar ser. V. S.
amigo das letras, poylo he do alioflego
do reyno, que onde elle reyna,ahi tem
ellas seu assento. E esta he a causa dauer
agora tantos & tão excellentes letrados
nesta terra, darlhe Deos principes que os
fauorecessem, & amassem a paz. Assim como
quando as ondas dos grandes rios vão te-
sas & furiosas, se recolhem os peyxes a al-
gũ remanso, & quando os ventos sam af-
peros & tempestuosos, fogẽ as aues pera o
abrigado, assi andando reuelto o mundo
em guerras & tumultos, fugirão as artes
& boas letras de suas brauas ondas &
crucys tempestades, & vierão se todas re-
colher no quieto remanso, & pacifico

Compa-
ração.

abri

abrigo deste reyno, onde vindo ellas cã-
ladas, & como mortas, cobrarão alento
& receberão sangue & vida, & forão hon-
radas, & fauorecidas, & collocadas no cu-
me de sua dignidade. E ainda que a paz
não tiuera outro bem, senão ser couro &
habitação das musas, este era assaz: quan-
to mays que he ella hũa cisterna de todas
as virtudes, & faltando ella todas faltão,
& a terra que carecer della, onde em lu-
gar d'amor & concordia reinar odio & dis-
sensam, não poderá permanecer. Que-
rendo o Propheta Esaias declarar, que os Esai. 19.
Assyrios êtrarião no Egypto, & o destrui-
rião, & regarião seus campos com o san-
gue da barbara gente, dá por certo final
da destruyção dos Egypcios, que antre el-
les mesmos se perderia a paz, & se alleuã-
raria guerra, & o amor se conuerteria em
desamor. E Oseas diz: Poys seu coração
he diuiso, agora perecerão. Isto he o que Ose. 10.
diz Chão nosso Redemptor no Euãgelho:
Todo o reino em si diuiso será destruido Luc. 11.
&

Ioan. 13.

& desolado. E per S. Ioão diz, q̄ nisto fere-
mos conhecidos por seus discipulos, se
nos amarmos hūs aos outros. He tão ex-
cellente cousa o amor & concordia, q̄ acé
os gentios allumiados não mays q̄ com o

Empe-
docles.

lume natural o entenderão. Empedocles
Agrigétino insinhe philosopho, discipu-
lo q̄ foy do grande Pythagoras, diz que o
mūdo cōsta da amor & de paz, porque pe-
ra se gerar qualquer cousa natural hão de
concorrer todos os quatro elementos, &
unirse em concordia. Isto quis significar o

Orpheo

antiguo Orpheo, quando disse, q̄ o amor
tinha as chaves de todas as cousas, com
as quaes lhe abria seus nascimentos pera
fayrem a luz. Hora se isto tãta força tem
nas cousas naturaes, q̄ fará nas moraes?

Platão.

Por isso diz Platão no v. da republica, q̄
não ha nella cousa mays pernicioasa que
a discordia, nem mays vtil que a paz. E
por esta razão tem V. S. muyta em a cō-
seruar, como vemos que faz. A quem
deuo logo de offerecer minhas obras, que

Sam

7
20
sam trabalhos d'estudos, & fructo da doce paz, senão a V.S. que he o fauorecedor delles, & conseruador della? Tudo o que digo nesta obra, vay corroborado com authoridades das diuinas letras, & de muy approuados & excellêtes authores. Porque assicomo quem quer prantar hũ nouo jardim, busca garfos & enxertos de boas aruores, assi eu busquey authoridades de graues & famosos authores, pera prantar neste liuro, diuiso em dialogos a maneyra dos de Platão. O que peço a V.S. he que os aja por seus, & que com sua costumada benignidade os recolha sob seu emparo, pera que possam apparecer, & andar seguros pelo mundo com o nome & fauor de V.S. a quem nosso Senhor traga em sua especial goarda, & acabe em seu sancto seruiço.

Amen.

Os

Os authores que se allegão nesta obra,

*são os seguintes, a fora as authoridades da
sagrada escriptura, que a cada passo
vão explicadas.*

- | | |
|------------------------|---------------------------------|
| S. A vgustinho. | Bartolo. |
| S. Ambrosio. | Balthasar Castellão. |
| S. Athanasio. | Bartol. a Challengo. |
| S. Antonino. | S. C ypriano. |
| S. Anselmo. | S. Cyrillo. |
| Alberto magno | S. Chrysofomo. |
| Antiocho. | Chrytologo. |
| Archiloco chronogra. | Cassiodoro. |
| Archiloco poëta. (pho | Chryssippo. |
| Aristoteles. | Cornelio Tacito. |
| Alexandre Aphrodiseu. | Columella. |
| Aulo Gellio. | Calimacho. |
| Apolonio Tyrio. | Celio. |
| Alcidano. | Cambino Florentino. |
| Amiano Marcellino. | S. D ionysio Areopagita. |
| Annio Viterbenle. | Demosthenes. |
| Alciato. | Diodoro Siculo. |
| S. B asilio. | Dião Cassio. |
| S. Bernardo. | Diogenes Laërcio. |
| Beda. | E usebio. |
| Beroso Chaldeu. | Eratosthenes. |
| Baptista Egnacio. | Euripides |

Ennio

DIALOGO DA

*verdadeyra philosophia, inter-
locutores hũ Philosopho, hũ seu com-
panheyro, & hũ ermitão.*

CAPITVLO. I.

¶ *Da excellencia da vista sobre os
outros sentidos, & do desco-
brimento da verdade.*



NDO praticando pe-
los cẽseyraes de Coim-
bra, ao longo do Mõ-
dego dous amigos, que
sairão da cidade, hum
delles dado muyto ao
estudo da humanidade, que presumia
excessiuamente de discreto & grande
philosopho, & queria antes parecelo,
que selo, da condiçãõ dos que escolhé
antes latão lustroso, que prata sem lu-
stro, outro menos humanista, mas mais
humano, encõtrarão com hũ ermitão,
A homẽ

DA VERDADEIRA PHILO.

homẽ religioso & letrado, de q̃ tinham conhecimento doutro tempo, em que todos naquella vniuersidade estudarão & conuersarão. E depois de laudados, & passarẽ antresẽ algũas amorosas palavras, perguntou o Philosopho ao ermitão como estaua, & q̃ annos tinha de idade, porq̃ lhe parecia mays velho do que elle cuidaua que era. Eu, respõdeo o ermitão, não estou nẽ tenho nẽ hũ soo anno de idade, & o mesmo podem com verdade dizer de si todos os homẽs. Noua opinião, disse o philosopho, he essa. Antes tornou o ermitão, nam he noua, nem opinião, se não antiga & manifesta verdade. Que se fora noua, começara pouco há, & ella he sentença dos sabios antiquos, que de si deixarão gloriosa memoria: & se fora opinião, fora de cousas contingẽtes & incertas, & ella he necessaria & certissima. E eu, disse o philosopho, tenho a por falsissima. E he o tam sem duuida, que

que a não terá nillo, se não quẽ segun-
do o costume dos Academicos, quiser
em tudo duuidar. Hai ha verdades, dis-
se o companheiro, que nolo não pare-
cem, não polo não serem, mas por não
entendermos a diuersidade do estilo,
em que sam ditas. Digo isto, porq̃ o pa-
dre, como se desnaturou do mundo,
pera que quanto delle estiuesse mais
apartado, tanto estiuesse cõ Deos mais
vnido, & quanto mais longe estiuesse
da terra, & de si inda mais longe, tanto
mais perto estiuesse do ceo, tem outro
estilo tão differente do nosso, que au-
mos de entender: que se o não enten-
demos he, porque passa elle alem das
balifas de nosso entendimêto, mas não
porque em suas palauras aja erro, nẽ
falsidade. Não sey, disse o philosopho,
pera que sam razões, pera escusar hũa
sem razão: pois de querer escusar hũa
nascem muitas. Assim como lançando
hũa pedra nũ grande poço se faz hum

Compa-
ração.

DA VERDADEIRA PHILO.

circulo n' agoa, & delle procede outro mayor, & este mayor faz outro mays estēdido, apos o qual vem outro, & outros cada vez mayores quasi é infinito, assi d' hū erro nasce outro, & este traz outro consigo mayor, apos o q̄l v̄ outros muytos cada vez maiores quasi é infinito, se lhe não atalhã logo no principio. Facil couza seria atalhar logo no principio a hū rio, intupindolhe a fonte, donde nasce, ou lançãdolha per outra banda: mas depoyes que nelle entrã outros & outros ribeiros, & com a entrada de muitos rios se faz poderoso & profundo, não ha quem lhe possa resistir. Isto he o q̄ diz Aristoteles, q̄ pequeno erro no principio se faz grande na fim, & q̄ dado hū : : conueniente se seguẽ muytos. E ás vezes de não apagar hūa palha, se vem atear o fogo nūa & noutra, até que se v̄ a queymar toda hūa casa, & de pequena faylca se faz grãde incēdio. Eu, disse o cōpanheyro,
 não

Compara-
 ração.

Aristot.

não me determino logo tam afinhã como illo a cõdenar, o que não acabo de entender. E sempre tiue pera mim que as coulas se auiam de julgar com deliberação. Que como diz Bias o philoso

Bias.

Laércio.

pho, segundo refere Laércio, nenhũa cousa he mays contrayra a deliberar, que a ira & a pressa. E não vos pareça q̄ reprendo a diligencia nas obras, antes tenho pera mim, que não ha cousa q̄ ella nao vença. Porque assi como a negligencia he madrastra das virtudes, assi a diligencia he mãi de todas ellas. Ella he hũa mina de bens, & a negligencia hum pego sem fundo, em que todos se alagam. Mas a diligencia ha de ser pesada, & leuâdo nos pés as esporas da ligeireza & velocidade, ha de leuar na mão as redeas da razão & do conselho: de maneyra que na deliberação ha da ver tardança, & na execução da bõa obra pressa. Dõde veo aquelle tão antigo como famoso puerbio: Apressate

DA VERDADEIRA PHILO.

de vagar. O que também quis significar o
Tito Vespasiano. Imperador Tito Vespasiano, filho do
 grande Vespasiano, quando mandou
 pôr por diuisa nas suas medalhas hum
 golfinho velocissimo, enodilhado nua
 ancora vagarosa. He verdade, disse o
 philosopho, que pela ancora se entêde
 a tardança, & pelo golfinho a pressa: por
Aristot. que Aristoteles afirma q̄ he elle ligei-
Oppiano rissimo. E Oppiano no seu segundo li-
 uro da natureza dos peyxes diz, q̄ nadã
 os golfinhos tão pela agoa, como voã
Plinio. as aues pelo ar. E Plinio no seu nono li-
 uro da historia natural diz, que sam os
 mays ligeiros de todos os animaes, assi
 aquatiles, como terrestres, como volati-
 les. E não somete Tito Vespasiano, mas
Octauiano Augusto se soya muyto de-
 leytar com esse prouerbio, como conta
Aulo Gellio Aulo Gellio no x. das suas noytes Atti-
Macrobio cas, & Macrobio no sexto dos Satur-
 naes. Mas isso se entêde, quando se re-
 presentam algũas duuidas, que fazem
 distrayr

distrayr o animo em diuerfos pareceres então ha dauer deliberação vagarosa, & maduro conselho, o q̃l ha de ser secreto: & por isso edificação os antigos Romanos o templo de Conso, aquem elles chamauão deos dos conselhos, debayxo da terra. E a pos o conselho se ha de seguir a execução com tanta diligência, que pareça que o effeito precedeo á deliberação, de maneyra que primeyro pareça feyto, que cuydado. Mas quando as cousas sam tam manifestas, que nellas não ha que deliberar, de que se negastar o tempo em conselhos: & occupar o iuyzo em escolher quãtas cousas a varia fantasia lhe representa, & o pensamêto em fazer difficuldades, onde as não ha? Quando os erros sam tam claros, como he este do padre, pera que he se não condênalos logo sem mays? Eu todauia, disse o companheyro, suspendo o entendimento, até ver como vos padre prouays, que nem vos nem

DA VERDADEIRA PHILO.

homẽ algũ está, nem tem annos de idade. Folgaria muyto de saber, como pode ser isso. Isso, disse o philosopho, não sabereys vos nunca. Porq̃? Disse o companheiro? Porque o que não he, não pode o Philosopho, não se pode saber. Eu vos prouatey, disse o ermitão, o que digo, se vos nã tiuerdes os ouvidos entupidos & opilados. Antes creio eu, tornou o philosopho, q̃ no los entupireys vos com palauras, & em fim não a dareys a vossa empresa. Couza he esta, disse o companheyro, que eu em extremo folgarey de ouuir. E pera isto assentemos. Assentemos, disse o philosopho. Assentaiuos vos, disse o ermitão, q̃ eu estarey aqui encostado a esta verde & sombria aruore, & ouui se vos bem parecer. Vos padre, disse o companheyro, podeys dizer o que quiserdes, sem nos pedirdes as vontades, em especial a minha, q̃ não discrepará da vossa. Deuieys padre, disse o philosopho, de tomar

mar

mar outro thema, & não gastar o tempo
 em defender sonhos, mas coulas ditas
 de vos. A verdade he a que eu vejo cõ
 meus olhos, que vos vejo estar, & vejo-
 uos viuer, & não poueys vos viuer sem
 terdes dias de vida. E hi não ha menor
 proua, que a que se vé com os olhos. O
 que sabemos d'ouuida pode ser incer-
 to, mas o que sabemos de vista, he cer-
 tissimo. Donde veo a dizer Thales Mi- Thales.
 lesio mestre que foy do grande Anaxi-
 mandro, & antre os Gregos primeyro
 inuetor da geometria, que a differença
 q̃ auia dos olhos ás orelhas, auia da ver-
 dade á mentira: dando a entender, que
 ainda que os ouidos se enganassem, a
 vista nã se podia enganar. E daqui vie-
 ram os da ilha de Creta, que agora se
 chama Candia, onde nasceo Strabo o
 cosmographo, a pintar Iupiter cõ olhos
 & sem orelhas, como conta Celio no Celio;
 vj. liuro das suas lições antigvas: signifi-
 cãdo q̃ os q̃ tiuessem mado & dominio,

DA VERDADEIRA PHILO.

não auião de cretudo o que ouuifsem, porq̄ podia ser falso, mas o q̄ vissem, por que isso he, o que auiam de ter por sem duuida. E por isso he o sentido da vista mays excellēte que todos os outros: em tanto que Galeno chama aos olhos mē-bros diuinos. E não sem causa os pos a natureza na mays alta parte do corpo humano, como sentido mays insinhe, & que mays amamos, & a q̄ sobre todos os outros deuemos de estimar. E assi como estam mays altos, assi descobrem mays cousas. E como nenhũa naturalmente entēdamos senão per meo dos sentidos portas & seruentias do entendimēto, & pelo sentido dos olhos sintamos mays q̄ per nenhũ dos outros sentidos, segue se q̄ a elles deuemos amor parte do q̄ sabemos. Isto sentia Aristoteles, quando no primeiro da Metaphisica disse, q̄ a razão porq̄ tão amamos os olhos, he porque nos mostrã elles muytas cousas em cujo conhecimēto consiste a philosophia.

Ana

Anaxagoras aquelle excellente philoso- Anaxago.
pho, que quis tam altamente contéplar
o curio das estrellas, & a disposição da
machina do mundo, que por sayr duua
duuida sayo de si, como referre Xeno- Xenophô
phonte no liuro que fez dos feytos & di-
tos de Socrates, pergutado pera que na-
scera respondeo que pera ver o sol, & a
lua, & as estrellas, assi o conta Lactancio Lactan.
Firmiano nas suas diuinas instituições.

Não disse este famoso philospho que
nascera pera ouuir falar nestas coufas, se
não pera as ver com seus olhos. Que
aproueyta hum homem sem vista? Diz Quintil.
Quintiliano na segunda declamaçam,
que a priuaçam dos olhos he a total tra-
queza do homem. Vay grande differen-
ça de ver a ouuir. Assi como o fogo he o
mays sutil & alto dos elementos, & que
naturalmente sobe pera cima, por ser o
seu lugar o cõcauo do ceo da lua, ficando
o ár abaixo d'elle, assi os olhos té superio-
ridade sobre os ouuidos: porque, como

diz

DA VERDADEIRA PHILO.

Aristot. diz Aristoteles, vemos com o fogo, & ouuimos com o ar porque dentro dos ouvidos esta encerrado hu ar, a q̄ Aristoteles chama immouel, & outros cō-natural, no qual como toca o tom, que ve pelo ar, logo ouuimos. E nos nos olhos anda hu fogo subtilissimo, a cujo lume ajuntandole o lume ou claridade exterior, logo vemos a cor, q̄ se nos diante appresenta, se hi não ha empedimento. E esta he a causa, como diz

Alexand. Alexandre Aphrodiseu, no seu liuro das causas, porque ás vezes dando rijo co a cabeça naigua coufa dura, vemos ante os oinos candeas accesas, que he o lume, que nos fae delles com o impetuoso mouimento da percussam. E algumas vezes acordando de noite ás escu-ras vemos as mesmas candeas: porque o lume, q̄ estaua dentro nos olhos encerrado, abrindo os fae junto, & a primeyra coufa que vemos he elle. O que acõtece poia mdr parte aos colericos,
por

por a sua compreyssão responder ao fo-
 go. Donde se colhe que não he milagre
 o que Plinio diz de Tiberio Cesar, que ^{Plinio.}
 em se aleuantando de noite ás escuras,
 via a casa allumiada. E ainda que estes
 philosophos isto não testificarão, basta-
 ranos pera isso a philosophia adquirida
 pella experiencia, porque tanto que se
 faz o trouão, vemos logo o relampado,
 & depoyes ouuimos o tō, sendo tudo nū
 tempo o tom & o relampado: o q̄ pro-
 cede da ligeyreza & futilidade do fogo,
 com que nū instāte vemos, & do vagar
 & espessura do ar, com que per espaço
 ouuimos. O que claramēte se vé no ti-
 ro da bombardada inuentada per philo-
 sophico artificio a semelhança do tro-
 uão, que estando de lōge, primeyro ve-
 mos o fumo & o pelouro, que ouçamos
 o tiro. Tem mays esta potencia do ver
 sobre a do ouuir, que nūca se enfada, nē
 obra com trabalho, nē tem necessidade
 de ninguē, & estende se mays ao lōge, q̄
 todos

DA VERDADEIRA PHILO.

todos os outros sentidos, & não ha cou-
fa, que mays nos certifique que a vista.

Logo poys o ver he tanto mays certo, &
prôpto, & excellête q̃ o ouuir, como q̃reis
vos q̃ crea eu, & admitta o q̃ vos ouço,
& não o que vejo, sendo o que diz vossa
boca contrayro, ao que vem meus olhos.

Sinão. Saluo se p̃ artificio de ingenho nos que-
reys persuadir o que não he, & meternos
cõ engano no entêdimento a machina
dessa vossa opinião, como Sinão o Grego
aos Troianos a entrada do enganoso ca-
ualo pelos muros de Troia. Podera vos
pera exagerar & amplificar minhas ra-
zões trazer hũa nuuê de authoridades,
cõ que vos assombrára, mas não he mi-
nha arte meter logo todo os registros, &
fazer logo no principio grande toada.
Prouuera a Deos, disse o ermitão, que ti-
uereys vos desempedidos & allumiados
os olhos do entendimento, que vos vi-
reys quam falso he isso, que cuydais que
vedes, & quã pouco importa a superiori-
dade

dade dos olhos com tudo isso, que dizeis,
 pera refutar o que eu digo. Os olhos do
 corpo enganãse muytas vezes, por estarẽ
 enneuoados, ou doutra maneyra empe-
 didos, ou porque ainda que se jão claros,
 não hahi distancia delles ao obiecto, ou
 se a ha, he desproporcionada, ou pola bre-
 uidade do tempo da vista. Mas os olhos
 do entendimẽto allumiados cõ os rayos
 do diuino resplendor, não se enganão,
 porque doutra maneyra não seria entẽ-
 dimẽto. E daqui vieram os diuinos pro-
 phetas a chamar a suas prophecias visões,
 como cousas certas & desenganadas. E
 pa vos viuerdes desenganado, folgaria q̃
 me ouuissleys, mas quera que me enten-
 desseys, porque sayndo d'hũ engano não
 entrassleys n'outro. Nem tomeys por tra-
 balho ouuirme, se quereys q̃ vos eu tãbõ
 ouça, porq̃ que não for prõpto no ouir,
 nã se deue de escutar. E ainda q̃ com as
 muitas palauras q̃ accumulastes, aleuãta-
 stes tãto pò, ã parece que se não ve a ver-
 dade

DA VERDADEIRA PHILO.

**Compara-
ração.** dade, toda via ella em fim se verá. Porq̃
 assi como o pao sendo com impeto lâ-
 çado nagoa, ainda q̃ se vaa ao fundo, cõ
 tudo não pode estar tanto escondido,
 que logo não torne a cima, & appare-
 ça, assi a verdade pode ser per algũ té-
 po escondida, mas em fim por mays q̃
 façam, ella per si se ha de descubrir. Ca-
 nenhũa coufa se faz com tão resguar-
 do, que o tempo a não mostre. Isto he o
Matth. 30 que dizia Christo nosso Redēptor em
 S. Matheus: Não ha hi coufa tão encu-
 berta, q̃ se não descubra, nẽ tam occul-
Bernar. ta, que se não sayba. E S. Bernardo diz
 que a verdade impunhada & persegui-
**Tertu-
li. 110.** da então resplãdece mays. E Tertulia-
August. no diz que a verdade ha vergonha de
 estar escondida. Donde diz S. Augusti-
 nho nos soliloquios, que a verdade tem
 por companheyra a constancia: Pera
 dar a entender que nũqua se abate. E S.
Chrysoft. João Chrysofotomo affirma que he tam
 clara a verdade, que o seu resplendor
 abate

abateo do sol. E pera q̃ o verdadeyro resplendor nos allumie, primeyramente inuoco a Chão Iesu nosso Deos summo & sempiterno, a q̃ peço que nos fauoreça com sua graça, dandoma amim pera explicar o que sentir, & avos pera sintir o que eu explicar. Porq̃ onde falece a graça ainda que sobeje a sciencia, não sam os entendimentos tão claros, que não viuão ás escuras.

CAPITULO II.

¶ Da velocidade & inconstancia da vida,
& do erro dos que cuydam que
estão, & tem annos de vida.



Stando promptos os dous companheyros, começou o ermitão desta maneyra. Hũ dos enganos, em q̃ está atolado o genero humano he ter pera si, que as coufas do mundo sam firmes & estaneis. E deste erro dos homẽs vierão elles a cayr em outro, q̃ he pòr falsos nomes ás coufas, chamando estados a

B coufas

DA VERDADEIRA PHILO.

cousas q̄ nunca estão, mas sempre corré.
 Chamam estado de principes, estado
 de nobres, estado de plebeios. Vocabu-
 lo q̄ parece q̄ auia de ser desterrado do
 mūdo, em especial d'antre os Christãos
 criados no regaço da igreja Catholica,
 com o leyte das sagradas escripturas: ou
 ao menos que auia de ser bem interpre-
 tado. Se tudo passa, se nenhũa cousa do
 mūdo está, como se pode propriamēte
 chamar estado? Não se pode dizer estar
 o que nunca está: E poys não está, como
 he estado? Saluo tomādo estado impro-
 priamēte, mas eu falo de estado segūdo
 sua propria deriuacão. Como pode auer
 estado nos homēs, & como se pode di-
 zer q̄ estão, dizendo o sancto Iob: O ho-
 mē foge como sombra, & nunca perma-
 nece nū mesmo estado. Nã diz, o homē
 anda, mas foge, pa mostrar a velocidade
 do curso da vida: nē diz: foge como cor-
 po, mas como sombra. Que cousa hahi
 mays mudauel & incōstāte q̄ a sombra?

F com

E cõ q̃ palauras podera o glorioso sãõ
 melhor explicat & exaggerar o cõtinuo-
 fluxo & mouimẽto de nossa idade? Isto
 sentia bem aquelle diuino propheta, &
 serenissimo Rey David, quãdo nũ Psal-
 mo dizia: Em imagẽ traspassa o homẽ. Psal. 38.
 Como se dissera: Quereys ver que o ho-
 mẽ nunca estã, attentay pera elle, & ve-
 reys que não somẽte passa, mas traspas-
 sa, & não como substancia, mas como
 imagẽ della, não como cousa solida &
 maciça, mas como vaã & caduca. An-
 tes deste verso disse o Propheta estas pa-
 lauras, q̃ estam situadas no mesmo Psal-
 mo: Toda a vaydade he todo o homẽ q̃
 viue. Onde diz, que viue, pode dizer, q̃
 estã, quanto a seu parecer. E assi inter-
 pretam algũs o vocabulo hebrayco: co-
 mo se mays claramente dissera: Chamẽ
 os outros vaydade ao q̃ quiserẽ, que eu
 digo q̃ o homẽ, que cuyda q̃ estã, he to-
 da a vaydade do mundo, he hũa imagẽ
 apparẽte de fora, & vaã de dentro, que

DA VERDADEIRA PHILO.

não está, mas sempre corre. Esta he hũa das interpretações, & verdadeyros sentidos daquelle lugar, em que o Psalmista nos quis dar o desengano de quẽ somos. E á verdade se nõs quisermos altamente confimar, & desembaraçada a fantasia de seu emleo pregar os olhos na verdade, veremos claramente que as cousas do mũdo não sã substancias estantes, mas figuras: que passam. Donde veo a dizer o

1. Cori. 7. diuino Paulo na segũda aos Corinthios: Passa a figura deste mũdo. Não diz: está, mas passa, nem diz que passa a substancia do mundo, mas a figura. Por maiores, & mays ricas, fixas, & permanẽtes, que pareçam as cousas do mundo, em fim não sã substãcias, mas figuras, ou estatuas transitorias de substãcias. Isto quis significar a sagrada escriptura no

Dani. 2. liuro de Daniel naquella estatua, que vio em sonhos Nabuchodonosor, q̃ cõ quanto parecia grande & poderosa, cõ tudo era figura & estatua de substãcia:

&

& por ter os pés de barro, tinha tão pouca firmeza, que com hũa pedra, que lhe tocou nelles, foy desfeita & tornada em palhinhas, q̃ logo arrebatadas do vento desaparecêram. He muyto pera notar, que entendendose per aquella visãõ a grandeza, riqueza, potencia, prosperidade, & finalmente os reynos do mundo, nã diz o Propheta que era substancia, mas imagẽ, nem que tinha todos os pés de ferro duro, mas que parte delles era de barro quebradiço: nẽ diz que permanecce, mas que foy desfeyta & leuada do vento, nem diz que foy vista vigiãdo, mas dormindo, em sonhos, & não realmente. Que nos quer nisto a sagrada escriptura significar, se não q̃ as cousas do mundo sã hũas vãs imagens sem fundamento nem firmeza, varias, incertas, inconstantes, caducas & transitorias, que passam como sonho, poy se não vem se não em sonhos, & em fim q̃ nam sã cousas solidas, mas

DA VERDADEIRA PHILO:

Ecclef.34. sombra dellas. O Ecclesiastico chama-
 lhe sonhos, sombra, vento, & mentiras
 manifestas. Tertuliano no liuro q̄ fez
 da coroa do soldado, falando das rique-
 zas, & cousas, que o mudo tem por grã-
 des & verdadeiras, diz, Todas as cousas,
 quantas ha neste mudo, sam imagina-
 rias, & nenhũa ha, que seja de verdade.
 y. Sam Ieronymo nua Epistola ao Papa
 Damaso diz assi: As cousas criadas, ain-
 da q̄ pareçam ser, não sam, porque foy
 quando não foram: & pode outra vez
 não ser aquilo que não foy. Deos s̄o, que
 he eterno, & que nunca teue principio,
 tem verdadeyramete nome de essencia.
 E esta he a causa, porque querendo elle
 declarar a Moyfes que era, disse: Eu sou
 o que sou. E depois lhe disse que disse
 aos Hebreos: Aquelle q̄ he me mandou
 a vos. Isto he de sam Ieronymo. Dizey
 vos, disse o Philosopho, o que quizerdes,
 que vos não me podeis negar o que Ari-
 stoteles affirma, & todos os Philosophos
 . confe

Exod.3.

Aristot.

confessam, que as cousas se diuidem em substancias & accidêtes. Porque sancto Thomas principe dos Theologos escolasticos, com todos os outros Theologos questionarios admitem esta diuifam. E ou aueys de confessar que vos errays, & os outros todos acertã, ou q̄ vos sô acertays, & todos os outros erram. Porq̄ como todos tem cõtra vos, se vos dizeis bẽ todos os outros dizem mal, & ferã isso quererdes afirmar q̄ a philosophia estã fundada sobre engano, q̄ he querer destruyr toda a sciẽcia humana. E não sey como vos oufareys a fazelo, saluo se vos sois o Atlas, que fingirão os antigos, q̄ sostinha com a cabeça todo o peso do Ueo, dando a entender q̄ tinha a sciẽcia não fomite das cousas humanas, mas das diuinas. Essa diuifão, disse o ermitão, não he má, nem erraram os philosophos, que a escreueram, nem os Theologos q̄ a approuaram, porque falam das cousas do mundo comparadas antre si.

DA VERDADEIRA PHILO.

Exod. 3

E entam he verdade que hūasfam substancias outras accidentes, cotejadas & conferidas hūas com as outras. Mas comparadas ellas com Deos ficam menòs que accidentes. Porq̃ como Deos seja aquelle que he, como elle mesmo diz, & o nosso ser seja não per si, mas p̃ participação, & não sejam os per nos, mas per Deos: & elle seja per si, & nos não tenhamos de ser mays, que o que participamos de seu ser, leguese que elle so he a verdadeyra substancia, & que nos em sua cõparação não somos mais, que hūa imagē de substancia, & menos ainda. Per onde fica claro, que o vossõ argumento não faz nada contra mim. Nem ha cousa que possa com razão refutar & desfazer esta verdade, que eu digo, poys como vedes, he tirada do thesouro infalliuel da sagrada escriptura, & da lição dos doutores theologos. Mas porque vos fugistes aos philosophos gentios, per elles yola quero pro-
uar

uar. Iamblico Philosopho Grego na- Iáblico.
 quella obra, que fez, chamada a sua co-
 ua, onde elle copiosamente exprimio a
 doutrina de Platão, mostra que as cou-
 sas do mundo não são mais que hūas
 sombras, & que as não tem por cousas
 & substancias realmente, se não os que
 viuem tão enganados, que leuam a opi-
 nião por guia. Epicteto Platonico diz, Epicteto.
 que nos não perturbão cousas se não opi-
 niões dellas: & que não façamos fun-
 damento dellas, poys logo passim. Eu- Euripid.
 ripides dizia que a gloria do mundo
 não duraua mais que hū dia, como cō-
 ta Plutarcho. E ainda disse muito. E não Plutarcho.
 sem causa foy reprimido de Demetrio, Demetrio.
 que não ouuera de dizer hū dia, mas hū
 ponto, porque nū ponto se consume
 toda ella. E daqui veo o antigo pro-
 uerbio: (Homo bulla) de q̄ v̄a Varro Varro.
 na prefacão dos liuros da Agricultura:
 & Luciano no dialogo de Charonte, q̄ Luciano.
 quer dizer que o homẽ he hūa empola
 B v dagoa

DA VERDADEIRA PHILO.

Homero. dagoa, q̄ logo se desfaz. Homero cõpara a vida humana a folhas daruores caducas: & Pindaro a sonho de sombra. Nã se contẽtou cõ lhe chamar sombra, mas sonho de sombra. Isto sentia bẽ aquelle moral & excellẽte Philolopho Seneca, quando escreuendo a L uccio dizia: Põto he o que viuemos. Como se differa: He tão breue nossa vida, & passa cõ tanta velocidade, q̄ não dura mays que hũ momento. E Marco Tullio na primey-ra Tufculana diz que voa a idade, & diz bem, porque não ha aues por ligeyras q̄ seião, que com tanto impeto & ligeyrza vam ferindo os inconstantes ventos com os remos de suas asas, que se possam com o velocissimo curso de noĩa vida comparar. A par do Hypanisrio de Scithia, que cay d'hũa parte da Europa no Ponto, diz Aristoteles, que nascem hũs pequenos animaes, q̄ não duram mays que hũ dia, & os que chegãõ á tarde sãm velhos, & se acertã de chegar até fol posto,

Isto, sam decrepitos. Vedes vós esta breuidade de vida destes animaes, poys muyto mais breue he a nossa comparada com a eterna. Ainda que n:isto não ha cõparação, ca o finito não se compara ao infinito. Se os Mathematicos affirmam que a terra em cõparação do ceo fica hũ ponto, coufa tam pequena, que se não pode diuidir, sendo o ceo finito, q̃ fica logo nossa vida cotejada cõ a eterna, se não menos que hũ ponto, poys ella he infinita, esta finita: ella eterna, esta temporal, ella sempre permanece, esta sempre passa, & finalmente poys ella he vida, & esta sombra? Isto sentia bẽ Manilio, quando dizia: Nascendo morremos, & a fim pende do principio. E Quintiliano diz: Toda a hora per calados & enganosos cursos nos vay chegando á morte: & nos enleuados num triste & falso pensamento de longa vida, imos correndo per hũs breues momentos do tempo, q̃ vay de pressa fogindo.

Isto

DA VERDADEIRA PHILO.

Isto he o que sentiam os gentios da breuidade & inconstancia da vida. E pera que nisto não duuideys, quero volo prouar pelas diuinas letras, & doutrina dos santos. Estando húa vez o real Propheta falando nũ Psalmo com Deos sobre esta materia disse: (Et substancia mea tanquam nihilum ante te.) Onde Symaco em lugar de substancia põe vida. E foy esta sua interpretação tam recebida dos varões doutos, que até agora ainda não vi nenhũ que falando nella a não engrandecesse. E sam Ieronymo, aquelle peyto de sapiencia, aquella cisterna, onde se recolheram todos os conhecimentos das lingoas necessarias ao entendimêto das diuinas letras, trassada aquelle verso do Hebraico desta maneyra. (Et vita mea quasi non sit in cōspectu tuo.) Como se dissera: A minha vida he como nada, & em comparação de vos meu Deos, he quasi como senão fora. Quero dizer, que he hũ instante,

&

Psal. 38.

Symaco.

Hierony.

Ho

& menos inda, a vida temporal comparada com a eterna. Com isto concerta o que diz o Apostolo sam Tiago na sua canonica: *Que he vossa vida? He hum vapor, que pouco dura. Como se disse- ra: Não vos enganeys com a opinião de longa vida, porque vos desengano, que não he se não hum vapor, ou fumo tam mométaneo, que tanto que apparece, desapparece.* Sam Ieronymo na Epistola do epitaphio de Nepociano diz assi: *Cada dia morremos, cada dia nos mudamos, & indo caminhado pera a morte cuydamos que somos immortaes.* Sam Augustinho no liuro xij. da Cidade de Deos escreue estas palauras: *Todo o tempo, que se viue, se tira do espaço da vida, & cadavez fica menos o que mays fica: de maneyra que nenhũa outra cousa he o tempo da vida, que hũa carreya pera a morte, na qual se nam permite a ninguẽ estar nem deterse, se não correr igoalmente, q̃ tam de pressa corre*

Iacobi. 4.

Hierony.

August.

DA VERDADEIRA PHILO.

Pfal. 107.

5
Sapient. 2.

Seneca.

corre o que viue cincoenta annos, como o que viue não mays que hũ. O que mays viue não anda mais de vagar, mas anda mays caminho. Isto he do glorioso Augustinho. O Psalmista diz: Os meus dias passaramse como sombra, & eu sequeyme como feno. Falando o liuro da Sapiencia nas cousas do mundo diz dellas estas palauras: Passaram todas aquellas cousas como sombra, & como correo, que vay pela posta. E Seneca: Tudo o que ves corre com o tempo, nam ha cousa no mundo estauel, firme, & permanente. E poys tudo vay com as esporas nos pés, poys tudo tam de pressa passa, & nada está, segue se que nos não estamos, mas passamos, & corremos de continuo esta posta até a morte. Passar & correr, & juntamente estar repunha. Como he possiuel, como se compadece num mesmo tempo estarmos & corrermos, ficarmos & passarmos? Donde se cõclue, que não vñam
do

de bõa lingoagẽ os que perguntam, como estays? Nem os que respondẽ: estou bem, ou estou mal. Tam má he a resposta como a pergunta. Os que tem mays altos os espiritos, & falão mays propriamente, pergũtando dizẽ: Como passays? E respondendo dizem: Passo desta maneyra, ou desta. Desta conclusam se segũe a outra, que eu dizia, que não tinha não digo eu annos, mas nem ainda dias de vida. Se os annos passam, se os dias voão, se as horas fogem, se os momẽtos desaparecem, se depoy de passados não fica nada delles, como posso eu ter, nem outra pessõa algũa, o que hi não ha? Vedes logo quam mal perguntaueys, quãtos annos eu tinha. Melhor pergũtareys, quantos annos deyxaua de ter. Nunca pergunteys a ninguẽ de que annos he, senão de q̃ annos deyxã de ser. Nos liuros das cõfissões diz S. Augustinho: As cou-
August.
tas quãdo nascem, & vão a seu ser, quãto com mays velocidade crescem pera
serem

DA VERDADEIRA PHILO.

ferem, tanto mor pressa se dão pera não serem. E nos liuros da Cidade de Deos diz assi: O homẽ indo viuẽdo vay quasi continuamẽte morrendo. E nisto não deve auer debate, poys quãto mays viemos, tanto mays nos imos chegando á morte, & quãto mays nos appropinquamos ao ser, tanto mays imos deyxãdo de ser. A quelle diuino Gregorio outro S. Pedro no regimẽto, outro S. Paulo no pulpito, escreue estas palauras nos Moraes. No mesmo cotidiano momento, que viemos, sem cessar passamos da vida, & o espaço della entammingoa, quando cuidamos que cresce. Donde se colhe que viuer he deyxar de viuer. Isto se tira do v. capit. da Sapiencia, onde estam situadas estas palauras. Nos nati continuo desiuimus esse. Nos em cemençãdo a nascer, começamos a morrer. Donde se infere q̃ a nossa vida, como diz S. Gregorio nũa homilia, he hũa morte perlongada: A qual nos não chama

August.

Gregor.

Sapient 5.

Gregor.

chamamos morte senão na fim da vida, mas ella começa, quando a vida começa. E assi se entende aquillo que Deos disse a Adam nosso primeyro padre, q̄ no dia que comeſſe d'arvore da ſciência do bem & mal, morreria. E assi foy, que tanto que comeo, logo morreo, não ſo- mente ſpiritual, mas corporal mēte: mas durou a morte corporal até a fim da vida, porque em peccando, tanto q̄ o peccado foy conſumado, gerou a morte, & elle ficou mortal, & quanto mayshia vi- uendo, tanto mayshia deyxando de vi- uer. Donde n'òs quanto mais imos apos a vida, tãto maynos alongamos della, & quanto mays della alcançamos, tan- to mays della perdemos. E como diz S. Ifidoro, corremos, & ſem ſabermos o q̄ fazemos, imos dar com noſco nos limi- tes da morte. E poys quanto maysimos crescendo, tãto mais a vida vay mingoã- do, & quanto mays viuemos, tãto may deyxamos de viuer, paſſandoſe os años

Genes. 2.

Ifidoro.
lib 3. 12
Amos.

DA VERDADEIRA PHILO.

& os dias, & elles passados deyxã de ser,
 & deyxãdo de ser não os habi, está claro
 que nẽ eu, nem ninguẽ, tem annos nẽ
 dias de vida, porq̃ o que hi não ha não se
 tẽ. E cõ isto ficão puadas as duas propo-
 sições, q̃ eu auia de prouar, q̃ nẽ eu esta-
 ua, nem tinha dias de idade. E não vos
 enganeyis com vos parecer, q̃ me vedes
 estar, porq̃ assicomo hũ homẽ, que vay
 nũa nao cõ todas as velas despregadas a
 força dos ventos attraessando as duui-
 dosas ondas, caso que elle vã assentado,
 toda via anda chegando se ao porto, assi
 eu, inda que pareça que estou, cõ tudo
 caminho pera a morte. E olhay quam
 pouco ha q̃ vos aqui topey, que des en-
 tão até agora passey hũa hora de vida, q̃
 agora tenho menos. E esta perdi, este
 espaço que viui, porque viuer he perder
 a vida, & perdella he morrer, & morrer
 he deyxar de ser, que o nosso viuer & o
 nosso ser andão ao oliuel vnidos & in-
 separaueys hum do outro. Donde se
 colhe

Compa-
 ração.

colhe que quẽ deyxá de viuer, vay deyxando, de fer, & deyxando de fer, não está sempre nũ fer. E daqui se conclue fer falso o que vos dizieys, que me vieys com vossos olhos viuer & estar. Porque como viuer seja passar a vida, & passar seja não estar, segue-se que se me vedes viuer, vedes me passar & nam estar. Quanto mays que me não vedes viuer. Hũa coufa he verde sine viuo, outra he verde sine viuer. A primeyra he verdadeyra, a segunda falsa. Porque se me visseys viuer, verieys ir caminhando a vida, & ella não se vé, dado que se vejam seus effeitos: porque como a cõr seja objecto da vista corporal, & ella não possa ver senão coufa córada, porque nenhũa coufa se vé se não per meo da cõr, & a vida não tenha cor, segue-se q̃ he inuisivel. Donde está clarissimo que me não vedes viuer. E assi tenho prouadas por verdadeyras, & clarissimamente concluydas as minhas duas proposiõs,

C ij que

DA VERDADEIRA PHILLO.

ã vos tinheys por falsas, & as vossas por falsas, que vos tinheys por verdadeyras. Per onde me parece q̃ tereys ja amaynadas as velas de vossa opinião, & inclinado a minha tenção o vosso entendimento, que quando he claro & distincto, logo se rende á verdade, que he o seu proprio objecto.

CAPITVLO III.

¶ Da resposta às obreyções a cerca da vista, & da introduçam da verdadeyra philosophia.



Cabado este razoamento fez o ermitão mostra, que de cansado da longa practica lhe daua fim. E cuydãdo o Pilosopho que nam tinha elle mays que dizer, soltou as redeas á boca, não confirando quãtas razões o ermitão trouxera, pera o repreder, & quã poucas elle tinha, pa se desculpar, & disse desta maneira. Costume he

he dos Philosophos refutar primeyro as
 razões falsas, & depouys prouar as verda-
 deyras, como faz Aristoteles nos phyli- Aristot.
 cos, & nos liuros de Anima, & em ou-
 tros muytos lugares. Porque assi como o Compa-
 bom laurador primeiro tira fora do câ- ração.
 po as espinhas, & depouys lança a bõa se-
 mête, assi o bom Philosopho & orador
 primeyro refuta as razões contrayras, q̃
 confirme as suas. Mas vos pelo contray-
 ro confirmastes as vossas sem responder
 ás minhas, trazendos eu muytas a cerca
 da superioridade da vista, q̃ vos até ago-
 ra não desfatastes, porque á verdade não
 cuydastes bem o q̃ auieys de dizer, q̃ as
 couzas bem cuydadas cuido eu, que não
 dam cuydado de se desfazerem. Não he
 sempre necessario, tornou o ermitão, pri-
 meyro refutar que confirmar, em espe-
 cial quando as razões contrairas não fa-
 zem a proposito, & sam taes q̃ ellas per-
 si se refutão, porq̃ a falsidade té isto, que
 como se lhe atrauessa diante a verdade,

DA VERDADEIRA PHILO.

ella per si se desbarata. As razões, que trouxestes pera prouardes a excellencia dos olhos, está claro que não fazem por vos: porque inda que a vista faça certa proua, isso he quando nella não ha engano: o q̄, como p̄ rouey, se não pode dizer pola vossa. Que se bem estiuestes attento, claramente vos mostrey, que me não vieys viuer & estar, & que não somente isto he falso, mas impossivel, que he o q̄ vos dizeys: porque viuer he passar, & estar he ficar, como o mostrey per razões manifestas & necessaras. Per onde fica euidente, que nam vedes o q̄ dizeys que vieys, & que isso he húa pouca darea solta, sobre que fundastes vossas razões, que como não tem alicerce, ellas, caē per si com qualquer bafo de vento.

Quanto mays q̄ não hay razão pera có tantas louuardes, & tão excessiuamēte engrandecerdes os olhos, poys elles sam a muytos causa de muytas defauéturas.

Genes. 3.

Se Eua nã vira a aruore defesa, pode ser
que

que não peccara: mas tanto q̃ a vio fermosa & deleytosa á vista, tomou do fructo della, & comeo. No ij. dos Reys diz a escriptura sagrada que vio el Rey Dauid d'nũ seu eyrado a fermosa Bersabé molher do capitão Vrias, & q̃ foy ferido de seu amor, & que peccou cõ ella. Melhor lhe fora nunca a ver, poys estando a vendo ganharã os olhos contentamẽto, & o coração p̃deo a liberdade. De Olofernes diz a escriptura, que vio Iudith, & q̃ foy preso em seus olhos. Nas L amẽtações de Ieremias se diz: O meu olho roubou minha alma. Isto sentia bem o Propheta Real, quando dizia. Apartay Senhor meus olhos, porq̃ nã vejam vaidade. E pa q̃ falemos tambẽ nas humanas historias: Dizeime qual foy a causa & principio da destruyção de Troia, se não os olhos de Paris & Elena? Elles forã a fonte daquella espãtosa guerra tá nomeada em todo o mũdo. Nẽ hahi razão pa dizerdes q̃ os olhos sã o coraçã dõde

2. Reg. 11.

Judith. 10.

Threno. 3.

Psal. 113.

DA VERDADEIRA PHILO.

procedem todas as veas da philosophia, como que sem elles não poderíamos philosophar, & contemplar os segredos da natureza, & os altos mysterios não somente das cousas naturaes, mas sobrenaturaes. Antes a vista he empedimento pera philosophar. E Aristoteles no liuro de somno & vigilia: diz, que os cegos de natureza tẽ mays perfeytas as virtudes interiores. E vemos cada dia q̃ os homẽs dalto espiritos buscã lugares escuros pera suas cõreplações, onde o juyzo quieto possa escolher as cousas, q̃ o alto ingenho inuentar, porque a vista exterior distrahe a interior. Em tanto q̃ Demochrito, que aprendeo a Astrologia dos Chaldeos & Gynosophistas, a quẽ Plinio chama sagaz & vtilissimo pa a vida humana, tirou os olhos, por poder mi-lhor philosophar, & subtilizar as obras da natureza. E não me atreuera a dizer que elle per si se cegara, se o não dissera Aulo Gellio, Laberio, Lucrecio, Mar-

Aristot.

Demo-
chrito.

Plinio.

Aulo Gel.
Laberio
Lucrecio

co

co Tullio, & muytos outros autho-
 res. Cego foy Asclepiades o philologo,
 & Diodoro Stoico, & Cayo Durio o iu-
 rilconsulto, & nem por isso deyxaraõ de
 ser excellentes & famosos. Poys Apio
 Claudio Romano depois de cego foy
 censor, & governou marauilhotamete
 a republica, & fez grandes coufas, muy-
 tas das quaes deixou em escripto Plinio
 Philospho, & aquelle grande orador
 Marco Tullio, cume da oratoria, ao q̃
 antre todos os mortaes foy referuada a
 palma da humana eloquencia. Que me
 direys de Homero aquelle extremo da
 poësia, tam estimado no mundo depois
 de sua morte, que contenderam antre si
 muitas cidades, sobre de qual dellas fo-
 ra natural: nem ouue Principe antre os
 gentios, que das letras tiuesse conheci-
 mento, que não estimasse sua namete
 suas obras: em tanto q̃ Alexandre Ma-
 gno de dia as trazia nas mãos, & de noi-
 te as tinha cõfigo á cabeceira: & affirma

M. Tull.
 Niclepias
 Diodoro.

Apio
 Claudio.

Plinio.

M. Tullio.

Homero.

Alexand.

DA VERDADEIRA PHILO.

- Plutarcho.** Plutarcho, que trazêdolhe hũa vez apresentada hũa cayxa preciosissima, q̃ fora del Rey Dario, disse q̃ era boa pera guardar nella a Iliada de Homero. Pois
- Herodoto.** affirma Herodoto, que foy cego, & que sendo antes chamado Melosigenes, fora chamado Homero, que na lingua dos
- Marciano.** Iones, quer dizer cego. E Marciano lhe
- Petrarcha.** chama Meonio cego. E Petrarcha diz q̃ este era o cego q̃ via muitas coufas. Diz
- Hieron.** S. Ieronymo no Catalogo dos escripto-
- Didymo.** reseclesiasticos, que Didymo Alexandrino cegou sendo criança, pela qual causa nunca conhecera as letras, & que assi cego aprendeo perfeitamente adialectica & a geometria, & q̃ foy tam excellente Theologo, que escreueo commentarios eruditissimos sobre todos os Psalmos, & sobre Esaias, & Oseas, & sobre os Euangelhos, & contra os Arrianos, & outras obras de grande doutrina. E foy contemporaneo & grande amigo de S. Ieronymo, ao q̃l dedicou os cômẽtarios
- fobre

sobre Oseas. E nisto não hai q̃ debater
 poylo affirma o mesmo S. Ieronymo co
 mo testimunha de vista. Ainda q̃ os ce-
 gos nã possã julgar & discernir o brá-
 co do negro, basta que possã julgar &
 discernir o veydadeyro do falso, o justo,
 do injusto, o honesto do torpe, & final-
 mente o bom do mau. E por não gastar
 o tempo em recitar varões insuaes, q̃
 forão carecidos da vista, lede a Officina
 de Textor, & hi vereys grande numero Textor.
 delles. E quanto he a reposta de Anaxa- Anaxago.
 goras, q̃ vos tanto engrandecestes & ce-
 lebrastes, está tãlõge de dina de ser lou-
 uada, como perto de reprẽdida. Porque
 se a bem quizerdes examinar, não acha-
 reys nella que louuar, mas muyto que
 reprender. Milhor fora certo quan-
 do lhe perguntaram pera que nascera,
 responder que nascera pera ver, & co-
 nhecer, & amar, & seruir, quẽ fez o sol,
 que pera ver o mesmo sol. Se lhe punha
 admiracã a luz de tã excellẽte planeta,
 posera

DA VERDADEIRA PHILO.

posera os olhos do entēdimēto naquella
 luz sempiterna, dōde procede toda a
 outra luz: cōfirara aquelle alto Deos,
 que de si diz: Eu sou luz do mundo. De
 quem diz S. Ioão: Elieera a luz verda-
 deira, que allumia todo o homē que vē
 a este mudo: olhara pera aquelle sol de
 justiça, aquelle diuino & sempiterno
 lume, q̄ não he todo o vniuerso possante
 pera lhe tolher sua luz, & este sol, q̄ ve-
 mos, basta so a lūa pera o eclipfar. Se o
 atrahia assi a fermosura do sol criado,
 contemplara a fermosura do criador,
 donde vem toda a outra fermosura, por
 que a fermosura das criaturas vem do
 criador. Onde vierão a dizer os sabios
 antigos. (Bonitas est in cētro, pulchri-
 tudo verò in circulo.) Como o relata
 Celio no principio de suas lições anti-
 guas. Como se may claramēte disserão:
 Toda a bondade está no ponto do meo
 da esphera, do qual pcede a fermosura
 della mesma. A esphera tē hū pōto no
 meo

Ioan. 8.

Ioan. 1.

Celio.

meo, q̄ se chama cétro, do qual saẽ as linhas pera a circũferencia. Pelo centro entendẽ elles a Deos, & que per si, per sua essencia & natureza só elle he bom, & que a fermosura das creaturas assi interior como exterior he per participacão desta summa bondade, q̄ he Deos. Isto he o q̄ quis significar Christo nosso Redemptor, quando disse, como conta S. Marcos. Ninguem he bom se não só Marci. 10. Deos. Assim como o centro he hũ, & indivisiuel, & está no meo, & del' e saem as linhas pera a circũferencia, assi Deos he hũa vnidade simplissima, hũa acto purissimo, q̄ está em todas as cousas, do qual pcedẽ os rayos da fermosura das creaturas. Elle está dentro em nós, & he fonte de todo o ser, ser do mesmo nosso ser mays intimo a nós que nós. Isto entendia o bom Propheta quando falado com Deos dizia no Psalmo: [Apud te Psal. 35. est fons vitæ.] phrase hebrayca, como se mays claramente dissera: Vos Senhor
fois

DA VERDADEIRA PHILO:

Ioan. 3.

Roma. 11.

sois a fonte, donde mana toda a vida, & todo o ser. Isto he o q̄ dizia Ch̄o Iesus falando com os Iudeus: Eu, que falo cō vosco, sou o principio. E sam Paulo na Epistola aos Romanos: Delle, & per elle, & em elle sam todas as cousas. Deos he hū principio sem principio, a mesma bondade, donde vem tudo o q̄ he bõ. A fermosura da terra cō suas eruas, flores, plantas, rios, & animaes: a beleza do ceo cō toda a tapeçaria das claras & resplandecentes estrellas, toda a graca, sapiencia, virtudes & ornamētos a' alma: finalmente toda a fermosura assi interior como exterior he hū resplendor dos raios da diuina fermosura. Tudo vê de Deos, daquella fermosura antigua, daquella sapiencia infinita, daquella bondade immensa, daquelle cētro summo & sempiterno, que he Deus. E poys todo o nosso bẽ he participado & procedido daquelle summo bem, de que seruia a Anaxagoras dizer, q̄ nascera pera
ver

ver o sol & as estrellas, sem lembrança de
 que as criou, sem pensamento daquelle
 alto & poderoso criador, & moderador
 do ceo & da terra? Se nos não nascera-
 mos se não pera ver o sol, segue-se q̄ os
 que nascem cegos, nasceriam de balde,
 & ferião lançados no múdo pera nada,
 que não pode ser mór erro. Nos nã na-
 scemos pera conhecer o sol, se não pera
 conhecer a Deos, o que pode ser sem
 olhos corporaes, pera que conhecêdo,
 o amemos: & siruamos, & amando &
 feruindo o vejamos na vida eterna, &
 gozemos d'elle naquella summa & cele-
 stial gloria pera sempre. E esta imortal
 bemaumenturança se alcança com a ver-
 dadeyra philosophia, que não consiste
 no conhecimento de muitas cousas, co-
 mo vos dizey, porque pouco aproueita
 a hũ homẽ conhecer muytas cousas, se
 não conhece a si mesmo, nem faz cou-
 sas conformes ao pera que foy criado. |
 Poys, disse o Philosopho, em q̄ consiste
 logo

DA VERDADEIRA PHILO.

logo a verdadeyra philosophia? Será, respondeo o ermitão, longo de contar, o que sinto nesta parte. E por isso será melhor callar, que dizer pouco, no que se não pode dizer se não em muyto. Não ha cousa no mudo, disse o companheiro, que eu agora mays folgara de ouir, que em que consistia a verdadeyra philosophia: porque he esta hũa difficuldade, que tem abalados muytos entendimentos. E não sinto eu agora pessoa, de que a eu tanto deseje douir padre, como de vossa reuerencia, porque sey que a tratareys muyto bem, & que responderá o q̄ disserdes ao que tendes dito, q̄ certo prouastes marauilhosamente o q̄ propusestes, & desfezestes as obreyções & razões em contrayro com tanta euidencia, que não tenho eu palauras, com que o possa explicar, quanto mays q̄ as vossas sam mays claro & verdadeyro testemunho de vosso louuor, do q̄ as minhas o podẽ certificar. Foy a vossa pratica

tica hũ fol, q̃ me desfez hũa nuuẽ, q̃ tinha
 ante os olhos. E se minhas petições tem
 ante vos algũa valia, teria eu grande cõ-
 tentamento, se o vos tiuesseys de tratar
 esta materia. E peçouos muyto que o fa-
 çays, porq̃ me fareys nisso grande merce.
 E eu tambem, disse o Philosopho, folga-
 rey de vos ouuir, & receberey em chari-
 dade a q̃ nisto nos fizerdes: não porque o
 eu não sayba, mas folgarey de saber quã-
 to sabeis. E eu, disse o companheyro, não
 o sey, & folgarey de o ouuir, Ia vejo, disse
 o ermitão, q̃ me não posso escusar, mas
 pesame de não ter igoaes hõbros a tãma-
 nha carga, porq̃ me acho muyto falto de
 força, ainda que vosso rogo teue tanta q̃
 ma deu. E o que disser ser tirado dos au-
 thores, em cuja lição tenho consumida a
 mór parte de minha idade. Porq̃ erro he
 intolerauel, querer hum homẽ tratar so-
 mente com suas razões, & inuenção de
 seu ingenho materias tam altas, que en-
 fraquece o entendimẽto, & vacilla logo

DA VERDADEIRA PHILO.

no principio, somente em nellas cuydat.

CAPITULO III.

¶ Da consideração, & conhecimen-
to de si mesmo.



Qui esteve o ermitão hum pouco calado, cõ os olhos pregados no chão, como q̃ reuolvia na memoria, o q̃ auia de dizer, & tornando como sobresi disse. He cousa tam alta & excellente a philosophia, & tam bayxas & rudes minhas palauras, que não au eis d'attentar o pouco q̃ digo, se não o muyto q̃ quero dizer. Os mathematicos pera mostrarem as cousas do ceo, tem na mão hũa esphera de pao, que acerta ás vezes de ser de aros de peneyra: & alli estam mostrando a linha equinocial, o zodiaco cõ os doze signos, cada hũ de trinta graos em comprimêto, & doze em largura, os polos arctico & antarctico, o cyxo, & os circulos, cõ as mays cousas do ceo. A verdadeyra philosophia he como hũ ceo, & milha

Compa-
ração.

minha pratica he esphera de pao, & em
 comparação da excellencia do subjecto
 ficam minhas palauras aros de peneyra.
 Mas trabalherey por ser breue & cõpen-
 diofo. Porq̃ assicomo aquella moeda he
 melhor, que sendo menor na materia, he Compã-
ração.
 mayor nã valia, assi aq̃lla tenho por mi-
 lhor pratica, q̃ sendo mays breue nas pa-
 lauras, he mays lõga nas sentēças. A ver-
 dadeyra philosophia começa no homem
 pela consiração de si mesmo. Isto quis di-
 zer S. Ioão Chrysofomo, quando affir-
 mou q̃ a primeira coufa do homẽ desejo-
 fo da sapiencia he cõttemplar a si. E desta
 cõtemplaçãõ vem o homẽ em conheci-
 mento de si mesmo, que como diz S. Ba- Basilio.
 filio no seu Examerõ, he a mays difficul-
 tosa de todas as coufas. Este he hũ alto
 conhecimento, conhecer hũ homẽ a si.
 Adam nosso primeyro padre pos os no-
 mes aos animaes, & diz a escriptura no
 ij. c. do Genesis, q̃ os nomes q̃ elle lhe p. s. Genes. 2.
 sses lhe ficarão: & pôdo nome as outras
 D ij cou

DA VERDADEIRA PHILO.

coufas não pos a si. Porq̃ este nome Adã he appellatiuo, & commū a todos os homês, tem embargo q̃ se applica propriamente a nosso primeyro padre, mas basta que o nome he commū. Assi como homẽ se deriua de humo, palaura latina, que quer dizer (terra,) assi Adã se deriua de adamah, palaura Hebraica, que quer dizer o mesmo: porq̃ os homês são de terra. Dõde S. Ieronymo no liuro dos nomes hebraycos, & S. Augustinho no xv. liuro da Cidade de Deos dizem que Adam he nome comū, assicomo o he homẽ. O que se colhe de muytos lugares da sagrada escriptura, q̃ por breuidade deixo de recitar. Muyto he pera ponderar, & inquirir, qual he a causa, porque pondo Adam o nome ás outras coufas, o não pos a si. Porque cuydarmos que foy isto descuydo, será mostrarmos descuydados, onde auiamos de ser muyto sollicitos. O q̃ me amim parece he isto. Pera saber por conuenientes nomes ás coufas,

reque

Hierony.
August.

requererse conhecerlhe as effencias & naturezas: & como Adam no estado da innocência tinha sciência de todas as cousas, que naturalmente se podiam saber, & doutras mays, como o affirma S. Thomas Thomas. seguindo & amplificando a sentença de S. Augustinho, facil cousa lhe foy August. por lhe nomes conuenientes a suas qualidades. Mas não pos nome a si, porq̄ não se atreueo a dizer, que se conhecia a si.

Quis nos ensinar a escriptura, que he tão difficil o conhecimento de nos mesmos, & tam alta esta philosophia, que muyto mais facilmente entenderemos as naturezas das cousas, por escondidas & incognitas que sejam, que a nos mesmos. Mas nam acaba aqui a verdadeyra philosophia, porque passa mays auante. Desto conhecimento de nós vim os ao conhecimento de Deos. E assi interpreta. S. Basilio Basilio. aquillo do Psalmista: (Mirabilis facta Psal. 138. est sciencia tua ex me:) Como se dissera:

De ter sciencia de mĩ vim Senhor a ter

DA VERDADEIRA PHILO.

marauilhosa sciência de vos. Quanto mays
 cayõ na conta de quem sou, tanto ò meu
 Deos se me aleuanta o espirito ao mara-
 uilhofo conhecimento, de quẽ soys. Philo
 Platonico no liuro q̃ fez do somnho de
 Iacob diz assi: Aq̃lle sapiētissimo Abrahã
 quãdo summamente se conheceo, entãõ
 se deyxou de conhecer a si, por conhecer
 bem aquelle bem, que verdadeyramẽte
 he o que he. Isto diz elle, porq̃ nos conuẽ
 entrar em nos, & meternos no centro de
 nos mesmos, & dahi passarmos a Deos, pa
 o conhecermos, & amarmos, & contem-
 plarmos. Vgo no seu liuro de Anima diz:
 Por demays aleuanta o olho do coração
 pera ver a Deos, quem ainda não he ido-
 neo pa se ver a si. E á verdade parece isto
 ser verdade. Porq̃ como a ignorãcia de si
 mesmo seja causa da malicia, como diz
 Lactancio Firmiano, & o coração mali-
 cioso & deprauado não veja a Deos, bẽ
 se segue, q̃ não vendo hũ homẽ a si, nã ve-
 rá a Deos. Diz S. Gregorio Nazãzeno, q̃
 assi

Philo.

Vgo.

Lactan.

Nazãzeno

afficomo fozede mal aquẽ quer pregar fi
 tos os olhos nos raios do sol, tẽdoos doẽtes
 & aggrauados, assi o ipuro não pode ver a
 summa pureza, & os olhos, que sam tam
 enfermos, que não podẽ confitar & ver
 sua bayxeza & miseria, mal verão a sum-
 ma grandeza & diuina maieftade. Porq̃
 nos quanto mays p̃ humildade descemos
 ao conhecimento de nos, tãto mays per
 contemplaçãõ sobimos ao conhecimẽto
 de Deos. Nas cousas corporaes toca no
 alto quem se estende & aleuanta, & nas
 spirituaes quẽ se abayxa & inclina. A fal-
 sa philosophia com enganofas afas de so-
 berba fobe pa descer, & a verdadeyra de-
 sce pa subir. Que nos aproueyta conhe-
 cer os cursos & influencias das estrellas,
 as virtudes das plantas, as qualidades dos
 elementos, as naturezas dos animaes, &
 de todos os outros corpos mistos, se nos
 não conhecemos a nos? Qual pode ser
 mōr miseria, que nam conhecemos nos-
 sa miseria? Que mōr falta pode ser de
 D iij conhe

DA VERDADEIRA PHILO.

conhecimento, q̄ não acabar mos de co-
 nhecer, que nos não conhecemos? Como
 podemos saber muyto na casa alhea, se
 tam pouco sabemos na nossa, q̄ nos não
 sabemos a nós? Se ignoramos nossas cou-
 sas proprias, de que serue gloriarmo nos
 no conhecimēto das alheas? E mays pois
 habi algũas, que nos seria melhor não sa-
 bermos: como parece que quis significar
 a sagrada escriptura no ij. capit. do Gene-
 sis, onde Deos mandou a Adam que não
 comesse d'aruore da sciencia do bem &
 do mal. São Paulo na primeyra aos Co-
 rinthios diz, que a sciencia incha, & a cha-
 ridade edifica. S. Bernardo diz q̄ a scien-
 cia sem charidade he manjar indigesto, q̄
 por falta de calor natural, q̄ he o diuino
 amor, se corrompe: & que carréga & não
 nutre, damna & não aproueyta. A areia p̄
 si só nã aproueyta pera edificar: ha mister
 que seja junta & misturada com a cal.
 Porque então ajunta, vne, sustenta, for-
 tifica, & perpetua as pedras do edificio.

A scien

Genes. 3.

1. Corin. 8.

Bernar.

Compa-
 ração.

A sciencia he area, a charidade cal. Sciencia sem charidade he area sem cal. É esta he a sciencia sem conhecimêto de nos & sem virtude, em especial quando he de cousas, que nos danão. Não curemos logo de saber o que nos empece, mas o que nos aproueyta. E primeyramête conhecamos a nos mesmos, entédamos nossa miseria, & desfaremos a roda de nossa fantasia. Quem hahi que vendo que he terra, o mays bayxo dos elementos, & borra de todos elles, ouse ter presumçã? Não nasce ella senão de não conhecermos quẽ somos. Sancto Augustinho diz August. estas palauras: Antes q̄ fosses homẽ eras terra, & antes que fosses terra, eras nada. Logo antre ti & nada não se mete se não hũa pouca de terra, & inda não bõa peyra taypa. Nos somos de terra, & a terra de nada, logo somos filhos da terra, & netos de nada. Vedes aqui nossos auoẽgos. Esta he nossa geraçã, & nossa fidalguia, estas sam nossas armas, & appellidos.

DA VERDADEIRA PHILO.

Philippe. De Philippe padre de Alexandre magno se diz, q̄ tinha hũ pagẽ, q̄ lhe seruia de lhe dizer cada dia estas palauras: Philippe es homẽ. Como se lhe differa: Não viuas esquecido de ti, não te emlee a falsa prosperidade do mundo, lembrete q̄ es homẽ, & que sendo homẽ es mortal, caduco, & subjecto a enfermidades & defaueuras. Assim como os outros principes tẽ pagẽs de lança, pagẽs de campayna, pagẽs d'outras coufas, assi Philippe tinha este pagẽ do defengano, que a meu ver era o mays necessario, q̄ tinha. E prouesse a Deos q̄ tiuessẽ todos os principes taes pagẽs, q̄ os seruiessẽ de lhe dar o defengano de seus profundos enganõs, & lhe trouxessẽ cada dia á memoria, q̄ erãõ mortaes, & q̄ se conhecessẽ a si mesmos. Os antigos differãõ que a mays excellente sentença & apophthema, q̄ se podia imaginar, era esta: Conhecete a ti mesmo. Diogenes Laërcio diz q̄ he ella de Thales hũ dos sete sabios de Grecia: Plinio diz q̄ he

de

Laërcio.

Plinio.

de Chilo Lacedemonico, Ouidio de Pythagoras, Socrates & Platão attribuenna a Apollo, aos quaes segue Macrobio no somno de Scipião. Como quer q̄ seja, ella era tida por diuina, & em tãta estima, que perguntado Demonax o philosopho quando começára a philosophar, respondeo, que depoyz q̄ começara a conhecer a si mesmo conforme á diuina sentença. Em fim q̄ ella era contada antre as coufas sobrenaturaes, & por tal a tinhã escripta na potta do tēplo de Apollo, q̄ elles tinhão antre as vaydades de seus falsos deoses, a cujo oraculo elles hiã fazer suas pergūtas & orações. Edizião q̄ a tinhão escripta na entrada & t̄o tispicio do tēplo, pa significarē, q̄ antes q̄ cada hū pedisse, olhasse pa si, & conhecesse quē era, por q̄ de se não conhecer, não saberia o que lhe cōpria, & de o nã saber viria a não atinar no que auia de pedir: donde procederia pedir coufas, que cuydando serē causa de sua bēaueurança, fossem causa de sua

deca

Ouidio.
Socrates.
Platão.
Macrobio.

Demonax

DA VERDADEIRA PHILO.

defauntera. Donde concluião que se os
homés não sabião a Deos pedir era, porq̃
se não sabião conhecer, & não conhecẽ-
do a si não conheciam as outras cousas.

Socrates.
Xenophõ.

Socrates, como conta seu discipulo Xe-
nophonte, diz que ignorarse hũ homẽ a
si, & cuydar que conhece o q̃ não conhe-
ce, não fomenta he ignorãcia, mas defa-
tino. E Platão diz que he cousa ridicula
ignorar a si, & querer conhecer os outros.

Platão.

E daqui vem nossa soberba, de não cayr-
mos na conta de nossa miseria. Vaynos
tanto em sabermos que somos terra &
lodo, que sem este conhecimento cayre-
mos nũ tam profundo abyfmo de males,
que nos perderemos de todo. Querendo
Christo nosso Deos curar hũ cego de na-
tureza, diz S. Ioão aos ix. capit. de seu sa-
grado Euangelho, que cuspio em terra,
& que fez lodo, & que lho pos nos olhos,
& o mãdou lauar á fonte de Siloẽ, & que
desta maneyra o farou. Ainda que á pri-
meyra vista esta cura pareceffe cõtra na-

Ioan. 9.

tureza

tureza, porque a lama lãçada nos olhos
 çujaos & não os alimpa, cegaos & não os
 a clara, com tudo quis nosso Redemptor
 curalo desta maneyra, pera nos ensinar,
 que sempre seriamos cegos, se não tiuef-
 semos ante os olhos a terra & lama, de q̃
 fomos. E que se queriamos ter vista, que
 vissemos quẽ eramos, & q̃ vistas & exa-
 minadas nossas miserias & culpas, nos fos-
 semos á fonte da penitencia, & que alli
 seriamos lauados naq̃llas diuinas agoas
 da sacramental confissãõ ordenada per
 Christo. Não basta termos nos olhos a la-
 ma, se nos não formos á natatoria de Si-
 loë: quero dizer, q̃ nos não basta conhe-
 cermos quem fomos, & os males que co-
 metemos, mas he necessario irmonos la-
 uar áquelle glorioso sacramento da con-
 fissãõ, áquellas celestiaes agoas de Siloë, q̃
 como diz Esaias, corrẽ cõ silêcio áquella
 secreta confissãõ, pela qual como per di-
 uino cano correm as agoas dos mereci-
 mentos da morte & payxão de I E S V
 Christo

Esai. 8.

DA VERDADEIRA PHILO.

1. Cori. 10.

Christo nosso verdadeiro Deos, figurado, como diz S. Paulo, naquella pedra, da q̃l ferida sayo no deserto abũdancia de maravilhosas agoas: E como ẽ nos aja duas partes corpo & alma, nã basta conhecermos quanto a hũa, senão tambem quanto a outra. E deste conhecimento irey tratando, o qual he de tanta excellẽcia, que excita aos que o tem a perderem a fazenda por alcançarem a honra, porq̃ aquelles tem a gloriosa fama em muyto, que os interesses da breue vida estimam em pouco.

CAPIT. V.

Da composiçãõ humana, & do verdadeyro conhecimento della.

Qualto Deos criador do vniuerso pera que o homẽ senão ensoberbecesse, formou o do limo da terra, & pera que se não abatesse, fello á sua imagẽ & semelhança. Se se alcuantasse vaã mente, por se ver feyto á imagẽ de Deos, visse per outra parte q̃ era terra: & se lhe quebrasse o coraçãõ por se ver terra, se

se lembrasse q̄ era á imagé de Deos. Deu-
 lhe corpo corruptiu el, & commú com os
 brutos animaes, mas alma racional & im-
 mortal. Se viue segúdo a carne, he cõpa-
 rado aos brutos, se viue segúdo o espiri-
 to, he cõpanheyro dos Anjos. Destas duas
 partes corpo & alma he cõposto o homê
 com tam marauilhofo artificio, q̄ lhe cha-
 marão os sabios Gregos microcosmos, q̄
 quer dizer pequeno múdo. Dizião elles
 que o múdo era como hũ homê grande,
 & o homê hũ mundo pequeno. Isto he o
 que diz Damasceno no ij. da fe orthodo-
 xa, q̄ fez Deos o múdo pequeno no grã-
 de. Galeno fez dezasete liuros, em que
 declara o concerto das partes & propor-
 ções do homê. Fazer hũ ouriuez nũa grã-
 de pasta muyta obra, não he muyto pois
 hahi campo pera tudo: mas debuxar &
 obrar todo o mundo nũa pequena me-
 dalha, não vem se não d'alto ingenho, &
 de querer mostrar seu singular artificio:
 Digo isto porque parece, que quis o al-

Damasceno.

Galeno.

Compara-
ção.

Isto

DA VERDADEIRA PHILO.

to Deos mostrar sua grande sapiencia na fabrica & composição do homẽ, que sendo tam pequeno, fez nelle tam maravilhosa obra, que se chama outro mudo.

August.

Admirado disto S. Augustinho no liuro das confissões diz, que he mor milagre o homẽ, que quantos fazem os homẽs. He de tanta admiração o homẽ, & de tanta dignidade, q̃ nem as estrellas clarissimas, nẽ o sol mais excellente de todos os planetas, que com o resplendor de sua luz allumia o vniuerso, nem os mesmos ceos distintos & ornados & esmaltados com a fermosura & claridade de tantos lumes, mas elle sòmẽte sabemos que foy criado de Deos á sua imagem & semelhança. E não o criou Deos, senão depòys de ter pa elle criado o mundo, & por isso o não quis criar ás escuras, mas átes de sua criação fez a luz, pera q̃ em o homẽ abrindo os olhos visse claramente quantos beês, Deos pera elle tinha criado, & se inflammasse no amor, de quem pera elle tantas
coufas

coufas fizera. Mas nos esquecidos disto
 não temos conta com Deos, nem com a
 alma, sendo ella muyto mays excellente
 que o corpo sem comparação. O corpo
 he como baynha d'alma, & como vaso de
 barro, em que ella se recolhe. Donde Sa-
 lamã no Ecclesiastes, lhe chama talha da- Ecclesi. 12.
 goa quebradiça. E o Apostolo sam Paulo 2. Corin. 4
 na ij. aos Corinthios diz que temos o the-
 souro em vasos de barro, entédendo per
 elles os corpos. Não hia lōge disto Ana- Anaxarco
 xarco o philosopho, que sendo ferido de
 Nicocreonte tyranno de Chypre, como
 conta Plinio, dizia: Da & fire, quãto qui- Plinio.
 seres, o vaso de Anaxarco, q̃ a Anaxarco
 nunca o feriras. Tinha pera si este Philo-
 sopho, que elle era sua alma, & que o seu
 corpo era hũ vaso seu. E Marcello capi- Marcello.
 tãõ Romano queyxandose da fraqueza
 dos seus soldados dizia q̃ via corpos Ro-
 manos, que via vasos Romanos, mas que
 não via homẽs Romanos. Assi conta Põ- Pontano.
 tano na sua philosophia. Esta materia
 E tra

DA VERDADEIRA PHILO:

Platão.

tractou altamente antre os philosophos. Platão no dialogo da natureza humana chamado Alcibiades primo, onde Socrates disputando cõ Alcibiades proua p claras razões que o homẽ não he corpo, que v se d'ama racional, mas he alma racional, q̃ v sa do corpo. De maneyra q̃ vê a cõcluyr q̃ o corpo he hũ instrumento, de q̃ v sa a alma, & q̃ o homẽ he a sua mesma alma, que v sa deste instrumẽto. Verdade he q̃ o homẽ he composto de corpo & alma, que sam materia & forma, mas he a alma tanto mays excellente q̃ o corpo, que chamãõ ao homẽ alma, & ao corpo seu instrumento. E ainda que pareça que Aristoteles em hũa parte sentio o cõtrayro, com tudo no liuro segũdo de Anima veo a cõfessar que o corpo he instrumento d' alma, & no decimo das Ethicas declara marauilhosamente a excellẽcia d' alma sobre o corpo, & q̃ em fim o homẽ he a mesma sua alma. E destes authores se tomou Marco Tullio, & o deyxou escri-

Aristot.

M. Tull.

pto

pto naquelle seu elegãte liuro de Senectute, & no do sôno de Scipião. Em fim que custumarã os antiquos philosophos chamar almas aos homês. E dos nossos Theologos tratou diuinamente esta materia Lactancio no liuro de opificio Dei, & S. Augustinho no liuro xij. da Cidade de Deos, & muitos outros. Mas pera que he determe em allegar letras humanas, poys o testificão as diuinas. Lede hum & outro testamento, & vereys que tem por custume, chamar almas aos homês. No xiiij. capitulo do Genesis, onde se conta a victoria, que Abraham ouue dos reys, q̃ leuarão preso a Loth seu sobrinho com outra muyta gente, diz a escriptura, que pedio el Rey daquella terra a Abraham a gēte, & que tomasse pera si todo o mais despojo, dizendolhe: Dame as almas, & o al tomaso pera ti. Onde ás pessoas chama almas. E aos quarenta & seys capitulos estão estas palauras. Todas as almas, que entrarão com Iacob no Egipto,

Laſtãci

August.

Gênes. 14.

Gênes. 46.

DA VERDADEIRA PHILO.

Acto. 28.

& procederam delle, foram setenta. E S. Lucas na fim do penultimo capitulo dos Actos dos Apostolos diz affi: E desta maneyra foy feyto, pera todas as almas escaparem em terra, entendendo pelas almas os homēs, que escaparam do naufragio. E ainda a phrase Portuguesa tem este estilo como quādo dizemos: Em tal guerra captiuarāo os nossos tantas almas. Colhemos destas razões, que ainda que a alma he a forma do homem, & hũa das partes de sua composição, todauia he tãto mays excellēte que o corpo, que o homē se chama alma, & o corpo vaso & instrumento do homē. Donde se colhe claramente que quem conhece, somēte seu corpo, não conhece a si, mas couza sua, & que conhecer a si, he principalmente conhecer sua alma, & a nobreza & dignidade della, & segundatiamēte conhecer seu corpo, & sua fraqueza & miseria. A nossa alma, deyxadas as falsas opiniões dos gentios, he hũa substācia participāte de

de razão, incorporea, immortal, inuisi-
uel, accom nodada a reger o corpo, seme-
lhante a Deos, criada delle de nada pera
os beês eternos, a qual tãa imagẽ de feu
criador. E per aqui vereys quam necessa-
rio he conhecermos quem somos, porq̃
vendo a dignidade d'alma, & que somos
criados pera cousas altas & celestiaes, nã
nos abateremos a terreaes bayxezas: &
nã fazendo caso das cousas temporaes
suspiraremos polas eternas, & conhecen-
do a miseria do corpo, nos nã aleuan-
taremos em soberba. Se nos cõfirassemos
que he nossa alma imortal, buscaríamos
beês immortaes: & se attentassemos que
he a imagẽ de Deos, nã trariamos nella
debuxada a imagẽ do mundo, nã nos iria-
mos tras nossas concupiscencias. Falãdo
Deos com nossa alma nos Canticos de

Cantic. x.

Salamão diz: Se te ignoras a ti ó mais fer-
mosa das molheres, sayte, & vay apos as
pegadas das manadas de teus gados. Co-
mo se mays claramẽte dissera: Se te nã

DA VERDADEIRA PHILO:

Conheces a ti ó alma fermosissima, affella-
 da cõ a minha imagẽ, ornada & arraya-
 da cõ minha semelhança, remida & res-
 gatada cõ meu sangue, bella & preciosa
 per natureza, sayr te has de ti, & irás apos
 teus maos pensamentos, seguindo teus
 deprauados appetites, cõparados a bru-
 tos animaes. Dõde se colhe que os effey-
 tos do desconhecimẽto, q̃ temos d'alma,
 sam apascẽtarmos nossas más cõcupiscẽ-
 cias, & seguirmos os passos das manadas
 de nossos vicios: & pelo contrairo de nos
 conhecermos procede nam peccarmos.
 Isto he o q̃ diz a escriptura aos v. capitu-
 los de Iob. (Visitans speciem tuã nõ pec-
 cabis.) Como se dissera: Queres não pec-
 car? Contempla & conhece tua alma, q̃
 he tua fermosura, ou como interpreta S.
 Anthonino: conhece tua essencia, conhe-
 ce a ti mesmo, & não peccarás. Ex aqui o
 principio da vida Christãã, per aqui co-
 meça a verdadeyra philosophia, pela cõ-
 siração & conhecimento de si mesmo,
 sem

Iob. 3.

Anthoni.

sem o qual ainda que tenhamos habili-
dade pera emendar erros alheos, carece-
mos della pera sentir os nossos.

CAPITULO VI.

¶ Em que o ermitão vay profeguindo a
materia do conhecimento de si,
& do amor, & da humil-
dade, & da cubiça.



E o homem se conhecesse
fugiria de toda a guerra &
contenda. Porque vendo
que foy criado pera con-
cordia, nã buscaria discor-
dia. Mas nos esquecidos de nos sem co-
nhecimẽto da criação de nosso primey-
ro padre, sem lembrança daquillo, pera q̃
Deos nos criou, em lugar d'amor busca-
mos odio, em lugar de paz, dissensam. A
ira nã goarda os direytos á razão, a en-
ueja desprega as velas ao desejo, o odio
traz nos tão desterrado o juyzo, q̃ nã ve-
mos o mal, q̃ fazemos a nós, cõ o querer
fazer aos outros. Qual he a causa porque

DA VERDADEIRA PHILO.

criado Deos jūtamēte as estrellas, & jū-
 tamēte as plantas, & juntamēte as aues,
 & juntamente os peyxes, & juntamente
 os animaes terrestres, não quis criar os
 homēs juntamēte, mas criou logo hū só-
 mente, donde procedessem todos os ou-
 tros? Qual foy a razão disto, senão querer
 nos ensinar quanto lhe contentaua em
 nos a vñidade & concordia, & que visse-
 mos, que era a sua vōtade, que a nossa de
 todos fosse só hūa, & que todos fossemos
 hūa mesma couza, & nos lembrasse que
 todos procediamos d'hū mesmo pay, &
 por tãto tiuessemos todos hū só coração?
 E esta he a causa, porque criou o homem
 nū & sem armas, porque como Deos he
 amor? como diz S. Ioão, quis que o homē
 que elle criara á sua imagē & semelhan-
 ça, amasse a elle sobre tudo, & ao proxi-
 mo como a si, & q̄ finalmente fosse fun-
 dido no fogo deste sancto amor. Donde
 vem que trazendo os outros animaes lo-
 go cōligo sinaes de guerra & discordia,

2. Ioan. 4.

ostouros cornos, os lobos dentes, os liões vnhas, os ouriços cacheyros espinhos, os espins fetas, & assi os outros animaes. O homẽ como foy criado pera paz & concordia, say nu do ventre de sua may sem nenhũas armas. Mas depouys o odio & crueldade dos homẽs tirou o ferro das entranhas da terra, pera tirar as de seus proximos. E assi vem os homẽs a desbaratar se hũaos outros, o que não seria se conhecendo o pera que foram criados, feliassem & vnisssem per amor. Porque, como diz S. Cypriano, a concordia per si Cypria. junta não se pode vencer. E sam Gregorio Nazanzeno diz que a razão porque a Nazanzeno. arca de Noẽ se saluou no diluuiio, he por que hiam todos em amõr & concordia. Sancto Augustinho no xij. da Cidade de Augusto. Deos diz que todas as naturezas tem cõfigo hũa paz. De maneyra que a guerra das creaturas não procede das naturezas, senão da corrupção das naturezas. Esta razão moueo algũs dos philosophos antigos

E v tiguos

DA VERDADEIRA PHILO.

tiguos, a dizerem que o mudo constaua d'amor, & q̄ elle era o principio das cousas naturaes. Em lugar, do q̄ Aristoteles chama priuação, punhão elles discordia, & em lugar de materia & forma de Aristoteles punhão elles concordia. Em fim que sentiam q̄ sem amor & concordia se não podiã as cousas naturaes gerar nem sustetar, & cõ odio & discordia não podião permanecer. O q̄l não hia longe da verdade: porque a mesma verdade Christo nosso Deos diz, q̄ todo o reyno em si diuiso será destruydo. Dõde se colhe q̄ nos he summamente necessario o amor. Mas este amor ha de ser ordenado, porque se he sem ordẽ & puertido ceganos, & empedenos o conhecimẽto de nos mesmos, ainda q̄ seja amor de cousas boas. Por q̄ assi como hũa pasta põdo senos ãte os olhos nos empedea a vista, do q̄ está diãte della, tanto medá q̄ seja d'ouro como de chũbo, assi a desordenada & sobeja affeyção posta como pasta diante dos olhos de

nosso

Luc. II.

Compara-
ção.

Nosso entendimento, nos empede a vista
 de nos mesmos, quer seja d'ouro quer de
 chumbo, quero dizer, quer seja de cousas
 boas, quer de más, basta ser de prauada af
 feyçã das creaturas. E de tal maneyra nos
 cega, que quãto mays corremos pera nos
 entender, tanto menos nos entendemos
 & ainda q̃ a razão vá corrédo, não alcãça
 a opinião, q̃ lhe vay fogindo. E nisto an- Compa-
ração.
 damos, semelhantes á roda, q̃ vay corré-
 do em voltas, que quanto vay a pos si, tã-
 to vay fogindo de si, sem hũa parte alcan-
 çar a outra, por ambas correrẽ igoalmẽ-
 te. Assi q̃ de nos não conhecermos nasce
 nossa discordia. Porq̃ como de nos não
 conhecermos nasce a soberba, & da so-
 berba a discordia, bẽ se segue, que de não
 sermos de nos conhecidos procede ser-
 mos discordes, & q̃ este desconhecimen-
 to lança antre nos o pomo da discordia,
 porque como diz sam Gregorio, a rayz Gregor.
 da paz he a humildade, a qual nasce ao
 homẽ do conhecimento de si. E per aqui
 vereys

DA VERDADEIRA PHILO.

August. vereys quam necessario he ao homẽ este conhecimento, poys delle procede a cõcordia, q̃ como diz S. Augustinho no ij. da Cidade de Deos, he hũa consonancia excellente: porque assicomo a harmonia se ha na musica, assi a concordia na cidade. De maneyra que assicomo a musica ensina a concordia dasvozes assi a philosophia Christã ensina a cõcordia das võtades. E esta concordia vem per meo da humildade, a qual sam Bernardo chama cofre & receptaculo da graça nũ fermão da Annunciaçãõ: & no liuro da confiraçãõ a Eugenio papa chama a esta humildade fundamẽto das virtudes E sam Gregor. no moraes diz q̃ ella he , a que accende o lume do entendimento. E sam **Chrysoft.** Ioão Chrysoftomo sobre S. Matheus diz que he sacrificio grandissimo, em q̃ o homẽ se sacrifica ao alto Deos no fogo do diuino amor. E n'outro lugar sobre o mesmo Euãgelista diz que a humildade he amã y da mays alta philosophia. E cõ-

liste

fiste ella em quatro cousas, a primeyra he
 em desprezar a si, a segunda em não des-
 prezar ninguẽ, a terceyra em desprezar o
 mundo, a quarta em desprezar os despre-
 zos, de maneira que quando formos des-
 prezados, desprezemos não nos prezarẽ,
 & não façamos conta de a não fazerem
 de nõs. Esta he hũa grande perfeição &
 cume da humildade. Das quarenta &
 duas moradas ou pouços, que a escriptu-
 ra conta, que fizerão os filhos de Israël os
 quarẽta annos, que andarão no deserto,
 desque partirão do Egypto até chegarem
 á terra de promissão, he a quadregesima
 Almon Diblataim. Como está escripto
 aos xxxiiij. capitulos dos Numeros. E sam Num 34.
 aquellas moradas hũ degraus da escada
 do ceo, perque auemos de subir, até che-
 garmos à eterna bemaenturança, q̃ he
 a verdadeyra terra de pmissam. Primey-
 ramẽte auemos de sayr de nos, pera ser-
 mos seus, auemos de deixar de ser nossos.
 E depõys de passarmos o mar roxo, &
vencer

DA VERDADEIRA PHILO.

vencermos nossas difficuldades, viremos ás palmas, õde beberemos nas fontes das suaues agoas, viremos á vitoria de nos mesmos entendida pelas palmas, & alli beberemos do suaue contentamêto, que comigo traz o triumpho que alcãçamos de nos mesmos, vencendo nossos appetitos, & fazendoos tributarios & seruos da razão. Mas nem inda dahi embocaremos na terra prometida, antes passaremos tanto auante, q̃ chegemos a Almon diblataim, que como interpreta S. Ieronymo no tratado das mansões dos filhos de Israël, quer dizer desprezo dos opprobrios. E quando chegarmos a esta perfeição, que não sintamos nossas injurias, antes folguemos de ser desprezados, tere-mostanto subido, que estando cõ os pés no quadregesimo degrao da gloriosa escada, estaremos ja com as mãos pegadas no ceo á fala com os santos, conuersando com os Anjos. Isto faz a humildade, que quãto mays descemos, tãto mais subimos,

Hierony.

&

& quãto mays imos embusca da bayxe-
 za pela via da humildade, tãto ella mays
 nos sublima & épina na mor altura. Affi
 como a propria sôbra foge de quẽ corre Compa-
ração.
 apos ella, & vay apos quem della foge, af-
 si a verdadeyra gloria desta vida foge a
 quẽ a busca, & busca a quẽ a foge, quer a
 quẽ a não quer, dá a quem lhe não pede,
 despedese de quẽ a tem em muito, segue
 a quẽ a tem em pouco, esquecesse de quẽ
 a traz escripta na lembrãça, & lembrarse
 de quẽ a traz riscada do liuro da memo-
 ria. Dõde diz Chrysoftomo: Despreza as Chrysoft.
 riquezas, & serás rico, despreza a gloria,
 & serás glorioso. De maneira que o edifi-
 cio da verdadeira gloria da vida está fun-
 dado nos aliceces da humildade. A ver-
 dadeyra gloria he desprezala, & não ad-
 metir os vaõs desejos daquelles, q̃ pera
 ter fama fazem muito, & pera a merecer
 nada, & com qualquer falsa honra ficã
 hũs pauões com sua roda, enleuados em
 suas vaidades, em que a fantasia reparte
 seus

DA VERDADEIRA PHILO.

seus pensamétos, tam alti uos que cuidão, que tudo se deue a seu mereciméto, sem elle deuer nada a ninguem. E não vê os enganados homês, que quando cuydão que estão mays sublimados, estão mays abatidos, & que então serião gloriosos, quando não desejassem selo, & fizessem com que o merecesssem ser: que como diz S. Augustinho, grande gloria he não ser vencido della, & estar firme & inteeyro em sofrer cõ animo forte todo o desprezo. Esta firmeza traz consigo a perfeyta humildade, a qual contentandose com pouco, alcança muyto, & desprezando as riquezas humanas, vay dar nas diuinas. Não vistes nunca nenhũ verdadeyro humilde, que fosse cobiçoso & auarêto, porque a humildade contentase com pouco, & a cobiça sempre deseja muito, & hũa está satisfeyta, outra nunca se farta, hũa não tem vontade de beber, a outra está ardendo com sede. A humildade pcede ao homê de se conhecer, a cubiça

de

August.

de se não conhecer: porq̃ conhecendo se o
 homẽ, & pôdo os olhos e si, na sua ppria
 natureza & estatura, veria quã lōge deuia
 ser da cubiça das cousas do mundo. Porq̃
 tẽdo os outros animaes a cabeça inclina-
 da paa terra, o homẽ s'omẽte atem alevã-
 tada pera o ceo. Quis Deos que nossa
 mesma estatura & composição nos signi-
 ficassem q̃ não eramos criados paa terra,
 mas pera o ceo, & que pera la auiamos
 de leuar o pensamento, pera onde ale-
 uantauamos o corpo, porque cousa he
 desproporcionada ter o rosto erguido
 ao ceo, & o pensamento caydo em terra,
 & sendo a estatura direyta, ser a consciẽ-
 cia torta. Daqui vierã os Gregos chamar
 Anthropos ao homẽ, que quer dizer cou-
 sa que contẽpla & olha pera cima. Dõde
 com razão colhe Lactãcio, que os homẽs *La stancia*
 de rasteyros pensamentos, inclinados a
 cousas terreaes & transitorias, perdidos
 por cousas que logo se perdem, elles mes-
 mos se deserdão de seu nome, nem sam
 F dignos

DA VERDADEIRA PHILO.

dignos de ser chamados homens, nem lhe
 conuê tal appellido, poys renuncião sua
 propria natureza, deyxando as coufas al-
 tas polas bayxas, & destruyndo per obra,
 o que sam per natural cõposição. Bem q̃
 Sócrates no Cratilo de Platão andalhe
 buscando & attribuyndo outra Etymo-
 logia, mas em fim quasi vê concertar cõ
 esta. E porque nos temos a cabeça aleuã-
 tada pera cima, disse Platão que o homê
 era aruore transuersa, não fixa na terra,
 mas virada pera o ceo, porque tendo os
 ramos, que sam os pés, na terra, tẽ a rayz,
 que he a cabeça, pa o ceo, donde lhe vem
 o mantimento, & nutrimẽto, com que se
 rega & sustenta. Mas os maos & terreaes
 cõtra natureza virão a cabeça pera bay-
 xo, & põe em a terra suas rayzes, & todos
 seus fundamentos. E assicomo o tronco
 d'aruore lança as rayzes pela terra a di-
 uersas partes, assi hũ homê terreal está re-
 partido em diuersos pensamentos todos
 terreaes. E assicomo os bõslãã as rayzes

Sócrates.
 Platão.

Platão. j

Compa-
 ração.

ao ceo, assi os maos as metê pela terra, & lanção os ramos ao ar. E como os pés se-
 jã os ramos, & as cabeças os trôcos & ray-
 zes, segue-se que os maos andão cõ os pés
 pera cima, & cõ acabeça pera bayxo cõ-
 tra natureza. Isto he o que Deos quis si-
 gnificar, quando disse per Ezechiel. Filho Ezech. 2.
 do homê está sobre teus pés. Como se lhe
 dissera: Filho do homê tu que es mortal,
 subjeyto a trabalhos & miserias, está cõ
 os pés na terra, & com o pensamento no
 ceo, porq̃ desta maneyra estarás sobre os
 pés, & pelo contrayro estarás debayxo de
 teus pés pisado de ti mesmo. Olha pera
 tua natureza & composição, & verás que
 foste criado pera cima & nã pera bayxo.
 Isto veremos nos claramête, se quisermos
 cotejar o arteficio & fabrica do homê cõ
 a dos outros animaes: por q̃ todos os que
 tẽ mãos, andã com ellas pela terra, senã o
 homê q̃ astê aleuãtadas. Que outra cou-
 sa nos quis nisto significar aq̃lle alto cria-
 dor, senã q̃ os brutos animaes nã nascerã

DA VERDADEIRA PHILO.

pera possuyr senão a terra, & por isso a trazem nas mãos: mas nos como fomos criados pera possuyr o ceo, não tocamos com as mãos na terra, pera a ter & possuir, senão com os pés, pera a calcar & desprezar. Esta he a philosophia de nossa natural composição. Mas he muyto pera sentir a miseria dos mortaes, q̄ sendo a terra tão pequena, que a comparação os mathematicos a hũ ponto, se perdem por ella, & tem suas coufas por tã grandes & magnificas, que deyxã por ellas os beês eternos, querendo antes as que logo passam, que as que sempre duram deyxando as fixas polas trãitorias, as altas polas baixas, desejan do antes as indignas de empregar nellas o desejo, que as que se deue summamente desejar. O cegueyra intoleravel, ó vaydade dos filhos de Adam, ó erro grandissimo, & ignorancia muyto pera chorar, & attrauessar com dor todo o piedoso coração! Como podẽ ser coufas grandes, as q̄ cabem nũ ponto? Qual he

he o juyzo que deyxá o ceo pola terra, alma polo corpo, o bẽ polo mal, & finalmente aquelle, que he tudo, por aquillo, que he nada? Donde nos vem isto, senão de termos p̄dido o conhecimẽto de nós, & de não acabarmos de cayr na conta de quem somos? He logo a resolução desta practica, que de nos não conhecermos vẽ não termos humildade, & de não ter humildade vem a soberba, donde procedẽ odios & cubiças, crueis discordias, & perpetuas auarezas: as quaes cousas trazem consigo hũas escuras treuas, em que a alma estã metida. Verdade he que temos o lume da fé, cõ a qual allumiados vemos muytas cousas, que nos excitã a tornarmos sobre nós & a vermos que nos não vemos, até que aparelhandonos pera a graça, & fazendo o que em nós he, Deos no la dá pela sua misericordia. E constituydos nesta graça, fazemos bõas obras, saydas da fé, esperança, & charidade, as quaes esmaltadas cõ o sangue de Christo,

DA VERDADEIRA PHILO.

& ornadas com os merecimentos de sua morte & payxão, sam meritorias dos beés eternos. Mas tristes daquelles, que senão querem dispor & aparelhar pera a graça, mas estão ás escuras viuem tão longe de si, que nem entrão ainda, nê sómete pelo arrebalde do conhecimêto de si, & nê com elle, atinão, nem querê atinar, E por oshomês nã terem de si este conhecimêto, o perderã de Deos, & metidos na escura noyte da infeldade deyxarão o culto do criador, & vierão adorar as creaturas, & a ter por deoses paos, & pedras, & serpentes, até virem a tanto de satino, q̄ edificarão templo á injuria & desenuergonhamêto, como a cousas diuinas, como o conta Cicero no seu ij. liuro das leys. E estando o mūdo feyto hū labyrintho de incõportauers erros, falsas, & diabolicas opiniões, auendo Deos misericordia do homê, q̄ criara, mādou seu filho vnigenito Christo nosso Deos, pera nos saluar. Veo o bom I E S V S, aquelle esplendor

Cicero.

dor da gloria, como lhe chama sam Paulo ^{Hebr. 1,}
 lo, & figura de sua substancia, veo a-
 quella verdade sempiterna, veo a quel-
 la verdadeyra vida, quella sapiencia sem
 fim, aquella bondade immensa, aquelle
 lume do lume, aquelle verbo diuino nos-
 so summo bem, & tomada nossa huma-
 nidade cõuerfou com nosco pera nos en-
 sinar, & mostrar o caminho da eterna bẽ
 aueturãça, & allumiar nosso entẽdimẽto.
 Porq̃ nas cousas sobrenaturaes sem o lu-
 me diuino estã cego o ingenho humano.

CAPITULO VII.

¶ Em que o ermitão profegue a materia da
 encarnação de Christo, & sua morçe,
 & do desprezo do mundo.



Glorioso Dionysio Areopagita, ^{Dionysio}
 discipulo q̃ foy do diuino Pau-
 lo, diz que o bem he diffusiuo &
 communicatiuo de si mesmo. E com isto
 concertã todos os Philosophos & Theo-
 logos. Donde se o bem for summo, sum-
 mamẽte serã diffusiuo & cõmunicatiuo.

DA VERDADEIRA PHILO.

E como Deos he summo bem, summamente se auia de diffundir & communicar. Poys como podia Deos mays summamente communicarse com nosco, q̄ fazer se homẽ como nos, tomar nossa natureza, & cõuerfar cõ nosco? E assi era cõueniẽte a Deos, poys era cõueniẽte segũdo a razã de sua ppria natureza. Porq̄ como a natureza de Deos, he a essencia da bõdade, como o affirma o diuino Dionysio, segue se q̄ o q̄ ptẽce á razã do bẽ cõuenha a Deos, & á razã do bem pertence communicarse, & á do summo bem cõmunicarse summamente, logo foy conueniente a Deos ajuntar a si a natureza criada, & fazer se homẽ, pera se summamente communicar aos homẽs. Quanto mays q̄ he cõuenientissimo, que pelas cousas visiuẽys se mostrem as inuisiuẽys de Deos. E por isto foy criado o mundo, como espelho das cousas inuisiuẽys, como diz o glorioso Paulo no j. capitulo da Epistola aos Romanos. E poys pelo mysterio

Dionysio.

Roma. v.

sterio da encarnação, como diz S. Ioão Damasceno, se mostrão as cousas inuisi- Damascē,
 ueys de Deos, seguese que foy cõuenien-
 tissima, poys nos mostrou a bondade de
 Deos, & a sua sapiencia, & potencia, & ju-
 stiça. A bondade porque não desprezou
 a enfermidade da sua propria creatura.
 Em q̄ podia Deos mays mostrar sua bon-
 dade, que em se fazer homē por salvar o
 homē, & receber morte por lhe dar a vi-
 da: Mostrou sua sapiencia no modo ex-
 cellentissimo, que achou pera nos salvar,
 ensinãdonos per palauras & obras, quã-
 to lhe deuiamos, pera q̄ empregassemos
 em suas cousas o cabedal de nossas obri-
 gações. Mostrou sua potencia em nos li-
 urar do poder do demonio. E mostrou
 sua justiça, porq̄ nos nã quis liurar p̄ for-
 ça, mas per direyto, pagando por nos, to-
 mando nossos peccados sobre si, sacrifi-
 cando se por nossas culpas, & tirando da
 mão do tyranno o homē pelo homē. E
 assi diz S. Paulo no terceyro capitulo da Roma. 3.

DA VERDADEIRA PHILO.

Epistola aos Romanos, que padecco Christo por nos, pera mostrar sua justiça, por q̃o padre celestial quis castigar nossos peccados em seu proprio filho. Dó de elle diz per Esaias: Pola maldade do meu pouo offerí. E o mesmo Propheta diz falãdo de Christo: Verdadeyramête elle soffreo nossas enfermidades, & tomou sobre si nossos trabalhos. Donde o mesmo Christo num P salmo chama aos nossos peccados seus, porq̃ os tomou ás costas pera padecer por elles, pera que com sua morte nos abrisse o caminho da eterna vida. O q̃ estaua traçado, figurado, & prophetizado no testamêto velho, sombra & figura desbastada do nouo em tantos lugares, q̃ que relos agora todos allegar, seria couza quasi infinita: mas tocarey sómente algũs como de passajem. No anno q̃ o nouo pouo entrou na terra de promissão, morreo Aaron summo sacerdote no monte Hor, como está escripto aos xx. ca. dos Numeros. Dizer a escriptu-

Efai. 53.

Rfri. 53.

Pfal. 21.

Num. 20.

ra q̄ pera os filhos de Israél entrarem na terra de p̄missão, auia primeyro de morrer o summo sacerdote, & q̄ morreo natura d' hũ môte, & nã em valle, nã carece de mysterio. Que summo sacerdote he este senão Christo nosso Redéptor? que se offereceo por nos no altar da Cruz, & entrou per seu proprio sangue no sc̄tã sanctorũ, que he o ceo, cõforme ao q̄ estaua figurado no summo sacerdote do velho testamẽto, como p̄ muytas & sentẽcias palauras vay declarãdo o Apostolo S. Paulo na Epistola aos Hebreos. Quemõte he este, em cujo cume morreo o sũmo sacerdote, senão o môte Caluario, onde expirou o dador da vida, pera q̄ alli, onde acabauã seus trabalhos, começassem nos sos descãfos. Quis nos nisto a escriptura significar, que auia de morrer o summo sacerdote Christo nosso Deos no monte Caluario, pa o nouo pouo, pera os filhos de Israél segũdo o sp̄rito, q̄ sam os Christãos, entrarẽ na q̄lla verdadeira terra de promif

Figura.

Heb. 6.7.8

DA VERDADEIRA PHILO.

promissam, q̄ he a vida eterna. Recebeo
 ali morte, pa nos dar aqui a vida da gra-
 ça, & depouys a da gloria. Sêdo viuo quis
 receber a morte, pera q̄ nos, que eramos
 mortos, viuessemos. O que muito tempo
 auia que estaua no Propheta Eliseu figu-
 rado. Contam as diuinas letras no iiii. li-
 uro dos Reys, que estãdo hũs homẽs en-
 terrando hu morto, virão vir ladrões, &
 que fugirão lançando o corpo morto no
 sepulchro do Propheta Eliseu, que alli
 estaua enterrado. E tanto que o morto
 tocou nos ossos do sancto Eliseu, ficou
 viuo, & aleuantouse sobre seus pês. Quê
 he este morto, senã o homẽ, que está em
 peccado mortal? Este era o genero hu-
 mano cõtaminado de vicios. Quem sam
 estes, que o enterrão senã seus dãnados
 appetites? Estes o sepultã, & o deyxão em
 poder dos ladrões, q̄ sam o diabo, o mũ-
 do, & a carne. Mas aquelle celestial Eli-
 seu Christo nosso Deos com sua morte o
 resuscita, morto dá vida, & sepultado
obra

obra nossa resurreyção. Todos fomos mortos, se elle nos não dera a vida com sua morte. Este he o cordeyro morto no Exod. 12. Egypto, cujo sãgue liurou os Hebreos: & a serpente de metal crucificada no deserto, Num 21. pera a qual os Israelitas feridos aleuãtauão os olhos pera sãrarem, da qual disse Moyses no Deuteronomio: E serã tua Deuter. 28 vida dependurada ante ti. E Esaias diz. Foy offerecido á morte, porque elle quis Esai 53. E o mesmo Christo per Jeremias: Eu sou Jerem. 11. o cordeyro manso leuado á morte. Isto he opera que Deos se fez homẽ, pera morrer por nos. E assi lhe chama Esaias no capit. Esai. 9. ix. Deos & homẽ. Porque depouys de dizer que auia de nascer, & ser minimo, & verdadeiro homẽ, diz q̃ o seu nome he Deos. E no capitulo xl. disse, que Deos auia de Esai. 40. vir ao mundo. E o Psalmista diz falando de Sião: O homẽ nasceo em ella, & elle, Psal. 86. que he o altissimo a fundou, Como se differa: Christo ẽ quãto Deos fez a terra de Sião, & elle mesmo em quanto homẽ nasceo

DA VERDADEIRA PHILO.

Baruc. 3.

nasceo em ella. E o Propheta Baruc falãdo bem claro de Chão verdadeyro Deos, depoyz de muytas palauras diz no terceyro capitulo estas. Depoyz destas coufas foy visto na terra, & conuerfou cõ os homês. Vfa do preterito polo futuro, pera significar a certeza da prophesia, como he custume dos prophetas. E pera q o resplendor de Deos não cegasse os fracos olhos dos homês, como quando saindo de lugar obscuro, nos ferẽ de improuiso os claros rayos do sol, mandou diante hũa lucerna, que foy S. Ioão Baptista, ao qual os Iudeos, vêdo que era vindo o tempo da vinda do Mexias, quizerão dar o mexiadego, polo tirar a Christo. Que este heo custume do mūdo, fazer homês pera desfazer homês, & aleuantar hũs pera abater os outros. Dos nossos Portugueses se escreue nas Chronicas do descobrimento & conquista da India que no cerco de Goa, sendo gouernador aq̃lle inuẽciuel & espãtofo capitão Afonso de Albo

Alboquerq̃, cõ hũ tiro de artelhanã cha-
 mado espera, quebrarã outro dos ãmigos
 chamado camelo. Os nossos fizerão hũa
 espa pa desfazer hũ camelo, & os Iudeus
 querã fazer hũ camelo, pa desfazer hũa
 espera. Quẽ he o camelo senã S. Ioãõ ve-
 stido de pelos de camelo, & quẽ he a espa
 senã Chõo nosso Deos, nossa verdadeyra
 esperãça? Chõo he o verbo de Deos, & S.
 Ioãõ a sua voz, como delle tinha escripto
 Esaias aos xl. capit. como o interpretã to- Esai. 40.
 dos os Euãgelistas. Mas esta voz matou a Matt. 14.
 injustamẽte Herodes, como cõta copio-
 samẽte o Euãgelho. E por esta causa alẽ Marc. 6.
 das outras nã quis Chõo respõder à He-
 rodes, q̃ lhe pergũtou muytas cousas, co-
 mo cõta S. Lucas aos xxiiij. c. da sua histo- Luc. 23.
 ria Euãgelica. Porq̃ como auia Chõo de res-
 põder aquẽ lhe tinha morta a voz? Mas
 ainda que se calou em casa de Herodes,
 falou na Cruz. Não falou onde lhe hia a
 vida, & falou onde hia nossa saluaçam,
 porque a isso veo ao mũdo a morrer por
 nos

DA VERDADEIRA PHILO.

nos salvar. O amor o trouxe do ceo á terra, & de immortal o fez mortal. Em q̄ podia Deos mays mostrar a fineza, lustro, & alto cume do amor, com que nos amaua, que em morrer por nos resgatar do triste captiueyro de Satanas, pondo no banco da Cruz seu precioso sangue em preço de nosso resgate? Alli padeceo por nos antre dous malfeytores, como o tinha prophetizado Esaias dizendo: E cõ os maos será deputado. Num destes ladrões mostrou Christo sua justiça, n'outro sua misericordia: hũ nos cõuida a temor, outro a esperança. Em ambos temos exemplo, no perdido em se perder pera nos salvarmos, & no saluo em se salvar pa
 nos não perdermos. Que cousa foy estar o bõ Ioseph preso no Egypto antre dous Egypcianos, hũ dos quaes foy liure, outro cõdênado, senão estar o bom Iesu encruado na Cruz antre dous ladrões, hũ dos quaes foy saluo, outro pdido? Antrelles estaua aquelle diuino pelicano mantendonos

Esai. 53.

Genel 40.

Figura.

donos cõ o sangue de suas chagas. Que merce se podia mayor imaginar? Qual he o homẽ que se esquece de tão immensa misericordia? Qual he o coração que se não derrete na fragoa do diuino amor? Que tempo ha no mundo, que tribulação, que prosperidade, q̃ lembrança, que esquecimento, que possa tirar de nossa alma a memoria de tão pafmoso amor, & tão alto beneficio? Que sam isto senão effeytos d'hũ amor, que he Deos, & d'hũ Deos, que he amor? Não podiã tão altos beneficios ser senã daquelle alto Senhor, que he charidade increada & sempiterna. Em quanto Deos não podia morrer, & por isso se fez homẽ, pera que sendo Deos & homẽ, em quanto homẽ padecesse, & em quanto Deos nos saluasse. E assi sam duas naturezas diuina & humana, mas hũ só supposto, hũa só pessoa, hũ só Christo nosso Deos. Isto não entendeu Platão, isto ignorou Aristoteles com todos aquelles, que carecendo do lume da

DA VERDADEIRA PHILO.

Esai 33.

1. Corin. 1.

1. Corin. 2.

fé, leuauão a falsa sabedoria por guia, da qual diz Deos pelo Propheta, como o interpreta S. Paulo escreuêdo aos Corinthios: Eu destruyrey a sapiência dos sabios, & reprobarey a prudencia dos prudêtes. A verdadeyra sapiencia destrue a falsa. Christo he a sapiencia verdadeyra, de q̄ diz S. Paulo: Falamos a sapiência de Deos em mysterio escõdida. Que cousa foy o nascimêto de Christo, & sua morte, & todo o discurso de sua vida, senã hũa repro-uacã da falsa sabedoria do mūdo? O mūdo põe bẽauêturança em riqueza, Chro em pobreza: o mundo em alegrias, Christo em lagrymas: o mūdo em vingar injurias, Christo em sofielas: o mūdo em pãpa, Christo em humildade: & finalmête o mundo em suas proprias cousas, & Christo no desprezo dellas. Bemauenturado he aquele que conhecido o engano & vaydade do mūdo foge delle, & se abraça com Christo. Que tem o mundo pera dar senão palhas? E ainda estas muytas
vezes

vezes tira, semelhante a Pharao, q̄ daua
 palhas aos Israëlitas, & em fim tiroulhas.
 Serue hũ homẽ muytos annos a hũ Rey, Exod. 5.
 & per derradeyro mãda o ir ganhar hũa
 comenda: de maneira q̄ lhe paga seus tra-
 balhos com trabalhos. E ainda q̄ algũs se-
 jão fauorecidos & priuados, & alcancem
 dos principes grãdes merces, sam tão pou-
 cos, q̄ se pode a corte em algũa maneyra
 comparar com a probatica piscina, de q̄
 fala S. Ioão, onde entrauão muytos, mas Ioan 5.
 so hũ auia o q̄ desejava. Quanto mays q̄
 quẽ hahi, q̄ aja das cousas do mundo quã-
 tas deseja? Só Deos nos enche & satisfaz:
 Elle he nosso summo bẽ, & fartura de nos-
 sos desejos. Duas figuras hũa redõda ou- Comp-
raçãõ.
 tra pyramidal não quadrão, & metida a
 redonda na pyramidal não a enche, por
 que ficam vazios os cantos: & como o
 mundo seja redondo, & o nosso coração
 pyramidal, he impossivel que o mundo
 lhe quadre, & o encha, & satisfaça.
 Hum triangulo enche outro triangulo.

DA VERDADEIRA PHILO.

A nossa alma sendo hũa tem tres potencias, entendimento, vontade, & memoria, a maneyra de triangulo, & por isso nã se pode quietar & satisfazer na circũferẽcia da esphera mundana, mas no triãgulo da Trindade diuina, que sendo hũ só Deos em essencia, he trino em pessoas, Padre, Filho, & Espirito sancto. Quereys ver isto? Daud hũ pobre pastor veo a ser Rey, & grande senhor: & nem isto pode fartar sua alma: antes dizia nũ Psalmo: Entãõ Senhor me fartarey, quando apparecer a vossa gloria. Como se differa: He verdade Senhor que foy tempo, em que eu andando pastorando gado não tinha mays que hũa çamarra, & hũ cajado, & çurrãõ, & que vos me fizestes Rey: d'hũ dos mays ricos & excellẽtes reynos do mundo: mas nada disto me quietã nẽ farta, porque como fuy criado pera vos, sempre ferey inquieto atẽ que repouse em vos: entãõ Senhor ferey farto, & satisfeyto, quando gozar de vos na eterna
bem

bemaventurança. Quando hũa cera está
 assellada com hũ sello, com nenhũ outro
 apodem tornar a assellar, que quadre cõ
 o primeyro. Se nossa alma he á imagẽ de
 Deos, se está assellada com o sello diuino,
 como lhe pode armar o sello mundano?
 Donde diz S. Bernardo que bem se po- Bernardo.
 de a alma racional cõ muytas cousas oc-
 cupar, mas não encher, porque como he
 capaz de Deos, tudo o que não he Deos,
 dado que pareça muito, pera a encher he
 pouco. Pera que he logo occupar o dese-
 jo em cousas, que o nã podem satisfazer,
 ainda que duren muytos annos, & até a
 morte? Quanto mays que quantos vistes
 vos, que viuessẽ em prosperidade muy-
 to tempo? Antes vi eu ja muytos criados
 á sombra de grandes esperanças, q̃ estan-
 do sublimados no cume das honras do
 mundo, forão abatidos em dous dias, &
 tão destruydos, que nem ainda deyxarão
 final de sua passada prosperidade. Cria- Compa-
raçio.
 dos de principes sam tentos de contar.

DA VERDADEIRA PHILO.

Compa-
ração.

Está hū homē a hūa mesa com contos lã-
çando cōta, & sendo todos os tētos d'hū
mesmo metal, & a'nus mesmos cunhos &
cruzes, hūs valē mil, outros cento, outros
dez, outros hū: mas desfeyta a conta, jun-
tos todos os tētos nū monte, torna a cō-
tar, & acertase q̄ os que dātes estauão por
mil, estāo agora por hū, & os que estauão
por hū, este in por mil, por ser assi a vanta-
de do contador. Os priuados dos princi-
pes q̄ estāo no contos dos mil, não se em-
tõberbeção, & os q̄ estāo no conto de hu,
não deselperē, porque pode desmāchar-
se essa conta, & baralhados os contos fa-
zerse outra, em que os tentos se mudem.
Não façamos conta da que faz de nos o
mūdo, mas da que auemos a Deos de dar
de nosla vida. Honras humanas sã jogos
de mininos, fazem hū Rey, que dura, em
quanto o jogo dura, & elle acabado arre-
pelāno. Mas isto não querē entender os
filhos da vaydade: antes logo no pricipio
de sua vida põe os olhos na falsa fermo-
sura

Compa-
ração.

fura do mundo, & affeyção se a elle, indo este amor criando tão fundas rayzes em seu peyto, que depòys não se podem senão com grãde força arrancar. Mas taes hahi que folgão cõ ellas, inda que veção o dãnno, que lhe fazẽ: conhecem seu mal, mas não pera lho quererẽ. Donde vem que alongãdo se da vida, que he Deos, dizem, que he necessario seruir ao mundo pera buscar vida, & deyxado o arrayal de Christo, desempurada a sua bandeyra, q̃ he a Cruz, vão se ganhar soldo no campo do demonio, sem verẽ os tristes, que onde cuydão que ganhão se perdem, até perderem a conta de si. E assi infuna los naquellas enganofas esperanças gastão seu tempo, andãdo a mòr parte delle sem a saberem de si: & quanto mays seruem, tanto pior lhe pagão, quãto mays no mũdo cõfião, tanto se achão mays desconfiados, & quanto mays cuydani que ganhã tanto mays se perdem, & cuydando que buscão vida, fogem da vida, & sem

DA VERDADEIRA PHILO.

faberem o que fazem, vão com os olhos fechados dar comfigo em casa da morte. E pera nos tirar deste enleo, & dar o defengano de nossos enganos, veo o filho de Deos do ceo á terra, fazendo tanto por nos, que morreo por nos, ensinandonos o que auiamos de fazer por elle, pera q̄ abertos & allumiados os olhos de nosso entendimento deyxassemos o mundo, & polo seguirmos a elle deixassemos a nos, & em lugar de nosavontade poseessemos a sua, porque tanto se acrescenta na virtude, quanto se tira da propria vontade.

CAPIT. VIII. E FINAL.

Em que o ermitão prosseguindo sua pratica mostra como auemos de ieruir a Christo, & fazer guerra ao mundo, & vltimamente declara em que consiste a verdadeyra philosophia.



Epouys que o ermitão acabado isto cobrou alento disse: Não vos pareça que corto o fio á pratica, antes vos quero mos-

mostrar o engano destes, que vos agora
 dizia, que dizem que deyxão Christo por
 buscar vida: pera que visto seu erro con-
 clua, & dé fim a esta questão. Christo he a
 vida, como elle diz per S. Ioão, & o dia-^{Ioan. 14.}
 bo he a morte, como lhe chama o mesmo
 S. Ioão no Apocalypse, & Christo diz ^{Apocal. 6.}
 delle que he homicida desde principio.
 Poys homẽ enganado como buscas vida, ^{Ioan. 8.}
 se deyxas a Christo, que he vida, & te vas
 ao diabo, que he a morte? Se o diabo he
 matador, se he homicida, se dá a morte, se
 he a morte, como acharás a vida em casa
 da morte? Busco vida. Qual vida, se tu
 deyxas a vida? Isso não he vida, mas mor-
 te. Como homẽ que vay correndo pera o <sup>Compara-
ção.</sup>
 norte em busca da couza, que fica ao sul,
 quanto mays cuyda que chega a ella, tã-
 to mays se alonga della, assi tu quanto
 mays buscas vida, tanto mays te apartas
 della: vás norte sul da vida. Dizes q̃ que-
 res viuer. Como podes viuer sem vida?
 Christo he a vida, & tu pa a chares a vida,

DA VERDADEIRA PHILO.

foges da vida. O engano grandissimo, ó
 defatino intoleravel! Busca o q̄ buscas,
 mas não hai, onde o buscas: Busca a vida
 em Christo, q̄ he a mesma vida. Mas di-
 zes q̄ he necessario viuer cõforme ao cu-
 stume & regra do mundo, & que també
 se saluão os que conforme a elle viuem,
 & esta he a discrição do mundo. O igno-
 rante discrição, ó falsa philosophia mûda
 na, ó estulticia chamada falsamēte pru-
 dencia: Que sam isso senão enganos do
 demonio, & aflouios daquella antigua
 serpente, q̄ com enganos derribou Eua
 nossa primeyra madre? Antes te digo que
 totalmēte te perderás, se tomares a regra
 do mûdo: Escripto está no velho testamē-
 to q̄ vindo os filhos de Israel do Egypto
 destruyrão a Cidade de Ierichó, q̄ estaua
 diante tolhēdolhe a entrada, & mādān-
 do Iosué capitão dos Israëlitas q̄ ninguē
 tomasse cousa algũa da cidade, mas q̄ to-
 da fosse destruyda, não faltou quē que-
 brasse este preceyto, porq̄ Acham filho de
 Carmi

Iosué. 6.

Figura.

Carmi tomou hũa regra d'ouro de Jericho, pelo qual peccado o exercito dos Israélitas pdeu a victoria, & ficou alli vécido nũa batalha. E sabida a causa foy o Achã morto & apedrejado p mādado de Iosué. Mandou Iosué ao sol, que estivesse Iosué 10. quedo, & esteue quedo, & cõ o sol obedecer a Iosué, alcãçou elle pteita victoria de seus ãmigos, & mādou á cubiça q̄ estivesse queda, & ella não quis senão ir por diãte, por onde elle perdeo a victoria. O sol insensuel obedecceo ao bom Iosué, & esteue quedo grande espaço sem se bolir no meo do ceo, & a cubiça dos homēs nã obedecceo. As creaturas insensueys obedecem ao bom I E S V, & os homēs racionais nã lhe querẽ obedecer. Qual he o coração q̄ cuydãdo nisto se nã desfaz em lagrymas, saluo se he mays seco q̄ os mōtes de Gaboë! Quantas cousas auia q̄ dizer sobre isto! Mas passo auante onde me chama o proposito: Não podião os filhos de Israél possuyr a terra de pmissã
sem

DA VERDADEIRA PHILO.

sem destruyrem Ierichò, nem se auia de saluar, quem tomasse a sua regra. Marauilhosa figura he esta, & dina de a trazer-mos impressa em nossas almas. Iosue era figura de Christo não somente no nome, mas nas obras, como diz o glorioso Hieronymo nua Epistola á Paulino. Porq̃ assi como Moyses não pode meter os filhos de Israel em terra de promissam, & foy necessario vir Iosue, que os lá metesse, assi a ley velha per si não leuaua a ninguẽ á eterna bemaenturança, & era necessario acabar-se ella, & vir o verdadeyro Iosue Christo nosso Salvador, que nos leuasse á gloria, que he a verdadeyra terra de promissam. Mas põe se nos diante Ierichò, & tolhenos a entrada: & por isso pa podermos entrar na celestial patria auemos de fazer guerra a Iericho, & vencer-molo, sem delle querermos nada. Quem he este Ierichò senão o mundo? Ierichò quer dizer lã, com a qual o mundo he comparado. Porque assicomo a lã hora he

Hicrony.

Compara-
ção.

he chea, hora mingoada, hora esclarece,
 hora se eclipfa, assi o mudo tem suas en-
 chentes & vazantes, nunca está num ser,
 nunca tem firmeza nem constancia. Aos
 que hoje empina & exalça, a manhaã der-
 riba & abate. He logo necessario fazer-
 mos guerra ao mundo, & derribarmolo,
 que elle he, o que se nos attraessa diante,
 pera nos impedir a passagem pera a cele-
 stial Ierusalem. Mas que quis significar a
 sancta escriptura em dizer que mandara
 Iosué matar a Acham, porque tomara a
 regra de Ierichò, senão declararnos que
 manda Deos, q̄ moura, & seja sepultado
 no inferno pera sempre, quem goardar a
 regra & costume do mundo? Liure nos
 Deos da regra de Ierichó, que ainda que
 seja d'outro, basta ser de Ierichó. Quero
 dizer, que ainda que nos a esperança do
 mundo afague com doces enganos, & li-
 songeyros pensamentos, prometêdonos
 grandes riquezas & prosperidades, se vsar-
 mos da regra & deprauado costume do
 mundo

DA VERDADEIRA PHILO.

mundo cõtra o preceito do bom I E S V
 nosse verdadeyro capitão, q̃ não lance-
 mos mão de taes promessas, porque nos
 perderemos, se nos cõformarmos com o
 mudo. Olhay o q̃ diz S. Paulo na Episto-
 la aos Romanos: ¶ Nolite cõformari huic
 seculo, sed reformamini in nouitate sen-
 sus vestri. Como se disse: Fogí da regra
 de Ierichó, não sigays o mundo, não vos
 queyrais cõformar cõ elle, deyxay seu de-
 prauado custume, reformayuos na noui-
 dade de vosso espirito, segui a regra de
 Christo, & deyxay a do mundo, que ain-
 da que vos pareça d'ouro, em fim he do
 mundo. Vigiay, & viuey sobre auiso, não
 vos engane Iericho. En'outra parte diz:

Roma 12.

1. Theſſal. 5

Não durmamos affi como os outros, mas
 vigiemos. Como se dissera: Nã permane-
 çamos no somno do descuydo, não nos
 deixemos ir onde nos leuar o mudo, não
 siguamos os que o seguem, q̃ effes cuydã-
 do que vigião dormê no somno do pecca-
 do: mas vigiemos, que temoso mudo, por

ímigo

ímigo, & he necessario por lhe cerco, &
 derribar estes muros de Iericho. Esta he a
 exposiçã da figura, esta he a verdade, esta
 he a doutrina do glorioso Apostolo, em
 que nos ensina q̄ obedecemos ao verda-
 deyro Iosué, ao verdadeyro Salvador Ie-
 su Ch̄ro nosso Deos, & q̄ fuçamos dos en-
 ganos, regras, & vaydades do mūdo, & q̄
 vigiemos & não durmamos. Porq̄ assico-
 mo dormindo Adã foy feyta Eua, q̄o ex-
 citou a peccar, assi dormido nos no s̄no
 do descuido se está criando nossa sensua-
 lidade, a qual nos está pondo diante dos
 olhos o pomo defeso, dizēdo q̄ comamos,
 & sigamos ao mundo sem ter conta com
 Deos. E logo no principio da idade nos
 começa d'enganar em tempo, q̄ as falsas
 & pestíferas esperanças ainda muito ao lō-
 ge se començaõ de vrdir, sem nunca may-
 deyxarem de nos cōbater. Mas he nec-
 sario resistir lhe com animo fortissimo, &
 vigiar cō grande cautela, desprezando o
 mundo com suas vaydades, & seguindo
 a Chri

Genes. 2.
 Genes. 3.

DA VERDADEIRA PHILO.

a Christo nosso redemptor. E assi armados com a fé catholica da sancta madre igreja Romana, & ornados da esperança & charidade, auemos de resistir aos inimigos d'alma, & cumprir os mandamentos de Deos, & da igreja, & as obras de misericordia, & abraçarmonos com a humildade, & lançar mão dos conselhos Evangelicos, & abater a sensualidade, & fazer que a razão tenha firme jurdição sobre o appetite, & finalmente saber ganhar a vida eterna. E pera isto he necessario a cada hũ de nos não somente ter cõta com siigo, mas com os proximos aconselhandoos, & ensinandoos o que não sabem, quando compre. Mas de tal maneyra auemos d'ensinar que nossas obras nam discrepem de nossas palavras: Porque então dizemos que está o relógio certo de todo, quando não somente dá as horas certas a seu tempo, não discrepando do sol, mas a mão, que as mostra, as aponta sem errar, & anda conforme ao compasso

Compara-
ção.

passo do relogio & do sol. As horas sam
 as palauras, & doutrina, & bons cõselhos,
 que hão de ser governados pelo sol da
 justiça Christo nosso Deos, a mão he a
 operação, que mostra a doutrina: porque
 as obras hão de ser do mesmo metal das
 palauras. Pera que não sejamos como os *Compa-
 ração.*
 carpéteyros & calafates da arca de Noë,
 que fizeram a nao onde os outros escapaf
 sem, & elles não entrarão nella, & pderão
 se no diluuió. Não se deue chamar philo-
 sophia, a que ensina, que dãdo aos ou-
 tros a doutrina bõa, fiquemos nos com a
 vida má, semelhãtes á peneyra que dey-
 ta fora a bõa farinha, & fica com o farelo. *Compa-
 ração.*
 Mas a verdadeyra philosophia é sina ser a
 vida, que fizermos, conforme á bõa dou-
 trina, q̄ ensinarmos. Esta he a vida Chri-
 staã, esta he a propria sabedoria, esta he a
 verdadeyra philosophia, que não cõsiste,
 como vos dizieys, em conhecer muytas
 cousas, porque a fim della mays he fazer
 que saber, mays he amar que disputar.

H Don

DA VERDADEIRA PHILO.

August.

Donde diz S. Augustinho, no nono da Cidade de Deos, que o verdadeyro philosophar he amar a Deos. Mas consiste a verdadeyra philosophia e nos conhecermos a nos mesmos, & dahi sobirmos ao conhecimento de Deos, & amalo summamete com todo coração, com toda alma, & com todas as forças, & darmonos a elle, & fazermos lhe hũa total entrega de nos mesmos, amando sobre tudo a elle, & ao proximo como a nospor elle. E consiste em cuydarmos na sua morte & payxã, & nos mysterios da redempção humana, & em nos abraçarmos de tão feruente amor de Christo, que não estimemos por amor de le, a vida, nem a morte, nẽ cousa nenhũa do mundo. E com estas asas de amor auemos de trabalhar de sobir aos altos ceos, leuados no ardentẽ carro de Elias, inflamados naquellas suaves & bemauenturadas chamas do glorioso fogo do alto amor diuino: de maneyra que estando inda na terra com o corpo, estemas no

ceo

ceo com pensamento, conuersando com
 os Anjos, vnidos com Deos, & feytos hũ
 espirito com elle, onde separados da escu
 ra noyte das coufas terreaes, allumiados
 com o resplendor da luz de Deos contẽ
 plemos a diuina fermosura. Isto he o em
 que consiste a verdadeyra philosophia: q̃
 em fim bẽ assomado tudo, consiste nũ fer
 uentissimo & sapientissimo amor. Muy
 tos a mão a Deos com hũ amor tão tibio,
 que quasi parece que o não amam. Os q̃
 não passam além deste amor nadão inda
 cõ cortiça á borda d'agoa, sem se meterẽ
 no pego alto: & não se podẽ chamar de to
 do p̃feytos na philosophia Christaã: mas
 sam como auezinhas nouas, ainda não
 bem cubertas de todas as suas pẽnas, que
 ainda que comecem de sacudir as aas, &
 voar algum tanto, todauia nam se apar
 ção tão inda longe do ninho, nem se lan
 çao ar aberto, nẽ ousam ainda de attraues
 sar as alturas indo ferindo os ventos cõ a
 força de suas aas. Mas os perfeytos nesta

Compa.
 ração.

DA VERDADEIRA PHILO.

philosophia alheos de si & transportados em Christo, de tal maneyra estão cõ elle liados & vnidos com os suaues liames do amor, que nem ha tormêto nem alegria, fome nem fartura, vida nem morte, ceo nem terra, grandes alturas nem profundos abyssos, que os possam da charidade de Christo apartar. Os que passam per esta portella chegã ao alto cume da excellente philosophia, donde vem lá no fundo do monte os apaulados brejos, & perigosas varzeas do mundo, tão tristes & carregadas ao entendimento do sbõs, que vê seus males, como alegres & apraziueys ao sentido dos maos, que não caê na conta de seus enganõs. Isto he o que se me offereceo nesta materia, em que sey, que auia muyto mays q̃ dizer. Mas porq̃ o piloto, depõys de cansado da longa nauegação, achando lugar opportuno lança ancora pera descansar, assi eu cãfado da longa pratica quero lançar ancora á lingua, & amainar as velas de minhas palauras

Compara-
ção.

uras, que bem sey, que não responderam à grandeza & preciosidade da materia. Vos padre, disse o Philosopho, prouastes muyto bem tudo, o que propusestes, & declarastes copiosamente a questão. E certo que folguey de vos ver tão visto affi nas letras humanas, como diuinas. Eu me dou por vencido, & folgo de o ser de vos, que parece que nascestes pera nunca o ferdes de ninguẽ. Mas a falar verdade cõ vosco, ainda me não enchestes as medidas, porque vfastes d'algũas palauras nã admitidas dos bons ouuidos. Que eu ainda que professo philosophia, não a tenho por bõa, senão he acompanhada de bõa eloquẽcia: & antes queria bõas palauras sem sentenças, que sentenças sem bõas palauras. E as palauras pera bõas não hão de ser muyto antiguas, ca como diz Phauorino, & refereo Bartolameu a Chasseneo na prefação do catalogo da gloria do mudo: a lingoagẽ ha de ser de vocabulos presentes, & a vida de costumes an-

Phauori.
Chasseneo

DA VERDADEIRA PHILO.

tiguos. As palauras, respondeo o ermitão sem sentenças sam corpos sem almas. E ainda q̃ hahi sentēças sem boas palauras, nam se podē chamar boas palauras as q̃ sam sem sentēças. Eu como ando remoto da corte, nã he muito vsar de palauras toscas. E quãto he nisto não seme deue p̃r tacha, se me acharē algũas. Mas assi como quē ha sede, primeyro bebe, & depoy cōtempla a galanteria & artificio do vaso, assi tenho pera mĩ, q̃ todo o homem desejoso de doutrina, primeyro a ha de gostar, & depoy attētar, se quiser, p̃a o artificio da lingoagē. Antes, disse o compa-
 nheyro, estou padre palmado da elegancia de vosso estylo. Nã cuydey q̃ nũ ermitao ouuelle tanta eloquēcia. Mas em fim assicomo os Hebreos deyxando o Egypto trouxerã cōsigo as joyas dos Egypcianos, p̃a seruire a Deos cō ellas, assi vos deyxãdo o mũdo leuastes cō vosco as joyas de sua eloquēcia, p̃a cō ellas fazerdes a Deos seruiço. Dissestes tantas cousas, & també
 ditas

Compa-
 ração.

Compa-
 ração.

ditas, declarastes tão altamête a materia, que vos metemos antre as mãos, abristes ta claramête as fontes da verdadeira philosophia, q̄ na acho palauras, cõ q̄ vos possa declarar meu cõceyto: nẽ creio, q̄ hahi tammanho rio de ingênho, nẽ tãta copia & força de eloquencia, q̄ baste p̄a dizer a vossa. Estou tã contête cõ vos ouuir, & fatissezme tanto vossa doutrina & sciência, que não sinto coufa cõ q̄o possa cõparar. Tomara por partido nã me apartar nũca de vos. Não me pesa senã porq̄nũca vos fiz seruiços cõformes a vossos merecimeẽtos, & meus desejos. Mas se no q̄ desfalece nas obras, se recebe por preço a vontade, a minha he tãto certa p̄a o q̄ vos cõprir, que a ninguẽ darey auantagẽ nos desejos da bõa amizade, ainda que a muytos nos effeytos delles. Pesame, disse o Philosopho, de se acabar tam asinha este dia porque folgara de estarmos aqui mays. Mas assoma a humida noyte, & as estrelas, q̄ come çã apparecer, nos amoestão q̄

DA VERDADEIRA PHILO.

nos vamos. E virãdose pa o cõpanheyro disse. será bõ irmos cõ o padre, q̃ cõ suas palauras & doutrina nos leuará tras si, afi como homẽ, q̃ leua apos si cachorros soltos, cõ lhe ir lãçãdo pedaços de pão, q̃ vão comêdo. Eu, disse o ermitão, tenho muyto q̃ andar, & q̃ rezar, & he necessario par tirme, & ir só: O q̃ cõ ajuda de Deos poderey fazer, porq̃ he saida a lũa, q̃ com sua claridade recebida do sol vẽ tirãdo parte da escuridão da noyte. Os louuores, que me dais, nẽ eu os conheço, nem os ha em mĩ: mas parece que estãdo louuãdo a mĩ estais debuxando a vos, O bẽ vẽ de Deos, & a elle se á de attribuir: elle fique cõ vosco, & vos de sempre a sua graça. E a vos, respõderã elles, cõ serue nella, & vá com vosco. Aqui se abraçarão todos tres, & se despedirão cõ soydade, & algũas lêbranças do tempo passado. Porque em fim antre os bons amigos ainda que se perca a conuersação, não se perde o amor.

Fim do dialogo da verdadeyra philosophia.

DIA

DIALOGO
 DA RELIGIAM: IN-
 terlocutores hũ Religioso, &
 hum peregrino.

CAPITVLO. I.

¶ Do repouso solitario, &
 quietação da cella.

NA LOMBARDIA
 antre Parma & Plazen-
 ça, se toparão nũ cami-
 nho dous Portugueses,
 hũ delles frade de S. Ie-
 ronymo, outro leygo, ho-
 mẽ fidalgo em traños de romeyro, q̃ lo-
 go em sua maneyra parecia homẽ d'alto
 sangue. E depoy de se faudarẽ, & passarẽ
 antre si palauras de cortesia, disse o pere-
 grino: Poys nos Deos aqui ajũtou, assen-
 temonos ao longo desta fresca ribeyra,
 debayxo destas sombrias aruores, & esta-
 remos descãfando hũ pouco, apascẽtãdo

H v os

DA RELIGIAM.

os olhos com a vista dos verdes câpos, & os animos com o contentamêto de algũa bõa & honesta pratica. Assentemonos, disse o religioso, que ha grande espaço q̃ caminho cansado assi do corpo como do espirito. A causa da cãseyra do corpo, disse, o peregrino, está clara, a do espirito folgaria de saber, se nisso não ha empeditmêto. Eu vola direy, respondeo o religioso, ao menos a principal parte della. Eu ha muyto tẽpo que ando distraydo em negocios da ordem, a que fuy mãdado per obediencia. Tiue muytos trabalhos em Roma, donde agora venho, onde estaua feyto hũ poço, em que os negocios entrãuão continuamente a tirar agoa de meu repouso, & abazcolejarme, & pturbar-me, & distrairme. E se algũa hora me queria furtar a mĩ mesmo, & roubar o coração & pensamento aos negocios, erã tãtos sobre mĩ, que me tomãuão com a prefa nas mãos, & atãuão mas pera que eu nam podesse fazer o que queria, maso q̃
elles

elles querião, que eu quisesse. Verdade he que per outra parte me trazião estes trabalhos algũ descanso, quando me lembraua que os sofria por seruir aos padres, q̃ me lá mandarão, & estimaua eu mays o gosto, com que os seruia, que o galardão, que delles por isso esperaua. Mas em fim os negocios me trazião tão distraydo, q̃ fizeram meos olhos erdeyros de muytas lagrymas. Foy tempo, em que viui muyto contente nũ repouso solitario, dado ao estudo das diuinas letras, estãdo em Portugal, metido o mays do tempo na cella: mas por meus peccados vim a tantos trabalhos, que parece que desferirão sobre mim todas as velas: em tanto q̃ mays descontente me faz a lembrança do contentamento que tiue, q̃ o descontentamento que tenho. Bem passaria com o trabalho, que ganhey, senão fosse a lembrança do descanso, que perdi: porque então causam insofriuel dor os males presentes quando sã acõpanhados da memoria dos
bees

DA RELIGIAM.

beés passados. E por isso me parecea mi
 que permitio Deos que os filhos de Israél
 indo desterrados de Ierusalem, captiuos
 dos Babylonios, leuassem consigo os in-
 strumentos musicos pera lembrança de
 suas passadas alegrias. Conta o Propheta
 nũ Psalmo, que indo elles assi captiuos se
 assentarão ao longo dos rios de Babylo-
 nia, que sam o Tigres & o Euphrates, e-
 stillando suas dores em tanta lagrymas,
 que parece que querião fazer dellas ou-
 tros rios: & que alli dependurarão os in-
 strumetos nos amargosos salgueiros, sem
 quererem cantar, nem tanger, nem ino-
 strar sinal algũ de alegria. Em todo aq̃lle
 Psalmo senão conta que elles leuassem
 de sua terra senão aquelles instrumetos,
 que certo parece cousa marauilhosa, por
 que pera que os leuauão, senão auião de
 vsar delles? Mas parece que o permitio
 Deos assi, pera que vendo elles diante de
 seus olhos, as violas, arpas, laüdes, & os
 outros instrumentos de musica, com que
 em

em outro tempo em sua terra se deleyta-
uão, se lembrassem pera mór magoa sua
das musicas de Ierusalem, dos serões &
contentamentos, festas & alegrias, q̃ por
seus peccados perderã: porque a foydo sa
memoria do prazer dos beês passados lhe
acrescêtaffe a magoa da tristeza dos ma-
les presentes Assi amim pera mayor ma-
goa da inquietação que tenho, se me ap-
resenta ante os olhos a quietação, q̃ ti-
ue, cuja foydade me faz muytas vezes des-
fazer os olhos em lagrymas, coufa em q̃
ella faz experiencia de sua dor. E esta he
a causa da canseyra de meu espirito, per-
que me perguntays. Mas prazera a Deos
que cedo estes meus trabalhos terão fim,
& irey gozar da suavidade do mosteyro,
& da doce quietação da cella, tornando
em amizade com meus amigos antigos,
quero dizer com os liuros, que não sey,
como sou viuo sem elles. Porque assi co-
mo a pomba não achaua descanso fora
da arca de Noë, assi o religioso não sente
repou

DA RELIGIAM.

repouso fora do mosteyro. O ramo da
 oliueyra, com que a pomba hia contente
 leuando no bico, he a esperanza da cer-
 ta & propinqua tranquillidade, na qual
 posta hua alma fica clara, ainda que an-
 tes estiuesse escura. Que isto tem a quie-
 taçam a placar o espirito, & a aclarar o
 entendimento. Assi como agoa d'hũ tan-
 que, se a mouerdes, & reuoluerdes, fica
 turua & escura, mas acabado todo o mo-
 uimẽto, estando ella em paz, & sem se bo-
 lir, fica clara & limpa, assi alma distrahi-
 da & perturbada estã escura & çuja, mas
 quietãdofe & repoufando, vayse aclarã-
 do, até que de todo fica limpa. E assi como
 estãdo agoa turua & bazcolejada nã vos
 vedes nella, mas como estã quieta, vos re-
 presenta logo vofla imagẽ, assi o desaffo-
 fego & perturbação na alma faz com q̃
 vos não vejays nella, mas sua quietação &
 repouso faz cõ q̃ vos esteys nella conhe-
 cendo, & vendo quem sois. De maneyra
 que a tranquillidade do spirito he como
hũ

Compa-
 ração.

hum espelho, que vos está pondo ante os olhos vossa própria imagẽ. E creio eu q̃ nã hay lugar, onde se ella melhor alcance & conserue, que no recolhimento do mosteiro & da cella. Folgo, disse o peregrino, de vos ouir isso, porque eu tinha pera mĩ, que nos mosteyros auia grãdes trabalhos. Si ha, tornou o religioso, mas como elles sam sofridos por amor de Christo trazem comfigo suaues contentamentos. E quãto os trabalhos sam maiores, tanto mays fazem alcuãtar o espirito a Deos. Assim como arca de Noë, de que agora falaua, não sómente se não perdeo nas agoas do diluuiõ, antes quanto ellas mays cresciãõ, tãto ella hia mays sobindo, & chegando se pera o ceo, assi quanto mays & maiores sam os trabalhos & espirituales exercicios da religiãõ, tãto mays se vay o animo aleuãtado & appropinquando a Deos. O pé d'ũa parreyra á vista pareceruos ha seco & aspero, & se o apalpardes com a mão, achalo cys inda muyto mays aspero: mas se

Compara-
ção.

DA RELIGIAM.

feolhardes bem, vereys na latáda muitas
 folhas verdes, brádas, & graciosas, & muy
 suaue & excellente fructo: assi a vida da
 religiã cá de fora parece aspera, & se a ex-
 perimentardes, achalaey s muyto mays
 aspera, mas as folhas da doce cõuersação
 monastica, & o marauilhofo fructo dali
 ção, oração, meditação, contemplação,
 obseruancia, & repoufo solitario, excede
 rãtos as balifas de todos os humanos cõ-
 tentamentos, que o entendimento dos
 homês do mundo fica muyto áquẽ de o
 poder alcançar. Mas assicomo o péda
 parreyra, senão dá fructo, não aprouey-
 ta pera nada, auendo muytas aruores, q̃
 caso que não dem fructo, aproueytão pa
 muyto, como sam bordos, pinheyros, ce-
 dros, & fouereyros, que seruẽ de madeyra
 pera naos, & edificios, & outras coufas,
 assi o religioso, que acerta de ser ocioso,
 & distraydo, & regido per sua propria võ-
 tade, não aproueyta pera nada, auendo
 muytos leygos, que ainda que estem com

as mãos pegadas e seus próprios appetites,
& tenham dado vassalagem & obediencia
ao mundo, aproueytão pera defender a
terra aos inimigos, & pera officios mechani-
cos, & pera outras cousas. O religioso que
acertar de ser deste to que, terá por aspe-
ros os trabalhos da religião: mas os boões
religiosos tem nos por suaues, porque o
amor de Christo nos trabalhos acha def-
canso, & no meio dos tormentos refrige-
rio. Este he hũ dos bẽs, que tem a virtude,
trazer cõsigo contentamento. Não que-
ria mór vingança d'hũ maõ, que poder
lhe mostrar quanto perde em perder a
Deos: onde cuyda que acha cõtentamẽ-
to, a hi o perde: porque o vicio traz com-
sigo dor, & não fica delle mais que o arre-
pendimento por despojo. Seneca diz que Seneca.
não ha mór pena pera os peccadores que
auer peccado. E pelo contrayro não ha
mór gosto pera o bom que se lo. E á ver-
dade elle diz muyta verdade, porque assi
como he grande tristeza pa hũ peccador

DA RELIGIAM.

Sapien. 5.

lembralhe que peccou, assi he grande alegria pera hũ justo ver que fez o que deuia. No liuro da Sapiencia dizem assi os maos. Cansados estamos da via da maldade & perdição, andamos per caminhos fragosos & difficultosos. Não habi que debater senam que os maos viuem com grandes descontentamentos, por que suas proprias consciencias os accusam, & atormentam. E pelo contrayro de si & dos boõs, dizia sam Paulo escreuendo aos Corinthios: Esta he a nossa gloria o testemunho de nossa consciencia. Esta gloria & gosto espiritual he hũ excelente mantimento dos boõs religiosos, & hũ pasto marauilhoso, em que sua alma se deleyta. Mas isto nam acabam de entender os filhos da vaydade, que empégados & engolfados no mundo buscam sómente os contentamentos do corpo, sem fazer caso dos do espirito. Nam he muyto, disse o peregrino, nam sentem muytos dos leygos esse s gostos espirituaes

rituaes, poys hahi algũs religiosos, que
 de os nam sentirem, se tornam outra vez
 ao mundo, onde calam as virtudes dos
 religiosos, & sómente falam em seus de-
 feytos, se lhe algũs viram fazer, cousa cõ
 que além de offenderem a Deos, deshon-
 ram a si, & escandalizam os que os ou-
 nem. Os olhos deffestaes, disse o religio-
 so, sam alambres, que nam colhem das Compa-
racam
 vidas alheas senão as palhas. E nam he
 muyto, porque natural he aos maos ter
 hum parecer pera julgar, cõ que emen-
 dam o alheo, & outro pera fazer, com
 que nam sentemo seu.

CAPIT. II.

¶ Em que o religioso estranha aos que se
 saem da ordem dizer mal della, &
 declara que cousa he reli-
 gião, & donde se deriua.

I ij NA

DA RELIGIAM.



A religião ha muitas & muy grandes uirtudes, que effes, que se saẽ della, não querẽ seguir, nem contar. Nem attentão senão pera algũas venialidades feytas a furto da razão, sem as quaes a vida humana senão passa. Estas contã acrescentandolhe muyto mais, & fazẽdo das palhas traues, pera escusarem sua apostasia: & elles quanto mays se desculpão, tãto mays se condenão. Mas não he nouo no mundo os maos praguejar dos boõs. A incontínẽte ama do casto Ioseph, notouho de incontínẽcia Os soberbos Hebreos condẽnauão ao humilde Moyfes de soberba. O desfregido Absalão reprimia ao bom Rey Dauid de mau regimẽto. O maluado Rabfaces viuendo d'enganos accusaua ao defenganado Rey Ezechias de enganador. Mas melhor he por ser bom fer murmurado dos maos, que por ser mau ser odioso aos boõs. Os sanctos Apostolos, & os gloriosos Martyres de

Genes 39.

Num. 16.

3. Reg 35.

4. Reg 18.

de Christo erão chamados feyriccyros & peruerfos. E per este caminho passou sam Ieronymo, S. Ioão Chrysoftomo & os outros fanctos, q̄ forão dos maos falsamete murmurados, & injustamete pleguidos. Nê he de espatar poys a Ch̄r nollo Deos chamarã enganador, Samaritano, feyriccyro. O seruo nã he mayor q̄ o Señor: & pois murmurará do Senhor, quãto mays dos seruos. Diz Salamão nos Prouerbios que os que vão pelo caminho direyto, & leuão a Deos por guia, sam desprezados dos que caminão pela via da infamia. Pera que he mays senão q̄ blasfemarão os maos de nollo Saluador & verdadeyro Deos. Achou de quem murmurar a malicia humana na bondade diuina pondo nomes de culpas ás virtudes, affeando os beês com cores de males. A lingua d'hu praguento he pincel do demonio, & como diz o Psalmista. Sepulchro aberto he a sua garganta: com suas lingoas vsam de enganos, veneno de aspides bichas peço-

Prouer. 14

Compara-
ção.

Psalm. 58

DA RELIGIAM.

nhetas & mortíferas, está em seus beiços,
 1. Corin 6. Estes são os de que diz S. Paulo na pri-
 meira aos Coríntios: Os maldizentes
 não possuirão o reino de Deus. A lin-
 gua d'humão tem poder para desenterrar
 mortos, & enterrar vivos. E para que to-
 que nas histórias humanas: os Ephesios
 injuriarão com feias palavras a Hermodoro,
 até o lançarão da cidade, excedendo-os elle
 a todos na virtude & constância. O mesmo
 fizeram os Athenienses a Aristide, & a Cymo-
 ne, & a Themistocles, & os Syracusanos a
 Hermocrate, & a Dione, & os Romanos
 & a Camillo, & a Rutillo, & a Metello. E
 não tendo Catão Vticense nenhuma cubiça, né
 Hercules nenhuma couardia, cõta Plutar-
 cho q̃ notarão a Catão de cubicoso, & a
 Hercules de couardo. Finalmente quasi
 todos os varões de grandes & heroicas vir-
 tudes são enuejados & murmurados &
 perseguidos, & caso que algũs ponhão os
 olhos em suas obras para as imitar, são
 muytos mais sem comparação os q̃ poẽ
 nellas

nellas suas lingoas pa as reprêder, & suas
 forças pa as destruyr, sem verê q̄ cuidãdo
 q̄ danã aos outros, danão a si, diz S. Atha Athanasio
 nasio q̄ assicomo o q̄ toma cõ suas mãos
 hũa bibera pa a lâçar a outro, q̄ o morda,
 primeyro elle fica mordido della, assi o
 malicioso q̄ quer p̄seguir o justo, primey-
 ro p̄segue a si meismo, & querêdo morder
 a fama alhea mata sua alma ppria, ca não
 ha mordedura de bibera nẽ alpe tã vene-
 nefa & peçonhenta como a malicia d'hũ
 peruerso. Mas isto não acabão de enten-
 der os que murmurão da virtude, & attri-
 buem a vicio, & cõ falsidades fazem pa-
 recer o bê mal, & dos paos fazem pedras,
 como a fonte d'Alemanha, de que fala Al Alberto.
 bertomagno. Estes que dizem mal da re-
 ligião, & se sayrão della, nem sam pera el-
 la, nẽ ella pera elles. Sam como cestos ro- Compa-
 tos, que não colhem agoa clara & excellê rição.
 tedas vidas dos boõs, sen ão algũs limos,
 ou palhas d'algũs descuy los, em que os
 homẽs algũas vezes caem, ainda que se-

DA RELIGIAM.

jam justos. Quereys ver claramente quem sam esses grosadores, olhay o que dizem, atentaylhe pera a pratica, ca ella he a q̄ descobre os corações. Sancto Ambrosio diz que pela mór parte o espelho d'alma resplandece nas palauras. São Ieronymo diz que as palauras que saẽ per fora, sam final do q̄ está dentro. São Bernardo diz q̄ a nossa boca he porta & seruentia de nosso coração. Socrates diz q̄ qual he o varão, tal he sua pratica. Themistocles compara os homẽs que não fãlão a cartas pintadas & enrolodas, & praticar a desenrolar. Se quereys saber que debuxos sam os d'hũ pãno de Frãdes pintado, desenrolaylo: quereys saber de que está pintado o coração d'hũ homẽ, praticay com elle. Pera q̄ he mais? Chão nosso Redemptor diz que da abũdancia do coração fala a boca, & que pelas nossas palauras serem os justificados, & condẽnados. Bem mostrão esses, que se saẽ da religião, & murmurão della, nas palauras q̄ dizem

Ambrosio.

Hierony.

Bernard.

Socrates

Themist.

Compara-
ção.

Matth 12.

dizem, as más entranhas que trazem. O Ezech. 2.
 Propheta Ezechiel diz, que vio hūs ani-
 maes, que hião onde os leuaua o espirito,
 & nem estauão ociosos, nem tornauão
 pera trás. Se effes, que se sairão da religiã,
 leuárão o espirito por guía, & se deram
 aos santos exercicios da ordem, elles fo-
 rá por diãte, & nã tornarã atras: mastãto q̃
 seguirão seu appetite, & se derão á ociosi-
 dade, perderão os gostos do espirito: don-
 de veo andarẽ descontentes no mostey-
 ro, & enfastiados da mãã do ceo desca-
 rem as cebolas do Egypto, até se tornarẽ
 ao mundo, contentandose de bayxos cõ-
 tentamẽtos, & perdendo o juyzo, seme-
 lhantes á mulher de Loth, que cami- Genes. 19.
 nhãdo pera o monte, por olhar pera tras
 se tornou em statua de sal. Que parece q̃
 o quis Deos assi, pera que com a memo-
 ria daquelle sal salgassẽ & adubassẽ
 as enfiõs consciencias. Mas elles esque-
 cidos disto faẽse da religiã, & vẽ morrer
 nas mãos do mundo, que ainda q̃ pareça
 I v que

DA RELIGIAM.

Compa-
ração.

que tinhão deyxado quanto ao corpo, nã
tinhão deyxado quanto á vontade. Os
ceruos feridos da erua, cafo que vão fo-
gindo do caçador, todavia como leuã nas
entranhas o farpão emeruado, vem lhe
morrer nas mãos. Affi os que fãm feridos
do amor das coufas do mundo, por mays
que pareça, que fe apartão delle, fe elles
nã lança de fi a seta em eruada, andã, &
andã & p derradeiro vẽ acabar no mudo.
Esta cõparação me lembra q̃ li em Chry-
foftomo, que a meu ver he bem natural.

Chryfoft.

Bernardo.

O gloriofo Bernardo compara a religião
a hũ bõ estamago, q̃ os boõs mantim etos
conferuaos, & retênos & os peçonhentos
expelleos & arreueffa os. Bẽ affi a religião
retém & conferua os boõs religiosos, mas
os maos expelleos, & como a igoarias ve-
nenofas os arreueffa: porq̃ de tal maney-
ra os apprema, que fe faẽ elles. Affi como
o mar nã retém em fi os corpos mortos, af-
fi nem a religião aos maos religiosos, &
andã no mudo como homẽs arreueffados

Compa-
ração.

&

& como corpos mortos, que o mar de si lançou, perdidos por cousa tão perdida, como he o mundo. Não sey, disse o peregrino, qual he a causa porque muytos destes que se saẽ da ordem sendo nella criados, & ensinados em virtude, depois que per cá andão, sam piores que os leygos. Eu volo direy, respondeo o religioso, A agoa corrête, se per algũ tempo a represam, depoy quando acha lugar, sac com mays impetu & em mór quantidade, que quando yinha per seu curso: assi a maldade destes, que na religião nã corria como antes, estaua represada, sem seus effeytos per fora apparecerem, mas tanto que se saem da ordem, & achão liberdade de peccar, & effectuar seus antigos & deprauados costumes, sac a maldade em tanta copia, & cõ tanta furia & desoluçã que excede a dos q̃ sempre forã no mũdo desolutos. Esta nossa espanha vlterior está no Occidẽte, onde, como vedes, se acaba a claridade do sol, & começa a escuridão da

Compara-
ção.

DA RELIGIAM.

da noite & pelo cōtrayto a India Orital, q̃ os inuictissimos & Christianissimos Reys de Portugal de gloriosa memoria descobrião & ganharão, está no Oriente, onde, como tabeys, nasce o sol, & mostra mayseu resplendor. De maneyra que se pode dizer que os Indios habitão no dia, & nos na noyte, & que em elles se começa a claridade, & em nos a escuridão, por que la nasce o sol & cá se põe. E sendo isto assi, elles sam negros, & nos brancos, elles escuros & nos claros. Desta mesma maneyra sendo a religião em comparaçam do mundo hū Oriente, & o mundo em comparação della hū Occidente, vereys algūshomesentlinadosna sancta religião, que sam na consciencia muy escuros, & outros no mūdo, que sam nella muy claros. Mas nem por isso os boõs religiosos perdem sua valia. Porque assicomo estãdo hū cofre cheo de moedas de fino ouro, ainda que antr'ellas estuuisse hūa falsa, nẽ por isso as outras pdiã seus quilates

Compara-
ção.

assi

assi a religião he hũ riquissimo thesouro
de seruos de Deos, de tãto preço, q̃ o nã
tem, cheo de deuotos & excellentes reli-
giosos, ornados de tãto grandes virtudes &
lououres, q̃ por muytos q̃ se delles digã
ainda nelles ha mais, & sendo ella pouoa-
da de tãto claros varões nã he bem que
percão os boõs por hũ mau. E assicomo
quando tomays na mão hũa grande espiga
de trigo, ainda que de fora nã vedes
mays que as praganas, todauia julgays q̃
estã de dentro chea de fermosos grãos, af-
si considerada bem a religião, caso que de
fora vejays andar algũs pelo mundo se-
melhantes a praganas, aueys de ter fixo
em vosso conceyto que nesta fructifera
& gloriosa espiga da religião ha excellẽ-
te fructo, & que estã chea de dentro de tã
marauilhosos grãos, quero dizer, de tãto
virtuosos & religiosos varões, que o que
mays de seus lououres se disser, he o me-
nos q̃ nelles ha. Estã isso tãto claro, disse
o peregrino, q̃ querelo eu cõtrariar, seria
querer

DA RELIGIAM.

querer cegar o sol. Mas poys falamos em religião, folgaria de saber a sua definição & derivação. Porq̃ sendo eu moço em tempo que o uso da palmatoria me fazia

ter conhecimento das letras latinas ganhadas ao fumo da candeia nas longas noytes, me lembra que linoz Officios de

M. Tullio.

Marco Tullio, q̃ tratandose d'algũa couza, se auia de começar da definição, pera se entēder o de que se disputaua. E lem-

brame que dizia alli o meu mestre, q̃ os logicos tinhão isto por regra infalliucl, sem embargo que confessauão, que segū-

do natureza primeiro era diuidir que definir, pera se enitar a equiuocação, mas q̃ quando definem sem diuidir presupõe a

diuisam, ou hetal a couza, q̃ a não require. Religião, disse, o religioso, toma se de muytas maneyras, primeyramente pola

sciencia das couzas diuinas, como refere Plutarcho na vida de Paulo Emilio. Toma se tambẽ por tem or, como nota Ser-

Plutarcho

Sernio.

uio sobre Vergilio. E toma se pola religiã

Christã

Christãã em cõmũ. E tẽ outras accepções, de que aqui não tratamos. Sõmente falamos da religiãõ, assicomo se cõmunmete toma, quando por hũ homẽ, que deyxou o mũdo, & se meteo na ordem de S. Ieronymo, ou de S. Domingos, ou de S. Francisco, ou em qualquer outra approuada, dizemos q̃ se meteo em religiãõ. Essa he, disse o peregrino, a de que vos pergunto. Religiãõ ppriamete, disse o religioso, he hũa virtude moral, mas o estado da religiãõ, por q̃ p̃gũtays, he hũ modo de viuer separado que com votos, regra, cõstituyções, pias & ordenadas cerimonias, & bõs costumes nos ata & liga com Deos, como com principio sempiterno, pera o amarmos sobretudo, & ao proximo como a nos mesmes. Daqui se segue que as couzas da religiãõ sam liames, cõ que ella nos lia com Deos & connosco. E por isso se chama ella religiãõ, à religãdo, como diz Lactancio Firmiano, que quer dizer atar & apertar. Esta deriuaçam segue sancto

Augu

L. s. a. c. i. e.

DA RELIGIAM.

- August.** Augustinho no liuro de vera religione,
Anton. & S. Anthonino na sua terceyra parte theologal, onde diz q̄ se deriua de religãdo, porq̄ o religioso além do commũ liame dos preceptos he tambem atado com o vinculo dos votos. Verdade he que S.
- August.** Augustinho no decimo liuro da Cidade de Deos diz que religião se deriua de religêdo, que quer dizer tornar a escolher, porque auemos de buscar aquelle, que pelo peccado perdemos. A quem segue S.
- Thomas.** Thomas na Secunda secundæ, o qual como era sanctissimo & doctissimo teue por costume arrimar se sempre a S. Augustinho lume da igreja, assi nas letras como nas obras. Desta deriuacão se infere que a religião excita & moue a tirar o amor das criaturas, que nos empede o do criador, & polo no mesmo criador tomãdo por aluo, onde vão parar as setas de nossas obras, palauras, & pensamentos. De maneyra que a religião ordena o homẽ a Deos, nam assi como em objecto, mas
como

como em fim, & por isso se não chama ella virtude Theologal, mas moral, porque as virtudes theologaes tem a Deos por objecto, & as moraes por fim. Outros dizem que religião se diz deste verbo relinquer, que quer dizer deyxar, & q̃ aquella cousa se chama religiosa, q̃ por sua santidade he separada das cousas profanas. Donde os latinos antigos vierã chamar lugar religioso aquelle, que por sua difficultade he remoto & apartado da conuersação dos homês. E á verdade parece isto ser verdade, porque o religioso ha se de apartar & esconder do mundo, & como Moyfes, pòr pelo rostro hũ veo de Exo. 34. clausura & recolhimento, & não se confiar tanto de si, que cuyde que está seguro de si no mundo, antes lhe ha de fugir, & ter se por tão imperfeyto, que cuyde, q̃ qualquer cõuersação do mũdo lhe pode ê algũa maneira empecer, & q̃ qualquer torua ção lha pode dar. Por q̃ esta he hũa grãde p̃feyção conhecer sua imperfeiçã.

DA RELIGIAM.

CAPITVLO III.

¶ Do recolhimento, & da verdade,
& da fugida de si mesmo.



QVI falou o peregrino, dizendo: Todas estas derivações de religião me parecem muyto bem, mas a meu geyto essa derradeyra me satisfaz sobre todas, porq̃ o recolhimento & apartamento parece cousa natural ao religioso, & quam bem lhe elle parece, tão mal lhe está o distrahimento. Triste daquelle, disse o religioso, que estando na ordẽ não pode viuer em clausura, & no ençarramento do mosteyro, & vindo a religião pa se apartar do mudo, não pode soffrer viuer apartado d'elle, & auẽdo de deyxar suas cousas anda em busca dellas, buscãdo maneyras pa andar fora do mosteyro, & estando nelle com o corpo está cõ a vôtade no mudo, empregando seu amor em cousa tão sem elle. Mal imitação estes a S. Jeronymo, q̃ dizia, q̃ a pouoaçã
lhc

Hierony.

lhe parecia carcere, & o solitario aparta-
 méto parayso. Mõge quer dizer solitario
 & apartado da secular cõuerfação. A isto
 alludia S. Jeronymo, quãdo escreuêdo a Hierony.
 Heliodoro dizia: Se es monge, q̃ fazes na
 cidade? Sctõ Anthão dizia, q̃ assicomo a Antho.
 substãcia humida dá nutrimêto aos pey-
 xes, assi a vida solitaria dá ornãmêto aos
 religiosos, & q̃ assicomo os peyxes sayndo
 em terra se corrompem, assi a gloria dos
 monges chegãdo às cidades se perde. Isto
 me lembra q̃ li em Cassiodoro na sua hi- Cassiodo.
 storia tripartita. Antiocho autor Grego Antiocho.
 antiguo diz, q̃ assicomo as abelhas juntas
 & encerradas na colmea fazem seus do- Compa-
 ces fauos, & nam andando fora della ef- ração.
 palhadas, assi os religiosos dentro em seu
 mosteyro, & não apartados pelas cidades
 pduzẽ o doce fructo da religiã. Por quẽte
 que estẽ no inuerno hũa estufa, se lhe a-
 brirem as portas ao ar, logo se esfriará.
 Quero dizer, q̃ por feruẽte no amor de
 Deos q̃ seja o religioso em seu principio,

DA RELIGIAM.

se elle abrir as portas da vontade aos v̄-
 tos do mundo, & seus negocios, & tem-
 pestades, de tal maneyra se esfriará, que
 nem goste da lição, nem da oração, nem
 da contemplação, nem dos outros exer-
 cicios do mosteyro, senã dos negocios do
 mudo, q̄ he bẽ triste gosto, & bem differẽ-
 te dos que tem os que se dão ao repouso
 solitario. As imagẽs grãdes quanto mays
 ao perto as vedes, tanto menos perfeytas
 parecem, querem se vistas ao longe, porq̄
 então parecem mays naturaes, tão viuas
 no parecer como mortas nos menceos.
 Da mesma maneyra os religiosos não se
 hão de deyxar ver & conuersar ao perto,
 mas longe do mundo, apartados da secu-
 lar cõuersaçã se hão de deyxar ver & co-
 nhecer, mays per fama de religião, q̄ per
 familiaridade do mundo. Isto sentia bem
 sam Paulo primeyro ermitão, S. Anthão,
 S. Hilarião, S. Ieronymo, S. Basilio, S. Ber-
 nardo, & os outros sanctos gloriosos, que
 tomarão vida solitaria & recolhida, pro-
 tun

fundos na humildade, altos na contem-
plação, lembrados de Deos, esquecidos
do mundo, frios no amor da terra, abra-
çados no amor do ceo, mortos á carne, vi-
uos ao espirito: os quaes fizeram tão aspera
& espantosa penitência, que os membros
desemparrados da força do corpo se suste-
tauão no esforço do espirito, & quando
de fracos não podião catar, & lançar a voz
& oração, ao alto Deos, soaua aquelle
musico instrumento, aquella arpa sono-
ra & suauissima de seu coração, q̄ ainda
que senão ouça dos mortaes, soa altamē-
te ante Deos. É pera que tomemos a cou-
sa may de lōge, dizeyme Elias, & Eliseu,
& os filhos dos Prophetas, & S. Ioão Ba-
ptista, & outros diuinos varões, que se fo-
rão aos ermos, que fazião senão ensinar-
nos, quanto nos conuem o apartamēto:
Si, disse o peregrino, mas todauia esses
mesmos tornauão a pouoado. E sam Ioão
veo do deserto a Ierusalem a pregar na
corte del Rey Herodes, Isso, disse o reli-
gio

DA RELIGIAM.

gioso, he verdade, porque quando a charidade o requiere, licito he aos religiosos pregar nas cidades, & nos paços dos principes. Nã digo eu que não sayão nũca os religiosos de casa, mas que não sayão a negocios desnecessarios. Porq̃ se elles sam necessarios & importantes, & que redũdão em seruiço de Deos, então deuem cõ deuida obediencia sayr a fazelos, & nem por isso perdem sua religiãõ. Porq̃ assi como o sol ainda q̃ mude os signos, & corra todo o zodiaco, não por isso deyxã de resplandecer, & allumiar aos mortaes, assi o bom religioso mudando diuersos lugares, & correndo muytas partes, em todas mostra sua virtude, & resplãdece cõ sua religiãõ. Assi o fez S. Ioão Baptista, q̃ mudãdo os lugares não mudou a vida, & tão sancto era em Ierusalem no paço de Herodes, como fora no deserto de Palestina. Foy muyto, disse o peregrino, falar S. Ioão tão solto a el Rey Herodes, & dizerlhe a verdade tão liuremente. A verdade, disse

Compara-
ção.

o religioso, he tão liure & isenta nos ho-
 mēs de bõ espirito, q̃ onde se lhe apresen-
 tão mores temores, ahi tem mór oufadia,
 & onde lhe fazem mays força, ahi mays se
 esforça. Verdade he q̃ hahi verdades, que
 senão hão de dizer: & hay outras, q̃ caso
 que he bem que se digão, querẽ se ellas co-
 zidas, porq̃ hũa verdade crua não ha esta-
 mago de ema q̃ a esmoa. Hũa galinha he
 bõa igoria, mas quer se assada ou cozida,
 porq̃ crua não ha quem a digista, nẽ que
 a possa comer: Assi a verdade he igoaria
 marauilhosa, mas quer se cozida & tem-
 perada pera cõfortar o estamago d'alma
 & não escãdalizar. Bẽ que hahi peccados
 tão crus, que he necessario que a verda-
 de se diga crua, & que o pregador a di-
 ga sem receo, como fez sam Ioão, de que
 falamos, com Herodes, pelo qual elle
 o matou. Este foy o bispado que el Rey
 deu a seu pregador, matalo porque lhe
 falou verdade. He cousa marauilhosa
 hũa dona tam bella como a verdade

Compa-
 raçãõ.

Matth. 14.

Marc. 6.

DA RELIGIAM.

parir hũ filho tão feo como o odio. Mas
 soldemos o fio á pratica que cortastes cõ
 vossa pergunta. São Ioão ainda que pre-
 gou no paço, todavia criou se no deserto.
 Aquella foy a academia & eschola, onde
 aprendeo. O deserto he como arrebalde
 do ceo , onde Deos leua os seus muyto
 amados, pera lhe fazer grandes merces.
 Falando elle pelo Propheta Osea na al-
 ma deuota diz: Leualaey a lugares solita-
 rios, & alli lhe falarei ao coraçã. Estes esco-
 lherão os sanctos pera nos ensinarem o
 proueyto, que traz comfigo o apartamẽ-
 to, em especial ao religioso, q̃ ha de dey-
 xar o mundo com seus contentamẽtos.
 Vindo os filhos de Israël do Egypto, diz
 a sagrada escriptura, que sayrão todos de
 Ramasses, que era hũa cidade de ladrilho
 quasi nos termos do Egypto. Bem pode-
 ra a escriptura contar esta sayda do Egy-
 pto sem fazer menção de Ramasses, mas
 dizer que pera caminharem pelo deser-
 to pera a terra de promissã, auião de
 deyxar

Ora

Exod. 12.

deyxar totalmente a esta cidade de terra, não carece de mysterio. Ramasses, como diz S. Ieronymo no tratado das mansões dos filhos de Israël, quer dizer trouão de cõtétamêto. Que he isto? Que nos querê nistø as diuinas letras significar? Senão q os religiosos, que deyxão Egypto, que he o mundo, hão tambem de deyxar seus contentamêtos, & hão de caminhar pera a verdadeyra terra de promissam, que he a gloria, pelo deserto, & vida solitaria, & recolhimento da religião? E poys buscão contentamentos do ceo, hão de deixar os da terra, porque os do ceo sam tão lōgos, que ja nunca se hão de de acabar, & os do mundo tão breues, que os compara aqui a escriptura a toruão, que logo passa. Em dizer que esta cidade do Egypto era de terra & de taypa, & não de pedra & cal, nota abaixeza, vileza, & incerteza do cõtentamento do mundo, & em dizer que se chamaua toruão de contentamêto significa sua inconstancia & pouca dura.

DA RELIGIAM.

Poyeste cōtentamēto do mūdo tão incerto & tão breue ha o religioso de deyxar, & morrer a elle enterrandose na religiã, viuēdo nella sepultado ao mūdo. Isto he o q̄ dizia S. Paulo na ij. aos Corinthios, Sejamos como mortos, sendo nos viuos. E aos Colossenses: Mortos sois, & vossa vida escōdida he cō Ch̄o em Deos. Estãdo hū homē pera morrer faz seu testamēto, & testamēteyros, & appropinquandose a morte perde o calor natural, & o v̄so dos sentidos, de maneira que nē ve, nē ouue, nem fala até que morre, que perde totalmente o mouimēto, de maneyra q̄ pera ser mouido ha de ser per outrē & não per si. Então o emborilhão & amortalhão, & finalmente o sepultão. Desta mesma maneyra se ha de auer o que v̄e tomar o habito á religiã: primeyramente ha de fazer seu testamento, encomendando sua alma a Deos, & o corpo aos trabalhos, & repartindo suas riquezas sem appropriar nada pera si, fazendo testamenteyrosa
seus

2. Corin. 6.

Coloff. 3.

seus prelados, entregando sua vontade á delles mefmos. E logo ha de perder o calor natural, quero dizer, o amor do mundo, & nem ha de ver, nem ouuir, né falar coufa, que lhe empida o amor de Deos. E tanto que fizer profiffam ha de ficar morto ao mundo, & ja fenão ha de mouer per sua vontade, fenão pela de seu prelado, & ha de fer amortalhado nũ habito, & finalmete escõdido no mosteyro como em sua propria sepultura. E viuendo desta maneyra he morto & viuo, & viuendo em si não ha coufa tão longe delle como elle. Isto, disse o peregrino, folgaria eu de entēder. Porq̃ como he possiuel, que viuendo hũ homẽ em si viua lōge de si? Eu volo direy, respondeo o religioso. Em mĩ ha dous eus. E isto ha em todos os homẽs, hũ segundo a carne, outro segundo o espirito. Ao primeyro chama S. Paulo homẽ velho, ao outro homẽ nouo. O homẽ velho trazemos de Adã, & do vètre de nossa mãy saymos com peccado, q̃ he a

for

Coloss. 3)

Roma. 6

DA RELIGIAM.

forte que nos cabe, por sermos da linha-
 gem dos primeyros padres transgressores
 do diuino perceyto. E no homẽ nouo so-
 mos renouados per Christo, do qual te-
 mos a graça, por sermos regerados & re-
 midos com seu precioso sangue. Porque
 assicomo senão fomos gerados de Adã,
 nam nasceramos injustos, assi se nam fo-
 ramos regerados per Christo, nam fo-
 ramos justificados. E este homem ve-
 lho, que he segundo a carne, auemos de
 despir, & despidir, & desterrar de nos, &
 ficar no nouo, que he segundo o espirito,
 pera que assi deyxemos de ser quẽ fomos,
 & viuendo em nos segundo o espirito, vi-
 uamos longe daquelle nos, que he segun-
 do a carne, & possamos dizer cõ o diuino
 Paulo: Viuo eu, ja não eu, mas viue Chri-
 sto em mĩ. Aquelle mesmo homẽ inflama-
 mado no amor do alto Deos viuia longe
 daquelle si mesmo, que em outro tem-
 po perseguia os Christãos. Embebeo
 tanto no amor de Christo, q̃ se crucificou

Galat. 2.

Galat. 6.

ao mundo, & o mudo a elle, & abraçado naquellas bem afortunadas chamas da diuina charidade, como aue Fenix morreo ao mudo, & ficou gerado outro Paulo per Christo. Morreo em vida, ajuntou a lenha de seus pensamentos, & accendeose hū fogo como aquelle, de que dizia o Propheta: Em minha meditação arde- Psal. 38.
rá o fogo. Alli naquelle fogo se esteue debatendo com asas da confiração de quẽ fora, & quam cego andara no tempo em que elle affeyçoado a seu erro corria tras elle a redea solta p̄seguinto os Christãos. E desta cõsideraçã nascia outra das merces, que de Christo tinha recebido, que o fazia esquecerse de si, & o soruia nas lembranças do mesmo Christo. E abraçado em hū diuino amor & ardente desejo queymou as p̄nas velhas dos peccados, & desfez o q̄ fora, & na cinza do desprezo de si se gerou aquelle bicho de humildade, ao qual nascerão grandes p̄nas de charidade & amorosos desejos, & de todas

DA RELIGIAM.

2. Cor. 12.

Chrysoft.

das as virtudes. E aleuantouse em contem-
plaçam, & foy arrebatado marauilhosamente, & veo a voar tão alto, que chegou
ao terceiro ceo, & ouiuo segredos, que como elle diz, não he licito ao homẽ per-
lauras explicalos. Finalmente morreo a
Fenix velhada p̄seguidor dos Christãos,
& leuantouse & refurgio outra aue Fenix
vnica, nomeada em todo o mundo. Por
que aue Fenix he hũa só no mũdo, segun-
do dizẽ. De perseguidor aleuantouse hũa
Apostolo, & vaso escolhido, vnico na cõ-
uersam, vnico no amor, vnico nos traba-
lhos, vnico, no sofrimẽto, vnico na sabedoria
& doutrina, vnica Fenix na alta cõ-
templaçam, vnico espelho de pecadores
p̄seguidores de Ch̄o, em q̄ resplandece a
diuina misericordia. Finalmẽte ficou tal,
que diz Chrysoftomo, que o seu coraçam
era mays alto que os ceos, mays largo q̄
todo o vniuerso, mays resplandecente q̄
o sol mays feruente que o fogo, mays firme
que o diamante. Vedes logo aqui como

mo

mo não repunha viuermos em nos sem
 nos. Antes he necessario lançar de nos a
 carne, & viuer segundo o espirito. Isto he
 o que dizem as diuinas letras no Eccle- Eccles. 18.
 siastico. Nam vas tras tuas concupiscen-
 cias, & apartate da tua vontade de E sam
 Paulo aos Romanos: Vesti uos do Se- Roma. 13.
 nhor I E S V Christo, & o cuydado da
 carne não o façays em vossos desejos. E
 aos Ephesios: Deyxay uos segūdo a vossa Ephes. 4.
 velha & antigua conuersaçam, ponde a
 hum cabo o homem, que se corrompe se-
 gundo os desejos errados, & sede renoua-
 dos no espirito da vossa mēte, & vesti o no-
 uo homem, que segundo Deos he criado
 em justiça, & sanctidade da verdade. E
 finalmente isto he o que nos ensinou a-
 quelle celestial mestre Chão nosso Deos,
 dizendo: Quem me quiser seguir, negue Matth. 16.
 a si mesmo, & tome sua Cruz, & siga-
 me. Trescoufas diz aqui Christo, aos que Luc. 9.
 quiserem yr tras elle. A primeyra que
 seham de negar a si mesmos: A segunda
 que

DA RELIGIAM.

que hão de tomar cada hũ sua Cruz, a ter-
 ceyra que deyxandose a si hão de seguir
 a elle. Diz S. Ieronymo que aquelle ne-
 ga a si mesmo, que deyx a o homẽ velho
 com suas obras, & pode dizer cõ verdade
 Viuo eu, ja não eu, mas viue Chõ em mĩ.
 Então nos negamos a nos mesmos, quã-
 do batendo o mundo á porta de nosso co-
 raçã têtando nos cõ suas falsas esperanças,
 & o diabo cõ seus enganõs, & a carne com
 suas pestiferas deleytações, nos negamos,
 dizêdo q̃ nã somos os q̃ el les buscã, que ja
 alli nã viue quẽ elles cuydão. Isto he o q̃
 quis significar S. Ieronymo nos commẽ-
 tarios sobre a Epistola ad Titum, quan-
 do disse que tãtas vezes nos negauamos,
 quantaspisauamos com os pès os vicios
 antiquos, deyxando de ser o que fomos,
 & começando a ser quem deuiamos de
 ser: Não he outra cousa negarse hũ homẽ
 a si, senão sopear & abater o corpo, trazer
 arrecadado o pensamẽto, resistir a todo
 o mau appetite, morrer á carne & guiar
 se

e pelo norte do espirito, & finalmente desterrar de si a si, pera que viua Christo nelle. Isto estava figurado no testamêto velho sombra & figurado nouo, onde está escripto, que teue Abraham dous filhos, hũ chamado Ismaël filho de Agar cria da sua, outro chamado Isaac de Sara sua propria molher. O filho da serua nasceo segũdo o humano costume, & o da liure segundo a diuina repromissã. A hũ chama S. Paulo segundo a carne, ao outro segũdo o espirito. E dizem as diuinas letras no Genesis que vendo Sara que o filho de Agar brincava com seu filho Isaac, disse a Abrahã, que o lançasse fora de casa. O q̃ Abraham tomou duramente. Mas disse lhe Deos que fizesse o que lhe dizia Sara, E não curando elle de se por ás chaças cõ Deos, lançou fora de casa seu filho Ismaël, que andou desterrado em risco de se perder. Per Ismaël se entẽde a carne, p̃ Isaac a alma: Sara q̃ na lingoagẽ hebreã quer dizer Princeza, he a razão, que esta he a q̃

L todos

Genes. 16.

Genes. 21.

Galat 4.

DA RERLIGIAM.

ha de dominar, & a q̄ todos os sentidos
 hão de obedecer. Em os sentidos ouuin-
 do a cãpaynha da razão hão logo de acu-
 dir promptos a todo o seruiço. Agastarse
 Sara de ver Ismaël brincar cõ Isaac he nã
 sofrer a razão, que a carne faça mimos &
 afagosa alma, representãdolhe lisongey-
 ras esperanças, falsos contentamētos, &
 docesenganos. Mandar Deos a Abrahã
 que desterre & lãce fora a Ismaël, & que
 obedeça a Sara, he dizernos q̄ lancemos
 & apartemos de nos nossa carne, & que
 viuamos segũdo o espirito, & obedeça-
 mos á razão. Donde veo a dizer S. Paulo
 escreuẽdo aos Romanos: Os que sam em
 a carne, não podem contentar a Deos. E
 logo mays abayxo: Se viuerdes segundo
 a carne, morrereis. Donde se colhe clara-
 mēte q̄ nos vay a vida em viuermos sem
 nos, & q̄ viuendo em nos não viuemos,
 porque a tal vida da carne he morte d'al-
 ma. E dos que desta maneyra uiuiam di-
 zia Christo nosso redemptor. Deyxay os
 mortos

Roma. 8.

Matth. 8.

mortos enterrar seus mortos. E a morte dos taes procede da carne, q̄ tanto persegue a alma, que a mata pelo consentimẽto do peccado mortal. Esta he a causa, por que diz S. Paulo na Epistola aos Galatas, Galat. 4. que Ismael perseguiu a Isaac. Isso, disse o peregrino, folgaria eu padre que me declarasseys. Seno Genesis, onde se conta a historia, não diz que Ismael perseguiu a Isaac, senam que zombaua, ou brincoua com elle, como vos agora dizieys, como diz sam Paulo que o perseguiu?

Que cousa he esta, a brincos chama o Apostolo perseguições? Si, respondeo o religioso, Nam ha mór perseguição no mudo q̄ a que a carne faz a alma. Aquelles mimos & afagos, cõ que a carne a mimma & grangea a alma, pera que consinta no peccado, aquellas enganofas deleytações, que lhe representa, aquellas teas, q̄ lhe anda vrdindo de falsas esperança, aquelles fios de vãos pensamẽtos tão longos, & tão afinha cortados, & dados ante

DA RELIGIAM.

tempo aos agudos fios da morte, aquellas promessas tam brandas & tam falsas das prosperidades do mundo, que sam se não teribeys perseguyções Esta he a causa, porque dizendo o liuro do Genesis q̄ Ismael afagaua a Isaac, diz S. Paulo que o perseguia. Porque á verdade aquella se pode chamar verdadeyra perseguiçam, que cuberta com apparecias de alegrias temporaes leua a alma a tormétos eternos, apagando o juyzo pera nam ver seus males, & accendendo o appetite, pera nam pagar os direytos á razam.

CAPITULO III.

¶ Dos dous sentidos da sagrada escriptura, & da perfeição, que he a fim da religiam.



M extremo folgou o peregrino de ouuir a explanação da figura, por lhe fartar o entendimento, que estaua faminto & deseioso de a enten

entender, & pondo os olhos no religioso, disse: Satisfez-me tanto a exposição dessa figura, & descubrio ella tam claramente o proueyto da fugida de si mesmo, q̄ me moueo a desejar de achar caminho pera fugir de mim. Crede que hũa das cousas, que mays deleytam o espirito he tratar cousas da sagrada escriptura. Quando começastes a cõtar a historia, pareciam me as palauras conchas de ostras, mas como as começastes a abrir, vias dentro cheas de perolas mays preciosas q̄ as nossas orientaes. A sagrada escriptura, disse o religioso, além do sentido literal tem outro spiritual. Refere Eusebio na historia escho- Eusebio. lastica, q̄ diziam os antiquos, q̄ era a escriptura hũ animal, cuja letra era o corpo, & o espirito a alma. Diz Origenes que assi Origenes. como andando Christo na terra, muytos viam sua humanidade, mas poucos conheciã sua diuidade, assi estando antre nos a diuina escriptura, muytos lhe vem a letra, mas poucos o espirito. Diz Theo- Theodor.

DA RELIGIAM.

doreto que assicomo as pedras preciosas,
 quando as achão, estão per cima cubertas
 de bayxa & vil materia, aqual os mestres
 & artificiosos lapidarios lhe tiram, assi a
 doutrina da sagrada escriptura debayxo
 de palauras pouco polidas tē ricos & pre-
 ciosos mysterios. As palauras de cima di-
 zem q̄ Ismaël he hũ filho de Abrahã, mas
 hũ dos sentidos alegoricos diz q̄ he a car-
 ne. Este he o homẽ velho, isto he o q̄ te-
 mos de Adã. Aquelle mortifero bocado, a
 que Eua o cõuidou foy principio de nos-
 sas defauéturas. Dõde os mininos ã na-
 scẽdo nũs como em naufragio saẽ tremẽ-
 do & chorando, parece que polo peccado
 de Adã. E na boca, p̄ onde Adam peccou,
 trazẽ elles o final do peccado, q̄ he o cho-
 ro, como prenũcio dos trabalhos, que de-
 poys em todo o discurso de sua vida ham
 de passar. Porq̄ como diz S. Augustinho,
 as lagrymas dos mininos são claros sinaes
 da miseria de nossa vida. Assicomo hũ a
 ribeyra, que nasce no pĩnaculo d' hũ a alta
serra

August.

Compa-
ração.

ferra perto do mar, (ae logo fazêdo rúgi-
do, & vê decendo pelos arrecifes batendo
nas duras rochas, & fazendo hũ rouco tó
com os quebrados de suas agoas a manei-
ra de quem vem chorando, até se vir me-
ter no mar, onde vão parar todos os rios,
assi nos como nascemos começamos a
lamentar, & assi vimos todos os dias de
nossa vida, chorádo & gemendo, & quey-
xandonos, dando cõ nosco hora nũ, hora
n'outro trabalho, até q̃ em fim imos dar
cõ nosco no mar da morte, onde os rios
de nossas vidas assi grandes como peque-
nos se vão acabar & cõsumir. E acabada a
vida imos dar conta a aquelle justo juyz.
& alto Deos, do qual somos segũdo nossas
obras julgados, & postos no lugar de nos-
fos merecimentos, hũs no parayso, ou-
tros no inferno, ontros no purgatorio, a
fora os mininos que morrem sõmente
com peccado original, questes vão ao lu-
gar pera elles constituydo. E aquelles
que nesta vida se apartaram do mado &

DA RELIGIAM.

de si meſmos & tomadas ſuas Cruzes ſe-
 guiram a Chriſto, recebem por breues
 trabalhos eternos deſcaſos. E pera ſe iſto
 melhor poder fazer ſe fizerão as religiões,
 que ſam como certos atalhos pera a vida
 eterna, per mão daquelle alto Deos orde-
 nados, que em nenhũa couſa teue deſor-
 dem. Qual he, perguntou o peregrino, a
 fim da religiam? A fim, respondeo o reli-
 gioso, pera q̃ ella foy ordenada, he a per-
 feyçam. Aſſi o diz S. Anthonino na ter-
 ceyra parte, onde vay ſeguindo a doutri-
 na de S. Thomas. E eſta perfeyção conſi-
 ſte em alcançar a perfeyta charidade ſe-
 gundo aquillo do Apoſtolo aos Coloffen-
 ſes: Sobre todas as couſas tende charida-
 de, que he o liame da perfeição. Eſta cha-
 ridade lia & vne com Chriſto: & o que a
 tem he feyto hũ espirito com elle. Iſto he
 o que diz S. Paulo: Aquelle que eſtá vni-
 do com Deos, he hũ espirito com elle. O
 amor tem virtude vnitiua & transforma-
 tiua. Sancto Auguſtinho diz q̃ alma mays
 eſtá

Antho.

Thomas.

Coloff 3.

2. Corin. 6

Auguſt

está onde ama, que onde anima. São Dionysio diz que o amor transforma o amante no amado: & como a charidade he amor, vne & transforma, & faz sobir tam alto o amante, que o leua ao ceo, onde está couersando com os Anjos feyto hũ espirito com Deos. Sam Gregorio vsa, pera explicar isto, desta comparaçam: Agoa que vem d'alto, sobe tanto que chega ao lugar, donde desce, se está vnida na fonte: porq̃ se fizerdes buracos à fonte, derramar-se ha a goa, & nam subirá acima. Assim se nossa alma está vnida cõigo, sobe tãto pera cima, que chega ao ceo, que he a sua patria: mas fazeylhe hũ buraco pera as riquezas, outro pera as honras, outro pera os falsos contentamentos do mundo, derramar-se ha alma, & nam subirá: mas ajuntandose & vnindose sóbe tam alto, q̃ traspassando as nuuẽs se vay ao ceo, ficando quanto a sua essencia ẽ terra. Isto he o que dizia o Real Propheta: La estauão os nossos pés nas tuas moradas ó celestial

Dionysio

Comparaçam

Psal. 122

DA RELIGIAM:

Ierusalẽ. Os pès d'alma sã as affeyçõ es
 cõ as quaes ella anda como o corpo cõ
 os pès, sem se mouer per si localmẽte. Isto
 he o que dizia S. Paulo aos Philippẽses: A
 nossa conuersaçãõ he nos ceos. Isto dizia
 elle, porque os justos estãõ liados cõ Deos
 per amor & charidade. E como a perfei-
 çãõ da criatura seja estar vnida cõ o cria-
 dor, & esta vniãõ seja effecto da perfei-
 ra charidade segue se que quem alcãçar esta
 charidade, alcãçarã a perfeiçãõ. Mas esta
 perfeiçãõ, que se alcãça nesta vida, he de
 duas maneiras, hũa menor, outra mayor:
 A menor he quãdo o homẽ exclude & nã
 admite cousa cõtrayra á charidade, q̃ he
 o peccado mortal: a mayor he quãdo o ho-
 mẽ se aplica todo a darse a Deos, & nam
 sãmẽte nãõ comete peccado mortal, mas
 deyxã as cousas humanas polas diuinas,
 & se entrega a Deos em holocausto &
 perpetuo sacrificio. E a esta mayor per-
 feiçãõ he ordenada a religiam como a
 fim. E esta he a que deuem buscar, &
traba

Philipp. 3.

trabalhar por alcançar os religiosos, poys
pera isso forão as religiões constituydas.
Porque Deos inspirou aos sanctos que fi-
zessem regras, & estatutos, & clausuras,
onde os religiosos separados dos incõue-
nientes do mudo guardassem a vida Euã-
gelica gastando o tempo nos lououres de
Deos, rezando & cãtando os diuinos of-
ficios, supprimindo & sopeando os appe-
tites com vigalias, abstinências, lições, me-
ditações, disciplinas, & outros spirituaes
& corporaes trabalhos & exercicios & o-
bras de misericordia, empregãdo nisto o
cabedal de suas obrigações. E daqui vem
que os religiosos, como diz S. Bernardo, Bernard.
caẽ mays raramẽte, & aleuãtan semays li-
geyramente, andam mays cautos, viuem
mays quietos, sam de Deos mays fauore-
cidos, morrem com mays confiança, &
sam remunerados com mayor gloria. Os
leygos virtuosos dam a Deos a fructa da
sua aruore, mas os boõs religiosos não só-
mẽte lhe dão o fructo, mas toda a aruore,
por

DA RELIGIAM.

porque pelos votos que fazê, se dam to-
 dos a si mesmos a elle. E esta he a causa,
 como diz S. Anselmo, porq̃ he mays me-
 ritoria a bõa obra do que he obrigado p
 voto, que daquelle que he sem a tal obri-
 gaçam: porque o hũ dá a Deos a fructa
 ficando lhe a aruore, o outro a fructa &
 aruore. E desta maneyra fazê os religio-
 sos sua vontade em a nam fazerê, some-
 tendose ao prelado, & offerecendose a
 Deos em holocausto quero dizer, em to-
 tal sacrificio. E assicomo o holocausto era
 todo queymado, assi o verdadeyro reli-
 gioso ha de ser abraçado naquella viua
 chama do diuino amor, que cõsume toda
 a terreal bayxeza, de maneyra q̃ separa
 do do corpo, alienado de si mesmo, estê
 mays em Deos que em si, pera que como
 verdadeyro amante seja no amado em-
 bebido & trãformado. Assicomo o espe-
 lho d'aço posto aos respládecetes rayos
 do sol, nam sómente fica resplandecente
 mas ainda lança de si os mesmos rayos
seme

Anselmo.

Compa-
 ção.

semelhante ao sol, & transformado nelle, assi o verdadeyro religioso estando amando & contemplando a Deos, está recebendo os rayos do diuino resplendor, & allumiada sua alma está allumiando, & lançando de si estes rayos, transformada na mesma imagẽ d'hũa claridade grãdenoutramayor. E assi estando amando & contemplando a Deos se está fazendo diuina, tranferindose no modo & imitação da diuina natureza. Assi interpreta Theophilacto depois de Chrysofotomo a quelle lugar de S. Paulo na secunda aos Corinthios. Nostodos descuberta a face especulando a gloria do Senhor na mesma imagem somos transformados de claridade em claridade. Este modo de vida he o a que communmente chamamos religião, que consiste em datse a Deos & apartarse do mundo, & de si mesmo. Dõde parece bõa a sentença dos que dizem que se deriua religião de relinquendo, q̃ quer dizer deyxar ou apartar. E de tal maney

Theophi

2. Corin.

DA RELIGIAM.

maneira hão os religioso de deyxar o mudo, & apartarse d'elle, & fugirlhe, q̄ nem d'elle nem de suas cousas queyrão algũa. Conta a sagrada escriptura, que vendose o bom Iacob muytas vezes enganado de Labam, & que quanto mays o seruia, tãto pior o trataua, pagandolhe com ingratição & injurias obras mercedoras de galardão, lhe fogio pera a terra de promissam, trazendo cõsigo todo seu fato & fazeda. Tanto que o Labam disto foy sabedor, foy apos elle, & o alcançou no môte Galaad, onde lhe reuolueo seu fato sem achar cousa nenhũa sua. E alli fizeram hũ cõtrato q̄ nẽ Iacob queria nada de Labã, nẽ Labam de Iacob. E poserão nome a quelle monte Galaad, q̄ quer dizer monte de testimonho. Diz S. Ieronymo, aquẽ segue Pagnino, q̄ Labam quer dizer brãcura. E Philo Hebreo diz que quer dizer cõr. Como quer que seja, elle não quer dizer cousa solida, & firme, & substancial, mas a cõr da cousa. Quẽ he este Labam,

este

Hierony-
pagnino.
philo.

este enganador, traydor, ingrato, que tantas vezes enganou a Jacob? Quem he este mau, que não tem do bem senão a cor, q̄ não té coufa firme, & maciça senão sombras & apparencias? Quem he este senão o mundo? Poys vemos seus enganos & seus males, & que não cura nossos grãdes descontentamentos senão com algũs descontos de breues alegrias, & estas cõuertidas em tão desesperadas tristezas, que a esperança que nos falta pera sermos alegres, nos sobeja pera sempre sermos tristes, não o siruamos, né lhe obedecemos, mas tomemos todo o nosso fato, todos nossos pensamentos, entrouxemos tudo no carro da memoria, & fuamos do mundo, não tenhamos com elle compromisso algũ, vamosos sem nos despedir del-le, fuamosohe caminho da terra de promissam, que he a vida eterna, fuamos de Laban, deste enganador & perseguidor dos boõs, & subamos ao monte Galaad. Mas? que monte he este, onde sacolheo

obom

DA RELIGIAM.

o bom Jacob, onde auemos com elle de
 subir, senão à religião monte alto de vir-
 tudes? Mas os que aqui estiuerẽ, não cuy-
 dem q̃ estão seguros, porq̃ aqui os ha de
 vir buscar Labam, aqui ha de vir dar com
 elle tentandoos & perseguindoos, a hũs
 com representações de cõtentamentos,
 a outros de honras, a outros doutras cou-
 sas. Ao coraçam do religioso por humil-
 de & virtuoso que seja, quando vagão os
 officios & prelazias, lhe tocam algũa ho-
 ra á arma os pensamẽtos vãos, mas com-
 pre acudir logo com a razam, & despre-
 zar tudo, & fugir de taes pensamentos co-
 mo de cousas de Labam, pera que quan-
 do nos quiser saltar, & dar com nosco
 estãdo nos em Galaad, nam conheça em
 nossas cousas nenhũa sua. Bẽ auenturado
 he aquelle, em cuja consciencia nam ha
 cousa do mundo, em cuja casa, em cujo
 coraçam nam acha Labã alfaya sua. Que
 cousa he religião senão hũ môte Galaad,
 hũ monte de testemunho, hũ monte que

testifi

testifica que nem Labã quer nada de Iacob, nem Iacob de Labã: quero dizer que nem o religioso quer nada do mundo, nem o mundo do religioso. O glorioso monte, ó marauilhofo cõuto, onde se faz o contrato & concerto, que nem Iacob quer ter cõta com o mundo, nem o mundo com elle, onde o religioso professa & testimunha que deyxã nam sõmente o mundo, mas a si, & que caminha pera a terra de promissã, pera o ceo, pera o bãquete dos anjos, pera a soberana Ierusalem, pera aquellas gloriosas & bemauenturadas moradas que ja nunca terãõ fim. Os que andãõ no mudo andãõ no corro em perigo, mas o religioso estã sobre o firme palãque, como homẽ que da terra estã vendo a tempestade & naufragio do mar. Verdade he q̃ se acertãõ de quebrar as cordas do palanque, cae o que estãua nelle acolhido: assi se os votos se quebrãtem, dá o triste do monge de sauenturada queda. Mas em fim a religiãõ he o firme

Compara-
ção.

M palan

DA RELIGIAM.

palanque & o alto mōte Galaad. Verdade he que per mays que hū homem deyxer a cōuersaçāo do mūdo, & fuja a todo correr de Labā, não subirá ao cume do mōte Galaad, senão arder em fogo: quero dizer, que não alcançará a perfeição da religião, senão tiuer a perfeyta charidade. Fingirão os antigos escriptores hūa serpente chamada hydra de muytas cabeças, de tal natureza que cortandolhe hūa lhe nascião por ella muytas, & que nam auia outro remedio pera lhas tirar de todo senão que ymalas, porque o fogo lhas não deixauā crescer. E fingirão q̄ o famoso Hercules cō fogo a matara, pela qual causa elle mereceo perpetua memoria. Isto he o q̄ elles escreuerão: não pera nos cremos que isto realmente assi passara, senão pera q̄ nestas fições metessem sua doutrina embuçada em fabulas poëticas. O glorioso Basilio, a quem os antigos cō muyta razão chamaram Magno pola grandeza de sua alta sabedoria, singular

Basilio,

clo

eloquência, & grãde sanctidade, interpreta
 & moraliza altamente esta fição: Diz elle
 que as cabeças da terribel serpente sam
 os appetites & tentações, & que o fogo he
 o amor diuino, sem o qual, cortadas as ca-
 beças tornão logo a crescer, porque ficão
 de bayxo as rayzes, & donde ás vezes cui-
 damos que atalhamos a hũ appetite ou
 tentação, caymos em outras muitas. Pelo
 qual he necessario que ymalas de todo cõ
 o diuino fogo, pera que assi tiremos a vi-
 da a esta braua serpente da sensualidade,
 imiga de nossa alma. De maneyra que os
 religiosos ham de ser abraçados nas glo-
 riosas chamas do alto amor de Deos.
 Isto quis elle significar, quando manda-
 ua no Leuitico, que fossem, que yma- Leuit.
 dos no fogo os animaes, que lhe eram
 offerecidos em sacrificio. E os que estam
 inflammados nesta perfeyta charidade,
 alcançam o cume de Galaad, quero di-
 zer a perfeçam da religiam. E este mo-
 do escolhi eu de vida, pera alcançar a

DA RELIGIAM.

verdadeyra vida, porme parecer que se a-
talha peraqui mays, & que he este hum
caminho direyto pera os bees eternos, &
nelle viuo muyto contente. E prouuera a
Deos que tal fora minha vida, qual he a
doutrina, q̄ eu recebi na religião, na qual
sempre vi muyta virtude, vinte annos ha
que nella viuo: ainda que não sey se diga
que viuo, porque a vida dos que não dam
verdadeyro fim a seus males, nem verda-
deiro principio a seus bees, parece que se
deue chamar morte, que os taes muytas
vezes deyxam primeyro a vida, que co-
mecem de viuer.

CAPITULO V.

Da obediencia, & victoria de si mesmo,
& verdadeyra nobreza.



TENDO o religioso acabado
seu razoamento, cuydando
que não auia hi mais que di-
zer, disse o peregrino. Hū in-
coueniēte acho eu nas ordēs, & he q̄ auē-
do nellas homēs de bõa casta & nobre
sangue

fangue,acertão de ter por p̄lados homēs bayxos, & ás vezes não dos mays virtuosos. É parece que os homēs de lustro & de tomo merecerám pouco com o desgosto de serem mandados de quem merecia ser mandado delles. La na religiam nam me determino no que vay, mas cá crede padre que sentem os homēs altos serem gouernados dos bayxos, & quanto mays olham pera o alto de seu merecimento, tanto mays sentem o bayxo de sua desualia. Alto pensamento & bayxa venturam dous materiaes, que quando se ajuntam, fazem hũa beberagem, que estraga & apostema de tal maneyra a natureza, que muytas vezes senão arrebentasse pelos olhos, arrebentaria o coração. Isto se escusaria se os principes & capitães fizessem toque dos homēs, & quantos quilates cada hũ tiuesse de merecimento, tantos lhe dessem de galardão. Mas quando eu vejo maos fauorecidos & boos desestimados, & os que estão ouro & fio na culpa

DA RELIGIAM.

desfigoaes na pena, & q̃ a coufa se gouerna
 nã per razão mas per affeyção, perco mil
 vezes o sofrimento. E como os religiosos
 d'alta estofa, caso que sejam spirituaes, to-
 dauia sam humanos, parece q̃ terão pou-
 co merecimento com o desgosto de serui-
 rem, quem, se estiueraõ no mūdo, se pre-
 zara de os seruir. Antes esse, disse o reli-
 gioso, he muyto mōr merecimento. Que
 coufa pode ser mays gloriosa, q̃ catiuar
 hū homẽ sua propria vontade por amor
 do Christo, fazēdose subdito de quẽ fol-
 gara n'outro tempo de ser seu criado, &
 atar seu proprio querer de pés & mãos: E
 affi como Abrahã fez a seu proprio filho
 Isaac, polo ño altar da obediencia, pera
 fazer delle a Deos perpetuo sacrificio.
 Esta he a mays excellēte victoria, a mays
 alta presa, o mays illustre triumpho, & o
 mays glorioso tropheo, que se pode ima-
 ginar, vencer hū homẽ a si mesmo, & ca-
 tiuar se pa ser liure, porq̃ seruir a Ch̃õ nã
 he seruir senã reynar. Isto he o q̃ diz Sala-
 má

Genes. 22.

mã nos Prouerbios. O varã obediẽte cõ- Prouer. 21.
 tarã a victoria. E como diz S. Augustinho
 o homẽ nã se somete ao homẽ, por amor August.
 do homẽ senã por amor de Deos, & como
 o amor de Deos seja alto, & vêça todas as
 cousas, fica o bõ subdito alto & vencedor
 obedecendo a hũ bayxo & vencido, poys
 obedece a elle por obedecer a Deos. E he 1. Reg. 15.
Eccle. 4.
 tão acceyta a Deos esta obediencia, q̃ diz
 elle que a quer antes que sacrificios. Diz
 S. Gregorio que nã sem causa he preferi- Gregor.
 da a obediencia ao sacrificio, poys no sa-
 crificio se offerencia a Deos a carne alhea,
 & na obediencia sua vontade propria.
 Se Christo verdadeyro Deos obedeceo,
 porque nam obedeceremos nos? Delle Philip. 2
 diz sam Paulo aos Philippenses: Hamil-
 douse a si mesmo feyto obediente até a
 morte morte de Cruz. Palavras sam estas
 pera nos mouerem, & fazerem meter
 toda nossa presumpçam de bayxo dos
 pés. Mas sam os homês tam opiniati-
 cos & altiuos, que nam tem a lembrança

DA RELIGIAM.

destas cousas pera com elles tãta força, q̃
 a faça a sua fantesia, que elles dizem que
 os força. Obediencia, como a define Pe-
 raldo, he hũ voluntario & racional facti-
 ficio da propria vôtade. São Paulo escre-
 uendo aos Hebreos diz assi: Obedecey a
 vossos prelados, & someteiuos a elles. São
 Gregorio diz que a obediência não sómê-
 te he virtude, mas madre das virtudes. E
 nos moraes diz, que a obediencia he a q̃
 enxerta n' alma os garfos das outras virtu-
 des. E esta he a causa, porque os grandes re-
 ligiosos querẽ antes morrer que desobe-
 decer, & trazem sempre ante os olhos a
 obediencia de Christo nosso Salvador, do
 qual diz S. Paulo aos Hebreos. Sendo el-
 le filho de Deos aprendeo a obediencia
 das cousas, que padeceo. Isto he do Apo-
 stolo. A desobediencia de Adam lançou
 o homem do parayso, & a obediencia de
 Chão o meteo nelle. Em S. João diz Chri-
 sto: Desci do ceo, não pera q̃ faça minha
 vontade, mas a daquelle que me enuiuou.

E em

Peraldo.

Hebr. 13.

Gregor.

Hebr. 5.

Ioan. 6.

E em S. Matheus: Não afficomo eu que- Matth. 26.
 ro, mas afficomo vos quereys. Diz S. Ber- Bernardo.
 nardo que a razão, porq̃ Christo morreo
 com a cabeça inclinada, foy pera mostrar
 a obediencia, com que acceytaua a mor-
 te, que lhe dauão. porque antes quis per-
 der a vida, que hũ ponto da obediencia.
 E assi o religioso ha de estar aparelhado
 pera por em perigo a vida, antes q̃ come-
 ter hũ crime de desobediência. Olhemos
 logo pera nossa cabeça, ponhamos os o-
 lhos em Christo, contemplemos seus tor-
 mentos, & o sangue das suas chagas, & a-
 prẽdamos a obedecer até morrermos por
 quem morreo por nos. Aleuantemos ao
 monte Caluario os nossos olhos, & ver-
 lheemos os seus quebrados, & os seus ca-
 los, arrancandos, & a cabeça esburacada
 dos duros espinhos, & o seu belo rosto pi-
 fado & denigrado, & as suas mãos & pés
 atraueßados de duros pregos, & o peyto
 ferido da cruel lança, & elle lauado em
 sangue, feito nũa chaga, morto & espeda-
 çado

DA RELIGIAM.

gado na Cruz, naquella gloriosa escada de Jacob, que com hũa ponta estaua na terra, & com a outra tocava no ceo, & o abria & manifestaua. Alli estaua estendida aquella diuina arpa de Dauid. Alli estaua o bom Iesu feyto sacrificio por nos-
 sos peccados: alli acabou seu trabalho, & começou nosso descanso: alli a sua vida temporal fez fim, pera a dar aquem nola daua, quero dizer, que morreo na Cruz pera com sua morte, matar á morte que nos mataua. Olhemos logo pera a Cruz, & nella veremos a obediência no mays alto cume de sua perfeição: & aprendamos a obedecer por amor de Christo, que obedeceo ao padre até padecer morte, por nos dar vida. Couisa he muyto pera espantar, & como diz S. Ambrosio, muyto pa
 estranhar, q̃ obedecendo as outras criaturas, só o homẽ nã queyra obedecer, nẽ reconhecer superioridade. Tres sam as hierarchias dos Anjos, suprema, meã, & infima: & cada hũa tẽ tres ordeões. Donde se
 colhe

Ambros.

colhe q̄ antre elles ha hũa superioridade. Os ceos no seu mouimẽto obedecem ao primo mobili. Antre os elemẽtos hahi superioridade: o mais bayxo he a terra borta de todos elles, logo agoa, depoyso o ar. Per cima do qual estã o fogo mays alto & eminẽte, sem se nũca gastar, por estar cõseruado no seu pprio lugar, q̄ he o cõcauo do ceo da lũa. Os animaes tẽ por Rey ao lião, & as aues a aguea. Os alifantes seguem a hũa, os groues a hũa, as abelhas a hũa. Os carneyros & ouelhas obedecẽ ao pastor, & as vacas ao vaqueiro. Cada cousa obedece a seu superior. Somẽte o homẽ nã quer obedecer. Os brutos animaes seguem os q̄ os goardãõ, vãõ p onde sam guiados, pãscẽ onde os metẽ, & finalmẽte tem sua obediencia: & o homẽ racional a nã quer ter, sendo lhe mays necessaria: elle só he o q̄ sempre quer dominar, & nũca obedecer. Mas os verdadeyros religiosos gloriãse de ser bẽ obediẽtes, & nã se afrõntã de obedecer a outros mais baixos, nẽ tẽ
por

DA RELIGIAM.

por isso nenhũ descontẽtamento. Quã-
to mais que pola mayor parte sam prela-
dos os mays virtuosos, ou que sam mays
pera o serem. E ainda que algũs se jão de
obscura geração, todavia sam venerados
& acatados & obedecidos, não se olhãdo
pera o bayxo metal de que sam, mas pera
o que representão. Conta Herodoto no
segundo liuro de sua historia, que vindo
hũ homẽ plebeo chamado Amasis a ser
Rey do Egipto, começou a ser desprezado
& tido em pouço por ser de bayxa gera-
ção. E vendo elle isto, como era prudente,
mandou fazer hũa estatua à hũ ídolo,
a q̃ todo o Egipto adoraua, & tinha em
summa veneração. E esta estatua mādou
elle fazer d'hũa bacia, em que elle & seus
hospedes foyão lauar ospés: & depois mādou
chamar o pouo: & falãdolhe na esta-
tua que elles adorauã, disselle a materia,
de que ella era feyta: & que poys a elles
adorauão não atentando á bacia donde
ella fora feyta, senão por ser imagem de
seu

Herodoto

Amasis.

seu Deos, que assi não tiuessem conta cõ
 a bayxa geração, dõde elle procedia, mas
 que contrassem a imagem, que represen-
 taua. Teue tanta força esta comparação,
 que a placou os Egypticianos; que se co-
 meçauão contr' elle alcuantar. E não só-
 mente o pouo meu do, mas ainda os q̃ an-
 tre a geralidade tinhão mays credito &
 respeyto, lhe obedeceram. Da mesma
 maneyra os religiosos não tem olho pera
 a bacia, que noutro tẽpo seruia de lauarẽ
 os pés nella, senão pera o em q̃ se tornou.
 Quero dizer q̃ não hão d'attẽtar pera a
 bayxeza da geração do prelado, senão pa-
 o officio & dignidade, que tem. E ainda q̃
 hũ homẽ não seja nobre p̃ geração, basta
 selo per virtude: porq̃ ella he sabão, com q̃
 se tira a noda da bayxa casta. Da terra
 nasce o ouro, mas nẽ por isso he tido em
 pouco. A verdadeira nobreza consiste na
 virtude. Diz S. Ieronymo que aquelle he
 principal p̃ com Deos, que val não per
 nobreza de sangue, nẽ per dignidade do
 mundo

Compa-
 ração.

Hierony.

DA RELIGIAM.

Hierony.

Compa-
ração.

mundo, mas per deuação da fé & sancta
 vida. E escreuêdo a Celácia diz, q̃ a sum-
 ma nobreza a cerca de Deos he ser claro
 em virtudes. E está isto claro, porque que
 aproueyta se lo em sangue quẽ he obscu-
 ro na vida? A moeda val na terra, onde se
 faz: entrays n'outra terra, não a querẽ. Se
 dizeyz que he de grande valia, respondẽ
 que isso he na terra do senhorio, em q̃ se
 bateo, mas que nas outras não corre. O q̃
 me acontece cada dia nesta Italia, q̃ em
 cada cidade ha sua moeda diuersa, & a
 d'hũa não val na outra. Assi a nobreza he
 de muyto preço, mas naquelle que a fez,
 que bateo a moeda, pondo nella o escudo
 de suas armas & gloriosos feytos, obrãdo
 de maneyra q̃ se fez nobre, auenturando
 a vida por alcançar a fama, estimando a
 virtude ẽ muyto, & os interesses da vida
 em pouco, perpetuando seu nome com
 miraculosas façanhas asperas de come-
 ter & incertas d'acabar. Neste tal, que he
 hũa cidade de virtude firme & in expu
 ni. aucl

nhauel, val a moeda de sua nobreza, mas
 nos outros não val. Que aproueyta a hū
 homē dizer q̄ procede de fonte clara de
 virtudes, se he elle hū peçonhēto charco
 de vicios? Caso q̄ a fonte seja excellēte &
 perēnal, se agoa se encharca, & enche de
 limos, & sapos, porque terá o charco cujo
 a gloria da fonte limpa? O primeyro fi-
 lho de Iacob se chamou Ruben, & o ter-
 ceyro Leui. E como Ruben era o primo-
 genito, presumião os desta tribu de mór
 nobreza & fidalguia q̄ os da tribu de Le-
 ui. Donde veo pretenderē Datão & Abi-
 rão a prelazia & summo sacerdocio, por
 se terē por mais nobres, & serē da geração
 de Rubē. Mas Deos deu a prelazia a Arō Num. 17.
 da tribu de Leui, porque a sua vara flore-
 ceo milagrosamente, & deu frol & folhas
 & fructo diante do tabernaculo. De ma-
 neyra que as prelazias da ordem nam
 se ham de dar por via de fidalguia, mas
 de virtude, nam aquelles cuja vida he
 seca de merecimentos, mas aquelles que
 a têm

DA RELIGIAM.

a têm florida de doutrina & exemplo de
 boas obras. E porq̃ isto se pode fazer sem
 a nobreza de sangue, está claro q̃ a tal no-
 breza não he da essencia do prelado, nê os
 religiosos, q̃ a tē, se desprezão de obedecer
 aos q̃ a não tē: antes ella he mōr gloria sua
 & mōr merecimēto. Verdade he q̃ a no-
 breza da geração faz muyto ao caso nos
 prelados, & ornaos muyto, & resplande-
 ce em grande maneyra. E assicomo o bō
 pomareyro não busca pa enxertar senão
 garfos de bōa casta, assi os eleytores deuiã
 de eleger homens de nobre geração, & ter
 muyto respeito a isso, porq̃ elles pela mōr
 parte são como fino ouro, q̃ recebe em si
 o esmalte das virtudes melhor q̃ o ferru-
 gento cobre & bayxo latão. E p̃ experiē-
 cia vemos que pola mōr parte são mayz
 excellētes, & melhor inclinados, & de mais
 primor os prelados de bōa casta q̃ os bai-
 xos & plebeyos. E cō isto me parece q̃ te-
 nho respōdido a vossō incōueniēte & ob-
 jeyção, & declarado q̃ cousa he religiã, &
 donde

Compa-
 raçam

donde se derua, & qual he a fim pera que foy instituyda & ordenada, que sam as tres coufas, que vos perguntastes, & que desejaueys saber. Mas deyxado isto, poys vos dey nouas de mim, folgaria de as saber de vos, pera saber com quem falo. E atreuome a soltar estas palauras forjadas no amor, que vos tenho, polo que parece que tendes á virtude, porque o descontentamento, q̄ tenho de vos não conhecer, he tão sobejo, que me faz selo, em vos perguntar quẽ sois. Quẽ sou, respondeo o peregrino, seria grande detença pera mí, que he longo de contar, & grande dor pa vos, q̄ he coufa triste de ouir. Mas com tudo eu vos darey em poucas palauras conta d'algũas coufas minhas, q̄ de todas será imposssiuel, porq̄ como poderey eu dar cõta de males tão sem cõto? Agora quando aqui dey cõ vosco me vinha eu lamentando & queyxando de mí ante estes surdos aruoredos tão occupado & transportado nisto, que nem tinha

Nacor

DA RELIGIAM.

acordo pera lograr o contétamêto desta
 floresta, nê sentido pera arreccar os que
 me podiã ouuir. Cuydey em mĩ, & soltey
 os olhos ao choro desfazendo em lagry-
 mas o estrago de minha vida q̃ não tenho
 de virtude senão pesarme de a não ter.
 Acheyme nas ilhas Baleares, onde diz Ve-
 gecio q̃ se inuentou a funda, em Mayor-
 ca, quando agora á tres annos os Turcos
 a entrarão, & ahi me catiuarão com ou-
 tros muytos, tratandonos tão sem dó, q̃
 não auia quem de nos o não ouuesse se
 não elles. E quis Deos q̃ eu fosse catiuo,
 pera ficar liure, porque andaua eu catiuo
 do mundo, dependurado de suas falsas
 esperanças, pera fusando cõ o pensamê-
 to m̃ vaydades, & tão fora de mĩ, q̃ que-
 ria bem a meu mal. E depouys q̃ me vi ca-
 tiuo, torney sobre mim, & como o filho
 prodigo & desperdiçado, de q̃ fala o Euá-
 gelho, determiney tornarme a casa do
 misericordioso pay, que he Deos. E vi que
 aquelle catiueyro me fora dado per elle
 pera

Vegecio.

Luc. 15.

pera me tirar daquella terra, & atalhar os
 passos de meus desordenados desejos. E
 assi estando catiuo abri os olhos do entẽ-
 dimento, & com a luz, que me Deos deu,
 vi as treuas, em que andara, & a merce,
 que me Deos fizera. Cuydey os dias an-
 tiguos, em que eu dissipay os beês, que
 Deos me tinha dado, que eu entreguey
 a meu descuydo, pera que elle os tratasse,
 como quem elle & eu eramos. Consenti
 cegar meus olhos, & deyxey atras a con-
 sciencia, por ir adiante como o appetite.
 Mas depouys de tornado sobre mim, cho-
 rey minhas culpas, bati ás portas da diui-
 na clemencia, foy & socorrime ao porto
 da diuina misericordia, & achey consola-
 ção, & senti em minha alma grãdes mer-
 ces de Deos. Entã me lembrou aquillo, q̃
 conta Plutarcho de Themistocles o Gre-
 go, que vendo se lançado de sua terra,
 acollado de tribulações, foy ter a Per-
 sia, onde sendo acolhido, fauorecido, &
 honrado del Rey, muyto mays do que

Plutarcho
 Themis-
 tocles.

DA RELIGIAM.

o nunca fora em Grecia, disse aos companheyros, que com elle foram: Por certo irmãos perdidos fomos, se nos não perderamos. Agora pola misericordia de Deos saí de catiueyro, & vou fazer hũa romaria. Sã Maria, disse o religioso, ahi vos achastes nesse desbarate da Mayorca? Ahi me achey, respondeo o peregrino, ou por melhor dizer, ahi me perdi: mas permitio Deos que me perdesse, pera que me ganhasse. Agora faço esta romaria, não tão por me Deos tirar do catiueyro dos Turcos, como por me liurar do catiueyro dos peccados. Que ainda que agora faço muytos, todauia verme liure daquelles, he pera mim grande contentamento. Certo, disse o religioso, não vos posso declarar per palauras o contentamento, que tenho com as vossas, em me dizerdes que fazeys romaria por vos Deos ter tirado do catiueyro dos peccados. Porque agora neste tempo fazem os homẽs romarias vêdo se fora do catiuey-

ro dos mouros, mas vendose bem confessados fora do catiueyro do demonio nam fazem nada, auendo entam de fazer muyto mays. Essa, disse o peregrino he a verdade. Mas afficomo oshomês de poys de muyto velhos vem a tresualiar, assi o mundo parece que de velhice vem a não ter tino em seus desatinos. Praza a Deos que me faça tanta merce, que ainda me eu veja nesse habito, deyxado o mundo totalmente, & goze de vossa sancta amizade na religiam. Folgaria de saber, disse o religioso, de que terra sois de Portugal. Importa, respõdeo o peregrino, nam o dizer. Quanto mays que nam tenho nenhũa terra. Socrates dizem que dizia que o homẽ perfeyto todo o mundo auia de ter por sua terra propria: & eu digo que o auia de ter por alhea: porque a terra nam he nossa terra, mas nosso desterro. E porque o feruor da calma he acabado, ergamonos, & caminhemos, que temos muyto que andar. E iremos ao

DA RELIGIAM.

longo destas sombrias & deleytosas aruores, que como vedes, toda esta Lombardia he quasi hũa floresta de muytas ribeyras & aruoredos. Ergamos, disse o religioso, & caminhemos com o animo pera a celestial cidade de Ierusalem nossa verdadeira patria, que aqui, como diz sam Paulo, nam temos cidade que permaneça, mas buscamos a que ha de ser, que he nos ceos. E de cada terra aleuantemos a ella os olhos saudandoa com piedosas lagrymas, & penetratiuos suspiros, pera que acabada a jornada desta vida per graça, entremos nella, que he a gloria, a qual Deos pela sua misericordia nos quey-
ra conceder.

Amen.

Fim do dialogo da religião.

DIA

DIALOGO
 DA IVSTIÇA: INTERLOCVTO.

res hũ Doutor Theologo, hum Ma-
 thematicho, hum Iurista, &
 hum Cidadão.

CAPITVLO I.

¶ Da perda do tempo, & da defi-
 niçam da justiça.

ACHANDOSE HVM
 dia quatro amigos prati-
 cando, hũ delles Doutor
 em theologia, outro Phi-
 losopho Mathematico,
 & hũ estudãte em leys,
 & hũ Cidadão, disse o Theologo, em cuja
 casa elles estauão. Eu sempre tiue pera
 mim, & tenho inda agora, que hũa das
 grandes perdas, que ha no mundo, he a
 do tempo: porq̃ he elle precioso muyto,
 & val a peso d'ouro, & perdido não se po-
 de mays cobrar. E por isso o pintarão os

N iij anti

DA IVSTIÇA.

antiguos caluo na traseyra parte da cabeça, significando nisto que depoyz que se nos passa, não achamos em q̄ lhe pegar pera o determos. Por isso diz S. Paulo na Epistola aos Galatas: Em quanto temos tēpo, gastemolo em boas obras. Faz nos o Apostolo esta lembrança, pera que cõ ella, & cõ a termos de nossas obrigações, não percamos o tempo. E perde se elle, quando se gasta em vicios, & em cousas vaãs, q̄ a ociosidade descobre aos homēs enfadados, que de não terem que fazer andão traçando na fantasia mil castellos de vento, tão esquecidos de si, que na cêdo pera verdadeyro trabalho, não buscã senão falso descanso. Donde vem a não fazerem cousa, com que deyxē de sime-moria. Assim como he necessario fundir no fogo o metal, pa se delle fazer hũa imagem & estatua, que depoyz fique & permaneça, assi he necessario fundir nossas vidas no fogo dos trabalhos & boõs exercicios, pera dahi sayr hũa imagem de boa fama

Galat. 6.

Compa-
ração.

fama dirigida à hõra & seruiço de Deos, a qual depois de nossa morte dé testemunho de nossa vida. Euripides diz que o trabalho he pay da bõa fama, & Hermio-
 nio afirma que do trabalho & experiencia aprendeo a sciencia. Lede o ij. capitulo do Genesis, & achareys estas palauras: Pos o Senhor Deos o homẽ no parayso da deleytaçãõ, pera q̃ obrasse, & o goardasse. Diz S. Ioão Chrysofotomo na Homilia xiiij. sobre o Genesis declarãdo este lugar, que a razão porque Deos quis, que Adam no parayso terreal obrasse, & não estiuesse ocioso, he porque a ociosidade he mestra de toda a malicia. São Ieronymo em hũa Epistola diz q̃ auemos sempre de trabalhar, pera que o diabo nos não ache ociosos. Sancto Augustinho no primeiro liuro de Ciuitate Dei, tem q̃ foy pior a Roma destruyr Carthago, porque a seguridade, q̃ lhe ficou, pario a ociosidade q̃ foy causa de sua p̃diçãõ. São Bernardo chama á ociosidade sentina & bõba,

N v onde

DA IVSTIÇA.

Seneca. ¶

onde todos os males se ajuntão, & n'outra parte madrasta das virtudes. E a sentença de Seneca he, q̄ a ociosidade he morte & sepultura do homẽ viuo. Dõde se colhe q̄ os homẽs ociosos sam ãmigos de si mesmos, poys deyxada a diligencia dos boõs trabalhos, q̄ he hũa mina de beẽs, se dão à ociosidade, que he hũ abyfmo de males. E o q̄ pior he, que não cuidão que ganhão o tempo, senão quando o perdem: & elles não ganhão cõ esta perda senão sua perdição. E auẽdo de buscar tempo pera passar cousas, buscão cousas pera passar tempo. E em fim elles não o passam, mas elle passa per elles. Pera que he mays, senão q̄ Heraclides Licio fez hũ liuro do slououres do trabalho, como o refere Rauifio Textor no segũdo proẽmio da sua Officina. He tão fundado, disse o jurista, esse juyzo, que sem elle serã, quem lhe cõtrariar. E dahi vem, q̄ quasi todos os homẽs de ingenho se queyxão da perda do tempo como de cousa preciosissima. He verdade

Heraclid
Rauifio.

dade

dade, disse o Theologo, mas deuiãse queixar de si, quando se disse quisessem quey-xar: porq̃ eu vejo os chorar porque perdem o tempo, & calar a culpa, porq̃ o perdem. E pera nos nós aproueitarmos d'elle, & não cayrmos na culpa dessa perda, ja q̃ aqui estamos jutos, pratiquemos n'algũa coufa de doutrina, & tractemos algũa bõa questão. Isso, disse o mathematico, serã muyto bom, porq̃ senão possa dizer por nos o que diz Platão, que os amigos Platão. sam ladrões do tempo. E nã podem elles fazernos mór dãno, q̃ roubarnos o tempo de nossa vida, sendo tão breue & irreparauel. Não sey, disse o jurista, como se pode chamar breue o tempo da vida, poys o tempo de dez annos se chama longo, como tem communmente os nossos doutores, segũdo Bartolo na ley primeyra. ff. Bartolo. de supficiebus. E a vida dura muito mais. Não he inconueniente, respõdeo o mathematico, chamar-se hũa mesma coufa lōga & breue segũdo diuersos respeytos:

hũ

DA IVSTIÇA.

Aristot. hū mōte podese chamar alto em respeyto d'outro bayxo, & bayxo em respeyto d'outro alto, como affirma Aristoteles nos predicamentos: assi o tempo de dez annos he longo cotejado cō hū mes, mas

Seneca. em comparação da eternidade diz Seneca escreuendo a Lucillo, que he tão breue, que se compara a hū ponto, & menos

Plutarcho. inda. E delle parece q̃o tomou Plutarcho no liuro que fez do ensino & criaçã dos mininos, onde escreue a mesma sentença. Eu, disse o cidadão, não sey nada de disputas, mas folgarey muyto de as ouuir, principalmente se forem da justiça & governança da republica, pera dahi me ficar algũa cousa, de que me possa nalgũ tempo aproueytar. Poys o senhor doutor Theologo, disse o Mathematico, começou a falar do tempo, será bom disputarmos se o hahi, & que cousa he. Por que o tempo não tem senão duas partes, passado & futuro, que o instante, como dizem os philosophos, não he tempo,

mas

mas hū ponto, onde se as suas partes ajū-
tão, ca segūdo sentença de todos os Ma-
thematicos o instāte se ha com o tempo,
da maneyra que se ha o ponto com a li-
nha, porque tão indiuisiuel he hū como o
outro, & poyso ponto não he linha, logo
nem o instante he tempo. Assi que poyso
o tempo não tem mays que duas partes,
passado & futuro, & o passado ja se aca-
bou, & o vindouro está por vir, parece q̄
o não hahi, poyso das quantidades somen-
teaquellas se dizem ter existencia, cujas
partes tē ser em sua realidade. Nessa pri-
meyra questāo, disse o jurista, não tenho
eu nenhūa duuida, porque pois nos esta-
mos em tempo, & o temos pera nelle pra-
ticarmos, claro he q̄ o hahi. Quanto mais
que vos pera prouardes q̄ não hahi tem-
po, mostrays q̄ o hahi, poyso dizeys q̄ tem
elle duas partes juntas a hū ponto & não
se podem chamar partes, senão em res-
peyto do todo. E pera os argumentos não
faltarám repostas: Não me pesaria prati-
carmos

DA IVSTIÇA

carmos nesta materia, se cá os senhores
 nisso consentirem. Consentirám, disse o
 mathematico, porque a amizade consiste
 principalmente no consentimento das
 vontades, como diz Platão, de quem o to-
 mou Cicero na sua amicicia. E como to-
 dos sejam amigos, quererão elles o que
 nos quizermos. Eu, disse o Cidadão, quero
 o que vos quereys, mas queria que quisel-
 feys vos o que eu quero. He tão longa, dis-
 se o Theologo, esta materia do tempo, q̃
 elle nolo não dará pera lhe darmos fim.
 E os mesmos philosophos parece q̃ a tra-
 tação a fim, de nunca lha darem. Effoutra
 materia de justiça he proueitosa, & pare-
 ce justiça tratarmos della. Poys assi he, dis-
 se o mathematico pera o Theologo, vos
 senhor aueis de tomar antre as mãos a ma-
 teria, trazêdo pera isso não sôm ête pon-
 tos de theologia, mas tambem sentenças
 de philosophos & historias antiguas, que
 sey que fostes dado a lélas: & ainda ago-
 ra depois que vos achays cansado do gra-

Platão.

Cicero.

ue estudo da sancta theologia, folgays de
 tomar na mão hū liuro de humanidade.
 Isto he o que digo, se parecer bem a estes
 senhores. Eu disse o Cidadão, leuarey nif-
 so muyto gosto, & folgo de ser essa vossa
 vontade, porque a minha nam era outra.
 E eu, disse o jurista, tambem com isso fol-
 garey. Este carregoy, disse o theologo pera
 o jurista, era vossio, cuja faculdade he in-
 terpretar o direyto, & tratar da justiça.
 Mas farey o que todos me mandays,
 querendo antes nisto errar obedecendo,
 que acertar sendo desobediente. E ainda
 que tomar este cargo seja contra minha
 vontade, com tudo faço por cumprir cõ
 a vossa, & com a que tenho de vos servir.
 Justiça tomase algũas vezes pola virtude
 em commum. E esta virtude compre-
 hende em si todas as outras. Dondo
 diz Gregorio Nazanzeno no seu pri-^{Nazanzeno.}
 meyro liuro da Theologia que a virtu-
 de he hũa, ainda que se diuida em muy-
 tas. Isto he o que diz sam Ieronymo Hiero.^{37.}
 escreue

DA IVSTIÇA.

- Hierony.** escreuendo a Demetriade, que todas as
 especies de virtude se contem no nome
 de justiça. Desta justiça se entēde aquilo
 que diz Christo nosso Redptor em S.
- Math. 6.** Matheus. Atentay não façays vossa justi-
 ça diante dos homēs pera serdes vistos
 delles. Quernos Deos assegurat nossas
 mercadorias: & pera isto nos diz que as
 assellemos com o sello da tenção posta
 nelle, & não na gloria do mundo, pera q̃
 as não percamos. E põe logo exemplo da
 esmola & oração. Dōde se colhe que dar
 esmolas & orar sam actos de justiça, & al-
 si todas as outras bõas obras. Toma se tã-
 bem justiça pola justificação, quando pe-
 la diuina misericordia hũ homē de impio
 peccador he feyto justo. E desta maneyra
- Roma. 3.** se entende o que diz S. Paulo aos Roma-
 nos: Agora sem a ley a justiça de Deos he
 manifestada. E aos Galatas: Se fora dada
 ley, q̃ pudera viuificar, verdadeyramēto
 da ley fora a justiça. Mas o nosso intento
 he deyxadas estas & outras significações,
 falar

falar da justiça, em quãto he virtude moral, hũa das quatro, a que commumente chamamos cardeaes. D'essa, disse o jurista tratamos: a qual os nossos jureconsultos dizem que he hũa vontade constante & perpetua de dar seu direyto a cada hum. Desta maneira a define Vlpiano. ff. de Iustitia & iure. E Iustiniano na statuta q̃ eu tenho pera mim que he a nata do direito Ciuil, sem embargo, que cuydão muitos, que não he ella mays que hũa instrução pera elle. Essa definição, disse o theologo, entendida afficomo jaz, não he boa. Como não? Disse o jurista. Eu volo direy, respondeo o theologo. Toda a virtude moral he habito d'alma, ao qual Aristoteles no segúdo das Ethicas chama habito electiuo: & nenhũa potencia he habito d'alma, logo nenhũa potencia he virtude moral. E a vontade he potencia. logo não he virtude moral. E poys nenhũa vôtade he virtude moral, & a justiça he virtude moral, bẽ se cõclue q̃ a justiça não he vôtade.

O E poys

Vlpiano.

Aristot.

DA IVSTIÇA

E pois vos confessais que ella he virtude,
 he necessario q̄ confesseis que nã he vōta
 de. Se a justiça fosse vontade, como a vō-
 tade he potencia, a justiça seria potencia,
 & sendo potencia nam seria habito, & nã
 sendo habito nam seria vertude. Donde
 claramēte se infere q̄ sendo vontade não
 seria vertude. E ella he virtude, logo nam
 he vontade. Donde fica falso o que dizē
 os vossos jure consultos q̄ a justiça he vō-
 tade, se entendē essa definiçam, as si como
 parece que soa. Antes, disse o jurista, nam
 seria vertude se nã fosse de vontade. Hũa
 cousa he, tornou o theologo, ser vontade
 outra he ser de vōtade. A vertude he de vō-
 tade, mas não he vōtade. As si como o pec-
 cado actual ha de ser volūtario, como diz
 Augustin. santo Augustinho, que doutra maneira
 não he peccado, as si na vertude, pera ser
 vertude o entendimento ha de fazer o al-
 uara, & a vontade o ha de assinar. Parc-
 ceme amim, disse o mathematico pera
 o jurista, que tem o senhor doutor a sua
sobre

sobre o fito. Pois Amim, disse o jurista não
 me pode quadrar negar assi hũa definiçã
 dos jureconsultos, admitida de todos os
 doutores, & que está por ley recebida em
 todo o mûdo. Nam sey, disse o cidadão,
 que isto he, que como ouço allegar leys ci
 uis, parece que lhe tenho hũa maneira de
 fastio, ou nam sey se lhe chame auorreci
 mēto, como a couisa de brigas & cõtendas
 Porque assi como na casa, onde hahi pur
 gas & couisas de botica, nam ha saude, assi
 no pouo, onde se alegam muytas leys, nã
 hahi paz. Antes, disse o jurista, assi como
 as purgas sam mezinhas pera as enfermi
 dades, assi as leys sam mezinhas pa euitar
 contendas & decidir questões. E a sciēcia
 delas he muy necessaria, como filosofia
 moral, q̃ ella he muyto excelente. E dado
 que aja no seu vso algũs abusos, isso nam
 he vicio das leys, mas de quem vsa mal
 dellas, que ellas sam boas, & feytas co n
 grande prudencia & cōsiraçam. E por
 isto digo eu que esta definiçam, poys

Compa
 raçam.

O ij h:

DA IVSTIÇA.

he ley, não he bem que se negue, porq̃ te-
 mos nos hũa ley que diz que a ley não se
 ha de negar, porque negãdo vosa ley ne-
 gays a justiça, & negando a justiça negais
 todos os beês. Em tanto que sendo a ap-
 pellação hũa cousa natural, cõ tudo não
 se pode appellar da sentença & pena dada
 pela ley, como diz o texto na ley Si qua
 pœna. ff. de verborum significatione: ma-
 ximamente quando consta da tenção &
 razão da ley: porque assicomo no homẽ a
 alma ha de dominar sobre o corpo, assi na
 ley a razão ha de dominar sobre as pala-
 uras. Texto he na ley Nõ dubium, C. de
 legibus. Isto he o que diz Bartolo na ley
 Cum mulier. ff. Solutio matrimonio, que
 a razão da ley & a mente della mesma he
 o mesmo. Epoys nesta definição não sô-
 mente as palauras sam claras, mas ainda
 está manifesta sua razão, parece que não
 ha nenhũa pera a negar. Eu, disse o theo-
 logo, sou com vosco como Theodoro A-
 theu com seus oupintes, e he soia a dizer
 como

Bartolo.

Theodoro

como refere Plutarcho, quando via quã ^{Plutarcho} pouco se aproueytauão delle, q̃ lhe daua a doutrina & palauras com a mão direyta, & elles que astomauão cõ a ezquerda torcêdolhe a têçã. E cõ quãto queria trabalhar com razões po'os trazer á razão estauão elles tão fora della, que lha nã podia persuadir. Verdade he que o estar fora da razão senão pode entender em vos, mas ao menos tomays cõ tenção ezquerda, o que eu digo com direyta. Eu nã nego a ley, mas interpretoa. Entẽdida bem essa definição nã quer dizer que a justiça he vontade, mas que he hũ habito, com que a vontade estã constante & perpetuamẽte determinada de dar o seu acada hũ em seu tempo. E Aristoteles no v. ^{Aristot.} das Ethicas affirma que a justiça he habito, a quem seguem todos os philosophos. E sancto Augustinho no liuro das oytenta & tres questões diz assi. ^{August.} Iusticia he hum habito do animo, que dá a cada hũ sua dignidade conseruada a vtilidade commũ,

DA JUSTIÇA.

cujo principio he nacido da natureza. A quem seguem todos os theologos. E digo que se ha de dar a cada hũ o seu em seu tẽpo, porque se tiuerdes ẽ deposito armas offẽsiuas de hũ vosso amigo, & o vires virtuososo a pediruolas, pera com ellas satisfazer a sua ira & deprauada indignaçam, nam lhas deueis de dar porq̃ em tal tẽpo he injusto dar o seu a cujo he. Esta razam moueo a Socrates a reprehender a Simonides, que definido justo dizia, que era dar a cada hũ o que lhe era devido sem acrescẽtar mais, como refere Platão no primeiro dialogo da republica. Porque ha hi tẽpo, em que se lhe não ha de dar, & dando-se he contra as justas leys, ás quaes he injusto desobedecer. Porque como ẽ outro lugar diz o mesmo Platão: justiça he hum habito que obedece ás justas leys, & dá a cada hum o que merece. Esta he a mays excelente das virtudes moraes, a qual hum dos sabios antiquos, que os gentios tinhão antre seus thesouros, pintou a

par

Socrats.

Simonid.

Platão.

Platão

par de Iupiter, significando que nem os
 mesmos seus deoses podiam bem gouer-
 nar sem justiça, quanto mays os homens.
 Estáo enfermo o bom Rey David, sen- ^{3. Reg. 2}
 tindo que se hia ja apagando & cõsumin-
 do o pauio de sua vida, chamou seu filho
 Salamão, é cuja mão deyxaua o leme do
 reyno, & encomendoulhe a iustiça, dizê-
 dolhe que fauorecesse os bõs & castigasse
 os maos. No liuro da Sapiência o frõtilpi ^{Sapien. 2}
 cio, & a primeyra coufa, q̄ se offerece aos
 olhos, he esta sentença. Amay a iustiça
 os q̄ iulgais a terra. E o Psalmista diz: Sa- ^{Psalm. 4.}
 crificay sacrificio de iustiça, & esperay em
 o Senhor Dãdo a entender q̄ a iustiça he
 sacrificio, que os principes fazê, quando
 a fazê. E o Ecclesiastico: Até a morte pe ^{Ecclesi 4.}
 leia pola iustiça. E S. Paulo na primeyra ^{3. Timoth.}
 a Timotheo: Homẽ de Deos sigue a iusti-
 ça. Pera que he mais se não que Christo
 nosso Deos a cinco capitulos de S. Ma- ^{Mathe, 5.}
 teus: diz Bẽ auenturados sam os q̄ ham fo-
 me & sede da iustiça. E logo mays abaixo

DA JUSTIÇA.

Bemaventurados sam os que padecẽ por
 fazerẽ justiça. São Gregorio nos moraes
 diz que a justiça he paz do pouo, firmeza
 da patria, liberdade da gente, temperança
 do ár, serenidade do mar, fertilidade da
 terra. São João Chrysoftomo diz q̃
 a justiça he rayz da vida. Sãcto Ifidoro af-
 firma que he a ordem & igoaldade, com
 que o homẽ se ordena bem em todas as
 coufas. Sanãto Ambrosio declara que ella
 he a que dá o merecimento conforme ao
 premio, & a pena a dequada á culpa, & q̃
 não estima seu proprio, pueito, mas goar-
 da a igoaldade commũ. Donde veo a di-
 zer sanãto Anthonino que a justiça he a
 quella virtude, que igoala hũa coufa com
 a outra. Donde vem q̃ quando duas cou-
 fas vem igoaes, dizemos que vem justas.
 E onde ha esta justiça ha hi paz, porq̃ não
 tem ninguem razão de se agrauar. E isto
 he o q̃ dizia o Psalmista falando do prin-
 cipe dado per Deos: Nascerà em seus dias
 justiça & abundancia de paz. E noutro
 Psalmo

Gregor.

Chrysoft.

Ifidoro.

Ambrosio.

Anthoni.

Psal. 71.

Pſalmo: A justiça & a paz ſe beyjarão. Pſal. 84.
 Felice a republica governada per justiça, &
 infelice a governada ſem ella. Ainda que
 a verdade, como elegantemēte proua S.
 Auguſtinho no liuro xix. de ciuitate Dei, Aug. 1ſt.
 não ſe pode chamar republica, a em que
 não ha justiça. A corrupção que tem hũ
 corpo ſem alma, tem o pouo ſem justiça,
 porque faltando ella alleuãtaſe a diſſen-
 ção, & cae per ſi a concordia, falta a libe-
 ralidade, & cresce a cubiça, viue a treyçã,
 & he ſepultada a lealdade, enſenhorea-
 ſe a força, & he abatida a paz, he atreuida
 a mintira, & anda acouardada a verda-
 de, anda ſolto o appetite, & jaz preſa em
 ferros a razão, preualeſcem os maos, ſam
 opprimidos os boos, & finalmente en-
 trão de tropel os vicios, & ſam deſtruidas
 as virtudes. Porque aſſi como a justiça a
 he triaga contra a peçonha dos vicios,
 aſſi a inijuſtiça he cutelo das virtudes.

DA IVSTIÇA.

CAPITVLO II.

¶ Dopremio & castigo, & de qual delles se ha o príncipe may de prezar.



Cabando o theologo estas palautas disse o cidadão as q se seguem. Pois tēdes declarado que cousa he iustiça, & quam necessaria no mundo folgaria q explicasseis o em que príncipalmente consiste. A iustiça, disse o theologo, consiste principalmēte em galardoar bōs, & castigar maos. Esta he toda a armonia da boa governança. Así como a defestima dos beōs dá oufadia aos maos, así o fauor, que se daa aos maos quebra o coração aos bōs. Donde veo a dizer Democrito o philosopho que duas cousas governauam o mundo, premio & pena. Isto quis significar el Rey Ciro, quādo disse que a obediencia das leys consistia, em os que mandam louuarē & honrarem aos obedientes, & castigarem & reprehenderē aos desobediētes. Así o cōta na

Pedia

Democri.

Pedia Xenofontes, aquelle per cuja voz diz Cicero, que falauã as Musas, & a quẽ Volaterano chama Musa Attica, pola su auidade de sua eloquẽcia: & profundeza de sua philosophia. Ambas estas duas partes premio & pena ha de ter, quem toma na mão o leme da repubrica, pa dar bõa conta da nao, & chegar com ella a porto de saluação. Porque assi como hũ corpo humano nam pode ser perfeyto sem ter dous braços, assi nem oque gouerna, sem fauorecer bõs, & castigar maos. De qual desses, disse o cidadão, se ha mais de prezear quẽ gouerna? Responderu o sey, disse o theologo, cõ aquillo q̃ respondeo o Emperador Tito a hũ seu amigo, q̃ lhe propos essa questão. Dizia elle q̃ fazer merces era o braço dereito, & punir culpas o ezquerdo. E assi como mais nos seruimos & prezamos do dereyto, q̃ do ezq̃rdo, assi he cousa mais gliosa fauorecer virtudes, q̃ castigar vicios, porq̃ na primeira resplã dece o amor, na segũda o temor. E he isto
cõfor-

Xenofon.
Cicero.
Volatera;

DA IVSTIÇA.

August.
 conforme ao que diz S. Augustinho que
 o que governa ha mays de desejar de ser
 amado que timido. O principe he a cabe
Plutarcho.
 ça, & o pouo o corpo, & como diz Plutar
 cho, o pescoço que ajunto o corpo com
 a cabeça, he o amor, que vne & lia o po
Compa-
raçam.
 uo com o principe. E assicomo nã auêdo
 pescoço, q̄ ajúte o corpo cõ a cabeça, nẽ
 o corpo nẽa cabeça terá vida, assi nã auẽ
 do amor antre o pouo & o principe nẽ
 d'hũa parte nẽ da outra, será destruyda
 a repubrica. Muyto boas, disse o cidadão,
 me parecerã assi a repostado Tito como a
 comparação de Plutaacho, Foy muito ter
 o Emperador Vespasiano dous filhos Ti
 to & Domiciano tão differentes, que do
 Tito não se contão coufas muyto boas,
Genes. 25.
Malach. 1.
 & do Domiciano senão muyto mas. Não
 he, disse o theologo, pera espantar disso,
 porq̄ Isaac teue dous filhos Iacob & Esau
 & diz a escriptura diuina, q̄ amou Deos
 a Iacob, & teue odio a Esau. Cada dia se
 acontece d'hũ mesmo pay, procederem
dous

dous filhos, hū virtuoso, outro deprauado. Cōparo eu isto, disse o cidadão a me- Compara-
raçam.
loeyro, no qual d'hūa mesma pevide nascem dous melões, hū em extremo bom, outro é extremo mau. Isso he, disse o mathematico, como os dous ribeyros de Sicilia, de que fala Vitruuio no sen viij. liuro que procedêdo ambos d'hūa mesma fonte, hū he doce, outro salgado. Assi de Vespasiano forão gerados dous filhos, dos quaes o Domiciano nunca disse couza, que bõa fosse, & o Tico disse muytas muyto notaueys, hūa das quaes he essa q̄ referis, que certo me quadra muyto. Pois amī, disse o jurista, não me satisfaz, porq̄ claro está, que o pouo não se moue tanto pera se tirar dos vicios: & dar ás virtudes, quando ve o principe fazer merces por algū assuado feruiço, como quando o ve castigar grauemente algum teo excessõ. Assi como o temeroso rayo do fogo, q̄ cae Compara-
raçam.
em hūa parte, mata a so hū, mas espanta a muytos, assi hū brauo castigo cae sobre hū,

DA IVSTIÇA.

hũ,mas faz temer a todos.Não me parece mal, disse o theologo, esta comparação, mas nam cõclue o que quereis. Bem que proua ser necessario o temor,nẽ eu o nego:mas nam se infere dahi,q̃ he mais exel lẽte que o amor,nem q̃ he falso o que nos diziamos,q̃ mais se ha o principe de prezar de fauore ser bens,q̃ de castigar males.

Antes diz Aristoteles nas Ethicas,q̃ o Rey se ha dauercõ os subditos,como o bõ pastor com as ouelhas.E nas Politicas diz,q̃ ha de distribuir as hõrras per si,& os castigos per outros. Eel rey Agesilao diz, como refere Plutarcho q̃ o bom principe ha de ser com os vassallos,como pay com filhos.E eu digo que não como qualquer pay,mas como pay benignissimo & amorosissimo,em tanto que antes pareça q̃ os vassallos se sustentam do amor & fauor de seu principe,que o principe do trabalho & fazenda de seus vassallos.Claro está que se o principe não fauorecesse as vertudes,que aueria poucos que as fizesem,
ainda

Aristot.

Agésilao.
Plutarco.

ainda que castigasse vicios. Mais se moue os homens com amor que com temor, & mais se animã a coufas grandes, & se abalifam na excelente virtude com esperança de futuro premio, que com medo do castigo. Nam hahi que debater senam que o amor & benignidade do principe catiua os corações dos homens, & de tal maneyra os moue ao seruirem, que nam desejam de lhe saber avontade, senam pera lha fazerem. E com este amor, que tem a seu Rey, polo q̄ elle lhe tem a elles, se prezam de fer seus, & se excitam & aueturã a coufas grandes & duuidosas. E não somente aos seus, mas ainda aos estranhos os principes catiuam com amor & benignidade. Isto he o que diz Tito Liuius, q̄ ma- Tito Liuius ys augmētou Roma seu imperio cō clemencia, q̄ com vitorias. Donde vieram os antigos Romanos a singularizar se antre as outras nações, & fazer aq̄llas espãtofas estranhezas & feitos e armas, de q̄ estã che as as historias, senão de adarẽ inflãmados

no

DA IVSTIÇA.

no amor da perpetua memoria, que elles
 tinhão polo mays excellente de todos os
 premios Hũa estatua, que o Senado pu-
 nha a hũ capitão, & o fauor que lhe nisto
 fazia, em querer que hũa imagem de pe-
 dra ficasse em memoria dos notauēys ser-
 uiços, que tinha feito á republica, excita-
 ua outros a morrer por ella. E os nossos
 Portuguezes ainda que principalmente
 se mouão por amor de Christo, todavia
 muytos os excita a benignidade de seu
 rey, & as merces, que lhe faz. Donde vem
 terem feytas em nossos tempos em Africa
 & em Asia façanhas tão excellentes &
 pasmosas, que as Gregas são cantadas de
 Homero & Thucydides, & as Latinas tão
 celebradas de Lucano & Tito Liuiio, fi-
 quam em sua comparação hũ pequeno
 outeyro apar do alto monte Olimpo. Ca-
 dizem elles, & dizem bem, que conuem
 comprar a fama longa a troco da vida
 curta.

CAP.

Da clemencia & crueldade dos principes,
& qual destas lhe quadra mays.



Or essa razã, disse o cidadão
me parece a mim, que cõuẽ
mais ao principe a clemẽcia
que a crueldade, & que se co-
lhe bem, que todo o que go-
uerna, & tem mando & dominio na re-
publica, se ha mais de prezar de piedoso
que de cruel. Nisso, disse o theologo, nam
tenho eu nenhũ debate. Verdade he que
o principe ha de seguir a justiça direita
& igoal: mas tendo isenção no afficio ha
de ter humanidade na execução delle, &
estando acoufa em duuida ha se de incli-
nar á parte da clemencia, & prazerse de
piedoso. Se nam vedeo em Nero & Iulio
Cesar, qual delles foy mais amado, & ma-
is famoso, & em q̃ tẽpo se fizeram motes
coufas, & mais dignas de louuar. Era Ne- Nero.
ro tam ctuel, que era sua vida nam a dar
aninguem, em tanto q̃ matou sua propia
may, & pos o fogo a Roma, p̃ era se delei-
tar

CAPITVLO III.

tarem a ver arder & destruir. Chorando todos cō muita lastima assi mininos como velhos, arrebetando sua dor em gritos de tanta magoa, que era pera todo o mundo ater delles, sō elle a não tinha: antes estaua olhando da alta torre Tarpea recreandose em ver abraçar aq̄lles nobres & antigos edificios, & ē ouir os tristes clamores começados pela dor & rotos pelo pranto, com que a miseravel & descōsolada gente representaua sua defauētura & sentimento. E assi não fez couza, q̄ boa fosse, antes lhe socedeo tudo tão mal, q̄ de atribulado & desesperado fugio de Roma, & em saindo dos muros apar da porta flaminia, que se agora chama do Populo, se matou com suas proprias mãos. Entã descansarão os Romanos quãdo viram a desestrada fim de quẽ a queria dar a suas vidas. Verdade he q̄ no principio de seu imperio deu elle boas mostras de si, por q̄ duraua inda nelle o mouimẽto da doutrina de seu mestre Seneca. Assi como

hũa

hũa roda mouida cõ grãde ípeto, per grã-
 de espaço depois in da q̃ cesse o mouedor
 ella per si se moue ẽ virtude da q̃lle ípeto,
 q̃ lhe pos o braço, até q̃ pouco a pouco se
 vay acabãdo o mouimẽto, Assi Nero em
 sua mocidade foy mouido cõ a doutrina
 de seu mestre Seneca excellẽte philoso-
 pho, & ainda q̃ como começou a imperar
 cessou a doutrina, todauia per algũ tẽpo
 elle mesmo como p̃ si, se mouia a clemẽ-
 cia, por a q̃lle ípeto de seu mestre: até q̃
 pouco a pouco se foy desfazẽdo a q̃lle bõ
 mouimẽto, o qual acabado começou a q̃l-
 la espãtosa crueldade, & dominou a q̃lla
 fera & diabolica impiedade, da qual estã
 cheos os liuros. E pelo cõtraíro Cesar foy Cesar.
 tã humano, q̃ a seus propios ímigos nã so-
 mente perdoou, mas honrou. Deu a vida
 a quẽ lha queria tirar, fez honra a quẽ lha
 queria fazer perder. E trazendolhe a p̃sen-
 tada a cabeça de seu ímigo Põpeo não a
 quis ver, antes lhe pesou tãto de o mata-
 rẽ, q̃ de dor & piedade lhe arrebenrarão

DA IVSTIÇA.

Plutarch.

as lagrimas dos olhos, como cōta Plutarcho na vida de Pōpeo. Verdade he que perseguiu elle injustamente a Pompeo, & por isso pmitio Deos q̄ morresse de vinte & tres punhaladas no senado, & caio ao pé dhũa colūna, onde estaua a estatua de Pompeo, que parecia q̄ o estaua alli pisando cō os pés, & vingando se dos males que lhe fizera. Certo disse o cidadão, esta foy hũa cousa notauel, vir a morrer aos pés, de quem por sua causa fora morto. Assim disse o theologo, o cōta Plutarcho

Plutarch.

Vedes a quem que se tornou a potencia de Cesar, ganhou quem o fez perder: ganhou o imperio pera perder a vida. Quã asinha se mudou tudo aquilo, que em longo tempo se buscou, & pera longo tempo se buscava. Mas com tudo elle foy piedoso, & prezou se sempre mais de fauorecer virtudes, q̄ castigar vicios. Dõde veo a ser muyto amado, & a prouocar os animos dos seus grãdes feytos: dos quaes elle ajudado alcançou incridiveis victorias

rias em menos tēpo, do que parece que o vontade o podia desejar. E com isto tinha conta com a justiça, & com dar a cada hū o que merecia, causa com q̄ muyto illustrou seu nome, porque a mais substācial qualidade do prīcipe he distribuir os premios & as penas cōforme aos quilates dos merecimentos & culpas. Pera isso, disse o cidadão, me parece amim q̄ ha mister hū juyzo muy inteirō, despejado de odio & affeyçam. Por que hū juizo corrupto o bē julga por mal, & o mal por bem, como eu algūas vezes tenho visto. Isso, disse o theologo, he verdade. A justiça anda ptenhe, & ás vezes pare monstros, por q̄ cōcebe de de odios ou interessēs, os quaes de tal maneyra perturbam o juyzo, q̄ lhe fazē parecer as cousas, das cores que q̄rem. Assi, disse o mathematico, como o sol, que entra pelas vidraças, tal cor representa, qual he a das vidraças, assi qual he a affeyçam, tal he a sentença. O sol quando nasce, & quando se põe, parece mayor q̄ ao meo

Compa.
raçam.

Compa.
raçam.

DA IVI:STIÇA.

dia, sendo elle sempre dhū tãmanho: mas enganãnos a vista os vapores, q̄ pela manhã & á tarde se nos põe ante os olhos, atravessandose antre nos & o sol, os quaes vapores nos feruê de oculos, em q̄ os raios visuaes batê como em vidros transparentes, & estendendose per elles fazê parecer o sol mór do q̄ parece ao meo día, & doutra còr: porq̄ quanto os raios visuaes mais se alargã, tãto mór nos parece a cousa que vemos. Estes vapores, que sobê da terra, sã nossas affeições, que saẽ de nos que somos terra: & elles sã os q̄ atravessandose nos diante dos olhos da alma nos fazê parecerẽ nos as cousas vistas maiores & doutra còr. E assi enganado o juyzo & corrupto o entendimento, julgamos as cousas nã segundo a verdade & realidade dellas, mas segũdo a affeicã do amor ou odio q̄ lhe temos. E esta he a causa por q̄ no terra ha tam pouca justiça. Assi como opintor per arte de p̄spectiua nos faz parecer as cousas altas & baixas sendo a

Comparaçã.

aboa

taboa i goal & toda lisa, assi nossa estimati
 ua per industria da affeição nos faz pare-
 cer hũas mesmas obras em hũs grãdes &
 eminentes, & em outros pequenas & es-
 curas, sendo a substancia dellas nũa mes-
 ma igoaldade & resplandor. E desta en-
 ganosa perspectiua da affeição ser cõmũ
 a muytos, vê a desenganada justiça a es-
 tar em poucos. Isto quis significar Hesio Hesiodo.
 doro, quãdo disse q̃ a justiça vendose mal
 tratada na terra se fora pera os ceos, & q̃
 era hũa virgẽ incorrupta: pera significar
 que erão poucos os justos, & q̃ não podiã
 julgar segundo justiça, se não os q̃ tinham
 o iuyzo liure de corrupção. E Chrysippo Chrisippo
 declarando isto mais disse q̃ esta virgẽ ti-
 nha o aspecto temeroso, & os lumes dos
 olhos espertos, & o resto seueros & graue.
 E Nigidio Figulo disse que esta era aq̃lla Nagidio.
 virgem q̃ os antiquos dizião q̃ estaua naq̃
 le circulo celeste, a q̃ os nossos Mathema-
 ticos chamã Zodiaco colocada ãtre o lião
 & a libra, entẽdẽdo pelo lião a fortaleza,

DA IVSTIÇA.

& pela libra a prudência & temperança, q̃
 estão com suas balanças pesando as cou-
 sas. E a justiça esta pintada com hũa espa-
 da aguda dābos os gumes na mão, contra
 cujos fios nam possa valer dureza de odio
 nem brādura da amor, porque sem temor
 corta direito & igoal. Quiserā nisto sig-
 nificar os antignos q̃ a justiça he hũa vir-
 tude celestial, pois a collocaram no ceo, &
 que está autrc as outras virtudes cardeaes
 no meo dellas como mais excellente, & q̃
 dá, reparte, & distribue, cōforme aos me-
 recimentos, sem attentar pera affeição.
 Isso, disse o theologo, quis significar Casi-
 odoro sobre os Psalmos, quando diz que
 a justiça não conhece pay, nem may, mas
 a verdade. E pa isto querouos trazer hũa
 figura do velho testamento. Porque pois
 vos como philosopho trouxestes razões
 do intimo da mathematica, trarcy leu co-
 mo theologo razões do intimo da sagra-
 da escriptura. E por vos fazer a vontade
 ātre as diuinas tocarcy tambẽ algũas hu-
 ma-

Cassiodo.

manas. Diz o propheta Ezechiel aos qua-
 renta & hũ capitulos de suas visões, q̄ vio
 nũ templo pintados muytos cherubins,
 & que cada hũ tinha dous rostos, hũ de
 homẽ, outro de lião, & que com cada hũ
 delles olhaua pera hũas palmas, q̄ estauã
 antre cherubim & cherubim. Pelo cheru-
 bĩ, que como diz sam Ieronimo, quer di-
 zer muytos, se entẽde o Principe, & prela-
 do, o qual se chama quasi muitos, por q̄ to-
 das as virtudes q̄ estão espalhadas pelos
 subditos, hã de estar jũtas no principe. E
 ha de ser quasi muytos, por q̄ hade acudir
 a todos, & ser de todos: de maneira q̄ o q̄
 menos pte ha de ter nelle ha de ser elle.
 Ter cada cherubim duas faces, hũa bran-
 da de homẽ, & outra carrancuda de lião,
 he dar a entender o propheta que o prin-
 cipe aos bõs se ha de mostrar brãdo & su-
 aue, & aos maos carregado & temeroso:
 a hũs se ha de mostrar humano, & a ou-
 tros se uero, a hũs ha de favorecer, & a ou-
 tros castigar. Mas quer favoreça, quer ca-
 stigue

Ezech. 42

Hierony.

DA IVSTIÇA.

Timot. 6.

stigue, semp̃ ha de ter os olhos na palma, que he o premio da vitoria, & eterno galardam, a q̃ S. Paulo na segūda a Timotheo chama coroa de justica, que lhe estaua no ceo aparelhada. Neste galardã diuino ham de ter postos os olhos os q̃ mandam & governã, pondo sempre em Deos o pensamento & tençam, porque elle he o verdadeyro premio, dirigindo a elle suas obras, pois a perfeiçam dellas consiste principalmente em ter a Deos por fim, & escolher meyos cõuenientes pera o alcãçar.

Cãti. 8.

Isto he o que diz o esposo nos Cãticos do Salamão falando com a esposa, q̃ he Cristo, q̃ fala com a alma deuota, Poẽ-me como final sobre teu coração. Como se differa: Tomame por fim, poẽ-me como aluo na barreira de teu coração, onde vã parar todas as setas de tuas palauras, obras & pẽsamentos & quer castigues, quer fauoreças, poẽ os olhos em mim. Isto quis significar S. Augustinho no liuro dos costumes da igreja, quando diz, q̃ a justica he hũ

amor

amor, que serue a só o amado, q̄ he Deos, & porque a elle serue, por isso verdadeira mente manda & domína. Quer dizer q̄ a tençam do que faz justiça ha de ser posta em Deos, & que por seu amor se ha de mouer a fauorecer & castigar sem accepção de pessoas, & q̄ quando se offerecerẽ duas coufas jũtas, hũa da pessoa outra do officio, quero dizer quando jũtamente se encõtrarem dous respeytos hũ da natural affeyção, outro do carrego publico, q̄ o homẽ tem, primeyro se ha da acudir ao do officio publico, q̄ ao priuado da pessoa. Esta he a causa porq̄ Christo nosso Redẽptor estãdo na Cruz primeyro falou polos peccadores, que falasse á gloriosa virgẽ sua madre, que estaua ao pé da Cruz, cõ a tristeza impressa e seu vulto, triste mais q̄ todas as tristes, & primeyro despachou o ladrão q̄ á virgẽ, porq̄ como seu officio era saluar peccadores, & a isto veio ao mũdo, quis primeiro acudir ao respeito publico de seu officio, q̄ ao particular do amor que

DA IVSTIÇA.

que tinha á sacratissima virgẽ: acodio primeiro ao respeito de redemptor, & de poy ao de filho: & assi a terceyra palavra q̃ falou na cruz foy avirgem, & a primeira foy pedir ao celestial padre perdão pera os peccadores. Colhemos desta figura do diuino Propheta Ezechiel, & das may authoridades allegadas que todos os que tem dominio hã de preceder aos outros em virtudes, & ham de dar a cada hũ o q̃ merece, não se gouernando per affeição, mas per justiça, aleuantando o espirito a Deos, & pondo nelle os olhos de sua tenção, acudindo antes aos respeito de seu officio que aos de sua pessoa. Equando digo que os principes & prelados ham de goardar igoaldade, não quero dizer q̃ tãto ham de dar a hũs como a outros, por q̃ essa igoaldade, he disigoaldade, mas q̃ as merces ham de ser igoaes aos merecimentos, & os castigos ao oliuel dos desmerecimentos. O sol quando bate na frontaria dũ alta edificio, entra per todas as janelas

Comparaçam.

sup

las abertas daquella banda, enchendoas
 de sua claridade: mas como hũas sam grã
 des, outras pequenas, per hũas entra mui
 to resplendor, p outras pouco. E dizemos
 que o sol entra igoalmente ptr todas aq̃l-
 las janelas, não por q̃ tanto entre per hũa
 como pela outra, mas porque entra igoal
 & conforme ao tamanho & capacidade
 de cada hũa. Assi entã dizemos q̃ os prin-
 cipes & prelados sam igoaes, não quando
 tanto fauor fazem aos de menos quilates
 como aos de mays, mas quando as merces
 sam proporcionadas com os metecimẽ-
 tos, & imitão a Deos acerca do qual nam
 hahi accepção de pessõas, como o affirma Deute. 10.
 a escriptura no cap. x. do Deuteronomio
 & sam Paulo no segundo da Epistola ad Galat. 2.
 Galatas, & sam Pedro nos Actos dos A-
 postolos, como o refere sam Lucar no. x.
 dos mesmos actos. Tal ha de ser o princi Act. 10.
 pe Christão, imitador de Christo, ornado
 de todas as virtudes, abrafado no fogo da
 diuina charidade, pera que insine & go-
 uerne

DA IVSTIÇA:

uernõ nam somête com leys & palauras
mas cõ obras & exemplo. O qual elle nã
fará se se guiar per affeyçã corrõpedora
do'juizo. Afsi como pera discernirmos &
diuifarmos a coufa mayor da menor vfa-
mos de medida justa, & pera discernir-
nos a coufa pessada da leue vſamos de ba-
nça certa, & pera dizernirmos os mais
os menos vſamos de numero desenga-
ado, Afsi pera julgarmos & diffinirmos
& distinguirmos o justo do ijusto, he ne-
cessario vſarmos do juyzo da razã liure
& incorrupto, o qual necessariamente ha
de ter o justo principe & prelado: por q̃
mal pode ser a sentença liure, se o juizo
esta catiuo, & mal pode ter a vara direyta
quem tem a consciencia torta.

CAPITVLO IIII.

¶ Das ideas de platão, & dos votos, &
eleyções, & qualidades, que ha de
ter, o que a outros gouerna.

A Qui



Qui respõdeo o mathema-
 tico dizendo: Hũ desses prĩ-
 cipes serã mais raro de achar
 que aue phenix, que nã ha
 mais que hũa no mundo: &
 esta nã se ve senã em Phenicia regiãõ
 de Arabia, & viue quinhẽtos ãnos, como
 diz Pomponio Mela, com quem concor
 da Herodoto, ainda que Solino diz, que
 viue quinhẽtos & quarenta annos, & Pli-
 nio seis centos & sesenta. Creio eu disse o
 cidadão, que auerã destes principes muy-
 poncos. Mas per ventura nenhũ disse o
 jurista. Antes, disse o theologo, auerã mui-
 tos Quanto mais que ainda que nenhũ
 tuesse esta perfeçãõ, aquelle que mays
 perto for della, se chamarã mays perfey-
 to. Como de muytos besteyros, que tirã a
 hũa barreira, quando nenhũ delles dá no
 aluo aquelle que mays perto chega delle
 he o milhor. E alem disto ainda que a
 cousa nã seja, nem aja de ser, bê se pode
 descreuer & definir. Isso, disse o jurista
 parece

Põponio.

Herodoto

Solino.

Plinio.

Compa.

raçam.

DA IVSTIÇA

parece impossível, porque como o definido & a definição sejam relativos, & não possa ser hū sem o outro, como pode ha uer definição se não ha hi definido, nem o ha nunca da uer? Ainda respõdeo o theologo, que o não aja realmente, hao no cõcepto daquelle que o define. Dõde veo

Platão.

Platão a definir & escrever hūa republica a mais excellente q̃ elle imaginou, a qual

Xenophõ.

nunca foy nem ha de ser. E Xenophonte excellentẽ philosopho & oradar condiscipulo do mesmo Platão p̃tõu na Pedia de Ciro hū perfeito principe, qual elle nunca vira, nem cria que veria nunca. Isto he

Cicero.

o que diz Cicero no segũdo liuro de oratore, & Volaterano na vida de Xenophõ

Volatera.

te, que não ser uio Xenophonte tanto a historia de Ciro, como a instituyr hū perfeito principe. Ambos estes dous philosophos Platão & Xenophonte forão discipulos do grãd e Socrates, de cuja fonte beberão esta doutrina: não definirẽ nesta suas obras o que era, mas o que desejavaõ
que

que fosse. Assim o affirmo o glorioſo. S. Ambrosio no proêmio, que fez no primeyro liuro de abraham. E o meſmo Cicero, cõ quem agora alegaua, deſcreueo hũ perfeyto orador, qual nũca ouue, nem auerá. A eſtes autores imitaram em noſſoſtẽpos Thomas Morus conde de Inglaterra, no liuro da cidade, q̃ hi não ha: & Balthazar Castellão Conde de Italia no ſeu liuro do pfeito corteſam. E outros modernos, que por breuidade deixo de cõtar. Quando Phidias aquelle famoſo pintor tã nomeado no mundo, pintou aquella imagẽ de Minerua tã bela em ſuas naturaes proporções & lugares de ſua gentileza, q̃ não ouue quem depoyſ podesse imitar a perfeição de ſuas feições, não olhaua pa nenhũa molher que tirasse pelo natural, mas em ſeu entendimento eſtaua hũa figura de fermoſura perfeitiſſima, a qual elle contemplando, & tendo nella fitos os olhos de ſua mente, a ſua ſemelhança dirigia a mão. E matizou hũa imagẽ tam excelente

Q

celente

DA IVSTIÇA.

cellente, & tão viua ao parecer, q̄ parece
 que gastou nella todo seu artificio, mas
 ainda nam chegou áquella traça & figu-
 ra, em q̄ tinha pregados os olhos do entē-
 dimento, que era como hũ extremo de
 natureza, de tanta perfeçãam, que nem a
 imaginaçãam tinha mais que pintar, nẽ o
 desejo mais que pedir. A estas figuras tra-
 çadas no concepto chama ideas aquelle
 insigne Platão, aquem o philosopho Pa-
 necio chama sapientissimo & Homero
 dos philosophos. O qual nã somēte na phi-
 losophia, mas ainda na eloquencia eclis-
 psou a memoria dos ante passados, & en-
 sinou os homens a fugirem da sensuali-
 dade, em tanto que lhe fizeram os gētios
 hũ epitaphio que dizia, q̄ o deos Apollo
 tiuera dous filhos Sculapio & Platão, Scu-
 lapio pera curar os corpos, & Platão as
 almas, como o refere na sua vida Mar-
 silio Ficino. Enã vos pareça que nam ha hũ
 ideas, porq̄ a ha sem duuida. E S. Augu-
 stinho no liuro das oytēta & tres questões
 onde

Platão.

Marfilio.

August.

onde trata copiosamente esta materia, diz que as ha hi, & que tem tanta força, que ninguem sera sabio, se as não entēder. Cō a qual sentença se vão os outros theologos. E por esta causa bē podemos pintar & descreuer hum príncipe justissimo & perfeytissimo, não como retrato dos q̄ hi ha, mas da idea, que em nossa alma concebemos. Quanto mais que como disse, ouue hi, & ha oje em dia muytos príncipes gloriosos & excellentes, que com sua justiça, virtude, esforço, & sapiencia alcançarão tam illustre & perpetua fama, q̄ morrēdo elles, ella sempre viuirá, se auer couisa no mūdo, q̄ a possa enterrar no esquecimēto. Essas ideas de Platão, disse o jurista, são mais escuras sessēta vezes q̄ a nossa lei Galus, q̄ nos temos por hū extremo de escuridade. Verdadeiramente ellas me parecem hūas chimeras, q̄ o q̄ dellas mais entēdo he nã as etēder. Não são ellas muyto claras, disse o mathematico, mas mais difficiles são os numeros de Pythagoras, & a inuencã da

DA IVSTIÇA.

roda & esphera viua, & da quadratura do circulo, & o nacimiento & occasu dos signos, & outras materias desta qualidade, onde ha muytas subtilizas & delicadezas mayns meudas & piores dentender q̃ os atomos de Epicuro. O que eu desejo disse o cidadão, he saber as qualidades, q̃ em especial ha de ter hũ Rey, ou hũ prelado, ou em fim qual quer gouernador, q̃ tem mando & dominio, pera se poder chamar perfeyto, E auendo eu de eleger hũ cidadão pera gouernar a republica, qual antre os outros escolherey. Isto folgaria q̃ tractasseis, porq̃ me parece materia mayns vtil, que adas ideas. No velho testamẽto, disse o theologo, estã escripto aos dezasete capitulos dos Numeros q̃ contendẽdo muytos sobre o sũmo sacerdocio, foy pronũciado per Deos, q̃ aquelle tiuesse esta dignidade, cuja vara floreceffe. E postas as varas de todas as gerações dos filhos de Israẽl e o tabernaculo do cõcerto, somẽte acõteceo isto á verga de Aron, a qual milagrose

Numc. 17.

magrosamente deu folhas, & flores, & fru-
 cta, & não qualquer mas excellēte. Quis
 Deos nisto significar que aq̃lle he digno
 da dignidade & prelazia, & de ter mado
 sobre os outros, cuja vida tē folhas & flo-
 res, & fructo. Pellas folhas se entendē as
 palauras, letras & doutrina, pelas flores as
 boas esperanças & reputação: & pelos fru-
 ctos as boas obras. E pelo contrairo aq̃lle
 he indigno da dignidade, cuja vida he se-
 ca, nua de boas letras & de boas esperan-
 ças, & de boas obras. Que as letras sejam
 necessarias ao que gouerna, em especial
 ao prelado ecclesiastico, dilo sam Paulo
 escreuendo desta maneira aos Ephesios: Ephes. 4.
 Deos deu huūs Ap̃s, outros prophetas,
 outros euāgelistas, outros pastores & me-
 stres. Sobre estas palauras diz assi sam Je- Hierony.
 ronymo. Nota que aquelle que he prela-
 do, ha de ser mestre. Nam diz, outros pa-
 stores, outros mestres, mas outros pasto-
 res & mestres. O mesmo S. Paulo na pri- 2. Timo. 3.
 meira Epistola a Timotheo, & na ep̃la a

Q. iij. Tito

DA IVSTIÇA:

Lēni. 22.

Exod. 28.

Dent. 1.

Tito, nas quaes debuxa & matiza o bom prelado, antre as outras qualidades, q̄ lhe atribue, põe a doutrina & sciência. No Levitico dizia Deos que lhe nã offerecessẽ animal cego. Que animal cego he este q̄ Deos reproua, senam o prelado sem sciencia? Isto quis Deos significar, quando mãdava no Exodo, que o summo sacerdote trouxesse no peyto hũ racional com hũas letras, que disse sem: Doutrina & verdade. Prelado sem letras he ave sem penas, & nauio sem leme, & relogio sem pesos. No primeyro capitulo do Deuteronomio falando Moyses com os Iudeos dizialhe: Dayme dantre vos varões sabios & prudentes, cuja conuersação seja aprovada de vós, & eu os farey vossos principes. Isto quizeram significar os antiquos Hebreos no seu alfabeto, no qual nenhũa letra alevanta a cabeça senam lamed. Estando todas as outras bayxas, só ella está alta com hũa coroa em cima como raynha & princesa das outras. E auêdo no alfabeto

he

hebrayco vinte & tres letras, o lamed he a duodecima, de maneira que está collocada pôtu almête no meo de todas ellas, & q̄r dizer doutrina, deriuada do verbo lamad hebraico q̄ quer dizer ensinar. Ca todas as letras hebreas, alem do q̄ sam, tẽ suas significações. Per este lamed se êtende o principe & prelado, q̄ está mais alto, ao qual todos os outros se inclinam, elle manda, & os outros obedecem. Aleuãta a cabeça pera cima, porque o prelado ha de ter a mente pera o ceo aleuantada, pedindo sempre o diuino adjutorio. E significa doutrina, porque o prelado ha de ser docto, & sua vida ha de ser hũa viua doutrina, de maneyra que ensine cõ palauras & com obras. S. Cyrillo no segũdo liuro dos cõmentarios que fez sobre o Leuitico, que algũs querẽ atribuyr a Origenes, diz q̄ a razã porq̄ no Leuitico, õde se fala do peccado do prelado, se nã faz mēçã da ignorancia, fazendose quando se trata do peccado das outras pessõas, he porque

Cyrillo.

Q̄ iiij se

DA IVSTIÇA.

se presupõe que nam pode auer ignorãcia no prelado, pois pera ensinar os outros foy electo & instituido. No segũdo Psalmo diz Deos: Sede eruditos vos os q̃ julgais a terra. E pelo Propheta Osea: Pois tu desprezaste a sciẽcia, eu te desprezarey pera que não tenhas officio de sacerdote. Pera que he mays senam q̃ as mesmas dignidades se chamão magistrados, porque os que mandão & presidẽ hã de ser mestres ornados de sciencia & doutrina? Isto baste quãto ás letras. Que seja necessario ao que ha de ser electo dar de si bõa esperança, & estar em bõa reputaçã, dilo sam Paulo a Tito & a Timoteo. E esta he a causa, porque Christo nosso Redemptor pergũtou a sam Pedro, primeiro q̃ o fizel se principe dos apóstolos, se o amaua, pa nos ensinar que a aq̃lles se ham de dar os carregos & prelazias, q̃ estiuerem em reputaçam de amadores de Deos. E não somente lhe pergũtou se o amaua, mas se o amaua mays q̃ os outros, porque aq̃lles

ham

Psalm. 2.

Ose 4.

Tito. 1.
1 Timõ. 3.

Ioan. vlt.

ham de ser electos em prelados, q̄ tiuerẽ fama de exceder aos outros em charidade. E nam se contentou o Senhor de perguntar a Sam Pedro hũa vez se o amaua, mas três vezes lho perguntou, como o diz sam loãõ no seu Euãgelho. Ensinou nos nisto o Saluador o exame, que auiamos de ter na eleyçam do prelado. Nam pergũta a sam Pedro se he fidalgo, se he cãtor, se he debuxador, mas se he sobre todos verdadeyro amador. A elle diz: Apascentã minhas ouelhas. Nam diz Apascentate a ti, mas minhas ouelhas, nẽ diz: mata as, come melhe a carne, esfolaaas, trosquiãas, vistete da sua laã, se não apacentaas. Aquelle a pascenta as ouelhas que acorre a suas necessidades, assi da alma como do corpo, ensinandoas com doutrina & obra, com palauras & virtudes. Mas porque os electores nam, errẽ, ham de cleger aquelles, que em melhor reputaçãõ estiuerem, & melhor esperançã de si derem, que farãõ bem seu officio, & medirãõ suas obras cõ

Ioan. vlu.

Q. IV que

DA IVSTIÇA:

- a regrada doutrina Euangelica. Isto he o
 1. Timot. 3. que diz S. Paulo: Conuê q̃ o electo tenha
 bom testemunho daquelles q̃ sam de fo-
 ra. Isto he quanto á reputação. Poys que as
 boas obras lhe sejam necessarias dilo Chri-
 sto n'osso Redemptor em S. Matheus: O q̃
 Math. 5. fizer & ensinar este será grande no reyno
 dos ceos. E sam Paulo diz escreuêdo a Ti-
 2. Timot. 4. motheo, que elle constituyra em prelado:
 Tu vigia, & em tudo trabalha. Porque o
 prelado ha de ser exemplo de boas obras.
 Iudic. 3. Isto declara a escriptura no liuro dos Iu-
 zes, onde o bom Gedeão capitão dos Is-
 raélitas lhe dizia: O que me virdes fazer,
 isso fazey. O bõ principe ha de obedecer
 ás leys pera dar exêplo. No Deuterono-
 mio mãdaua Deos, que tanto que el Rey
 fosse electo & cõstituido, escreuesse a ley,
 & a tiuesse cõsigo, pera per ella se gover-
 4. Reg 12. nar. E no iiii. liuro dos Reys está escripto,
 que querendo constituyr em Rey o prin-
 cipe, lhe pos o sacerdote na cabeça a co-
 roa real, & em cima a ley de Deos, porq̃
 ella

ella he a q̄ os reys per cima de tudo ham
 de estimar. Diz S. Ambrosio, que o q̄ do- Ambrosio.
 mina faça leys, que elle mesmo goarde.
 Não porque seja fogeyto à ellas, mas polo
 exemplo que de si deue dar aos outros. O
 principe ou prelado he oliuel, q̄ não sô-
 méte em si he igoal & direyto, mas igoa-
 la, & indireyta o edificio: & mal pode elle
 indireytar, se for torto. Assim como não po- Compã-
raçam.
 de ser direyta a sombra da vara torta, assi
 não he o pouo justo, quando o Rey he de-
 prauado. Isto he o q̄ diz Salamão nas Pro- Prover 29
 uerbios: O Rey justo aleuanta a terra. E
 no Ecclesiastico se diz: Qual he o rege- Ecclef. 10.
 dor da cidade, taes sam os moradores del-
 la. E daqui vem que os peccados do pouo
 sam attribuidos aos prelados, q̄ não sômê
 te peccãõ com obras, mas cõ maos exem-
 plos. Quando hũ relogio, q̄ tem todo seu Compã-
raçam.
 concerto necessario, anda destempera-
 do, mays se attribue este erro ao relogiey-
 ro, que tem carrego de o temperar, que
 ao mesmo relogio. Assi errando o pouo,

DA IVSTIÇA

& deyxãdo a virtude polo vicio, a aquelle se ha de dar a culpa, que tem carrego deo moderar & reger, pois com seu mao exemplo o estraga & destempera. Assim como o mar imita & segue ao ar, de maneyra q se o ar está sereno, está o mar assollegado, & se o ar anda tempestuoso, anda o mar cõ tormenta, assi se o principe he virtuoso, o pouo segue a virtude, & se he vicioso, he tambẽ o pouo dado a vicios. Por isso dizia S. Paulo a Tito Em todas as cousas te põe por exemplo de boas obras. Resumindo & epilogando o que tenho dito, respondo a vossa questãõ, que a aquelle a ueys de dar vosso voto pera gouernar, q antre todos tiuer mais saber, & der de si milhores mostras & esperanças, & fizer milhores obras, q sam as q̃lidades substanciaes do prelado. Assim como hũa nao nam se deue chamar boa por ser melhor pintada nem por ter a proa de prata, nem por ser ornada de fermosas bandeiras & estêdartes, se nam por ser firme & segura, &
bem

Compa-
raçam.

Tito. 2.

Compa-
raçam.

bem vedada, ligeira, veleyra, obediente
ao leme, de bõs mastos, velas, madeyra, &
pregadura, assi não se chamará ninguem
bom prelado por ser bom tãgedor de te-
cla, bom escriuão, de nobre geraçam, pri-
uado de principes, ou por outras quali-
dades desta maneyra, porque ainda q̃ or-
nem a pefloa, nam entram na essencia de
bõ perlado. Mas aquelle se chamara bõ
prelado q̃ tiuer letras, reputação, & virtu-
des. Nas quaes tres cousas se cõprehende
ser sobrio, cõtinente, justo, diligẽte, pru-
dente; & amador de Deos. Finalmente
aquelles hão de ser em prelados cõstitui-
dos que forem sabedores no regimento,
virtuosos na vida, exemplares nas obras,
experimentados nos dias, humanos na
conuersaçã, & liures no officio. De ma-
neira que se ha de fazer toq̃ nos homẽs, &
aqlles hã de ser escolhidos pera gouernar,
q̃ mais quilates tiuerẽ de cõfiãça, porque
quãto cada hum estã em lugar mais alto,
tãto ha de ser cõ merecimẽto mais eminẽte.

CAP.

DA IVSTIÇA;

CAPIT. V.

¶ Em que o theologo trata do officio do principe, & do perigo em que viue, & das qualidades que ha de ter segundo a sentença dos philosophos.

Bias.



Celio.

Pindaro.

Diodoro.

Fulgosio

¶ Perguntado Bias o philoso-
pho qual era o bom princi-
pe & prelado, respõdeo, co-
mo refere Celio Rhodigi-
no, que aquelle q̃ obedece
às leys, & que he o primeyro q̃ se fomete
a ellas. E nisto diz elle verdade, porque
Pindaro affirma que a ley he raynha de
todos os mortaes. Dõde os Reys do Egy-
pto, como conta Diodoro Siculo, enão
se tinham por bemaenturados, quando
obedecião às leys. Conta Fulgosio q̃ An-
thioco terceyro Rey de Asia escreueo a to-
do seu reyno, q̃ se em suas cartas ou alua-
rãs se achassem cousas cõtra as leys, q̃ sou-
bessem q̃ era descuido, & q̃ não goardas-
taes cousas, porq̃ sua tenção não era que-
brar as leis. E o mesmo fez Tiberio Cesar,
como

como o affirmo Nicephoro no primeyro Nicepho.
 liuro da sua historia. Solão Salaminio diz: Solão.
 Então rege, quando tiueres aprédido a ser
 regido. Socrates diz q̄ he ignorãcia que- Socrates.
 rer imperar sobre os outros, que nã pode
 imperar sobre si. Plutarcho diz q̄ pessimo Plutarcho.
 he o governador, q̄ nãõ governa a si. Por
 que d'elle ser mal regido procede nã auer
 no pouo bõ regimento. E pelo contrayro
 quando o governador he justo, & obede-
 ce ás leys, os subditos folgã de lhe obede-
 cer a elle. E cõ isto se sustentão os reynos.
 Dizia Cãbises Rey dos Perlas q̄ duas erãõ Cambises.
 as cousas, cõ q̄ se podia a republica suste-
 tar, a primeira quando a virtude regia ao q̄
 regia, & a segũda quando os q̄ obedição
 entendião quãta honra era bẽ obedecer.
 Dizendo hũs a Theopompo Rey de La- Theopõp.
 cedemonia q̄ então hia bem aos Lacede-
 monios, porq̄ os reis aprédiã a bẽ mãdar,
 respõdeo elle:ãtes porq̄ os subditos aprẽ-
 dẽ a bẽ obedecer. E então obedecẽ elles,
 quando vẽ os principes bẽ mãdar, & entã
 mã

DA IVSTIÇA.

mandá bem, quando fazê o que mandá
 Porq̃ então fica a ley hũ prelado mudo,
 & o prelado hũa ley que fala. Então he o
 prelado ley que fala, quando faz o q̃ de-
 ue, sem a solta liberdade, que o m̃do &
 dominio consigo trazẽ, corromper com
 vicios sua bõa inclinação. Então he ley q̃
 fala, quando satisfaz com a pessoa o q̃ de-
 ue ao officio. Então he ley que fala quan-
 do ṽsa da prosperidade do mundo como
 de cousa, que em nenhũa faz assento nẽ
 firme alicesse, antes conhecendo sua va-
 riedade & inconstancia, nem acquire so-
 berba na bonança, nem perde o animo
 na aduersidade, pera deixar de fazer justi-
 ça, & perder o tento de sua gouernança.
 Então he ley que fala quãdo com seu ef-
 forço o dá aos seus, quando a razão ven-
 ce o appetite, & a justiça não tem conta
 cõ a affeição, quando tem posto os olhos
 no proueyto cõmũ, confirando que elle
 mesmo não he seu, mas do pouo, & q̃ ha
 de ser hũ sol igoal a todos, & ha de puer
 a to.

a todos & ter conta com todos, & vigiar sobre todos cō mays olhos, dos que fingem os poetas q̄ tinha Argos. Ofiris quer dizer coufa, que tem muytos olhos. E por esta causa diz Eusebio no liuro da preparação Euangelica, & Porphyrio no liuro contra os que comē carne, q̄ os Egypcios poserão este nome ao sol, porque elle cō seus rayos vencedores das treuas como com clarissimos olhos vé & rodea todas as coufas. E porque Ofiris como diz Diodoro, foy Rey do Egypto, onde ensinou muytas artes, o adorarão os Egypcios como a Deos, ou Rey diuino, dizendo que elle era o mesmo sol. Quiserão nisto significar os antigos, que o bom principe & prelado, he hū sol commū a todos, que vigia sobre seu pouo cō muytos olhos, estãdo sempre no meo como o sol, que está no meo dos sete planetas. Os Egypcios antigos, q̄ em lugar de letras se entendião per figuras & charateres, quãdo querião significar Deos, pintauão hum cetro

Eusebio.
Porphyrio

Ofiris.
Diodoro,

R direy

DA IVSTIÇA.

direyto & alcuãtado com hũ olho em cima, dando a entêder que Deos era justo Rey, & que via tudo, & que taes auia o de fer os principes, se quisessem ter por vida em pregala em coulas de gloriosa memoria. De maneyra q̃o principe & prelado ha de viuer sobre os seus cõ grande vigi-
lãcia, & acodir a todos, & olhar por todos. Esta he a causa, por q̃o tribuno do poto não podia estar fora de Roma hũ dia in-
teyro, como o affirma Aulo Gellio no se-
gũdo capitulo do terceyro liuro das suas
noytes Aticas, & Macrobio, no terceyro
capitulo do seu primeiro liuro dos Satur-
naes. Porque querião os Romanos, q̃ os
que tiressen carregos pubricos, & domi-
nio antre a geralidade, fossem presentes a
tudo, pa q̃ deyxassem passar culpa sem ca-
stigo, nem virtude sem galardão. E pa esta
execução escolhião magistrados, q̃ nẽ alar-
gassem tanto, que perdessem por brãdos,
nem tirassem tanto, que excedessem por
rigorosos. Dizia Fronto consul que foy
no

Aulo Gel.

Macrobio.

Fronto.

no tempo do Emperador Nerua, como
 o refere Fulgosiõ, que maõ era viuer á obe
 diencia do principe, que vay a mão á tu- Fulgosiõ.
 do, mas pior era estar subjecto a principe,
 que não vay á mão a nada. Porque ainda
 que faz damno o que não permite nada,
 muyto mór o faz o q̄ permite tudo. Grã-
 de trabalho, disse o cidadã, he o do bõ prin-
 cipe & prelado do, poys he obrigado a ser
 justo & igoal, & a cumprir com todos, &
 a contentar a todos, que parece cousa nã
 famente difficultosa, mas impossivel. He
 cousa, disse o theologo, tão trabalhosa &
 perigosa que dizia. Demostenes, que se Demoste.
 nos fossem mostradas duas vias a esco-
 lher, hũ que guiasse á morte, outra á go-
 uernãça da republica, auiamos antes de
 escolher a da morte que a da governãça.
 Assi o conta Plutarcho na sua vida. Plutarcho
 E Chrysippo dizia, que nenhum homem Chrysip.
 auia de pretender dignidades & prelazias,
 poys está tomado as mãos que se o fizer
 bem, ha de descontentar aos homẽs &

DA IVSTIÇA

Pythago.

Laércio.

se o fizer mal, a Deos. Isto quis significar Pythagoras naquella sua sentença relatada mas não explicada per Laércio, lida de muytos, & entédida de poucos, q̄ diz, que não curê de fauas. Isto dizia elle, não porque prohibisse comer fauas, mas porq̄ em tépos antigos as eleyções dos votos se fazião com fauas, & quem mais leuaua alcançaua a dignidade & prelazia. Quis dizer o Philosopho que ninguẽ buscasse nem pretendesse carregos nem governanças, se queria viuer quieto. *Quam grâdes & incõportauéis seião os trabalhos dos q̄ bem governão sentio bem Turbo* prefeto dos Romanos, o qual sendo amoestado do Emperador Adriano que descansasse, & senão desse tanto ao trabalho, respondeu, como refere Dião Cassio, que era necessario aos homês q̄ governão outros morrer em pé trabalhando. Cõcerta isto como o q̄ diz Seneca no liuro da clemencia, que não ha de cuydar o que manda & governa, que a republica he sua, mas que

cile

Turbo.

Dião.

Seneca.

elle he da republica: nem se ha de ter por
 senhor mas por escrauo & seruo publi-
 co. E como diz Pittaco hũ dos sete sabios, Pittaco.
 ha de ser subjeito á razãõ dos seus, & liure
 á sem razãõ dos alheos. Diz o Petrarca Petrarca,
 que o bom Rey o dia que começa a reyn-
 nar, acaba de viuer a si, & começa a viuer
 pera os outros. E se faz o contrayro, de-
 strue totalmente a republica, porque, co-
 mo diz Xenophonte, todas as que se per- Xenophõ.
 derãõ, foy por causa dos gouernadores. E
 per aqui vereys quam graue peccado he
 eleger á scinte homẽs indignos, por affei-
 çãõ ou particular interesse. Sãcto Antho- Anthoni.
 nino na terceyra parte affirma q̃ peccãõ
 mortalmente, poys indo cõtra a charida-
 detrazem notauel damno á igreja, á qual
 ninguẽ mais empece que o mau prelado.
 Dizia o Papa Pio segundo como o refere Pio. 2.
Platina.
 Platina, que os homẽs se hãõ de dar ás di-
 gnidades, & nã as dignidades aos homẽs,
 Hũa das virtudes de que foy louuado o
 grande Constantino foy, que aos homẽs

DA IVSTIÇA.

bayxos, a q̃ quis bẽ, antes q̃ fosse Empera-
 dor, depoyz d'alcãçado o imperio lhe fez
 merce de dinheiro, mas não de officios da
 republica, saluo aos que pera isso tinhão
 habilidade & merecimento, como o cõ-
 ta na sua vida Pomponio Leto: porq̃ di-
 zia elle, q̃ os carregos pubricos & magi-
 strados não se auião de dar por affeyçam
 mas por razão. Esta he ordẽ per onde tu-
 do vay sem ella, prouerẽ as pessoas de offi-
 cios & não os officios de pessoas. Daqui
 vem os descõcertos & desbarates dos su-
 bditos, porq̃ assicomo sendo a fonte solo-
 bre, não podem ser doces os ribeyros, assi
 sendo corrupto o prelado, sam tambem
 os subditos corruptos. Mas o bõ prelado
 ha de olhar o officio, que tem, & consirar,
 que quanto estã mays alto, tanto estã em
 mayor perigo. Declarando sam Gregorio
 aquellas palauras de Christo nosso Salua-
 dor em S. Ioão: (Accipite spiritum factũ:)
 diz assi: Grãde he a hõra da prelazia, mas
 he graue o seu peso. Couisa dura he q̃ seja
juyz

Leo.

Compa-
raçam.

Gregor.

Ioan vlt.

juyz da vida alhea, quem não sabe gouernar a sua propria. Quem não he pera ser araez do pequeno barco de sua vida, como sera piloto da grãde nao da republica? cõ que coração oufa tomar na mão o leme da gouernança de todos, quem não atina a gouernar a si? Se hũ Anjo custodio sendo espirito tão purificado & excelente, se contenta com ter hũa só pessoa debayxo de sua guarda, qual he o homẽ, que deseja & pretende ter muytas, sendo fraco, & imperfeyto, & finalmete sendo homẽ. E mays poys ha de dar conta das ouelhas a elle cometidas. Falando Deos cõ o prelado aos iij. capitulos do Propheeta Ezechiel diz: Senão falares & declarares a teu subdito, que se tire de seus vicios, elle morrerá em seu peccado, mas tu me darás cõta do seu sangue, eu tomarey vingança de ti. Palauras sam estas pera meterem espanto, & fazerẽ desfazer a roda, & tornar sobre si, & meter debayxo dos pés todas as fantesias. Em Deos dizer q̃ o

Ezech. 3.

R iij pre

DA IVSTIÇA.

prelado lhe pagará a morte do subdito, dá a entender que o mau exemplo dos prelados he causa da perdição dos subditos. Donde veo a dizer S. Augustinho q̄ o prelado, que viue mal, he homicida. E pera não ser tal, ha de ter sciencia cōpetente, & fazer inteyra justiça, & dar exemplo de vida & sanctidade. Isto quis a escriptura diuina significar no terceyro liuro dos Reys, quando diz que mandou Salomão fazer no templo certas basas de colunas, em que estauão esculpidos cherubins, & liões, & bois. As basas sam os principes & prelados, que hão de ter sobre si, todo o peso do edificio. Donde vierão os Gregos a chamar ao Rey Basileus, q̄ quer dizer basa do pouo, como hũ assento, sobre que está todo o peso & trabalho da republica. E daqui se colhe que quanto cada hũ está mays aleuantado per dignidades, tanto he mays opprimido com o peso dos trabalhos. Pelos cherubins que como muytos dizẽ, querẽ dizer cōprimẽto

de

August.

3. Reg. 7.

de sciencia a qual interpretação segue S. Gregorio, significou Salamão q̄ os prin-^{Gregori}cipes & prelados em especial os ecclesiasticos hão de ter sciencia & conhecimento da diuina escriptura. Pelos liões se entende a seueridade da justiça, & o esforço, & alto animo. E pelos boys os rralhos nas obras & exercicio de virtudes. Todas estas coufas estauão nas basas do templo, que sam os principes & prelados comparados, como diz Chrysoftomo, ás basas & ^{Chrysoft.} fundamentos do edificio, porque afficomo ^{Comparaçãõ.} ainda que caya & se perca hũa pedra da parede, facilmente se repira, mas perdendose o fundamento perde se todo o edificio, & leuado o alicece, cae a machina, assi o erro d'hũ subdito facilmente se emenda, mas perdendose os principes & prelados, & sendo leuados de seus vicios & desbarates, fica tão arruynada a repubrica, que pera seu mal ter remedio tem a esperãça perdida, & pa ver sua destruiçã sobeja olhe esperanças, se se podê chamar

DA IVSTIÇA.

esperanças os temores de seus males & de
 fauenturas. Verdade he, que poys a misericordia de Deos he immensa, não se de-
 ue nunca della de desesperar. Mas hão de
 cōsilar os principes, que poys sam funda-
 mento da republica, conuem ter muyta
 firmeza no pensamento, pera poderem
 foster tão alto edificio. E hão se de entre-
 gar totalmente á virtude, & viuer cõfor-
 mes á ley Euangelica, & goardar inteysa
 justiça, depenando as soberbas dos reuol-
 tosos, & dãdo alas de fauor aos pacificos,
 pera que ornados de bõa sciência, & de bõa
 fama, & de bõas obras, alcancem nome
 de perfeitos principes & prelados, & aca-
 bada esta vida, que he transitoria, alcan-
 cem a outra, que he eterna, onde a gloria
 he sem termo, & o amor sem fim, q̄ ain-
 da que passe o amor do mūdo, o de Deos
 não passa, porq̄ começa aqui, & lá he mais
 perfeyto, & cá o amor do mundo he sol-
 d'antre nuuēs, q̄ arde muito & dura pou-
 co. E assi tenho mostrado não somente
 pelas

pelas letras diuinas mas humanas, qual he o officio do bom principe & prelado, & em quãmanho pe rigo viue, & as qualidades que ha de ter, pera ser dignamente electo, & comprir com sua obrigação, que he singularizar se no resplêdor da virtude sobre todos, poys tem superioridade sobre todos, peragouernar como prudête & acutelado, o que elle deue ser pera não errar. Porque as bõas cautelas, caso que ás vezes ganhem pouco, todavia asseguram muyto.

CAPITULO VI.

Em que o theologo declara que os principes ham de ser mansos, & humildes, & inimigos de nouidades.



O das estas qualidades, que o principe ha de ter, hão de ser adubadas cõ mansidão & humildade porq̃ a ira & soberba estragão as virtudes. E se isto conuẽ a todo o principe, quanto mais ao prelado ecclesiastico, que ha de imitar aquelle

DA IVSTIÇA:

aquelle bõ pastor Christo nosso Deos, q̃
 trouxe aos hombros a ouelha que se per-
 dera, & que diz em S. Matheus: Quem
 quiser ser mayor antre vos, seja vosso mi-
 nistro, & o que quiser ser primeyro, seja
 vosso seruo, assicomo o filho da virgem, q̃
 não veo a ser seruido, mas seruir, & a dar
 sua vida em resgate por muytos. E daqui
 veo chamar-se o Papa seruo dos seruos de
 Deos, que a meu ver he o mays excellen-
 te dos titulos do mundo, cujo inuêtor foy
 o glorioso Gregorio vigayro de Christo.
 Aos xxij. capitulos de Esaias, falãdo Deos
 do bom prelado diz: (Dabo clauẽ domus
 David super humerun eius.) Como se dis-
 sera: Eu lhe darey poder na igreja, que he
 a casa do verdadeiro David, que he Chri-
 sto. Mas he muyto de notar, que falando
 aqui Deos da chaue, q̃ dá ao prelado, não
 diz q̃ lha ha de por na cinta, mas no hõ-
 bro. Que chaue he esta tão carregada, q̃
 não pode andar dependurada no cinto p̃
 hũa fita ou cordão, mas ha mister fortes
hombros

Matth. 20.

E sai. 22.

hombros pera a softerem? Que chaue he esta, q̄ faz agiolhar os homēs cō seu peso, senã a superioridade, & p̄lazia, & poder de fechar & desfechar? Tristes daq̄lles q̄ não querẽ esta chaue pera a trazer aos hombros, mas ao pescoço. Quero dizer, q̄ não querem prelazia pera servir & trabalhar, senão pera dominar & vaã gloriarse. Trazem na ao pescoço como couisa leue, & como joya pera que lha vejq̄o, & saybão q̄ sam prelados, & não ao hõbro como couisa pesada, & de muytos e carregos & obrigações, não curão dos trabalhos, & officios, mas das rēdas & dignidades, às quaes elles não trazem mays merecimētos que desejalas & pretendelas, & isto he o com quem menos as merecem: da humildade ilentos, & da presumpção captiños, tão vazios de razões & confirações de sua miseria, como cheos de ambições & vaydades, em que a fantasia reparte seus pensamētos. Verdade he que hahi muytos prelados humildes, & excellentes, amadores da vir-
tude

DA IVSTIÇA.

tude & religião Christãã, que trazem as
 dignidades aos hombros, inclinados p hu
 mildade, & diligêtes na administração, &
 finalmête verdadeyros pastores, ca como
 diz S. Bernardo, o officio do prelado he
 ser sollicito, & tão altiuo. E dado que isto
 principalmente conuenha aos prelados
 ecclesiasticos, não cuydem os principes
 seculares, & todos os q tem mando & do
 minio, q sam escusos da obrigação da má
 fidão & humildade, antes trabalhem po
 las adquirir & conseruar como cousas, q
 lhe sam summamête necessarias. E se per
 uentura antes de terem as dignidades &
 carregos pubricos, estauão irados contra
 algũas pessas, tanto que se virem com do
 minio, lhe hão de pdoar. Trafibulo o Gre
 go tanto que matou os tyrannos de Athe
 nas, & ficou com o principado, vendo que
 auia hi muytos, q o tinhão offendido, fez
 hũa ordenação, que ninguem fosse casti
 gado né accusado de culpas passadas, por
 não ter occasião de vingar as que contra
elle

Bernardo.

Trafibulo

elle seus inimigos tinham comitidas, & chama-
maua-se esta ordenação a ley do esqueci-
mento. Isto sentia bem Elio Adriano, que Adriano
sendo confirmado em Emperador, acer-
tou de ver hũ homẽ, a quem dantes tinha
odio, & como o homẽ estivesse assombra-
do & medroso, disse-lhe o Emperador: Es-
capate. Como se lhe dissera: Agar de ce tu
ao imperio, que eu tenho, que se o eu não
tiuera, eu tomara de ti vingança. Hũ du-
que d'Orliães, que fora injuriado doutro
senhor, veio a ser Rey de França, & sendo
acõselhado que se vingasse, poys o podia
fazer, q̃então era tempo, respondeo que
não conuinha a el Rey de França vingar
as injurias feytas ao duque d'Orliães, nẽ
lembratse dellas. Destes principes passa-
dos deuião tomar exemplo todos os pre-
sentes, como vemos que o fazem os que
são justos, & de altos animos. Mas os in-
justos & de bayxos espiritos parece q̃ não
acceptão os carregos de justiça, pera a fa-
zerem, mas pera se vingarem nam tem
CONTA

DA IVSTIÇA.

Compa
raçam.

conta com clemencia, mas cõ vingança. As brasas na fragoa estando quietas, cubertas de pó & cinza & caruões, sendo viuas parecem mortas, mas tanto que lhe soprão, & leuantão os folles, começam a centillar, & lançar fayscas & chamas de fogo: assi o subdito apassionado, que tem fistuladas as entranhas cõ odio antigo, como não tem poder pera se vingar, mostra se quieto, & dissimula suas injurias mas se lhe soprays, & alevantaes os folles, com lhe dardes qualquer governança ou capitania, ou outro qualquer carregado de justiça, logo se accende em ira, querendo effectuar, os desejos de suas vinganças, logo centilla, & mostra as chamas de seu rancor, logo prorompe em palavras injuriosas, logo se descobre & manifesta por vingatiuo, & publica seus odios antigos, & suas damnadas entranhas, porq̃ tẽ por gosto tiralo aos outros, & por desgosto não o dar a dinguẽ. Assi como hũa tina por fendida que seja per muytas partes,

Compa
raçam.

tes, se está vazia, não se conhece, mas tanto que he cheia d'agoa, logo descobre suas fendas, & se enxergão suas faltas, assi hũ subdito não mostra quẽ he, & por fendo q̃ seja, encobre suas quebras, mas tanto que o enchem de dominio, tanto que lhe metem nas mãos officio, logo publica seus defeitos & suas fendas: p̃ hũas apparece a soberba, p̃ outras a cobiça p̃ outras a fantesia, p̃ outras a crueldade, p̃ outras os ecubertos & velhos desejos d'vingança. Isto he o q̃ diz Pittaco hũ dos sabios de Grecia, que o officio descobre o varão. Mas os que quizerem bem gouernar a outros, primeyro deũ de vedar & calafetar a si, pera acertarem: & quãdo virem que errãõ, não se hãõ de correr de emendar seus excessos, nem se hãõ de ter disso por afrontados. Acabãdo Philippe Rey de Macedonia de julgar injustamente hũã causa contra Macheta vassallo seu, com ira & pouca consiração, disse Macheta que appellaua. E fazendo el Rey zombaria de

Sua

Pittaco.

Philippe.

DA IVSTIÇA.

sua appellação, disselhe: Não sabes tu que não tenho eu superior? Poys pera quem appellas? Respondeo elle: Senhor appello de ti perati, depoys q̄ estiueres desagastado, & vires a causa com milhores olhos. Tornou Philippe sobre si, & vêdo q̄ errara, reuogou a sentença. Isto fazê os principes alheos de soberba, ca os inchados della inda q̄ veção seus erros, hão se por abbatidos em os emedar. E como se gouernão per seu prorio parecer querê mostrar suas inuencões, & ir cõ ellas auante, & fazer mil nouidades, com que destrue a republica. Muito ha o principe de fugir de nouidades. Diz Aristoteles que o q̄ bem quiser, gouernar, tres cousas ha de ter, iustica, poder, & odio a inuencões nouas. Platão louua muytos os Sicionios em não consentirẽ mudanças em sua cidade. Os Rhodios forã muito louuados dos Chronistas, em q̄ com grande difficuldade fazião & acceptauão leys nouas, mas depois que crão feytas & acceptadas, inuiolaclmente

Aristot.

Platão.

mente as goardauão. Os Lacedemonios não admittião custumes peregrinos, & segundo as leys de Licurgo não podião ir a terras estranhas, por não verê nem aprêderem nouidades, em tanto que porque Tipandaro nũ instrumêto musico acrescentou hũa corda além das custumadas, a elle poserão em desterro, & ao instrumêto fizerão em pedaços. Florêça, & Sena, & Pisa, erão tres excellêtes senhorias em Italia cada hũa sobresi, & por serê dadas a mudanças & nouidades perderão seus estados & liberdades, & vierão em nossos tempos a ter por senhor a Cosmô Medices, que de pobre soldadoveo a ser duque de todas ellas. E pelo cõtrayro a senhoria de Veneza por não consentir nouidades se conseruou até agora em sua antiga dignidade, & he hoje em dia hũa das may's illustres & famosas republicas do mundo: E tem isto os Venezianos, que naturalmente sam inimigos de cousas nouas: o que não acontece aos Portugueses de

DA IVSTIÇA.

nosso tempo, que per cima de muytas cousas que tem boas, tem esta mà, que he serem muyto de nouidades, em especial nos trajos, que cada dia mudão: em tanto que se agora resurgisse hũ Portugues dos antigos, vestido ao modo daquelle tempo, nem noso conhecerimos a elle, nem elle a nós. Mas ja se soffrerião nouidades estranhas nos trajos, com tanto q os principes as não admittissem nos costumes & regimentos. Colhemos daqui que os gouernadores per cima de humildes & humanos bão de ser inimigos de mudanças damnosas, se quiserem sustentar seus estados, ca as respublicas insinhes permanecem na honra ganhada com fazer o com que a ganharão, & não com inuênções nouas, com que muytas se perderão.

CAPITVLO VII.

¶ Da liberalidade, & dos lououres do direyto ciuil, & da matl.e-matica.

Húa



Vã qualidade, disse o cidadão
 ficou por tocar, que eu te-
 nho pera mĩ que iustura mui-
 to no principe, & que he das
 mais substanciaes, que elle pode ter. Que
 qualidade, pergũtou o theologo, he esta?
 He, respondeo o cidadão, a liberalidade
 & magnificẽcia. Esta, tornou o theologo,
 se comprende na virtude cõ outras muy-
 tas particulares, que eu deyxey de tocar.
 Quãdo eu digo que o principe ha de ter
 letras, entendoo não somẽte das huma-
 nas mas das diuinas: & quando digo q̃ ha
 de ter virtudes entendoo de todas, hũa
 das quaes he a liberalidade. Diz Socrates,
 como refere Xenophonte, que conuem
 ao principe ser mays amigo de dar que
 de ter. E Agefilao diz, como refere na sua
 vida Plutarcho, que aquelle he valeroso
 capitão, que enriquece mays seu exerci-
 to que a si. O principe cubiçoso & auarẽ-
 to alẽm de ser mal quisto dos homẽs, estã
 mal com Deos, & quanto quer ser mays

Socrates.

Xenophõ

Agefilao.

Plutarcho

DA IVSTIÇA.

rico, tanto he mais pobre. Que tem quem se a si nam tem? Quê he seruo da cubiça, de quê pode ser senhor? Como pode viuer cõ a casa chea de bês, quê tem a alma chea de males? Como quadra ter hũ principe seus paços armados de rica tapeçaria & alma defarmada da virtude, as paredes de pedra vestidas, & os pobres de Cristo nũs? Crede que nam a mores riquezas q̃ nam as desejar. Hum homê sem cubiça anda descansado & se he cobiçoso, nam tẽ descanso, porque sempre traz os sentidos occupados em seus interesses cõ hũa forja viua de trabalhosos cuydados, q̃ de dia & de noyte lhe arde no pensamento. Assim como quando o estamago nã coze, nẽ reparte o manjar pelos mēbros, dizemos q̃ está muyto enfermo, assi quando o principe he escaço & auarêto, nã hai que debater se nã q̃ tẽ grãde enfermidade. O estamago recolhe e si as igoarias, & depoy de as digerir cõ o calor natural, reparte as pelo corpo, mas faltãdo o calor, nã se faz a digestã,

Compa.
racim.

8

& incha o estomago, & os mēbros em ma-
 relecē & enfraquecem. O rico he o esta-
 mago, õde se recolheram as riquezas, pe-
 ra q̄ esmoydas como amor & calor da di-
 uina charidade se repartissē pelos pobres
 masfaltãdo o amor apagado o fogo dacha-
 ridade enchese o rico & os pobres perecē
 & quãto mays cheo está o estomago, quã-
 to mais embaçado está o homem, tanto
 mais mingoados estam os mēbros, q̄ fam
 os pobres. O que se dá aos pobres nã se dá,
 mos poēse em deposito na arca de Deos,
 pera que allí este goardado, ca como, diz
 Chryfologo: a mão do pobre he o cofre
 de Christo: & o mesmo Christo diz que
 façamos thesouro no ceo, onde estará mi-
 lhor goardado. E não somente receberē-
 mos o que dermos, mas cento por hū, & a
 vida eterna. Que cousa he logo fazer es-
 molas, senam leualas da qui em letra,
 pera lá no ceo as recebermos ao galarim?
 Isto he o que diz Salamão nos Prouer-
 bios: Aq̄lle dá o seu áõzena ao Senhor, q̄

Chryfologo
Mat. 6.

Mat. 19

Prouer 19

S iij faz

DA IVSTIÇA.

faz esmola, & vfa de misericordia com o pobre. Se isto confirassem os ricos, despenderião bem o seu, & não estarião feytos estamagos encruados & opilados, mas repartirião o mantimento pelos membros.

Sexto.

Diz Sexto Aurelio que soya Traiano chamar ao seu thesouro baço da repubrica, porque assicomo crescendo o baço, o corpo se corrompia & consumia, assi quanto mays cresce o thesouro do principe, tanto mays se consume a repubrica: porque o thesouro do principe ha se de despende com os vassallos, & acodir ás necessidades dos pobres. Ca pera só isto se podé de sejar riquezas, pera com ellas socorrer ás deuídas necessidades. Que aproueyta a hũa figueyra estar carregada de excellentes figos, se ella está nũa rocha antre tam fragosos arrecifes, que ninguem lhe pode chegar? Assi que aproueyta a hũ principe estar cheo de riquezas, se se ninguê dellas aproueyta? Alexandre Magno foy tão liberal, que parece que não conquistava

Comparaçam.

Alexandre

as terras, senão pera as dar. E perguntando-lhe hũa vez hũ seu amigo, q̃ lhe ficaua, poys daua tudo? Respõdeu q̃ lhe ficaua o gosto, q̃ tinha de dar. Ainda que Plutarcho diz que respondeo, que lhe ficaua a esperança. E na vida de Phocião Athenies diz que mandou de Asia grande somma de dinheyro a este Phocião, que era muyto pobre, & que elle o não quis acceptar, dizendo que se cõtentaui com sua pobreza, poys lhe abaftaua o que tinha. E foy ventilada esta questão nas academias dos philosophos de Grecia, qual fora mais rico, se Alexandre em mandar o dinheyro, se Phocião em o não querer. Quanta gloria alcançou Alexandre com o nome de liberal, em tãta infamia encorreo seu ãmigo Dario com fama de cubiçoso. Cõta Herodoto no primeyro liuro de suas historias, que pos Nitochris Raynha do Egypto hum letreyro no seu sepulchro, que dizia q̃ se nalgũ tempo el Rey de Babylonia tiueſſe necessidade de dinheyro,

Plutarcho

Phocião.

Dario.

Herodoto

Nitochris

DA IVSTIÇA.

abrisse aq̃lla sepultura, & tomasse dahio que quisesse, mas q̃ a não abrisse senão cõ necessidade. E socedendo depois muytos reys nenhũ abriu esta sepultura senã Dario: mas não achou dentro nenhũ dinheiro, senão hũas letras que dizião: Senão foras auarento, & cubiçoso de torpe ganho, nã abrias tu as sepulturas dos detuntos. Odiosa cousa he a cubiça. Hũ auarento cuyda que tem dinheyro, & o dinheyro tẽno a elle. Quão ricos serião os homẽs se se quisessem cõtentar cõ pouco! Seneca diz: Se viueres segundo a opinião, nunca serás rico, & se segundo a natureza, nunca serás pobre. A opinião nunca se farta, & a natureza cõ pouco se contenta. Architas Tarentino cõparaua o animo d'hũ cubiçoso a vaso sem fundo, que nunca se acaba d'encher: & pelo contrayro o animo nũ de cubiça logo se cõtenta, & com pouco se satisfaz. Entrando hũ vez Socrates p̃ hũ praça, onde auia grãde feyra, vendo muytas riquezas & grande variedade

Seneca.

Architas.

Socrates.

rieda

riedade de cousas, disse como espantado:
 De quantas cousas não tenho necessi-
 dade! Chrysofostomo diz: Despreza a ri- Chrysof.
 queza, & serás rico, despreza a gloria, &
 serás glorioso. São Paulo na primeira Epi- 1. Timo. 6.
 stola a Timotheo chama á cubiça rayz de
 todos os males. Assim como a terra que dá Compz
 ouro, he estéril para todo o mayz, assi o raçam.
 homẽ cheo de ouro não aproueita pa na-
 da. Falo dos auarétos, aos quaes resplãde-
 ce mais ouro q̃ os raios do sol, os quaes
 esporcados cõ a cubiça & espãça de inte-
 resse corrẽ para onde os guia o appetite, & fo-
 gẽ dõde os guia a razã. E ainda q̃ a auareza
 seja p̃niciosa é q̃lquer pessoa, muytos mais
 he nos principes & p̃lados, q̃ hão de compa-
 ro dos necessitados semelhantes a bedês,
 que por cobrirẽ os outros estão á chuua:
 & hão de gouernar & julgar liuremente
 segundo justiça. O que elles sendo cubi-
 çosos & auarentos não podem fazer, por
 que os dões & presentes, que recebẽ, os
 enleão & deprauã. Isto sentia Ictro, quando Exod. 18.
 aconsel

DA IVSTIÇA

aconfelhaua a Moyses, que escolheffe pera governadores homẽs temẽtes a Deos, & verdadeyros, & ãmigos de auareza. No Exodo & Deuteronomio diz Deos, que os que tem carregos de justiça, não tomem presentes & dadiuas, porque cegãõ nam fomite os ignorantes, mas os prudentes.

O julgador cubiçoso he como balança, q̃ pera onde lhe põe mór peso, pera alli se inclina, & mete os malfeytores na cadeia pela porta do ferro, & tiraos pela porta do ouro. E assi he auorrecido, & injusto, & incõstãte: & pelo cõtrayro se he liberal & magnifico, he amado & justo, & amigo da firmeza. Mas he necessario q̃ a liberalidade tenha & goardo suas devidas circunstancias, pera que não se jão os principes relogios destemperados, que dãm fora do tempo, dando dez, quando hão de dar hũa, & hũa quando dez. Mas basta q̃ hão de ser liberaes & d'alto animo, não querendo satisfazer sã com palauras a falta de suas obras, semelhantes aquelles em

CUOS

Comparaçam.

Comparaçam.

cujos reinos correm palauras por moeda. Isto baste quãto á liberalidade, que dissestes ser necessaria ao principe, como lhe sã muytas outras virtudes & sciencias. Ao menos, disse o jurista, he lhe necessaria a sciencia do direyto, poisha defazer goardar as leys, & he impossivel fazelas goardar, sem as sabet. Quanto mays que hahi às vezes tempo, em que he necessario fazer leys, & não se podem fazer as novas, sem se saberem as antigas. E está claro q̄ ninguẽ pode fazer leys, que toquem ao commũ estado do reyno, senão el Rey. l. finali. §. penultimo, & finali. C. de legibus. E as virtudes das leys sam como diz Modestino nosso jureconsulto imperar, ve- Modestino dar, castigar, & permitir. E Vlpiano diz q̄ Vlpiano. os p̄ceptos do direito sam viuer honestamente, não empecer a ninguẽ, dar o seu a cujo he, nos quaes se inclue toda a moral philosophia. E as leys sam as que ensinão estes preceptos. Per onde se mostra que sã ellas regras de philosophia, & dou- trina

DA IVSTIÇA.

trinas de bẽ viuer dadas pera o bem cõ-
 mũ. Porq̃ ley não he senão hũa ordenan-
 ça da razão, & hũ precepto dado de quẽ
 rem carrego disso pera o commũ prouey-
 to, & conseruação da humana sociedade.
 Com as leys se quietão os tumultos, & se
 conserua a doce paz, & finalmente se go-
 uerna todo o mundo. Em tanto que até
 os collayros, & os que na terra viuem de
 roubos, senão poderião conseruar em sua
 companhia, senão fossem as leys que tem,
 & a justiça distributiua, q̃ antre si guardã.
 A cidade, onde não ouerbõas leys, será
 muy cedo destruyda, & o reyno que per
 bõas leys senão gouernar, será facilmente
 desolado. Tanto durou a republica dos
 Lacedemonios, quãto nella durou a au-
 thoridade das leys de Licurgo: & tanto a
 dos Athenienses, quãto as leys de Solão.
 Mas perdidas as leys, perderão se també
 as republicas, porque a gouernança, que
 foy andar nos sabedores, foy vsurpada
 dos ignorantes. E pera isto dou por teste-
 munhas

munhas não as palauras presentes, mas
 as historias antigvas. Diz Platão que en- ^{Platão.}
 tão serão bemaenturadas as cidades,
 quando os philosophos regerem, ou quã-
 do os Reys philosopharẽ. Per esta autho-
 ridade, disse o mathematico se proua, que
 he necessaria aos principes, & a todos os
 governadores a philosophia, em especial
 a mathematica, pera saberem o sitio do
 mundo, & o mouimento dos ceos, & as
 nauegações, & climas, & constellações, &
 pera saberem situar hũa cidade, & orde-
 nar hũ exercito, & guiar hũa armada, &
 outras coufas desta qualidade, q̃ pertencẽ
 a hũ perfeito principe. Isto moueo a Pro- ^{Ptolemeu.}
 lemeu Rey do Egypto dar se tanto á ma-
 thematica, que venceo nella os philoso-
 phos de seu tempo, & escureceo a memo-
 ria dos antiquos. Deos fez o mundo, &
 Ptolemeu o escreueo & matizou. A este ^{dõ Afonso}
 famoso Rey imitou el Rey Dom Afonso
 de Castella na cõposiçãõ das suas taboas ^{Cesar.}
 mathematicas. Julio Cesar a quelle illustre
 Empera

DA IVSTIÇA.

Emperador, & espantoso capitão deu se tanto a o conhecimento do curso do sol, lûa, & estrellas, & philosophou tão altamente nas cousas de mathematica, q̃ teue tanta guerra cõsigo mesmo sobre a sciência, quantatiuera com os inimigos sobre o imperio, & estimaua tanto, as letras que aprêdera, como as terras, q̃ conquistára. E não conquistára elle tantas, se as não vira debuxadas na Mappa mundi, a qual inuentou Anaximandrio, como o conta Erastothenes, & refere o Strabo no seu primeyro da geographia. Quando os poetas fingirão q̃ el Rey Prometheo estaua no cume do monte Caucaço atormentado d'hũa aguea, que lhe estaua roendõ o coração, ou como outros dizem, o figado, sem nunca acabar de lho comer, que outra cousa quizerão significar, senão que o bom principe ha de ter conhecimento do curso das estrellas? Que aguea he aq̃lla, q̃ lheroia o coração, senão a alta & triste meditação dos mouimentos celestes,

Erastothene,
Strabo.

&

& a cõtemplação espherica & mathematica? E potq̃ na subtileza desta sciencia d'hu cuydado nasce outro, & hũ pensamento gera outro pensamento, fingirão que esta aguea sempre roya o coraçã sem nunca acabar de o cõsumir, porq̃ a parte roida tornaua a nascer. E porque esta meditação mathematica he sobre as cousas altas & celestiaes, disserão que estaua este Rey nã nũa verde varzia, ou sombrio valle, se não no alto cume do mõte Caucaço, que parece que confina com o ceo: nem fingirão que lhe roia o coraçã animal terrestre, mas hũa aue, & não qualquer, mas a princesa de todãs ellas, a que voa mays alto, a que era dedicada ao grãde Iupiter a quem elles chamauão Rey das estrellas & collocauã antre as vaidades de seus deoses, como mais excellente & supremo de todos elles. No que quizerão significar a excellẽcia & superioridade da mathematica sobre as outtras sciẽcias, & quam apurados & refinados sentidos se requerẽ pa
T seus

DA IVSTIÇA.

seus altos juyzos & delicadas confirações. E porque nam disseste alguém que esta sciencia não pertencia a Reys, differam que este Prometheo era não qualquer homê, mas grande Rey. Não por outra causa diz aquelle grande Homero fonte de grega poësia, que o escudo do famoso Achilles, tinha esculpidas muytas constellações celestes, senão pera dar a entender, que os insinhes & abalifados capitães, & excellentes principes se ham de prezar do conhecimento das sciencias mathematicas, & asham de estimar & fauorecer, pera que con seu fauor se aumentem & multipliquem. Porque affi como a temperança do ar faz a terra fertil, assi o fauor do principe excita & alleuanta os engenhos dos vassallos agrãdes coufas.

Homero.

Achiles.

Comparaçam.

CAPITVLO VIII.

¶ Da philosophia actiua & contemplatiua, & qual dellas conuem mays ao perseyto principe.

NAN



NA M se pode negar, disse o jurista, ser a mathematica vtil ao principe, como o são todas as mays sciências & artes liberaes, as quaes lhe dão grãde lustro & resplendor. Mas aque lhe mais conuê, & he propria sua, & summamente necessaria, he a sciencia do direyto. Porq̃, como diz no prologo das suas Instituições o Emperador Iustiniano, á imperatoria *Iustinia* majestade conuem não sômente ser afermosentada com armas, mas armada com leys, pera que hũ tempo & outro assi o da guerra como o da paz possa ser direytamente governado. E quanto he ao que dizeys da authoridade de Platão, que os philosophos hão de reynar, ou os Reys philosophar, está claro que faz mays por mim que por vos, porque se entende não da philosophia contēplatiua, mas da actiua, não da mathematica, mas da moral; na qual se cõprehende a sciencia das leys como ja tenho prouado, as quaes sãtã

DA IVSTIÇA.

excellentes, que não somente conseruão
 o proprio reyno, mas ainda gouernão &
 sustentam outros reynos & senhorios re-
 motissimos, como se vé claramēte nas le-
 ys feytas neste reyno, que não somente o
 conseruão, mas ellas mesmas regē & sostē
 as ricas Indias do Oriente, per grande di-
 stancia do imenso mar alongadas de nos,
 que os inuictissimos & Christianissimos
 Reys de Portugal dō Manoel & dō Ioão
 de gloriosa memoria p̄ seus capitães des-
 cobrirão & cōquistarão, & com o diuino
 fauor someterão á fe de Iesu Christo nos-
 so verdadeiro Deos, ajuntando as agoas
 orientaes do Ganges da odorifera Asia
 com as occidentaes do Tejo da guerreira
 Lusitania: cousa tam noua & inaudita, q̄
 meteo em admiracã o mundo vniuerso.
 Bem que pera os nossos ganharē os gran-
 des reynos da India, & destruyrem nella
 a gentildade & secta Mafometica, lhe a
 proueytou muyto o inuinciuel animo,
 com que pelejarã, & o singular & pasmo

so esforço, com q̄ nas batalhas nauaes te-
giam o mar & o tornauão sanguinho, &
nas da terra a semeauão de corpos mor-
tos, regando os campos com o sangue da
barbara gente ãmiga de Christo. Mas pa-
se isto sustentat forão as leys summamẽ-
te necessarias, & ainda pera se comerer,
porque ja de cáhião as leys & regimẽtos,
que os capitães auião de ter é conquistar
& os caualeyros em lhe obedecer, com as
quaes leys mouidos & governados come-
terão coufas terribeis, não estimãdo a vi-
da pola gloria, tendo por maishõrosa aq̄l-
la victoria, onde suas pessoas cõ mór ris-
co se auenturauã. Dizeime senão fossem
as leys perq̄ os nossos se regem no mar &
na terra, como poderião elles sustentat a
India, nem ainda achala & conquistala?
Mas senã fosse a mathematica, disse o ma-
thematico, como poderião elles la leuar
essas leys? Vos não vedes que he isso cõtra
vos? Dizeime esse mar tam profundo &
tẽpestuoso, como se podera nauegar sem

DA IVSVIÇA

mathematica? Como se poderão attrauef-
 far as duuidofas ondas das imensas agoas,
 & fazerle estrada real & directissima per
 ellas sem conhecimento do norte, & das
 estrellas & dos circulos celestes? A agulha
 & carta de marear q̄ coufa he senão mera
 mathematica? Essas regiões tão separadas
 & tão estranhas como fora possiuel de-
 cubriremse & conquistaremse, se os nos-
 sos não forão instructos no conhecimen-
 to dos mouimentos do ceo, nos graos da
 altura, nos circulos & cursos das plane-
 tas, na diuisam dos climas, na mappa, no
 astrolabio, no quadrate, na ppriedade &
 variedade dos vêtos, nos eclipfes, na arte
 da nategaçã, na cosmographia & sitio do
 mûdo, na quantidade da terra, na nature
 za dos elemêtos, & finalmente no conhe-
 cimêto da esphera, oq̄ tudo cõsiste na ma-
 thematica? Per onde cõsta q̄ o q̄ trazey
 cõtra mĩ he cõtra vos, & o q̄ cuydays q̄ he
 contra a mathematica, he por ella, & o q̄
 allegays pera seu descredito, allego eu pa
 sua

sua valia. Day hũa volta a essas vossas ra-
 zões, & achalas eys cõformes a meu pro-
 posito. Conta Plutarcho que hũ pintor
 chamado Paufam se concertára com hũ
 homẽ de lhe pintar hũ caualo, que estiu ef-
 se lançado com as pernas pera cima, ca-
 fazia assi a seu proposito, & tenção, & o
 pintor parece que esquecido disto pintou
 o correndo: indinado o q̃ o mandara pin-
 tar, disse o pintor sorrindose: viray a ta-
 boa, & achalo eys á vossa vontade. E assi
 soy, que tanto que deu hũa volta á taboa
 em q̃ o caualo estaua pintado, ficou elle
 com as pernas pa cima, & assi lhe pareceo
 bẽ, o q̃ dâtes lhe parecia mal, só com lhe
 dar hũa volta. Day hũa volta a essas razõ-
 es, olhayas cõ bõs olhos, & aquillo q̃ vos
 parecia cõtra mĩ, vos parecerá pormĩ: co-
 mo acõtece a muytos, q̃ allegã coufas cõ-
 tra seus aduersarios, pa cõ ellas os desla-
 creditarem, as quaes viradas & vistas com
 bõs olhos elles podiã cõ razã allegar pa
 se acreditarẽ, porque o que se traz pera

Plutarco.
 Paufam.

DA IVSTIÇA.

sua desualia, podião elles trazer pera sua
 honra: & o q̄ se diz pera sua infamia, po-
 dião elles dizer pera sua gloria. Nũca dis-
 se o jurista, disse cousa a que não fosseis a
 m̃o. Parece que á cinte reprehendeys mi-
 nhas razões, não sey com quanta, ou por
 melhor dizer, sey que sem nenhũa. E cõ a
 não terdes ṽdeys vossa parte por tam ju-
 stificada, q̄ está a vitoria tam perto de vos
 como vos lōge de a merecerdes. Eu, disse
 o cidadão cõtra o jurista, vista vossa razão,
 pera m̃i tenho q̄ a não tendes em vos del-
 le agruardes, poys se ninguẽ, nessa parte
 delle agrava: antes em suas praticas traz
 por si tam boa razão, que os q̄ a tem dizẽ
 que a tẽ elle. E poys se os outros delle cõ-
 tentãõ, contentayvos vos tambẽ. Antes
 disse o jurista, isso he o de q̄ me eu quci-
 xo, que contentando elle aos outros não
 quer contentar a m̃i: & he de tal vontade,
 que fazendolhe a elles a sua, nunca fez a
 minha. E quer me sustentar que he mays
 necessario na republica pera sua bõa go-
 uer

nernança, o conhecimento da mathemati-
 ca que o do direito, sendo a mathemati-
 ca philosophia contēplatiua, & a sciēcia
 do direito philosophia actiua: & dizendo
 todos os authores q̄ a armonia da bõa go-
 uernança consiste em galardoar bõs & ca-
 stigar maos, que sam obras actiuas, & não
 contemplatiuas, as quacs clarissima & p-
 prissimamēte conuē ao Principe & gouer-
 nador. Porque gouernar nã he especular
 os segredos da natureza, & mouimentos
 do ceo, mas he fazer justiça, & tratar d̄ cu-
 stumes, & prouer a terra, & dar o seu aca-
 da hũ, o que sem duuida nenhũa conuē á
 philosophia actiua & moral, & não á spe-
 culatiua & mathematica. Eu, disse o cida-
 dão, tenho pera mi, q̄ pera acidade ser bẽ
 regida não he necessaria philosophia al-
 gua, nẽ philosophos, senão homẽs de bõ
 juyzo & bõa cõsciencia. E isto me parece
 amĩ que eu mostrarey per razões. De que
 serue na repubrica o officio de philoso-
 pho, mathematico, nẽ moral? Sabeis dis-

DA IVSTIÇA

feo theologo,quão necessaria he a philo-
 sophia,que isso q̄ vos fazeyz em falar cõ-
 tra os philosophos, he tomar officio de
 philosopho. Até isso, q̄ dizeis cõtra a philo-
 sophia he philosophia. Quereis ver isto?
 O officio dos philosophos he tratar, &
 disputar, & mostrar como se ha de gover-
 nar a republica, & quaes sam os generos
 de homẽs, q̄ nella ha dauer, & quaes não
 & querẽdo vos mostrar per razões q̄ na
 republica não ha dauer philosophos, co-
 mayz officio de philosopho, & disputan-
 do cõtra a philosophia vsays della: como

Socrates.

Platão.

Socrates q̄ nũca viu de tão alta eloquẽ-
 cia, como quãdo reprehende a eloquenti-
 cia, o que se entende não da verdadeyra
 mas da falsa, a qual elle reprẽde no dialo-
 go de Platão intitulado Gorgias, onde
 lhe chama especia de adulaçã, & ao que
 della vsa chama no Phedro serpẽte pesti-
 fera, & no Menexeno feyticeyro & em-
 baydor, pior q̄ Circe, porq̄ esta mudaua o
 exterior, & elle o interior roubãdo o joy-

zo & ofuscãdo o entẽdimẽto. E na Apologia vitupera a eloquẽcia de seus aduersarios. E ẽ nenhũa parte se esmerou mais na eloquencia q̃ nestas q̃ a reprẽde. De maneyra q̃ pa disputar cõtra a eloquẽcia vsa della, & entãõ se mostra principe dos oradores, quãdo cõtra elles argumeta, & quãdo quer abater a rhetorica entãõ a exalta, & pa a desbaratar a cõfirma. Tal era o q̃ disputãdo cõtra os sonhos dizia, q̃ se não auia de crer nelles, porq̃ elle sonhara que não creffe ninguẽ no q̃ sonhasse. Assim que tratãdo cõtra os sonhos, pa lhe tirar o credito lho daua. A verdade he, a meu iuyzo, q̃ he a philosophia necessaria ao principe, em especial a moral. E esta he a sentença de Platão & de todos os philosophos. E ainda que tambem a mathematica, & a natural, lhe conuenhão, isso he como coula acessõria, & não principal. De maneyra que muyto mays lhe arma & conuem a philosophia que consiste em acçãõ, que a que consiste em

DA IVSTIÇA.

em speculação, mays a actiua que a contemplatiua, mais o conhecimento do direito que o da mathematica. Porq̃ claro está que a cidade se pode bẽ gouernar sem conhecimento dos circulos do ceo, mas não sem conhecimento das leys & posturas da terra. A mathematica consiste em specular, & a moral em tirar vicios, plantar virtudes, reformar costumes, & melhorar vidas, que sam as pprias qualidades do principe. E isto fará elle melhor tendo conhecimento da sagrada theologia, q̃ he a verdadeira, & a mays alta & soberana de todas as sciencias, porq̃ ella he diuina, & as outras sam humanas. Muyto, disse o mathematico, auia nisso que replicar, se eu quisesse mostrar quam mais necessarios sam na republica mathematicos q̃ procuradores. Mas porque pera me espratar nos lououres da mathematica auia mister hum dia de seis meses, como sam os da quella parte, que esta ao norte, ou ao sul, por isso faço fim no que nã teria fim. Pro-
uardes

uardes vos, disse o jurista, que ha hi lugar, onde o dia he de seys meses, tenho eu por tã impossivel, como prouardes ser mais necessaria a sciencia mathematica que a juridica. Nam aperfeis nisso, disse o mathematico, porque he sem falta, o q̄ vos digo. Isto, disse o jurista, nam he aperfiar, mas defender a verdade. Muyto folgaria, disse o cidadão, saber como isso he, porq̄ parece impossivel auer terra, onde o dia seja de seis meses. Nã vos pareça isso impossivel, disse o theologo, porq̄ he certo & necessario. Se isso, tornou o cidadão, se poder prouar per mathematica, eu a te-rey por hũa marauilhosa sciencia. Aqui olhou o theologo pa o mathematico dizendolhe. Por honrrada mathematica auays de fazer essa demonstração. Eu a farey, disse o mathematico, se estiuertes atetos, porq̄ a prompta atenção de quem ouue affina o juizo de quẽ fala. Pera prouar isto he necessario ter dous principios, o primeyro he q̄ onde quer q̄ estemos, se
for

DA IVSTIÇA:

for em mōte ou campo raso, ou em qual-
quer lugar desabafado, vemos a metade
do ceo. Isto, disse o jurista, nego eu. Pro-
uoo, disse o mathematico. O sol em vin-
te & quatro horas dá hũa volta ao mūdo
& a todo o espaço do ceo, & como elle
anda sempre dhũ compasso, segue-se q̃ tã-
to espaço anda em doze horas como nas
outras doze, & q̃ em cada doze horas anda
a metade do ceo. Isto he verdade, ou não?
Verdade, disse o jurista. Pergūto, disse o
mathematico. No mes d̃ Março, q̃n os di-
as sam igoaes cō as noytes, não he o dia d̃
doze horas? Si he, respōdeo o jurista, por
q̃ nasce o sol ás seys da manhã & põe-se às
seis da tarde. Vedes vos disse o mathema-
tico. donde nasce o sol até onde se põe? Vejo
respōdeo o jurista. Vedes logo, respōdeo
o mathematico a metade do ceo. Porque
poy o sol em doze horas anda a metade
do ceo, & vos vedes toda aquella parte
do ceo, que elle anda em doze horas, lo-
go vedes a metade do ceo. Concedouos,
disse

disse o jurista, esse principio, venhamos ao
outro. O outro, disse o mathematico, he
que o sol anda seys meses da linha equi-
nocial pa cima, gastado tres meses em su-
bir, & tres em decer, & outros seys meses
anda da linha equinocial pa bayxo. Tu-
do isso, disse o jurista, vos cõcedo. Porq̃ a
linha equinocial vay per meo do ceo do
orientte ao occidentte, & desque o sol no
mes de Março entra na linha, sobe pa nos
atẽ q̃ os dias deyxão de crescer, & entã
torna a decer pera a linha, atẽ q̃ em Se-
tembre entra nella, & dahi deee pa o sul,
atẽ q̃ os dias deyxão de mingoar, & co-
mo comecção a crescer, torna a subir pera
a linha, atẽ q̃ em Março entra nella. E nã
vos pareça q̃ estou tã estranho na mathe-
matica, q̃ nã saiba algũa cousa della. Estã
muyto bẽ, disse o mathematico. Faço lo-
go desta maneira a demonstração. Os que
estão bẽ ao norte vẽ a metade do ceo, q̃
he atẽ a linha equinocial, q̃ he o seu ori-
zõte. A qual linha diuide o ceo em duas
partes

DA IVSTIÇA

partes igoaes de oriente a ocidente. Isto
 esta claro pelo primeiro principio, q̄ po-
 semos, que onde quer que estemos vemos
 a metade do ceo. E o sol á da seis meses da
 linha equinocial pera cima, pelo segūdo
 principio, que podemos, logo os que estã
 ao norte, que sam os que o tē sobre a ca-
 beça, v̄ continuamente o sol seis meses.
 E como o dia seja a presença do sol sobre
 a terra, esta claro q̄ seis meses continuos
 he dia, poys seys meses continuos tem
 o sol diante dos seus olhos. E tanto que
 o sol começa a decer da equinocial, que
 he o horizonte onde se acaba a vista dos q̄
 viuem ao norte, lhe começa a noytecer,
 & dura a noyte outros seis meses desde
 Setembro, q̄ o sol dece da linha, até Mar-
 ço, que o sol torna a entrar na mesma li-
 nha, afsi como o dia lhe dura de Março,
 até Setembro. E todos os seis meses, q̄ he
 dia aos que viuẽ ao norte, he noite aos
 q̄ viuem ao sul, & pelo contrairo todos os
 seis meses, que he dia aos do sul, he noyte

cos do norte. Porque assi como os que tem por zenith o norte, que sam os que o tem sobre a cabeça, tem por horizonte a equinocial de cima pera bayxo, assi os que tem o sul por zenith tem por horizonte a mesma equinocial debayxo pera cima. Bem pode ser que sejam desabitadas aquellas partes que estam debayxo do norte & do sul, aque nos chamamos polo arctico & antarctico, mas basta que nellas o dia he de seys meses, & a noyte doutros seys, que he o que eu ania de prouar. E assi todo hũ anno he ahi hũ dia natural, que consta d'hũ dia & noyte artificiaes, E esta he a demonstraçam clara & manifesta, na qual se per ventura meti algũa palaura soberba, ou em defender a mathematica vsey d'algũa descortesia, vos peço que mo perdoeys, porque a furia do argumentar leua ás vezes as palauras á boca, primeyro que as registe com a razão, mas só com a portaria da vontade. Mas a minha não

V he

DA IVSVIÇA

he falar mal, q̄ bem sey q̄ boas palavras & cortesia são laços, cō q̄ se prendē vōtades;

CAPITVLO. IX.

¶ Daigoaldade do principe & prelado, & da tençam que deuem ter os electores.



Esmepeçado o entendimento do cidadão da duvida & toruação, em que estaua, disse: Em extremo folguey de vos ouuir esta demonstração, porque está ella tão clara, q̄ a entendo eu, sendo tão isento de letras per meu natural, como vos ornado del las per longo estudo. Quanto val, disse o jurista, a pratica de homēs doctos. Conuencem tanto o entendimento esta razão, que tenho por necessario, o que tinha por impossuel. Acabo de crer que he a mathematica hũa sciencia excellente, & muyto gostosa. Mas como o principe tenha por principal officio fazer justiça, & as leys en finem a fazela, não ahiduida, senão que sam ellas muyto mays

sub

substanciaes & necessarias ao principe q̄
 a mathematica. Nem he muyto dispu-
 tardes vos contra a sciencia das leys, poys
 Carneades o Grego & Furio o latino se Carnea-
des.
Furio.
 atreuerão a disputar contra a justiça. Isso,
 disse o theologo he verdade: mas pera
 bem não sómente as mathematicas, mas
 todas as sciencias, se fosse possiuel, auia
 de ter o principe, & todas as virtudes &
 excellentes obras. Diz Platão que a dif- Platão.
 ferença, que ha antre o ouro & os outros
 metaes, ha dauer antre o prícipe & os vas-
 falos. Té elle nisso, disse o mathematico,
 muita razã. Por q̄ assicomo he grande pe- Compa-
ração.
 rigo eclypsar se o sol, assi he cousa muy pe-
 rigosa de prauar se o principe, poys delle
 pder a luz v̄ficarẽ os outros e treuas, &
 da sua corrupção pcede a da republica.
 Por isso ha elle de ser mais excellẽte q̄ to-
 dos, poys nelle põe os olhos todos, & q̄l
 elle he, taes são os outros. Dõde se colhe q̄
 se elle nã for justo, nã auerá na republica
 justiça, & se elle carecer d̄ igoaldade nã a

DA IVSTIÇA.

Compara-
ção.

auerá no pouo. E não auendo hi justiça
nem igoaldade não auerá republica. Assi
como pera a esphera ser esphera, ha de
ter hū centro no meo, do qual todas as
linhas que sayrem até a circūferencia, se-
jão igoaes, assi pera a republica ser repu-
blica he necessario ter hū principe no
meo tão justo & igoal a todos, que não
saia delle pera a circūferencia da com-
muidade cousa desproporcionada &
desigoal. E não samente ha de ser igoal,
mas ha de igoalar os outros abayxando
os que vaãmente se quizerem aleuantar
com fantasia, & dominar sobre os outros.
Mandando hūa vez hūa cidade de Gre-
cia pedir conselho a Periandro o philo-
sopho pera sua republica viuer quieta &
bem regida, leuou elle o que trazia a em-
baxada a hū seu cerrado, que estava se-
meado de trigo espigado & fermoso, &
cortou algúas espigas, que estauão muy-
to mays altas que as outras, & depoy de
todas ficarẽ igoaes, disse a Trasibulo, que

Periandro

assí

assi se chamaua o embayxador, que se fosse, & que aquilo que fizera, lhe daua por reposta. Quis naquillo significar o philosopho que nenhũa cousa mays afeitosentaua a repubrica, que a igoaldade, & que pera bõa gouernança & quietaçam os soberbos & fantesiosos auião de ser opprimidos, porque os que mays querem valer, sam os que menos valem. Assim como pola mór parte as espigas que no campo de trigo se alleuantão sobre as outras são decenteo, assi na repubrica pola mór parte os que pretendem ser mais altos no dominio, sam mays bayxos no merecimento. E com tudo elles sam muytas vezes nas eleyções preferidos aos boõs. Dizia Catão Vticense que a causa, porque nunca fora consul, era, porque viuia na Republica de Romulo, como se ouuera de viuer na cidade de Platão. Queria dizer que não elegião os Romanos em consules senão a indignos, sem fazerem conta dos virtuosos, & q̃ elle fazia com q̃ o não

Compara-
 ção.

Catão.

DA IVSTIÇA.

Pfal. 64.

fizessem, com fazer virtudes tão abatidas
então em Roma, como estimadas naq̃lla
perfeyta cidade, que o excellēte philoso-
pho Platão em sua fantasia traçou & ima-
ginou. A igoaldade, disse o theologo, he
coufa marauilhosa. Isto quis dar a enten-
der o Psalmista, quando falando cō Deos
dizia. Santo he o tēplo teu marauilhofo é
igoaldade. Não diz marauilhofo em al-
tas colūnas Ionicas, ou Corinthias, nem
em grãde & fermoso cruzeyro, nē em clau-
stras spaçosas & miudamēte lauradas cō
varãdas, & cirados, & altos curucheos, nē
em portaes custosos & obras Romanas,
mas em igoldade & justiça. A este chama-
marauilhofo & excellēte. Quã marauilho-
fo & singular templo seria este nossō po-
uo, se nelle ouuessē igoaldade & justi-
ça, se a vontade goardasse á razão sua va-
lia, & finalmēte se se desse o seu a cada hū.
Mas andã os homēs disto tão esquecidos,
que nã atentã senã pa seus interesses, sem
verē sua p̃dição. Mas a nós, q̃ o sentimos,
con

conuem lembrarmonos de quão pouco
 lhe isto lembra, pera que cõ a memoria
 de seu esquecimento roguemos a Deos
 por nos & por elles, como aquelles a que
 o seu pouco cuydado deue dar muyto pa
 o sentirmos, & muyto mays pera o cho
 rarmos. Sabeys quanta verdade isto he, q̃
 nas proprias eleyções, que forão feitas pa
 atalhar dissensões, & injustiças, & desi
 goaldades,ahi acha a fraqueza humana
 em que cayr, buscando as mesmas dissen
 sões, & injustiças, & desigoaldades. O do
 minio & a prelazia, da maneira q̃ a ha no
 mundo, nasceo do peccado. Se Adão não
 peccara, nã forã os homẽs sojeitos a Reys
 & preladados da maneira que o agora sam.
 Mas ja q̃ elle peccou, foy necessario auer
 hũ que gouernasse, pera atalhar conten
 das. Ordenou Deos que gouernasse hum
 pa remedio. Mas a malicia dos maos no
 remedio das contendadas busca occasiõ pa
 ellas, & da mezinha colhe enfermidade.
Por que muytas vezes vemos contendadas

DA IVSTIÇA.

nas eleyções, assi da parte dos eleytores que olhão não ao bem commũ, mas a seu proprio interesse, como por parte dos q̄ querem ser eleytos, cada hũ dos quaes cuyda, que não sómente he colũna pera sustentar a repubrica, mas que he elle hũ Atlas, que sustentará com seus ombros todo o peso dos ceos. E ás vezes ha assi nua parte como na outra grãde erro. Porque os eleytores não deuem ter conta cõ suas particularidades & affeyções, mas por os olhos no bem geral, & os outros hão de confirar suas fraquezas, & não se querer enfiar no pera que não sam. No liuro dos

Num. 14. Numeros está escripto, que vindo os Hebreos do Egypto pera terra de promissão disserão: Constituamos hũ capitão, & tornemonos ao Egypto. Não querião gouernador, que os encaminhasse pera Ierusalem, mas que lhes desse licença pera se tornarem ao Egypto. Não querião quem os leuasse pelo deserto das virtudes, & vida solitaria, & recolhimento, & deuação, mas quem

quem lhe desse liberdade pera os vicios, & pera vida larga & distrayda, & indeuota. Finalmente lembrados das cebolas do Egypto, & de seus falsos contentamentos, querião tornar ao que deyxarão, & se com os pes caminhauão pera Ierusalem, com o animo & vontade tornauão pera o Egypto, mandando Deos no Deuteronomio que se auifasse o principe & prelado que não tornasse o seu pouo ao Egypto. Que materia tão ampla se aqui offercia pera religiosos assi prelados como subditos. Mas deyxada ella vamos onde nos chama o proposito. Está escripto no primeyro liuro dos Reys, que governando se os filhos de Israel per juyzes. disserão a Samuêl estas palauras: Cõstituenos Rey pera que nos julgue, como tem as outras nações. E diz a escriptura que se mostrou Deos muyto irado desta sua petição. Parece que não por pedirem Rey, poys Deos lhe tinha ja dito como o auião de eleger: senão por q̃ o pedião, não pera

Deut. 17.

1. Reg. 8.

DA IVSTIÇA

lhe fazer justiça, mas pera os vingar de
 seus inimigos, & pera os deyxar viuer á sua
 vontade, pera viuerem como os gentios.
 E isto se colhe das mesmas palauras da
 escriptura. De maneira q̃ por isso se Deos
 delles queyxaua, porque na eleyção, em
 que querião eleger seu Rey, pretendião
 seus pròprios interesses, sem terem res-
 peyto á publica vtilidade, sendo ella da
 essencia da justiça. Donde os que della
 tem carregõ, nam ham tanto de olhar
 pera seu gosto particular, como pera o
 commũ proueyto: Ca como diz sam Ber-
 nardo, melhor he que pereça hũ que a
 vnidade. E noutra parte compara o prela-
 do ao phisico, porque assie como eile corta
 o membro podre, & corrupto dos erpes,
 pera saluar o corpo, assi o principe & pre-
 lado ha de castigar o subdito deprauado
 por faude da repubrica, & commũ vtili-
 dade, em que ha de ter postos os olhos.
 E ja que acceytão as prelazias quando
 não poderem acudir a tudo, hão de to-
 mar

Bernard.
 Compa-
 ração.

mar ajudadores, como se escreue no Exo- Exod. 18
 do. Assim como a mão não he menos ha- Compa-
 bil & forte por ser diuidida em dedos, ração.
 antes por isso he mays conueniente pera
 obrar, assi não tem menos força & habi-
 lidade o principe por encomendar os ne-
 gocios & officios com que não pode, a pes-
 soas pera isso, antes assi se gouerna mi-
 lhor a repubrica, & elle fica mays habil
 & despejado pera os carregos de mor im-
 portancia. Porque seria erro occuparse
 em cousas pequenas & accessorias, & dei-
 xar as grandes & substanciaes. Muyto
 bem, disse o cidadão, me parece isso, por
 que então será mays justo o principe,
 quando vfar de mór justiça, & a das cou-
 sas grandes he mór que a das pequenas,
 logo as grandes ha de fazer, & as peque-
 nas encomendar. Essa razão, disse o ma-
 thematico, nam conclue, porque tanta ju-
 stiça he a das cousas pequenas como a das
 grandes. E tão justo he o principe que faz
 verdadeyra justiça com vontade constã-
te

DA IVSTIÇA.

Compara-
ção.

re & perpetua, quando não occorrem se
 não cousas pequenas, como quãdo se of-
 ferecem grandes. Assim como o circulo, se
 elle he verdadeyro circulo, tão redondo
 he & tão circulo, quãdo tem pequena cir-
 cūferencia, como quando a tem grande,
 assi a que he verdadeyra justiça, tão justi-
 ça he nas cousas grãdes como nas peque-
 nas. He muyto, disse o cidadão, que todas
 vossas comparações sam mathematicas.
 Eu não voava tão alto como isso. O que
 quero dizer he que mays se ha o principe
 d'esmerar nas cousas grãdes que nas pe-
 quenas, sem embargo que em hūas & em
 outras ha de ter muyto resguardo. Nisso,
 disse o mathematico, não hahi que deba-
 ter, q̄ pois he commū a todos, ha de olhar
 pola justiça de todos, em especial no que
 mays importa. E pera prouer a todos, ha
 de olhar a ambos os tempos, pera que da
 consiração do passado colha prouidēcia
 pera o futuro. Isto quiserão significar os
antiguos, em pintarem lano, quelles di-

zião que fora o primeyro rey de Italia, cõ
dous rostros hũ de trás, outro diante, por
que todo o bom gouernador ha de olhar
por de trás confirando o passado, & por
dauante confirando o futuro, não pre-
tendendo seu particular interesse, mas o
proueyto commũ a seruiço de Deos, ten-
do sempre nelle seus olhos. Assi como a
lũa fica cris & escura, quando se antrella
& o sol põe a terra, assi então se eclypsa o
principe & perde seu resplandor, quan do
antrelle & o sol de justiça Christo nosso
Deos se mete o interesse, & desejo de cou-
fasterreaes. A vontade do subdito, disse
o theologo, caso que seja deprauada, co-
mo della não dependem outras, he vaso
de peçonha, que mata a só hũ, mas a von-
tade de que dependẽ muitas, se he corru-
pta, he fonte peçonhêta commũ a todos,
& causa de perdição a muitos. Os princi-
pes & prelados não sómente não hão de
ter peçonha nas vontades, mas hão nas
de coar, pera que não empece em algũ
man

DA JUSTIÇA.

mandamento de Deos. Porq̃ tendo elles
bõa consciencia farão inteyra justiça, jul-
gando sem affeyçã, despejados, de odio &
amor, deixada a pessão particular & vesti-
da a publica. Mas ja q̃ acceytã as p̃lazias,
hã de por os olhos em Christo, & segui-
lo pera serem justos & igoaes juyzes. Co-
mo pode ter sam a justiça, quem tem rota
a consciencia? Couisa monstruosa he ser a
vara do juyz direita, & affeição que julga
torta. Diz sancto Ambrosio que a justi-
ça se ha de goardar aos proprios inmi-
gos, & Lactancio diz que o juyz não ha
de perdoar a seus proprios amigos, porq̃
não serue á sua vontade, senão ás alheas.
E á verdade elles a dizem porq̃ o juyz,
& todo o que tem mando & dominio,
ainda que tenha humanidade na con-
uerfãção, ha de ter isençã no officio.

CAPITVLO X. E VLTIMO.

¶ Dos louvores da justiça, & que nam basta
falar della, mas que he necessario
possuyla.

DITO

Ambro-
sio.
Lactãcio



DIT O isto, perguntou o
 theologo se tinham mays
 algũa duuida naquella ma-
 teria, & dizendo elles que
 não tinham que dizer, disse
 elle, O diuino Paulo na primeyra Episto- *1. Cori.*
 la, que escreue aos Corinthios, diz: Não
 está o reyno de Deos em palauras mas em
 virtudes. E noutro lugar da mesma Epi- *1. Cori. 8.*
 stola diz que a sciencia incha, & a chari-
 dade edifica. O demonio sabe muytas
 cousas. Em tanto que este nome demon,
 que em Portugues chamamos demonio,
 em grego quer dizer sabedor. E por isso
 diz Lactancio Firmiano, a quẽ segue S. *Lactancio*
 Augustinho no ix. de Ciuitate Dei, q̃ lhe *August.*
 foy posto este nome polo grãde conheci-
 mẽto, q̃ tem de muytas cousas. Mas q̃ lhe
 aproueyta sua sciẽcia, poys he atormẽta-
 do pa sempre? Antes por isso he elle tã so-
 berbo, porq̃ tem sciencia sem charidade,
 tem quẽ o enche, & não quem o edifique.
 Sam Gregorio Nazanzeno compara as *Nazan.*
 pala

DA IVSTIÇA.

Hieron. palavras sem obras a sonhos. São Ieronymo escreuêdo a Nepociano, diz que antes queria rusticidade fancta, que eloquência com peccados. São Gregorio aos doutores viciosos, que falão bem da virtude não atendo, compáraos a mó de barbeyro, que anda ás voltas com grande pressa, & aguçando se nella a ferramenta, ella nem se aguça, nem se amola, antes se vay comendo & cõsumindo. Quero per isto dizer, que pouco nos aproueytará praticar bem da virtude, & saber muytas cousas della. se a não teuermos. Que nos aproueytará falarmos da justiça, se formos injustos? De que nos servirá esta pratica, & quãtas cousas nella tratamos da justiça, se viuermos sem ella? Queria antes ter justiça, q̃ saber sua definição. E poys não basta falar da justiça, mas he necessario goardala, sejão nossas obras & nossas palavras dhũa mesma estofa. Abracemonos cõ a justiça: imitemos aquelle alto Deos justo governador do vniuerso, o qual no premio

premio dos boões & pena dos maos nos
 mostra claramente, & põe ante os olhos
 os effeytos da diuina justiça. Ella lançou *Esai. 14.*
 do ceo a Lucifer com todos os apostatas
 de seu bando por sua soberba. Ella lançou *Luc. 10.*
 do parayso a nossos primeiros padres po-
 la desobediencia contra Deos commiti-
 da. Ella em figura de colúna de fogo & *Genes. 3.*
 denuuêguiou os Hebreos, & sobuerteo
 no mar roxo os Egypcios. Ella he a pe-
 dra que matou o blasfemo Golias, & sal- *1. Reg. 17*
 uou o fiel David. Que mays direy senão
 que ella trouxe dos ceos á terra o filho
 vnigenito de Deos. Amou Deos tanto a
 justiça, que morreo por ella: & quis antes
 perder a vida, que perderse a justiça. Dõ-
 de o Apostolo S. Paulo diz assi na Epi-
 stola aos Romanos. Propos Deos a Chri- *Roma. 3.*
 sto Iesu por propiciador pela fe em o seu
 sangue pera mostra de sua justiça, pola
 remissam dos precedentes delictos, em a
 sustentação de Deos, pera se mostrar sua
 justiça em este tēpo. Isto he do Apostolo,

DA IVSVIÇA

em q̄ declara q̄ se mostrou Deos justo castigando os peccados em seu proprio filho, que era sem peccado. Deuia o genero humano a Deos diuida infinita, a qual elle não podia pagar por ser finito, Cõuinha q̄ pagasse por nós quem fosse infinito, q̄ he Deos. Aquelle satisfaz congruamēte que deue & pode: o homē deuia, mas não podia, Deos podia, mas nã deuia: fez se Deos homē pera morrer como homē, sendo Deos, pera pagar como Deos. Em quãto Deos não podia morrer. fez se homē, pa que sendo Deos & homē, em quãto homē padeceffe, & em quanto Deos nos saluasse. Pedia a justiça q̄ os nossos peccados fossem punidos, & por isso os tomou sobre si, pera pagar por todos. E a isto chama S. Paulo demonstração de sua justiça. Isto

Esai. 53.

he o q̄ tinha dito Esaias. Deos padre pos em elle as maldades de nós todos. E logo

Esai. 53.

mays abayxo fala o mesmo Padre dizendo. Por amor dos peccados do meu peuo

Psal. 68.

o feri. E o mesmo Chão diz nũ Psalmo: As
couças

toufas, que não furtey, estando na Cruz
 a pagava. Quê vestio a Christo de nossa
 carne senão a justiça? Quê o fez someter
 se a trabalhos & angustias senão ella? Ella
 ferio o impassiuvel, atou o inuêciuel, trou-
 xe o immudauel, fez mortal o eterno. El-
 la he a q̄ trouxe Deos do ceo á terra, & a q̄
 que nos ha de levar a nós da terra ao ceo.
 Ella fez q̄ o bõ Iesu pagasse por nos, ella
 fez ao innocentissimo cordeyro fazerse
 nosso sacrificio no altar da Cruz, onde
 morreo por nós encrauado, ferido, alan-
 ceado, cõ a cabeça attraessada de duros
 espinhos, deshonorado, açoutado, lauado
 todo em sangue, tã trãfigurado, que diz
 o Propheta Esaias, que o vio com o spiri- Esai. 53.
 to prophetico, & q̄ não tinha fermosura
 nê figura, porq̄ todo estaua chagado. Alii
 estaua a q̄lle diuino sacrificio abrasado nas
 viuas chamas do diuino fogo de sua imen-
 sa charidade. Quis o justo Deos pagar por
 nós, pa que, como diz Damasceno, p̄ justis Damasc.
 ça ficassemos liures do antiguo tyranno,

DA IVSTIÇA:

Ose. 13.

resgatados com o preço de seu precioso sangue. Morreo pera q̄ nos viuessemos, & quis cō sua morte triumphar da morte como elle tinha dito pelo Propheta: O morte eu ferey tua morte. Sam tantos & tão illustres os lounores da justiça, que nē ahi tempo, nem palauras, não sómente pera os exornar & engrandecer, mas nem ainda pera ostocar. O justiça guia de nosa vida, que seria do mundo sem ti! Tu es inuentora das leys, & mestra dos boões costumes, tu alevantas as virtudes, & abates os vicios. Tu es inimiga da azeda discordia, & conseruadora da doce paz. Tu espantas os maos, & asseguras os boões. Sem ti a ordem he desordem, a vida he morte, o descanso he trabalho, a gloria he infamia, o bem he mal. Tu destruyste a confusam, & pariste a bõa governança. Tu liuras os innocentes, & condemnas os culpados. Tu alegras os justos tristes, & entristeces os injustos alegres, pera q̄ deyxadas suas vaãs & temporaes alegrias alcancem os

verdadeiros & eternos contentamentos.
 Finalmente tu es aquella gloriosa escada
 de Iacob, que com hũa ponta estava na
 terra, & com a outra tocava no ceo, pela
 qual hús subião, outros desciaõ, porque tu
 aleuantas os justos & sanctos até os altos
 ceos, & derribas os impios & dãnados até
 os profundos abyssos. E poystu mandas
 dar o seu a cujo he, & nos todos somos de
 Deos, he necessario que nos demos a elle,
 se te quizermos seguir a ti. O bom Deos
 recolhey nos e vos, recebey nossas almas
 que se vos offerecem em sacrificio, & a-
 brasayas continuamente naquellas vi-
 uas & ardentes chamas do amor diuino,
 naquelle bem auenturado fogo, que con-
 sume os bayxos & rasteiros pensamẽtos,
 & viuifica & afermosenta o que pelo pec-
 cado estava enterrado & disforme, & ale-
 uanta as almas que vão voando pera ci-
 ma caminho do ceo: pera que esquecidos
 nõs do mundo com seus enganõs, embe-
 bidos na diuina fermosura, atados & lia-

Genes.
28.

DA IVSTIÇA.

dos com ella com os suaues liames da-
 mor, gozemos dos espirituaes contenta-
 mentos da graça, em quanto andarmos
 desterrados neste miseravel valle de la-
 grymas, donde Senhor nos leuay a aquel
 le alto & glorioso monte da diuina vi-
 sam, áquelle celestial banquete dos An-
 jos, áquelle doce fartura de nossos dese-
 jos, & áquellas eternas & bem auentura-
 das moradas da gloria, onde gozemos de
 vos pa sempre. Aqui acabou o theologo
 sua peroração, & ficou tão trasportado,
 que quasi não daua de si acordo, como
 aquelle que estaua foruido no amor &
 lembranças do alto Deos. E tornando co-
 mo sobre si disse. Isto he o que se me offe-
 receo pera dizer da justiça, que he o may
 que eu sey, & o menos que nella ha. A
 isto acodio o cidadão dizendo. Teuerão
 tanta força vossas palauras, que ma de-
 rão pera daqui por diante seguir a justi-
 ça, até morrer por ella: & faltamme as
 minhas, pera declarar o fructo, que em

mim fizeram as vossas. Não me pesa se não porque ha tão pouco que vos conheço, & choro o tempo que perdi, em vos mays cedo não ganhar, & em não saber mays diasha parte desta casa, tão encuberta a muytos, & tanto pera senão encobrir a ninguem. Aqui falarão o jurista & o mathematico pera o theologo, começando de engrandecer seus lououres, mas como elle queria mays merecelos q ouuilos, cortoulhe o fio, mudando a practica. E porque o sol era ja partido de nosso emispherio deyxando a terra de sa companhia da claridade de seus rayos, disse o cidadão: Poys he tarde, será bom recolher monos, antes que se cerre a noyte. Bom será, disserão os outros, que he ja posto o sol. Va com vosco, disse o theologo, o sol da justiça, & allumie vossos entendimentos pera seu seruiço. E elle, disserão elles, fique com vosco.

Fim do dialogo da justiça.

DIALOGO

DA TRIBULAÇAM

*interlocutores hũ preso, &
hũ seu amigo.*

CAPITVO I.

¶ Do trabalho do mundo, & do pro-
ueyto da tribulaçam.



STANDO preso hũ
homẽ nobre, veio o visita-
tar hũ seu amigo, & sau-
dou o desta maneyra.
Deos vosde muyta vi-
da & descanso. E a vos,
respondeo elle, leue á sua gloria, que he
o que eu pera mĩ queria: que vida nem
descanso não o desejo. Porque? Disse o
amigo, porque eu, respondeo o preso,
estou tão enfadado da vida, que ainda q̃
agora fosse em minha mão tornar aos
annos de minha mocidade, não o faria.
Sempre tiue por verdadeyra aquella sen-
tença de Menãdro, relatada p̃ Plutarcho

Plutarc.
Menãd.

no liuro de trãquillitate animi, que duas
 cousas ahi conjuntas & inseparaueys, &
 estas lam viuer & doerle. Donde se colhe
 que a vida he hũ tormento continuo. Pe-
 ra que he logo desejar longa vida, pois he
 desejar longo tormento? Se cada hũ de
 nós fizesse aiarado de seus trabalhos, & o
 corpo confessasse suas dores, & o coração
 seus cuydados, teriamos a vida por triste
 desterro, & por hũ genero de longo mar-
 tyrio: nẽ quereriamos tornar a fazer este
 caminho por cousa do mundo. Quem
 quererá tornar do porto ás ondas, da vi-
 ctoria á batalha, da trãqueyra ao corte,
 do couto seguro ao campo perigoso? Esta
 parece que toy a causa de Christo nosso
 Senhor chorar, quando resuscitou a La- Ioan. 11.
 zaro. Isto he quanto ao que perguntays,
 porque não delejo vida. Quanto ao ou-
 tro, que he desejar descanso, he desneces-
 sario, poys he empregar o desejo em cou-
 sa impossivel. Quem ahi que tenha des-
 canso neste mundo. Assi que a razão, por
 que

XV

esta eu escreui

DA TRIBVLAÇAM!

que o não desejo, he porque o não ha no mundo. Bem vejo eu, disse o amigo, q̄ não se deue desejar senão o que se pode auer, & que nos descansos melhor he possuylos que podelos possuyr, & nos trabalhos polo contrayro: mas tambem vejo, que caso que hũ homẽ possua trabalho, está em potencia, pera possuir descanso. Por demais, disse o preso, he a potencia, que nunca se reduz a acto. A terra dá eruas, & fructas, & gados, & metaes, & pedras preciosas, & finalmente lança de si grande variedade de mantimentos, & cousas pera o vso humano necessarias, mas descanso he cousa, que senão dá nella. Erro grande seria de poys de tantos trabalhos, quantos passamos & experimẽtamos em nos, & vemos cada dia cõ nossos olhos os outros passar, auẽturarmonos inda a desejar & esperar do mundo descanso, cousa que elle nunca deu a ninguẽ, nem a tem pera a dar. Esta me parece a mĩ que foy a causa, que moueo aos Romanos antigos a edificar

o tem

o templo do descanso fora dos muros de Roma, & da conuersação da gente, pera mostrarem que era elle totalmente separado dos homens. Dos muros a dentro edificarão tēplos ao trabalho, & a tantas outras cousas, que estava a cidade cheia de templos de idolos & falsos deoses: mas ao descanso não lhe fizeram templo senão fora da cidade, como o affirma S. Augustinho no quarto liuro de Ciuitate Dei: & Plinio diz q̄ estava este templo situado nua estrada, que sae de Roma, chamada Labicana. Assim q̄ descanso não o ha no mundo. Titulo de Emperador, Rey, & Principe se achará facilmente, mas titulo de descansado não ha nesta vida quem o tenha. Bem que o promete o mundo, mas não o dá. Confiaria antes em letras escriptas n' agoa que em promessas do descanso do mundo. Somente no ceo ha perfeyto descanso. Verdade he q̄ os q̄ serue a Christo sentē em sua alma repouso, mas misturado cō trabalho, por q̄ como estava,

August.

Plinio,

segun

DA TRIBVLAÇAM

Iob. 7.

segundo diz Iob, he hũa milicia & bata-
lha sobre a terra, não ahi puro descanso,
nem quietação sem sobressalto. Eu, disse
o amigo, não hia tão alto como isso, fala-
ua daquelle descanso, que commumente
dizemos que tem os que tem menos tra-
balhos. Nem esse, disse o preso, me parece
a mí que eu nunca terey: porque meus
nojos & grandes desauenturas me tem
tão fistulado o coração, & tão atalhadas
todas as vias, per onde lhe pode vir esse
descanso, que por esta razão a não terey
eu, se tiuer pera mí que será, o que não
tem caminho pa poder ser. Eu estou feyto
hũ forno de vidro acceso de dia & de noi-
te, onde o meu coração está ardendo nas
viuas chamadas das mays desesperadas tri-
bulações, que eu nunca imaginey que po-
dião ser. Eu me vi ja em trabalhos gran-
des, mas erão pequenos pera os d'agora,
porque aquelles tinhamo furo, mas a estes
os meus peccados lhe cortaram todos os
fios do humano remedio. Descarregar
rao

não sobre mĩ tantas & tão terribey's an-
 gustias, que pera resistir a suas forças não
 as tenho. E se me quero consolar com a
 lembrança d'outros tristes, estou vendo
 que as minhas tristezas sam muy differē-
 tes das suas, porque as suas passauão, & as
 minhas tem ancorado sobre mĩ, & ja nũ-
 ca se mudão, senão he d'ũas grandes pera
 outras mayores, mas isto não he mudarẽ
 se hũas, mas virẽ sobr'ellas outras de no-
 uo, & lançarem suas amarras sobre mim
 pera nunca se partirem. E o que pior he,
 que não cessam, mas cada dia vem hũas a
 pòs as outras. Esse, disse o amigo, he o seu
 costume nũca vir hũa sem deyxar empra-
 zadas outras pera virem apos ella. Este he
 o mór mal que tem o mal, não cayr ho-
 mẽ em hũ, que nã seja principio doutros.
 Assim como quãdo hũ alto edificio faz abal-
 lo, nunca se moue hũa pedra, sem apos
 ella se mouerem outras, assi no perigoso
 edificio de nossa vida, nunca vem hũa tri-
 bulação, sem trazer outras tras si. As tri-
 bula

Compa-
 ração.

DA TRIBVLAÇAM

Compa- bulações sam como rios grãdes, que vem
ração. de longe, em que se vem ajuntar outros
 muytos: porque de longe começam ellas,
 pera trazerem cõsigo outras muytas, até q̃
 se fazem tão fundas, que não tem vao,
 nem se podem passar senão pela gloriosa
 ponte da paciencia. Isso he, tornou o pre-
 so, quando ellas vem brandas, mas ás ve-
 zes vê o rio cõ tão furioso impeto, q̃ derri-
 ba a ponte, & leua comsigo quanto acha,
 sem auer cousa, que lhe resista. Será isso,
 replicou o amigo, quando na ponte não
 ouuer boõs espigões de fortaleza funda-
 dos na firme constancia: mas se nella ou-
 uer boõs talhamares & fundamētos, ain-
 da que venhão todas as cheas do mundo,
 pode ella ser batida, mas não será derri-
 bada. Quero dizer, que se hũ homẽ tuer
 forte & alto animo fundado sobre a fir-
 me pedra, que he Christo nosso Deos, ain-
 da que seja atribulado & tentado, não se-
 rá vencido: nem esperará do mundo, se
 não o que elle tem, que he pagar cõ can-
sado

fado trabalho obras dignas de descansar
 do galardão: & se dáem desconto de grã-
 des tristezas algũas pequenas alegrias, cõ
 uerteas em mores tristezas, mistura con-
 tentamentos com desgostos, prazeres cõ
 sobressaltos, mil males com hũ pequeno
 bem, amassando tudo juntamente pera
 nos sustentar neste cerco de desauenta-
 ras. Quem isto bem sentir, & estiuer apa-
 relhado pera o sofrer, pondo em Deos
 seu amor & esperança, não auerá cousa
 no mundo, que possa derrubar nem hũ só
 arco da ponte de sua firmeza, nem moue
 lo de sua cõstancia. Quem, disse o preso,
 será tão firme, que nunca faça abalo sua
 firmeza? Quem será tão quieto, que nun-
 ca se pturbe? Saluo se for outro Asphal-
 tite lago de Palestina, o qual, como diz
 Seneca, & o affirma Cornelio Tacito, nã
 tem ondas, & por mays furiosos ventos q̃
 cursem, nunca se a sua agoa aleuanta nẽ
 altera. Eu vi cõ meus olhos homẽs de grã
 de animo, tã calificados & abalifados no
 effor

Seneca.
 Corne-
 lio.

DA TRIBULAÇÃO

efforçados & virtude, e parecia se nenhũ
 debate, e erã elles pa entrar sem temor cõ
 Job no cãpo da paciência, & depois acoffa-
 dos de perseguições desemparauão o ar-
 rayal do sofrimento, cayalhes o coração
 aos pés, & perdião a esperança com seus
 nojos, tão sem acordo que o não tinham,
 nem pera cuydar no remedio delles: ou se
 nisso cuydauão, era com hũ impeto tão
 sem moderação, que o que cuydauão que
 tomauão por vnicorne cõtra a peçonha
 era outra pior peçonha. Em fim que a pa-
 ciência muytas vezes offendida se torna-
 ua em furia. Donde parece que se cõclue
 poys a tribulação assi abate os homẽs, que
 deue ser tida dos q̃ a tem por cousa abati-
 da & vituperada. Antes disse o amigo, he
 ella cousa gloriosa & de grande louuor. E
 ahi muytos que quanto mays atribula-
 dos sam, tanto mays merecem, pegando
 se com ambas as mãos ao sofrimento, &
 mostrando a firmeza & grandeza de seu
 animo. Hũa das cousas que mays illustra
 a gloria

Compa-
 ração.

a gloria da virtude, he a tribulação: ella he a noyte, em q̄ resplandece o luar da virtude. Diz S. Bernardo sobre os Cânticos, **Bernad.** que assicomo as estrellas luzem de noite, & de dia não apparecem, assi a virtude, q̄ muytas vezes na prosperidade não apparece, na aduersidade se mostra. Hũa arremada d'agoa de flor tapada & posta em hũa casa sem bolirem cõ ella, não mostra seu cheyro, mas bazcolejandoa & entornandoa, recende per toda a casa: Bem assi a virtude quieta & liure de tribulações não mostra sua excellência, mas atribulada & perseguida declara & publica o maravilhofo cheyro de sua perfeção. Iob aquella preciosa garrafa bazcolejada em Husterra de Arabia, recendeo per todo o múdo. Se elle não fora atribulado não mostrara o cheyro suauissimo de sua paciencia. Estando todos seus filhos comêdo, caio sobre elles a casa, & matou os, & alli ficarão sepultados. Nũ mesmo dia foy casa & sepultura, mesa & enterramento,

Y festa,

Comparação.

DA TRIBVLAÇAM

Iob.1.

festa & tristeza, banquete & pranto. Nũ
 mesmo dia vio Iob mortos todos seus fi-
 lhos, & perdida toda sua fazenda, & seu
 gado todo parte morto parte roubado. E
 com isto deu graças a Deos dizendo, que
 elle lho dera, & elle lho tirára, q̃ fosse lou-
 uado pa sempre. Que musica ha no mũ-
 do, q̃ tambẽ soe aos ouvidos, como estas
 palauras do S. Iob? Hũa viola, ou arpa,
 ou qualquer outro musico instrumẽto, se
 não for tocado, como se saberá q̃ vozes
 rem? Se Iob não fora atribulado & perfo-
 guido, como souberamos sua constancia?
 Como soára a musica de sua paciencia?
 Diz a sagrada escriptura, q̃ ouvidas estas
 nouas falou sem peccar. Tocarão as pala-
 uras primeyro na razão q̃ na lingua, soa-
 rão tão altamẽte, que sayo o seu tom per
 todo o vniuerso. & com seu esforço o deu
 elle a muytos, que o mostrarão no gran-
 de animo, cõ que se aventurarão apado-
 cer os trabalhos da vida, querendo a ntes
 perdela por conseruar o sofrimẽto, q̃ per-
 der

der a elle por conseruar a ella. As pedras
 primeyro sam quebradas & desbastadas
 ao picão, & depoyslauradas com suas fo-
 lhagês & romanos: & depoyssam postas
 & collocadas no bello & sumptuoso edifi-
 cio: assi nos pa sermos assentados naquelle
 glorioso edificio da celestial cidade de Ie-
 rusalem, auemos aqui de ser desbastados
 com o picão das tribulações, & laurados
 & polidos cõ lauores de virtudes: pera q̃
 assi cayndo na cõta de quem somos faça-
 mos cousas dignas de quẽ deuemos ser.
 Que cousa ha no mundo, com que mays
 tornemos sobre nos q̃ a tribulação? Ella
 nos traz ao conhecimento de quem so-
 mos, & desterra os falsos aluroços do
 mundo, q̃ nos trazem de nós esquecidos:
 E assi cayndo os homês na conta da vay-
 dade & falsidade do mûdo aleuantão os
 espiritos a Deos, empregando nelle seu
 amor: donde ṽe a ficarẽ altos, sendo dan-
 tes baixos: porq̃ como o amor leue os ho-
 m̃e ao q̃ amão, claro está q̃ amãdo cousas

Compa-
 ração.

DA TRIBVLAÇAM

altasficão altos, & bayxas bayxos. Os philosophos dizem que a razão porque a figura circular he perfeyta, he porque começa onde acaba, & os meos sam proporcionados com o principio & fim: & poys nosso nascimento principio de nossa vida he com dor, & afim com dor, como poder ser perfeyta a vida dos que nascendo chorando, & morrendo, suspirando, viuem sempre rindo? Nã nos agastemos logo cõ a tribulaçã da vida, poys faz muyto ao caso pa sua perfeçã, q̃ poys o principio & fim da vida sam cõ verdadeira pena, nã conuẽ gastar o curso della em vã alegria.

CAPITVLO II.

¶ De como a terra he de sterro, & a vida peregrinaçam.



Em entendo o amigo que folgaua o preso cõ sua pratica, & por isso foy com ella auante dizendo. Hũa das causas, porque Deos dá trabalho

balho aos seus he, pera q̃ senão affeyção em
a coisa tão bayxa, como he o mūdo, mas
suspirem polos eternos contentamentos.

Porque assicomo hū peregrino, quanto Compara-
ração.
mores trabalhos se lhe offerecē na terra

estranha, tanto mays deseja tornar á sua
propria, & pelo cōtrayro se acha na alhea
grandes riquezas & contentamentos, se
esquece de tornar: assi os homēs quanto
mores trabalhos tem neste mūdo, tanto
mays suspirão polos eternos descansos
do outro, & quanto mays prosperidade
tem nesta vida, tanto menos lembrança
tem da outra.

Daqui vem S. Ião Chry- Chrysoft
sostomo a dizer que a prosperidade he

madrastra das virtudes. E sancto Augusti- August.
nho diz, que he grande virtude lutar com

a prosperidade, & grande prosperidade
não ser vencido della. E noutra parte af-

firma que a prosperidade he mais perigo-

sa pera a alma, que a aduersidade pera o
corpo: porque a aduersidade faz ao cor-

po doerse do trabalho da terra, & a prof-

DA TRIBVLAÇAM

peridade faz a alma esquecerse do def-
 canso do ceo, que he a sua patria. Aqui
 fomos peregrinos, & nossa vida he hú ló-
 go desterro: a nossa terra he a gloria cele-
 stial, aq̃lla cidade bem aueturada, donde
 andamos desterrados, & pera onde cami-
 nhamos. E cumpre trazer sempre impres-
 sa n'alma a lembrança de nosso desterro
 & peregrinação, pera andarmos da leuan-
 to nas cousas do múdo, sem fazermos del-
 le fundamêto. Isto sentião bem aquelles
 patriarchas antiguos de gloriosa memo-
 ria, quãdo fazêdo pouco caso da terra da
 promissão material, suspirauão pola cele-
 stial, saudando a de longe cõ piedosas la-
 grymas & penetratiuos suspiros, cõfessan-
 dose por peregrinos & estrãgeyros, como
 affirma S. Paulo na epistola ad Hebreos.
 A isto alludia aq̃lle altissimo Propheta &
 illustrissimo Rey Dauid, quando nũ Psal-
 mo dizia: Senhor ouui minha oração &
 meu clamor. Abrí as orelhas, & não vos fa-
 çays mudo a minhas lagrymas: Não vos

Genes.
47.

Hebr. 11.

Psal. 38.

caleys, porq̃ eu ante vos sou desterrado & peregrino, como forão todos os meus antepassados. Esta era a pratica, q̃ tinha com Deos o sancto Propheta enuolto nũas lagrymas, q̃ hião toãdo como tiros de bombardarda, leuando diante d'elle o pelouro de sua oração & petição cõ aforça do fogo de seu desejo: E por isso nã diz: Senhor vede minhas lagrymas, mas ouui minhas lagrymas, & não sejays surdo a ellas, poys tenho a terra por desterro. Tristes daquelles q̃ se tem por moradores & naturaes da terra, & não por peregrinos & estrangeyros. Aos xij. capit. do Genesis diz a diuina escriptura, que deyxando hũs homẽs o Oriente Genes. 21. aconselhauã o huũs aos outros que fizessem hũa cidade, & hũa torre altissima, pera com isto alcançarem fama, & encomendarem seu nome á perpetuydade. E estes forão os que edificarão Babylo-
nia. Perabuscarem fama fizerã cidade & torre de confusam, & durará sua infamia pera sempre: mas os justos não fazem

DA TRIBVLAÇAM

tal cidade, porq̃ a sua cidade he nos ceos,
 & não na terra, & por ella suspirão. Mas
 os que se aqui tem por moradores, viuem
 dallento nos desejos terreaes & espiritos
 mūdanos, sem memoria dos bēs diuinos.
 E estando elles descuydados na vida os
 saltea a morte, dando d'improuiso com
 elles em casa, sem bater primeyro á por-
 ta: & quando se percatão, achão se sepul-
 tados no inferno pera sempre, onde pa-
 gão com justas penas as injustas alegrias.
 Sam Ioão no Apocalypsi diz, que vio &
 ouuio a voz d'hũa aguea. que voaua per
 meo do ceo dizendo em alta voz: Ay de
 vos, ay de vos, ay de vos habitadores da
 terra. Não se contenta esta aguea com di-
 zer hũa vez: ay de vos: mas dilo tres vezes
 pera mais efficacia & energia. Esta aguea
 he o mesmo S. Ioão, ou qualquer verda-
 deyro pregador Euangelico, que voa pelo
 ceo, onde he sua conuersação, conforme
 ao que diz S. Paulo: A nossa conuersação
 he nos ceos: & com grãdes vozes ameaça

Apoca-
lyp. 8.

Philip. 3.

os peccadores amadores do mundo, moradores d'assento nas coufas terreaes, esquecidos de Deos, aos quaes chama habitadores da terra, a que denuncia sua eterna dânação, poys se affeyção tanto ao mundo, que o té por terra, sendo desterro & peregrinação. Conta o sagrado Euangelho que do dinheyro, porque foy vendido Christo nosso Saluador, se comprou hũ campo pera sepultura dos peregrinos, que se chama Acheldemach, que quer dizer campo de sangue. Não carece isto de mysterio, nem o notou o Euangelista sem causa. Que peregrinos sam estes, que se enterrão neste campo comprado com o sangue de Christo, senão os q̄ tem o mundo por peregrinação & desterro, & o ceo por verdadeyra patria. Estes sam os que se aproueytão do sangue de Christo, & que conhecendo seu desterro leuão os olhos pera a desejada terra de promissão tão suspirada & saluçada delles: & quãto mais perseguidos se vem do múdo, tanto mais

DA TRIBULAÇÃO

se desafeyção da terra, & affeyção ao ceo. Per onde está claro, quãto a tribulação aproueyta a quem se della sabe aproueytar, & quãto saudaue he & excellẽte. Isto he o que seme offereceo pera responder ao que dissestes, q̃ poys a tribulação abatia os homẽs, deuia ser tida por abatida & vituperada. Muytas outras mays cousas seme representauão na memoria, que condẽnam vossa opiniã, mas porq̃ a minha he quereruos cõsolar & não enfadar, isto baste por agora. Saluo se nisso determinays outra cousa, que como na vossa determinação está a minha, terey a que quiserdes que tenha. Receuouos muito, disse o preso, que não solteys essa pratica, & que vades com ella auãte, porque sinto com ella grande proueyto em minha alma. A grande tristeza, q̃ tenho represada no coração, mo tẽ de tal maneyra cuberto com hũa nuuẽ de melancolia, q̃ estaua agora, antes que viesseys, de mĩ & de todo o remedio totalmente esquecido: &

parece que com vossa pratica torney sobre mĩ, & tomey alêto, por isso não a deyxey: porque muyto se esperta o animo quãdo lhe tocão á porta de seus proprios descuydos o batente dos alheos auisos.

CAPITVLO III.

¶ Da paciencia, & da victoria de si, & das armas, com que se alcança essa victoria.



Estas vltimas palauras, q̃ o preso disse com muita efficacia, respondeo o amigo: Ainda que a lição & estudo das letras, & a longa experiencia de muytas coufas, que tendes visto & passado, tem feyta vossa memoria hũ registro de coufas presentes, & hũ almario de coufas antigvas, donde podeys tirar remedios & consolações pera vossas tristezas, todavia porque nas coufas proprias não temos tão limado o juyzo como nas alheas, em especial estando empedidos de dor, que cõ seu dominio escurece

DA TRIBVLAÇAM

o entendimêto, vosporey diante algúas
 confas, que vos excitem a paciencia, alar-
 gando as redeas a minha pratica, poys ni-
 so tendes vontade, que a minha he fazer
 a vossa. Húa das grandes defaunturas,
 em que cae o homê he perder sua alma,
 & húasdas grandes bemaunturanças q̄
 possue, he possuyla, & como na ira a per-
 camos, & na paciencia a possuamos, está
 claro, quão grãde mal he a ira, & quãma-
 nho bem he a paciencia. Christo nosso
 Deos aquelle altissimo mestre, que não
 pode mentir, aos xxj. capitulos de S. Lu-
 cas diz: Em vossa paciencia possuuyreys
 vossas almas. Que mór bem pode ser que
 aquelle, que nos faz possuyr aquillo, que
 se perdemos, ficamos perdidos? O diui-
 no Paulo na Epistola aos Romanos diz

Luc. 21.

Roma. 5.

Ephes. 4.

assi: Gloriamonos nas tribulações, sabendo
 que da tribulação procede a pacien-
 cia, & da paciencia aprouação, & da pro-
 uação a esperança, & a esperança não cõ-
 funde. Na epistola aos de Epheso: Rogo-

uos

vos em o Senhor que andeys dignamen-
 te em a vocação, em que fostes chamados
 com toda a humildade & paciência. E aos
 Thesalonicēces: Sede pacientes a todos. *Thefal. 4.*
 E aos Hebreos: Pela paciencia corramos *Hebr. 12.*
 á batalha, que se nos offerece, pondo os
 olhos em Iesu Christo, que he o autor &
 consumador de nossa fe. Santiago na sua *Iacobi. 5.*
 epistola diz: Sede pacientes, & confirmay
 vossos corações, porq̃ não tardará Deos,
 que não venha daruos o galardão. Santo
 Ambrosio diz que a fim da paciencia he *Ambros.*
 a esperança das promessas. Sam Gregorio *Gregor. 1.*
 diz que não he menos victoria sobre los
 inimigos que vencer los. Sancto Augustinho *August.*
 diz que melhor he o partido do que pade
 ce a injuria, que do q̃ a faz. Chrystomo *Chryst.*
 diz q̃ nenhũa cousa tão cõfunde ao mau
 como a tolerancia do q̃ o sofre. O tempo
 me faltaria, se quisesse cõtar em quantos
 lugares, & per quantas maneyras as di-
 uinas letras & os sanctos doctores en-
 grandecem a paciencia. Que cousa po-
 de

DA TRIBVLAÇAM

de ser mayz excellente que a paciencia, pois nos faz vencer a nós mesmos? Muytos capitães ouue ahi, que vencerão grãdes exercitos em multidã innumeraueys, em crueldade barbaros, em lugares infinitos, em todo o genero de armas, mantimentos, & riquezas copiosos & abundãtes: mas em fim tudo isto sam victorias humanas: porem vencer a si mesmo, sopear a furia, ter sofrimẽto na aduersidade, perdoar as injurias, liar-se com a paciẽcia, isto he mayz diuino que humano. Esta he a mayz alta de todas as victorias, vencer hũ homẽ a si mesmo. Esta he a que entrega o nome á perpetuydade, digna de ser celebrada em todas as lettras & lingoas, & de viuer em quanto viuer a memoria dos mortaes. Estãdo os Israëlitas cercados dos Philisteus, & opprimidos naquella difficillima guerra, se vião em tãto perigo, q̃ lhe quebrauão os corações, em tanto que postos quasi em vltima desesperação vião ante seus olhos sua fim, sem a poderẽ dar a que

aquẽ lha queria dar a elles. E pa mays seu abatimento auia da parte dos ãmigos hũ chamado Golias grande de corpo, que cõ 1. Reg. 17. soberba & ferocidade os defafiua cada dia, sem nenhũ delles oufar a sayrlhe. Neste tempo era David hũ moço, q̃ andaua no cãpo pastorãdo seu gado: & vindo ter ao arrayal acceso com hũ diuino zelo por honra de Deos, & defensam de seu Rey & de sua patria, determinou acceytar o desafio, & foy se pa isso offerecer a el Rey Saül, que entãõ reynaua em Iudea. E ainda que Saül o quifera diffõ tirar, por lhe parecer muyto moço, & q̃o enganaua o coração, com tudo cõfiado em Deos não quis senãõ ir sem mais armas que hũ caxado, & hũa funda, cõ cinco pedras no çurrãõ. E com a primeyra, que pos na funda, derribou o forte Golias, q̃ vinha tã soberbo nas palauras como cõfiado nas obras, & assi matou o bom David ao blasphemo, cortãdolhe a cabeça cõ sua ppria espada: cõ a qual victoria em tal maneyra espan-
rou.

DA TRIBULAÇÃO

tou os inimigos, que os fez fugir, & indo os
 Israelitas apos elles fizeram nelles grandes
 estragos, & alcãçarão marauilhosa victo-
 ria. Entrando Dauid com grande triũ-
 pho pela cidade de Ierusalem lhe sayo ao
 encontro grande numero de mulheres
 com instrumentos musicos tangendo &
 cantando em seu louvor sonetos & can-
 tigas que dizião, que Saül matára mil, &
 Dauid dez mil. Saül ouuindo isto pela-
 roso da gloria, que dauão a Dauid, auen-
 do enveja de lho preferirem na honra,
 determinou de o matar: & per vezes lhe
 tirou ás lançadas sem o poder ferir. Que-
 rialhe o ingrato rey pagar cõ cruel pena
 obras merecedoras de singular galardão.
 Vendose Dauid em tão perigo, tão per-
 seguido & acossado del Rey Saül, deyxou
 sua casa, desterrou se de sua propria patria
 q̃ elle liurara do poder dos inimigos, & fu-
 gio pera o deserto. Alli andaua o bõ Da-
 uid cõ o pensamento em Deos, os olhos
 postos no ceo, esprayado os penetratiuos
 suspi-

suspiros, que do seu coração abraçado na
diuina charidade sayão. Alli andaua pe-
dindo a Deos que perdoasse a Saül, meti-
do nesta lembrança de fazer bem, a que
delle a não tinha, senã pera lhe fazer mal.
Via-se attribulado de Saül, que elle defen-
dera, via que o queria destruyr quem elle
saluara, via que aquelle lhe queria tirar a
vida, por quem se elle arriscara á morte,
quãdo por lhe dar a vida a elle, aueturara
a perder a sua no combate de Golias. E
com tudo isto lhe não perdia o amor, nẽ
desejava delle vingãça: antes armado de
sofrimento metia tudo nas mão de Deos,
rogandolhe pola saluação de seu aduer-
sario. E como elle nã desempare aos seus,
liurou a Dauid de grandes perigos, & alli
naquelle deserto o vierão acompanhar
muytos de seus amigos & parentes, que o
seruião & goardauã. Mas o maluado Saül
nã descansaua até o não matar. E mati-
nandoo este dãnado pensamento que nã
entendesse n'outro, o veo buscar áquelle

Z deser

DA TRIBVLAÇAM

deserto com gente darmas, pera lhe tirar a vida, & apartandose Saül do exercito se meteo só nũa coua, que alli estaua, pera fazer hũa necessidade, dentro na qual estaua escondido Dauid com seus companheyros, que poderão facilmente matara Saül, que os não via a elles. Mas elles vendo a elle disserão a Dauid que o matassem, poys o podião fazer, sem auer coua que lho empidisse, que bem via que era hũ cruel tyrão, q̃o hia buscar áquelle ermo, pa o matar sem causa. E de crer he q̃ vendo aqui Dauid seu ãmigo, q̃o hia matar, lhe viessem á memoria os affinalados & abalisados seruiços, que lhe tinha feyto, & a cruel ingratição & diabolica maldade do tyrão. Mas nẽ estas cosas nem todas as mays tentações, de q̃ alli foy combatido, bastarão pera o indinarẽ & persuadirem a tomar vingança de seu ãmigo: antes lhe perdoou, & não sómente o não matou, mas ainda o liurou da morte, que seus companheyros lhe queriam

dar, deixando ir liure quem o fazia andar catiuo. E pera Saül faber o que passara, lhe cortou hũ pedaço da faldra do vestido, q̃ lhe ficou na mão, o qual depoyz lhe mostrou. Aquella coua foy o campo, em que David pelejou com suas tetações & com figo, & alcançou de si mesmo gloriosa victoria. No desafio, que teue com Goliath, venceo a outré, mas neste venceo a si mesmo. Esta foy muito mór victoria que a outra, muyto mais illustre triumpho sem cõparação. Quereilo ver? Na outra batalha venceo hũ forte gigante, mas nesta vêceo outro mays forte, poys venceo a si mesmo, q̃ tinha vencido o gigante: na outra batalha venceo com hũa funda & cinco seyxsos, & nesta com a razão & cinco sentidos: na outra cortou a cabeça a Goliath, & nesta cortou a cabeça ao demonio, cortoulhe as tentações, cortoulhe o principio, cortoulhe a cabeça: na outra entrou triumphando dos inimigos na terreal Ierusallem, & nesta entrou triumphando

DA TRIBVLAÇAM

de si na Ierusalem celestial, na outra say-
rão a receber as danças das virgês & ma-
tronas tãgendo, & nesta os coros dos An-
jos & archanjos cantando: na outra pos
os despojos na terra, & nesta polos no
ceo: na outra mereceo a coroa corrupti-
uel, & nesta a immortal, a qual o glorioso

1. Petri. 5. S. Pedro principe dos Apostolos na sua
primeira epistola chama coroa de gloria,
que ja nunca mays se seca, mas pera sem-
pre floresce & permanece. E sam Paulo na

2. Tim. 4. segunda a Timotheo chama lhe coroa de
Iacobi. 1. justiça, & Santiago na sua canonica, co-
roa de vida. Esta alcançou David com se
vencer a si, perdoando a Saül, sofren-
do com paciencia suas perseguições, ve-
stindo se da tolerancia das cousas huma-
nas. As armas com que se alcança a mays
illustre de todas as victorias, sam glorio-
sas, & excellentes, de que continuamête
auemos d'andar armados, & a paciencia
& tolerancia sam estas armas, poys com
ellas se alcança a victoria de si mesmo,

logo

logo ellas sam gloriosas & excellentes, de que sempre auemos d'andar armados. Diz Salamão nos Prouerbios, q̄ milhor he o paciēte que o homē forte, & que milhor he o que vence a si, que o que vence cidades. Não pode auer paciencia, senão onde ha grande animo, & marauilhosa fortaleza, & insignes virtudes. A paciencia he hu vaso, em que todas as virtudes se recolhem. E assicomo quebrado o fundo do vaso se entorna quanto está nelle, assi quebrada a paciencia caē todas as virtudes. He tão necessaria a paciencia, q̄ diz S. Ieronimo, q̄ nenhū sancto foy coroado sem ella, & he tão gloriosa, que diz sam Gregorio, que sem ferro & sem chamas, somente com a paciencia podemos ser martyres. Mas não pode auer paciencia, senão auendo hi tribulação. E por isso he a tribulação necessaria, pois obra a paciencia. Diz sam Ioão no Apocalypsi, que viu ante o throno de Deos grande numero de sãos cõ palmas nas mãos, & q̄ lhe disse

Prouer.
16.

Ierony.

Gregor.

Apoca-
lypi. 7.

DA TRIBVLAÇAM

hũ delles: Estes sã os q̄ vierão da grãde tri-
 bulaçãõ. Isto he o q̄ dizia Ch̄o a seus dis-
 cipulos: O mũdo serã ledo, & vos tristes,
 mas a vossa tristeza se conuerterã em ale-
 gria. Oppõ i o mũdo aos discipulos como
 coufas contrayras, como se dissesse: Os
 que sam do mũdo terãõ aqui alegria, mas
 serlhe ha cõuertida em perpetua tristeza
 mas os meusterãõ aqui tristeza, de q̄ de-
 poys nascerã eterna alegria. O falsos pra-
 zeres do mũdo cõuertidos tãõ asinha em
 pesares, ó enganosos contentamentos, q̄
 logo no principio da viagẽ çoçobrã, & au-
 tes de verẽ a barra se vãõ ao fundo, soce-
 dẽdo em seu lugar insofriueys tormẽtos.
 Diz Salamãõ q̄ o pranto occupa a fim do
 contentamẽto. E assicomo a serenidade
 do gosto dos maos setorna em diluuiõ de
 lagrymas, assi o diluuiõ das lagrymas dos
 bõs setorna em serenidade de cõentamẽ-
 tos. Quẽ quer prantar no seu jardim hũã
 laranjeyra, ou outra grande aruore de bõ
 fructo, nãõ prãta hũ ramo cõ suas folhas,
 &

Prouer.
14.

Compa-
raçãõ.

& flores, ou fructo, porq̃ isso he pder o trabalho, ca ás folhas murchanse, & as flores caê, & a fructa secase cõ o ramo. Mas quẽ quer ter aruore, prãta o trõco della, q̃ de poys aruore feyta dá folhas, & flores, & fructa. O nosso coraçã he o nosso jardim, se nelle quiseremos prantar hũ ramo dalegria cõ suas flores & fructa, serã trabalho por demays, porq̃ d'hũ contentamẽto nã nacẽ outros, nẽ ha ramo de gostos q̃ se façam aruore d'alegria, secase o ramo, pde seo contentamẽto, & fica tudo em tristeza. Quem quiser ter no coração prãtada a aruore d'alegria, prante o tronco della, vasse ás rayzes, & deyxẽ as ramas. O trõco & rayz d'alegria he a tristeza, nam qualquer tristeza, mas a que he tomada da lembrança da morte, & payxam de Christo nosso Redemptor, de seus tormentos, & dos da gloriosa virgem sua Madre. E da lembrança dos peccados assi propios como alheos, & da soydade da celestial patria da gloria. Este tronco

de tristeza se cõuerte nũa aruore excellẽte d'alegria & espirituaes cõtentamẽtos. Isto he o que dizia o Senhor: A vossa tristeza se conuerterá em alegria. Donde vem Chrysofostomo a dizer, que a tristeza pare o contentamento. E sam Bernardo diz, que as lagrymas sam semente da gloria. Em fim que a bõa tristeza he o tronco & rayz da bõa alegria. Isto he o que diz o Psalmista: Os que semeão em lagrymas colherão em prazer. E logo abayxo:

Bernard

Pfal. 125. Andando elles hião & chorauão semeando suas sementes, mas vindo virão com

Pfal. 125. alegria, trazendo os feyxes de seus contentamẽtos. E noutro Psalmo: Vos Senhor conuertestes o meu pranto em contentamento. Isto he o que diz nosso Senhor

Pfal. 29. em sam Matheus: Bemaventurados os q

Math. 5. chorão, porque elles serão consoiados. O agora & o depoy dos bõs he mayto diferente do agora & depoy dos maos, porque aos bõs o seu agora de tristeza temporal conuerte se em depoy d'alegria pa
 seu

sempre, & pelo contrayro aos maos o feu
 agora d'alegria trálitoria conuertese em
 depouys de pena sem fim. Assi como na se-
 mente está o fructo per potencia, assi na
 tribulação com paciencia está a gloria per
 esperança. E por isso dizia no Iho Salua-
 dor, em sam Matheus: Bem auenturados Math. 5.
 sam os que sam perseguidos por fazerem
 justiça, porq̄ delles he o reyno dos ceos. E
 daqui vein dar Deos tribulações aos seus
 pera os exercitar & fortificar no caminho
 dos ceos. O ladrinho senão he cozido no Compa-
 fogo, com qualquer agoa se desfaz: onde ração.
 parecia que o fogo o auia de queymar, nã
 sómente não o queyma, mas falo forte &
 duravel: assi o homẽ que não he metido
 no forno da tribulação, com qualquer tẽ-
 tação se deyxã vencer: o q̄ parece q̄ o auia
 de destruyr, não sómente o não destrue,
 mas fortifica. As agoas, que desfazem os
 ladrinhos, sam as tentações, com que os
 maos se perdem, & os boos se saluão. Judic 7.
 Quando o bom Gedeão capitão dos He-

breos muyta gente comfigo pera pelejar com os Madianitas, disse Deos q̄ não leuasse mays que aquelles, que bebessem com a mão ficando em pé, & que despedisse os q̄ se assentassem a beber debruçando se sobre o ribeyro: & de x. mil não ficaram com elle mays que trezētos, os quaes alcançarão dos inimigos marauilhosa victoria. Excelente figura he esta, & dina de muita pōderação. Que agoas sam estas se não as tentações, & que inimigos sam estes senão o diabo, o mūdo, & a carne, com q̄ pelejamos? Aquelles q̄ vèdo as tentações se deyxão logo cair mostrando fraqueza & bayxeza, ficão a trás sem seguirẽ á aq̄lle diuino capitão Christo nosso Saluador, aquelle verdadeyro Gedeão emparo dos Israēlitas. Somente aquelles o seguem, & alcanção dos inimigos d'alma gloriosa victoria, que apresentandose lhe diante as agoas das tentações, ficão em pé firmes no bom proposito, goarnecidos da virtude da constancia. Estes sam os que pelejão

lejo tortemente com os inimigos, & armados da paciencia triumphão delles cõ muyta gloria. Verdade he que senão podem estas agoas das tentações firmemente passar sem diuino socorro, mas Christo não o nega a quem lho pede, & faz o que em si he. Elias deu a sua capa a Eliseu, 4 Reg. 2. & com ella passou as agoas do Jordam. Que agoas sam estas senão as tentações, & que capa he esta, que Elias deu a seu discipulo Eliseu, senão o diuino emparo, cõ que o bom IESV socorre aos seus em suas necessidades? Estas sam as agoas de q̄ diz Salamão nos Canticos: As muytas Cantic. agoas não poderão apagar a charidade. E vltimo daqui se colhe o fructo das tentações dos justos, que por mays que ellas seião, sempre elles ficão em pé, vencedores & firmes na charidade. E como as tentações & tribulações seião causa da peleja, & a peleja seja causa da victoria, sam ellas tambem causa da victoria. Ellas sam aquellas gentes ferozes, que Deos deyxou na terra

DA TRIBVLAÇAM

terra de promissão pera pelejarem com os filhos de Israel, & os exercitarem na guerra. E assicomo na batalha corporal alli he mays honrada a victoria, onde a pessoa com mór risco se aventura, assi na espiritual quãto mores sam as tentações & tribulações sofridas com paciencia & firmeza na virtude, tanto mays excellête he a coroa da victoria & eterno galardã,

CAPITVLO III.

¶ Dos diuersos effeytos da tribulaçam & dos proueytos, que comsigo traz.



MA M se contentou o amigo com mostrar o bem da tribulaçã ao preso, mas quis lhe responder á sua objecçã, & disse: Quanto he ao que dissestes no principio, que a tribulaçã era dina de ser vituperada, porque fazia perder a paciencia a muitos, digo que sua dell'es he a culpa, que a tribulaçã não lha tem. O sol sendo hum mesmo no proprio tempo

Compa-
ração.

em que abranda a cera, endurece o lodo: não porq̄ elle seja em si diuerso, mas pola diuersidade das naturezas dos objectos. E assi como nũ mesmo fogo a pastilha cheyra, & o enxofre fede, o ouro se apura & o madeyro se torna em carvão, & com hũ mesmo v̄eto a ortelaã & crua cedreyra cheyrão, & a arruda & o piorno fedem, & nũa mesma eyra a palha se espedaça & o grão se alimpa, assi com hũa mesma tribulação hũs se afinão outros se queymão, hũs se mostrão sofridos, outros impacientes, finalmente hũs se melhorão, outros se empiorão. Mas pola mayor parte a tribulação aproueyta muyto. *Assi como o fogo abranda a cera, & a derrete, assi a angustia o coração.* *Comparação.*

Iob: Deos amolentou o meu coração. *Iob. 22.*

Hua taça de bestiaes, ou qualquer vaso de metal laurado de figuras, metido no cadinho, ou crisol se derrete & funde no fogo, onde todas as imagẽs sam desfeitas, & fica outra figura noua: assi hũ duro coração

DA TRIBULAÇÃO

ração feyto hũa taça de imaginaria cheo
 de figuras do mundo, metido no fogo da
 tribulação, alli se está derretêdo & fundin
 do perdêdo as figuras das vaydades mun
 danas, deyxâdo a imagẽ antiga, & fican
 do noutra noua, deyxando a imagẽ de
 Adão & ficando na de Christo. Isto he o
 a que nos sam Paulo excita, quando diz
 na segũda epistola aos Corinthios: Affico
 mo trouxemos a imagem do terreal, affi
 ttagamos a do celestial. Que cousa pode
 ser mays proueytosa q̃ a tribulação, poys
 nos faz deyxar as imagẽs dos vicios, & to
 mar as das virtudes, deyxar o mundo &
 suspirar por Christo? Isto he o que dizia
 Esaias: Senhor em a angustia te buscarã.
 E o Psalmista: Enche as suas faces de igno
 minia, & buscarão Senhor o teu nome.
 Per Oseas diz Deos: Em sua tribulação
 pela manhaã se aleuantarão a mí. E per
 Ezechiel: Serã tirado o meu zelo de ti, &
 repoufarey, & não me iratey mais cõtra ti.
 Como se dissera: De estar muito anojado
 de

2. Cor. 15

Esai. 26.

Psal. 82.

Oseas. 6.

Ezech.

16.

de ti te deyxarey, & te nã castigarey. Dõ-
 de se colhe claramẽte q̃ entãõ estã Deos
 contra nós mays irado, quando cõtra nos
 senãõ ira, nem castiga nossos males, & q̃
 entãõ mostra mays de nos sua vingança,
 quãdo de nos a não toma: & pelo cõtrai-
 ro quando nos castiga com tribulações,
 entãõ mostra o amor, q̃ nos tem. E assi o
 diz elle per S. Ioaõ no Apocalypsi: Eu aos Apoca-
lyp. 3.
 que amo emendo & castigo. E nũ Psalmo Psal. 90.
 falando do atribulado diz: Clamou a mi,
 & eu o ouuirey: cõ elle sou na tribulação
 eu o liutarey & glorificarey. E per Esaias: Esai. 43.
 Quãdo passares pelas agoas, não te cubri-
 rãõ os rios, & quãdo andares no fogo, não
 te queymarãõ. Isto aconteceo assi aos He Exod. 14
 breos, quando passarãõ o mar roxo, & aos
 moços da Babylonia, quãdo forãõ meti-
 dos na fornalha das chamas ardẽtes. Bem
 podera Deos fazer que os tres innocen- Dani. 3.
 tes moços nam foram metidos no for-
 no de Babylonia: mas mõi merce lhe
 fez deyxalos la meter, com tanto que o
 fogo

DA TRIBVLAÇAM

fogo lhe não empecesse, que fazer milagrosamente, com que os Babylonios os não podessem meter: assi mór merce nos faz nosso Senhor em nos deyxar meter nas tribulações dandonos paciencia, que em nos liurar das mesmas tribulações, porque liures dellas esquecemos delle, & metidos nellas socorremos a elle, & temolo com nosco. Isto quis significar, a escriptura, quando diz que viu el

Dani. 3.

Rey de Babylonia andar os tres moços no meo das chamas louuando a Deos viuos & fãos, & que andaua outro cõ elles semelhante ao filho de Deos, & que sendo alli metidos atados, andauão soltos, porque a tribulação soffrida com paciencia nos faz termos a Deos por defensor, & sermos liures soltos & desatados do amor & impedimentos do mundo. Esta he a causa, porque os varões sabios folgão cõ afflições, & temem a prosperidade. Sam

Ierony. Comp. rações.

Ieronymo compara a tribulação á balea de Ionas, que onde os outros cuydauão, q

o em

o engolia ella p̄ o matar, engoliuo p̄ a o
 goardar. Sam Gregorio diz, q̄ assi como Gregorio
 os perfumes mostrã a força de seu cheyro
 metidos nas brasas, assi os varões sanctos
 declarã a firmeza de sua virtude meti- Bernard
 dos nas tribulações. São Bernardo diz q̄
 assi como a lã ha mister cardada, pera o
 pano ser fino, assi a vida ha de ser tribu-
 lada, pa a consciencia ser mais excellen-
 te. Gersão diz q̄ a tribulaçam he agoa do Gersão
 diluuiio, que quãto mór he, tanto arca de
 Noë, que he alma deuota, se mais aleuã-
 ta & chega pera o ceo. Theodoro diz q̄ Theodoro
 perseguir a hũ justo he cortar o ramo d'ar-
 nore, do qual cortado nascem muytos
 muyto mays fertiles & fermosos. Sam
 Gregorio Nazanzeno diz q̄ fingiram os Nazãze
 antiquos hũa aruore, que viua cõ a mor-
 te, porque quanto mays a cortauam, tã-
 to mais pullulaua, & mais verde, & espe-
 sa, & fructifera se fazia: de maneyra que
 trazia guerra com o ferro, cõ a morte cõ-
 ualescia, & cõsumida se acrescentaua. E

281 DA TRIBULAÇÃO

diz elle que alegoricamēte p̄ esta aruore se entēde o juſto, que com as tribulações reflorece, porq̄ ellas lhe dā materia de paciēcia, & conſtācia, & grādes outras virtudes: & que quāto mais he cortado & abatido, tanto he mais acreſcētado & ornado, & tātō de Deos mais fauorecido. Isto he o q̄ diz S. Ioão Chriſoſtomo: A virtude, quādo padece, vence. Dōde vco o antiguo prouerbio: Enverdece com a ferida a virtude. Diz S. Auguſtinho que he isto como fogo, q̄ quādo he pequeno qualquer v̄te o apaga, mas depoyſ o he grāde, quanto o vento he mayor, tātō elle se acende mais, aſſi ainda q̄ a virtude imperfeyta & que ainda começa, muytas vezes se apaga cō qualquer tentaçã & tribulaçã, cō tudo depois que o hom̄ é eſtā inflāmado no diuino amor, quāto mais creſcē as chamas da conſtancia & charidade. E noutra parte diz que auemos de entender, que Deos he fyſico, & que a tribulaçam nam he pena pera noſſa dāna

Chriſoſt

Auguſt.
Com pa-
raçāo.

dãnaçam, mas mezinha pera nossa faude. Assi como os botões de fogo dados pelo excellête cyrurgião, caso que pareçam chagas, sam remedio contra as chagas, assi as tribulações, posto q̄ pareçam danos, sam remedio cõtra elles. Sam Gregorio diz que a afflicção he porta do reyno dos ceos: & S. Ambrosio affirma que sofrida com paciencia he bemaumenturada, & que alli começa a bemaumenturança segundo juyzo divino, onde se tem por desauentura segundo o juyzo humano. Lactancio diz, q̄ cõ só isto podemos ser nesta vida bemaenturados, se o não parecermos ao juyzo do mundo, que põe sua bemaenturança na prosperidade enganosa, & o justo na tribulação bem sofrida. Dizem os naturaes que ahi animaes que viuẽ somẽte dos elementos, assi como a toupeyra da terra, os peyxes d'agoa, o Camelião do ár, a Salamandra do fogo. Nos primeyros tres não tem os escriptores differença, sómente na Salamandra differem, ca hũs dizẽ

aa ij que

Compa
ração.

Gregor.

Ambros.

Lactácio

DA TRIBVLAÇAM

que he hũ bichinho com asas, que se cria & sustenta nos fornos de vidro, que ardẽ em continuoas chamas de fogo, outros dizem que he aquelle animal pintado, a q̃ commũmente chamamos Salamantiga, que não apparece se não em tempo de muyta chuua, na qual sentença he Plinio no decimo de sua historia natural. Como quer que seja, basta que he hũ animal q̃ viue no fogo: assi o varão justo & pio viue no fogo da tribulaçã. Que Salamãdra vos parece q̃ era aquelle diuino Paulo, que se gloriaua no fogo das tribulações, como elle mesmo affirma na epistola aos Romanos? Diz Plinio no sextodecimo da historia natural que ahi hũa aruore chamada Larix, que nunca arde, & que posta no fogo he como pedra: & contão as historias, como refere Celio no sexto das lições antigvas, que Cesar o experimentou a par da cidade de Larigno, onde, mãdou pôr o fogo a hũa torre de madevra desta aruore, a qual cercada de fogo uũca ardeo

Plinio.

Roma.
Plinio.

Celio.

ardeo, & no meo das chamas esteue inte-
 yra sem se corromper nem queymar.
 Que torres de Larix erão os Apostolos
 tão singuiars, que metidos nas chamas
 das perseguições não perdião hũ ponto
 da paciencia, mas, como cõta sam Lucas, Act. 5.
 hião alegres da presença do concilio, por
 serem dignos de serem polo nome de IES
 V injuriados. Aquella çarça, que con-
 tão no Exodo as diuinas letras, que ardia, Exod. 3.
 & não se queymaua, porq̃ estaua Deos
 nella, q̃ queria significar alem dos outros
 mysterios, senã que o justo, em cuja alma
 está Deos per graça, pode ser do fogo das
 tribulações vexado, mas não vencido, ar-
 derá, mas não se queymará, será comba-
 tido, mas ficará firme, será atribulado,
 mas não cõsumido. E nã sem causa appa-
 receo esta visam nãa sylueyra chea despi-
 nhos, & não em qualquer outra aruore
 massia: porque os justos sam espinhados
 de tribulações, & como diz sam Paulo na
 segũda a Timotheo, todos os que piamẽte 2. Tim. 3.

DA TRIBVLAÇAM

quiserẽ viuer em Christo, padecerão perseguição. Lede pelas escripturas assi diuinas como humanas, & achareys, q̃ todos os grndes & insignes na virtude & sabedoria passarão grãdes tribulações. Assi como os grandes peyxes se mantẽ nas agoas salgadas, & os pequenos nas doces, assi os grãdes varões se sustentão no mar das angustias, & os de pouco animo nas doces agoas de seus contentamẽtos. E assi como as emas, não ha ferro por duro q̃ seja, que não digistão, assi os grãdes sabios, não ha tribulação por dura que seja, que não elmoão, folgando de padecer por amor de Christo, por reynarẽ com elle na sua gloria, conforme ao que diz o Apostolo a Timotheo: Se juntamente padecemos, juntamente reynaremos. Isto he o que diz Chrysofostomo: Queres reynar cõ Christo, padece cõ Christo. Ainda q̃ a tribulação seja aspera ha nos de lembrar que andou per ella Christo nosso Redẽptor, & q̃ per ella passarão os Apostolos, & Martyres, &

**Compara-
ção.**

2. Tim. 2.

Chrysofost

os outros sanctos, q̄ agora gozão de Deos na eterna bemaumenturaça. Agoa d'hũa fonte solobre, se vê per bõa terra, correndo pelos pés & rayzes de suaues & medicinaes eruas, perde o fabor aspero, & toma nouo fabor ficado doce & gostosa. Desta mesma maneyra he a tribulaçãõ, q̄ inda que de sua natureza seja aspera & enxi-bida, todauia se atétardes pera a terra, p̄ onde passou, & as rayzes das eruas, perq̄ correõ, se consirardes q̄ passou per Christo & pelos seus sanctos, achalaseys suaue & de muyto gosto. Diz o Senhor q̄ a vida da vida he estreya, & a da morte larga. Donde se colhe q̄ os que quiserem entrar na gloria, hão de passar per muytas tribulações: mas as mesmas tribulações vos darão suaues contentamétos, quando consirardes q̄ is seguindo o passo de Christo, & que esse caminho vay ter á gloria. Por isso não atéteys ser a via fragosa, mas que andou p̄ ella, & onde vay parar. No liuro da Sapiencia estão estas palauras: O justo

Matth. 7.

Sapié. 1

Aa iiij guiou

10

DA TRIBVLAÇAM

guiou o Senhor per vias direytas, & mostroulhe o reyno de Deos. E declarando a escriptura que vias sam estas, diz logo abayxo: Honrou o em trabalhos, & compriulhe os seus. Onde se mostra que os trabalhos & tribulações sam caminhos da eterna bemauenturança, se sam andados com sofrimento & constancia na virtude, a qual os faz não sómente sofrueys mas suaves, porque assi como o vicio he pena de si mesmo, assi a virtude traz consigo contentamento.

CAPITVLO V.

¶ Em que o amigo mostra per authoridades dos gentios os beês da tribulaçam.



E tão alta cousa a tribulaçã, q̃ nam samente os Christãos mas ainda os gētios o entēderam. Seneca diz q̃ não ha mór tribulaçam que nam a ter, & q̃ nam ha mór aduersidade que nunca nella cayr. E noutra parte diz assi: Nam termos
necessi

necessidade da humana felicidade, he a
 nossa felicidade. Bias diz que aquelle he **Bias.**
 desauenturado, que nam pode sofrer a
 desauentura. Diogenes diz: Aquelle he **Dioge-**
 mays infelice, que mays trabalha por ser **nes.**
 mays felice. Epicteto diz: Sofre & absten- **Epicteto**
 te. E he tam alta & cõpendiosa esta sen- **Gellio.**
 tença, q̃ a meu ver cõprende toda a mo- **Gellio.**
 ral philosophia. Vsa della Aulo Gellio no
 decimo septimo liuro das noites Atticas. **Marco**
 Marco Marcello, o primeiro que venceo **Marcel-**
 os Corsos edificou em Roma hũ templo **lo.**
 á tempestade, porque sendo della perse-
 guido nas duuidosas õdas do mar antre
 Corsega & Cerdenha escapou sem lhe e-
 pecer, como o contam as antiguas histo- **Fulvio.**
 rias, & o refere Fulvio nas suas antigua-
 lhas. Parece que sentio este Marcello ser
 tão excellente a tribulação, que quasi se **Policra-**
 auia de adorar. Cõtra Policrato, & refero **to.**
 nas partes theologaes S. Antonino, que **Antho.**
 injuriando hũ homẽ a outro disse o inju-
 riado: Dize o que quiseres, que eu tenho

DA TRIBVLAÇAM

mandado ás orelhas que oução, & a lingua que cale, & ao animo que este quieto. Que mays se podia dizer, & que mais sublime philosophia se podia i.maginar: O injuriado ficou sem injuria, & o injuriador ficou injuriado: O que queria abater ficou abatido, & aquê queria abater ficou honrado: porq̃ não pode ser mór infamia pera os maos, que querer infamar os boõs nem mór gloria pera os boõs, q̃ ser perseguidos dos maos. Conta Xenophonte no Economico, que dizia Socrates q̃ os inimigos erão riquezas & gentis alfaias, se nos delles soubessemos aproueitar. De maneira q̃ antre os thesouros conta os inimigos. Isto sentio Scipião Nasica, quando destruiu da Carthago emula & imiga de Roma disse no senado, q̃ mays proueyto fazia Carthago a Roma estando em sua prosperidade, que sendo destruyda, porq̃ os inimigos erão hũ freo da sensualidade dos Romanos. Assi o conta Tito Liuius, ainda Valerio Maximo quer attribuyr a este de

Xenophon.

Nasica.

Liuius.

Valerio.

to a Quinto Metello. Donde se cõclue q̃
 ainda q̃ os maos nos possão attribular nã
 nos podẽ infamar, antes infamã a si, & on
 de cuidão q̃ nos danã, nos aproueitã. Dõ-
 de veo Plutarcho a fazer hũ liuro dos pro
 ueytos q̃ se nos seguẽ de termos ãmigos, q̃
 nos injuriẽ. Os varões sabios nã fazẽ cõta
 das injurias, q̃ lhe fazẽ os maos, ãtes sofrẽ
 tudo sem auer calúnias, nem contrastes,
 que lhe empidão o caminho de seus boõs
 propósitos, antes quanto mores tribula-
 ções se lhe encontrã diante, tãto mór ani-
 mo mostrão, & mays se esmerão & abali-
 sam na excellente virtude, porque a bõa
 sabedoria lhe ensina a passar auante. Isto
 quis significar Homero, quãdo escreuẽdo
 os grãdes trabalhos de Vlisses, disse q̃ todos
 os vencera, & de todos escapara, porque
 leuaua consigo por companheyrã a Mi-
 nerua, a qual os gentios adorauão antre
 as suas vaydades por deosa da sciencia, &
 dizião que fora virgem, pera mostrarem
 que a sensualidade he terribel aduersaria
 da

Plutarco

Homero

DA TRIBVLAÇAM

da sciencia. Quis nos nisto significar, que não ha trabalhos nem tribulações, que os homês não passem & sofrão, se sam dotados & ornados de sabedoria. Ella he aq̃lle cauallo Pegaso, em que hia Bellorofonte vencendo todos os môstros, que em suas fingidas fabulas deyxarão em memoria os antiguos poëtas. Ella he o escudo de Palas, em que estaua pregada a cabeça de Medusa, no qual todos os que punhão firtosos olhos, ficauão pedras. Querião nestas philosophias entronhadas nestas fabulosas historias ensinar os antiguos, que todos os que tiuessem pregados os olhos do entendimento na sabedoria governãdofe per ella, serião na virtude tão firmes & constantes, que se poderiam comparar com as duras & firmes pedras, que nem com trabalhos & tribulações esmorecessem, nem se quebrassem, tendo sempre pa si que era melhor ter afflições pola virtude, que delevtações polo vicio, & que quãto mór fosse a prosperida de do mûdo,

tanto

tanto mays a deuião temer, & quãto mór fosse a aduersidade, tanto se mays nella auião de gloriar. Isto quizerão elles significar, quando disserão que o sol se apascẽtaua com as agoas salgadas, & a lũa com as doces. Pelo sol entendem o varão sabio, justo, & constante, que aqueyta, allumia, & he sempre d'hũ tãmanho: & pela lũa o ignorante, vicioso, & variauel, q̃ não tem mays luz que aquelhe dá o sol, & ainda esta fria & rara, & hora está cheio, hora mingoado, mudauel, & inconstante. Pelas agoas salgadas entendem as tribulações & aduersidades, & pelas doces as deleytações & alegrias. He logo a interpretação desta moralidade que os varões d'alto ingenho eminentes nas letras & heroicas obras de virtude desprezão as falsas deleytações & contentamentos mundanos, & se glorião nas tribulações sofridas pola honra da virtude, & nellas se ceuão & deleytão: & pelo contrayro os ignorantes & sensuaes, homẽs de bayxos

spi

spiritos & rasteiros pensamentos se apa-
 scentão dos vãos prazeres & enganofas
 deleytações & prosperidades do mundo.
 E p' derradeyro os maos sempre se quey-
 xão da vida & de suas defauéturas sem te-
 rem verdadeyra alegria & quietação, &
 os bõs pola mór parte viuem consolados,
 porque antre suas tribulações sentê sua-
 ues contentamentos. Assi como as amar-
 gofas & salgadas agoas de Ierichó se tor-
 natão doces sendo nellas metido hũ va-
 so nouo com sal, assi os discontentamē-
 tos do mundo significado per Ierichó se
 tornão suaues, se o vaso de nõsso coração
 nelles metido he nouo pela graça, & lim-
 po do peccado, & cheo de sal da verda-
 deyra sabedoria. Desta maneyra se adocã
 as amargosas agoas de nõsias tribulações,
 & no meo dellas se sente singular refuge-
 rio Mas se o vaso he velho, & quebrado,
 & sem sal, sam os desgostos amargosos &
 infriueys. E ainda q' os maos venhão al-
 gũas vezes a effectuar seus desejos, cõ ru-
 do

do eu tenho pã mí q̄ mór contentamen-
 to tẽ os bõs em o não ter, q̄ os maos ten- **Socrates**
 doo. Esta he a sentença de Socratesrelata- **Xeno-**
 da p̄ Xenophõte,quãdo dizia,q̄ absteõdo- **phon.**
 se não tinha menor deleytação,q̄ os que
 tã grãde cuydado a alcançauão,& tinha
 muyto menor dor,quãdo a não tinha,&
 daqui vinha a não estimar p̄speridade nẽ
 aduerfidade,donde lhe p̄cedia ser liure,
 da qual liberdade nascia aquella marauil-
 hosa constancia,q̄ nelle louuarão todos
 os escriptores,q̄ delle falarã.Sentença foy **Patricio**
 dos philosophos oriẽtaes,como refere Pa-
 tricio Senes nos seus liuros da republica,
 que os q̄ igoalmẽte desprezauão o prazer
 & o pefar,a vida & a morte,nã podiã ser
 seruos.E porõ os q̄ isto tinbão,erão justos
 & sabios,diziã q̄ os taes sempre erã liures
 & isentos,& pelo contrayro os maos &
 ignorãtes erão captiuos & escrauos.Isto
 ensinou Socrates,de quẽ o tomou Cicero **Cicero.**
 nos paradoxos,& todos os q̄ seguirã a dou-
 trina platonica,assí atiguos como moder-
 nos

DA TRIBVLAÇAM

nos, os quaes todos nisto concertã q̃ os sabios & virtuosos não hão de desmaiar nos trabalhos & afrontas, mas com hũ sofrimento aceyro & incãsaueI hão de ir auãte pelo caminho da virtude, fundados na firme constancia, folgando mays com as tribulações que com as falsas alegrias, porque as tribulações sam conseruadoras da virtude, & vasos de lembrança de quem somos, & as falsas alegrias sam excitamentos de vicios, & vasos de esquecimento, os quaes bebidos nos fazem perder a memoria de nos mesmos. Donde

Petrarc. veo a affirmar o Petrarcha no proêmio dos remedios contra a Fortuna, que era mays difficil saberse gouernar na bonança que na fortuna, & que mays o assombraua & mór medo lhe metia a prosperidade que a aduersidade. E á verdade elle a diz, porque cada dia vemos com nossos olhos, & estão dislo cheos os liuros, que muytos nas tribulações se ganharão, que depoy nos cõtentamentos se perderã

& forão alagados seus bõs propósitos no sereno mar de suas bonanças, os quaes elles muyto tempo conseruarão nas brauas & furiosas ondas de suas aduersidades. Exemplo temos em David, do qual dizem as diuinas letras, que sendo atribulado deu a vida a seu ãmigo Saül, & sendo prospero a tirou a seu amigo Urias. Pera que he logo desejar prosperidades nem desmaiar com aduersidades, senão tomar com cautela o que vier, pera que nem na bonança se receba alegria de ma fiada, nem na tormenta desgosto sobejo. Assi como o bom jogador emenda o mau lanço com seu saber, & o mau lanço o bom lanço a perder com seu pouco tento, assi os sabedores com sua prudencia & tolerancia emendão em tal maneyra os maos lanços do mundo, que ganhão o jogo, & os ignorãtes por vsarem mal de seu bem, o perdẽ. Scipião Nafica sendo con-
sul de Roma foy no mar tomado dos Carthaginenses seus ãmigos, mas sendo

1. Reg. 24

2. Reg. 11.

Compa-
ração.

Scipião.

Polierates.

captiua vfo de tanta prudencia, que se liurou, & de escravo veo outra vez a ser consul Romano. E pelo contrayro Polierates Rey dos Samios viueo sempre em tanta prosperidade, & tão mimoso, como dizem da fortuna, q̄ parecia que não tinha o desejo mays que pedir, em tanto q̄ dizião, que o seu poder andaua ouro & fio com seu querer, até ã por sentir algũa perda, & saber a q̄ sabia a aduersidade, deytou no mar hũ precioso anel, q̄ tinha, que elle muito estimaua, pera ter cõ isso algũa dor. Mas logo d'ahi a poucos dias o achou dentro nũ peyxẽ, que o engolira, o qual lhe poderão na meia pa comer. Mas em fim por não saber vsar de tanta bõa andança veo a ser preso & captiua de seus ãmigos, & vio pdido seu reyno, & escurecida sua gloria, até vir a morrer enforcado deshonradamente no alto mõte Micalense per mão de Orontes seu aduersario, & forão suas carnes com grande ignominia entregues às augs & aos cães, como conta

Stral.

Strabo no xiiij.liuro, & Valerio Maximo Strabo.
 no vj. & muytos outros authores. Mar- Valerio.
 cio Romano hũ dos milhores capitães de
 Roma por seguir a parte de Bruto foy
 profcripto de Antonio, & julgado delle
 por ãmigo de Roma, & sendo tomado cõ
 outros muytos na guerra de Macedonia
 dos que seguião a parte de Antonio, fin-
 giose escravo, & foy cõprado em pregão
 de Barbula, o qual indo a Roma o conhe-
 ceo, & pos em sua liberdade, & depois foy
 este Marcio tãõ fauorecido de Octauio
 amigo q̃ entãõ era de Antonio, que veo a
 ser pretor, que he o q̃ agora chamamos go-
 uernador. E dando depoyos o mũdo volta
 veo o Antonio a ser destruido p̃ Octauio,
 & os amigos de Antonio parte forão mor-
 tos parte desbaratados. E auẽdo o Barbu-
 la medo da morte fez se escravo, per nãõ
 ser conhecido, & foy vẽdido em pregão,
 & cõprado p̃ Marcio, q̃ noutro tẽpo fo-
 ra seu catiuo, sem o Marcio o conhecer
 por vir demudado e trajos vis de catiuo,

DA TRIBVLAÇAM

mas tanto que o conheceo, o libertou, & fez tão amigo de Octauio, que veo a ser pretor, & a ter em Roma grande valia. Belisario capitão do Emperador Iustiano depoy de vencer os Vandalos, & triúphar dos Persas, & liurar Italia dos Barbaros, veo a ser enuejado & murmurado. E sendo por seus grãdes successos sospeyto ao Emperador, que temia que se lhe alcuantasse com o imperio, foy delle priuado dos olhos, & despojado de toda sua riqueza. Em fim veo a tão triste estado, q̄ fez hũa poci!ga apar d'hũ caminho onde estaua pedindo esmola aos que passauão com estas palavras: Caminhante dá hũa esmola a Belisario, ao qual a virtude engrandeceo, & a enueja cegou. Authores sam desta historia Procopio, & Rauisio Textor na Officina. Estas sam as voltas do múdo, este he seu costume, estas sam suas mudanças. E não somete aos homẽs, mas ás cidades & edificios & traios dá tantas voltas com o tempo, que parece que and

Proco-
pio.

Rauisio.

anda jugando com elles. Auia em Roma hũa aspera cadeia, onde estauão presos os culpados de graues delictos, & estando alli presa hũa pobre molher, a q̃ que-rião matar á fome, veio alli hũa sua filha, & impetrou do carcereyro licença pera a ver cada dia hũa vez, com tanto que lhe não leuasse nenhũ mantimento, & cada vez que lá entraua, era olhada pelos goardas, & vendo elles que a presa duraua tantos dias sem comer, começaram a inquirir a causa, & acharão q̃ a filha, cada vez que com ella entraua, lhe daua o leite de seus peytos, com que a sustentaua: sabido isto foy louuada a filha, & pola piedade della foy folta a mãy, & julgado pelo Senado que ambas fossem sustentadas com as rendas da repubrica, & que a cadeia fosse dali tirada, & aquella casa feyta em templo dedicado á piedade. Depoys per tempo foy este templo da piedade conuertido nũ theatro dos jogos, q̃ se chamaua o thoatro de Marcello. Depois deu o múdo

outra volta, & cayo a mór altura do theatro, & sobre as paredes, q̄ ficarão, forã edificadõs hũs paços, q̄ eu vi per muytas vezes, onde agora viue o cardeal Sabello vigayro do Papa, & alli se tratão as coufas da religiãõ. Vede estas mudãças do mũdo. De cadea de crueldade tornou se em templo de piedade, & de templo de piedade veo ser theatro de jogos deshonestos & viciosos: & de theatro de jogos deshonestos & viciosos veo a ser casa de honestidade & virtude, & paço do vigayro de Roma. Hũ mõte ha em Italia, q̄ se chama o Palatino, q̄ em outro tẽpo seruia de pasto de gado, onde depõys foy edificada Roma de nobres & altos edificios: agora he delabitado, cheo de syluas, & aruores dos agrestes, & serue de pasto de animaes: e fim tornou se naquillo q̄ foy ãtes de Romulo & Euãdro, & onde primeyro foy Roma, trãhai mais fumo della q̄ hũs pedaços de paredes derribadas cercadas d'era, & syluas, & aruores montesinhas, antrẽ as quaes se achão

achão algũas antigualhas, que mostram o
que aquillo foy em tēpos antiguos. Pera
que he mays fenão q̄ dá o mudo taes vol-
tas, q̄o que nũ tēpo he tido por deshõra,
em outro he tido por honra. Hũ grande
senhor teue preso hũ homẽ cõ hũa cadea
de ferro atada a hũa pedra, & depois per-
mitio q̄ este preso andasse solto, com tã-
to que trouxesse em hũ dedo da mão hũ
anel com hũa pedra encastrada, em final
do grilhão, com q̄ estiuera preso atado a
hũa pedra. E daqui dizem algũs q̄ tiuerão
principio os aneys. E o que foy inuenta-
do por deshõra se tem agora por honra,
o que se fez por final de catiuero, he ago-
ra final de liberdade, o que se inuentou
por mostra de pobreza, he agora indício
de riqueza, & finalmete o q̄ se tinha por
infamia, se té agora por gloria. Faltar me-
yão horas & dias se me quisesse por acõtar
as variedades & mudanças do mudo: & quã-
tos na bonança se pderã, & na aduersidade
se saluãção. E por tanto não deue ningũe

DA TRIBVLAÇAM

vaãmente suspirar por prazeres, nem temer sobejamente tristezas, & mays poys ellas ainda na força de sua dor fantasião algũas esperanças de seu descanso.

CAPITVLO VI.

¶ Que cousa he virtude, & em que principalmente consiste.



MVYTO attento esteue o preso ás palauras do amigo, & se algũas o ouuerão de conuencer, taes lhe parecerão, quenenhũas o poderão fazer tambem como ellas, ás quaes elle respondeo desta maneyra. Tudo isso vejo muyto bem, mas vême às vczes hũas tristezastão supitas, que lhe não posso resistir, em especial aos primeyros impetos, quando me vejo preso tão sem razão, & abatida minha honra, por eu fazer o que deuo. Dous fomos, como sabeys, os q̃ neste meu caso altercamos & discrepamos, eu pola razão, & elle contr'ella, & assi o

tem

tem todos os q̃a tẽ; mas o vento do mudo
 amĩ cõtrayro lhe foy a elle tão fauorauel,
 que nũ nelmo tempo fomos ambos elle
 saluo & eu perdido. Ia me contentaria cõ
 perder a fazenda, que lancey ao mar, se
 nesta tormenta podesse saluar sómente
 o casco da nao da honra, & andar ás vol-
 tas cõ as ondas, até poder chegar á barra:
 mas nem isto parece que pode ser, ea vejo
 ser esta tribulaçã caminho certissimo de
 minha perpetua deshõra. Como posso
 eu deyxar de ter muyta pena vendome
 nesta prisão? Agora vejo, disse o amigo, q̃
 as minhas palavras consolatorias ficarão
 no pateo de vossos ouuidos, sem entrarẽ
 na camara de vossa alma: Antes auẽys de
 ter muyta gloria de estardes preso imitan-
 do a sam Paulo, que se gloriaua nas tribu-
 lações, & tendo illustres titulos & appel-
 lidos, de nenhũ parece que se gloriaua
 mays, q̃ de estar preso por amor de Chri-
 sto: & quando se nomeaua dizia: Eu Pau-
 lo preso cõo Senhor. Paulo preso de Chõ,

Rom. 5

Ephes.
3. 4.

DA TRIBVLAÇAM

como se mostra é muytos lugares de suas
Philip. 1. epistolas. Nunca ouue Rey, que mays se
 prezasse de ter na cabeça hua coroa real
 de fino ouro & rica pedraria, do q̄ se pre-
Genes. 39. zaua S. Paulo de ter nos pés hūs asperos
 grilhões de ferro. Assi no carcere em Egy-
 pto estaua metido sem causa o bom lo-
 seph, & não deyxaua por isso de ter spiri-
 tual contentamento, porque dado q̄ per
 sentença do juyz estaua preso, per senten-
 ça de sua consciencia estaua solto. Que
 mór gosto pode ter hū homẽ, q̄ parecer
 lhe q̄ está bem cõ Deos? No carcere esta-
Ierem. 32 ua o sanctificado Ieremias, mas alli esta-
 ua consolado. No lago dos liões foy lan-
Dani. 4. çado o justo Daniel, & alli estaua contẽ-
Iob. 2. te. No monturo jazia o paciente Iob, &
Luc. 23. alli estaua vencendo o mundo. Atado &
 preso na Cruz estaua o bõ ladrão primei-
 ro canonizado que morto, & dalli estaua
 roubando o parayso, alegre com aquella
 pena, que fora causa de sua gloria. Final-
 mente não ali Cruz, nem trabalho, nẽ

carcere, nem outro lugar algũ, por aspero
 & infõtiuel que pareça, onde hũ homẽ
 nãõ possa estar muyto conõolado, se qui-
 ser abraçar se cõ Chõo, & meter o lenho de
 sua Cruz nas amargosas agoas de Marã, q̃ Exod. 15.
 sam as tribulações do mũdo, as quaes a lã
 brãça da morte & payxão de Christo ado-
 ça & faz suaves. Pera que he mays, senãõ
 que prenderão os maos a Iesu Chõo nõsõ
 so verdadeyro Deos? Prenderão quem os
 vinha soltar, condẽnarão quem os vinha
 liutar, matarão quẽ os vinha remit. Con-
 dẽnarão à morte a mesma vida: escolhe-
 rão q̃ viu esse Barrabas, que mataua os vi-
 uos, & q̃ morresse Christo, que resuscitava
 os mortos: saluarão o condẽnado, & con-
 dẽnarão o innocente, derão a vida ao que
 merecia a morte, & a morte ao dador da
 vida. Poys o mũdo fez isto a seu senhor, q̃
 esperays que faça aos seruos? E nisso que
 dizeys, que vos vedes abatido por fazer-
 des o a que vos obrigaua arazam, nam
 a tendes, porque como homem leua a
 razão

Platão.

razão por guia, seguindoa por amor de Christo, té muyta honra, ainda que ninguê lha de: & pello contraito se vai redea solta tras seus vicios, he deshonorado, ainda que esté no mays alto cume da honra do mudo constituido. Diz Platão que a honra he hũa dignidade acquerida per virtude: de maneyra que a virude he da essencia da hõra, & entra em sua definição como cousa sua substancial. Dõde se conclue sem nenhũ debate, que sem virtude não pode auer honra. Lembrame q̃ estando em Roma fuy hũ dia visitar a igreja de sam Sebastião fora dos muros, onde ha grãdes furnas, que forão em outro tempo habitação de muytos sanctos, onde está o cemiterio de Callisto, em que estão sepultados infinitos corpos daquelles gloriosos martyres, que soffrerão pola fe de Christo espantosos tormentos, & cõ sua morte na terra alcançarão imortalidade no ceo. E onde ha outras grãdes reliquias. E passando eu no caminho pela

porta

porta Apia, que noutro tēpo se chamou
 Capena, & agora se chama de sam Seba-
 stião vendo muytos pedaços de edificios
 antiguos defabitados como corpos sem al-
 mas, & muytos delles todos derribados,
 & muytos moymentos & sepulchros grã-
 des dos gētios, dos quaes fala Marco Tul Marco
 lio na primeyra Tusculana, & outras an- Tullio.
 tigualhas gostosas dever, me lembrou que
 lera em Fuluio no liuro que fez da anti- Fuluio.
 guidade Romana, que aquelle era o lugar
 onde os antiguos Romanos tinham em
 tempos passados edificado o templo da
 virtude & o da honrra per tal artificio, q̃
 ninguē podia entrar ao da honra senão
 pelo da virtude. E então me lembrou que
 lera isto em sancto Augustinho no quin- August.
 to liuro de Ciuitate Dey. Quiserão nisto
 significar aquelles antiguos, que assicomo
 era imposssiuel alcançar a verdadeyra hõ-
 ra senão per via da virtude, assi não podia
 passar o caminho da virtude sem yr dar
 comsigo em casa da honra. Estiue eu cuy-
 dando

DA TRIBULAÇÃO.

dádo naquella inuenção, & parecê come
 de tam alto ingenho, q̃ o meu fica muito
 aquê, de poder agora declarar o que en-
 tam sentio: mas basta que colhi dalli, que
 por mays atribulado que hum homem
 fosse, se era virtuoso, logo era honrado,
 & pelo cōtrayto se era vicioso, ainda que
 estiuesse empinado no cume da gloria,
 nam a tinha. E logo fóra desta porta per-
 to destes dous templos tinham outros
 dous, em cuja fabrica elles quizerão tam-
 bem mostrar doutrina, & viueza de inge-
 nho, hũ era o templo da sciência, & outro
 da esperança: pera significarem que os sa-
 bios nunca desesperão de remedio, antes
 sempre em suas tormentas anda a esperã-
 ça liada cõ a sciencia. No tempo que Ca-
 sandro reynaua é Macedonia, subjugou
 Athenas, & pos nella por visor Rey a De-
 metrio Phalereu, discipulo que fora do
 grande Theophrasto, o qual Demetrio a
 gouernou com tãta justiça & prudencia,
 & esforço de seu animo, q̃ lhe alcuantara

Casandro.

Demetrio.

os Athenienses muitas statuas em final & memoria de suas excellentes obras. Mas fazêdo o mûdo suas mudanças, como foy, morreo o Casandro, & o Demetrio foy falsamête accusado de seu emulos, & tão perseguido, q̄ lhe foy necessario fugir de Athenas pera o Egypto. E tanto q̄ se foy, determinará seus aduersarios de lhe apagar o lume de sua memoria, & enterrar sua fama na sepultura do esquecimêto. E estando elle ausente soube como seus inimigos lhe tinham derribadas & espedaçadas todas as suas estatuas, o que elle mostrou que não sentia: antes quando lhe isto contarão, disse rindo: As estatuas me derribarão elles, & tornalashão em pó, mas as virtudes & claras obras, cujo premio he a verdadeyra honra, em cuja lembrança se fizerão essas estatuas, não poderão elles nunca derribar nem consumir. Grande sentença sem duuida, & digna de tal varão, que declara que não pode auer perseguição, nem injurias, nem contrastes, q̄ possão

DA TRIBVLAÇAM

possão desbaratar a hõra fundada na vir-
tude, & que ainda q̃ tudo acabe, ella nun-
ca acabará, porque o tempo dado que ga-
ste tudo, o que se pode gastar com o vício,
& vá inuentando outros de nouo, toda-
uia a memoria das notaueys & honrosas
obras está tão longe de a gastar, q̃ antes a
goarda & conserua: donde veo Archime-
des o Siracusano a chamarlhe inuentor
das cousas nouas, & registro das antigas.
Daqui vierão os poetas a chamar á fama
filha da terra, & deusa da perpetuydade,
porque anda sobre as cousas terreaes, &
as faz perpetuas entregandoas á memo-
ria immortal. Donde veo a dizer Euripi-
des, que dado que a terra cobrisse os cor-
pos dos varões heroicos, a fama, que an-
daua sobr'ella, não deyxaua cobrir suas
excellêtes obras, as quaes nem nas tribu-
lações da vida se perdião, nem ainda de-
poys da morte se achauão. E poys nas ad-
uertidões, caso que caya a falsa honra, a
verdadeyra não pode cayr, antes sobe ca-
da

Archim.

Euripid.

da vez mays, pera que he temer o que tão pouco nos pode empecer, & tanto a proueytar? As dignidades do múdo, as honras & magistrados hão se de merecer, mas não se hã de procurar: porq̃ taes hõras he mor hõra merecelas sem as ter, q̃ telas nã as merecendo. Tito Luiuio diz q̃ não ahi mays excellente triumpho que não querer triumphar. Muytos subirão a honras, que a não tiuerão tanta, quando as alcançarão, como infamia, polos meos cõ que as adquirirão. Donde veo a dizer Plutarcho *Plutarc.* e hũa epistola ao Emperador Traiano seu discipulo, que com razão se podia dizer Felice seu imperio, pois fizera obras pera o merecer, & não buscara maneyras pera o alcançar. A maldita serpente persuadio a Eua que comesse do pomo defeso, & que teria tanta honra, que seria ella & Adão como deoses. O primeyro que tentou os homẽs com desejo desordenado de falsas honras foy a quelle demonio. E por isso se nos desta maneyra virmos

DA TRIBVLAÇAM

tentados. auemos de entēder que as taes
 tentações sã aflouios da antigua serpēte.
 Verdade he que deuemos bulcar a verda
 deira honra, q̄ he a que cõsiste na virtude,
 & he hũ resplēdor inseparauel da hono
 stidade, a qual os sctõs & varões illustres
 sempre estimarã muyto, desprezando
 aquella honra, que consiste somente em
 opiniao & temeridade do pouo tão incõ
 stante, que não ha relogio de area, q̄ mays
 voltas dé. De todas estas razões colho &
 concludo que não he esta vossa tribulaçã
 nenhũa eeshonra, nẽ caminho pera ella,
 & que não estaes bẽ na cõta, em dizer des
 que tendes dor por verdes ser esta vossa
 perseguição via p̄a vossa ppetua infamia.
 Antes digo & affirmo, q̄ se com paciencia
 & animo esforçado a sofrerdes, terá cami
 nho peravossa gleria. Prouoo. A tribula
 ção, como estã prouado, he caminho p̄a
 virtude, & a virtude he caminho p̄a a hõ
 ra, logo segue se que a tribulação he ca
 minho pera a honra. Tudo o que he ca
 mi

minho pera a virtude o he pera a honra, & a tribulação he caminho pera a virtude, logo he o pera a honra. Poys como he possiuel q̄ hū mesmo caminho vá parar na honra & na deshonna? São coufas, que senão compadecem. Antes como a virtude seja o em que consiste a honra, & o sofrimento na tribulação seja virtude, fica claro q̄ nelle cōsiste a honra. E assi tenho claramēte prouado, q̄ naquillo, em que cuydais q̄ cōsiste vossa infamia, cōsiste vofsa gloria, a q̄l então he mais excellēte, quando mays se merece, & menos se procura.

CAPITULO VII.

¶ Em que o amigo conta o que lhe aconteceu em Italia com hū ermitão, & quaes sam os verdadeyros amigos.



Om estas razões ficou o p̄so algūtãto desfaliuado, & disse. Muyto folgara, se ē mī cabe folgar, q̄ praticareis comigo muitas ve-

DA TRIBVLAÇAM

zes, porq̃ nunca ouço vossas palauras, q̃
 nã tire proueyto & doutrina dellas, porq̃
 sempre vão descobrindo cousas encuber-
 tas a muitos, & dignas de se não encobri-
 rem a ninguem. Digo isto porq̃ com a^s
 autoridades & razões, que alegastes, vou-
 vendo que o fundamento da gloria he o
 que vós dizeys differēte do q̃ eu cuydaui
 porque vos dizeys que está em sofrer, &
 eu punhao é folgar, vos na aduersidade,
 & eu na prosperidade, vos na virtude,
 & eu na openião : em fim q̃ segundo vou
 entendendo, a verdadeyra gloria cõsiste
 no desprezo da falsa gloria, que bem aslo-
 mado consiste em deyxarmos o mundo
 & seus enganos, & abraçarmos com
 Christo nosso Deos, sofrendo por amor
 delle todas as tribulações. Esta he, disse o
 amigo, a verdade. Dous dias que aqui te-
 mos de vida, pera que he se não darmola
 aquem noladeu? Inda não vi homẽ, aque-
 tanta enueja teuesse, como a hũ de Sici-
 lia, que achei em Italia, tão esquecido da
honra

iii

l.iii

honra do mudo, & foruido nas lembranças de Christo, que mays parecia diuino que humano. Em q̄ parte, disse o preso, achastes esse homẽ, & como viestes dar com elle? Eu volo contatey, disse o amigo, se vos não enfadardes. Antes, disse o preso, desejo muyto de o ouuir. Disse então o amigo. Embarcando eu em Barcelona cõ outros passajeyros, tanto nauegamos pelas duuidosas ondas do mar mediterraneo atrauessando o golfão de Lião, q̄ em poucos dias vimõs terra de Italia: & indo ferindo com os duros remos as salgadas agoas do pego Ligustico apár de Genoua, fomos topar com hũ nauio, de que eu soube taes nouas, que me foy necessario deyxar a companhia, o que eu fiz com affaz soydade. Saime logo no areal, & fuy me só per terra por certas causas necessarias, que eu não digo, porq̄ sam ellas lõgas de contar, & não vem agora a proposito: abasta q̄ me fuy eu p̄ terra. E era isto, onde eu sai ao pé das altas mōtanhas de Ge-

DA TRIBVLAÇAM

noua, onde o mar tem feytas grãdes furnas: & com o tō das ondas, & o rugido do vento, q̄ se metia & retūbaua naquellas concauidades, juntamente cō o meueo das aruores, que per antre aquellas rochas auia grãdes, & em algūas partes tam espessas, que empidiam ao chão cō suas ramas a claridade do sol, fazia se hūa armonia tam concertada, que me acrescentou a soydade daquelles meus companheyros grandes meus amigos, que hiam na nao, que se alli de mim & nam sem lagrymas apartarão. Eu eralhe em estremo affeyçoado pola virtude, letras & ingenho, que nelles via, & elles tinham me a mesma affeyção por algūa opinião, que tinhã de minhas cousas, q̄ sendo peq̄nas, tinhão elles por grãdes, por q̄ as vião cō os oculos da affeiçã. E entrãdo eu p̄ antre hūs altos rochedos ao longo d'hūa ribeyra q̄ decia da ferra, fuy dar com hū lugar solitario, onde se fazia hū pequeno valle cuberto de tã diuerfas eruas & gracio

ciosas flores, q̄ me estiuerão arrebatando
 os olhos, que vissem aquella fermosura.
 De maneyra que me detiue hū pouco, &
 estiue contemplando aquella singular ta
 peçaria, aquellas cores excellentes, aq̄lle
 cheyro natural, aquelle marauilhoſo ar
 tificio da natureza, & a fermosura & di
 uersidade das cousas, que a terra criaua. E
 veome então á memoria aquelle dito do
 antigo Ennio, q̄ chama á terra Minerva,

Ennio.

& o de Vergilio, que lhe chama Circe, & o

Vergilio

de Lucrecio, que lhe chama Dedala. E co

Lucre-

meçando eu a sobir pa ir ter ao caminho,
 que hi pelo cume da montanha, donde
 decia pera a outra parte, vi hū pedaço de
 casa p̄ antre hūs altos penedos, & deter
 miney saber o q̄ era. Ca como estaua lon
 ge não a podia diuisar. Mas cō a soydade
 que leuaua dos cōpanheyros, indo assi pa
 a casa, olhaua muytas vezes pa o mar vi
 rãdo os olhos pa onde os guiaua o amor.
 E no proprio tempo em q̄ eu de todo al
 cancey a casa de vista, a perderão de mī os

DA TRIBVLAÇAM

mareantes engolfandose no mar, & eu metendome per hũ alto & sombrio aruoredo. E indo assi quis atraueſſar a ribeyra que por ſer muito funda, per nenhũa parte podia paſſar da outra, tenão que fuy to par com hũa grande aruore, que ſobre la jazia derribada, que parece cayo alli com a força dos ventos, a qual me ſeruiro de ponte, & paſſey auante. E chegando á caſa vi que era ermida, & entrey dentro ſem achar ninguẽ, ſenão hũ deuoto Crucixo nũ altar bem concertado, a que fiz oração. E ainda que a ermida eſtaua muyto pobre, todauia eſtaua limpa & varrida, & ornada com algũs ramos de murta & loureyro como couſa de feſta. Na parede da mão direyta em entrando eſtaua hũ letreyro do Pfalmiſta que dizia: ¶ Qui ſemnant in lachrymis, in exultatione metet. ¶ E na da ezquerda outro de ſan Paulo q̄ dizia: ¶ Mihi viuere Chriſtus eſt, & mori lucrum. ¶ & ſobre a porta da ermida eſtaua outro do meſmo ermitão em ſua lingua

Pſal. 125.

Philip. 1.

goagẽ

goagem, que tornado na nossa dizia: A vida que sempre morre, que se perde em que se perca? Depoys qu'eu fiz oração, & li os letreyros, & contempley a ermida, fálme pera fora pera ver se achaua quem alli poiera aquelles ramos, & fuy dar cõ hũa grande aruore muyto velha cercada de tao forte era, que lhe fazia com que se não desfizesse, da par da qual se via a mõtanha até hũs altos pinaculos, onde se hia acabar a vista d'hũa banda, & da outra se via o grande mar, per que se estendião os olhos até onde podião com a vista abranger: de maneyra que d'ambas as bandas era grande & loydoso o horizonte. De tras desta aruore estaua hũ ermitão assentado sobre hũ penedo com o rosto sobre hũa mão & noutra hũas contas de bugalhos enfiados per hũas rayzes de eruas, estilandõ de seus olhos muytas lagrymas, com hũa barba q̃ lhe daua pela cinta banhada nellas, alua como a neue, vestido d'hũ pobre burel roto & remédado per algũas

208 DA TRIBVLAÇAM

partes: & elle tão magro & debilitado, q̄ logo mostraua a grande penitencia, q̄ fazia. Tinha pelo rosto bus sinas a manci-
ra de regos, per onde as continuas lagry-
mas corrião. E tanto q̄ me vio, alimpou
os olhos, & alleuantouse a receberme cõ
geytos & palauras d'amor & galhado.
E depoyz que nos faudamos & assenta-
mos, como eu não entendia bem a sua
lingoagē Siciliana, nem elle a minha Por-
tuguesa, comecey falar latim, pera ver se
me entēdia, & elle respondeome em lati,
que o sabia muyto bē. E perguntandome
por minha vida & eu a elle pola sua, gasta-
mos toda aquella tarde & parte da noyte
em palauras d'hũa & doutra parte, onde
me elle veo a cõtar, que auia trinta ānos
que alli viuia, sem nunca alli ir ter homē
nem molher, senão algũa vez de marauil-
ha: mas que outro ermitão q̄ viuia nou-
tra ermida dahi dous ou tres tiros de bē-
sta, vinha alli os domingos & dias sanctos
dizer missa, & q̄ elle não saya d'alli senão

raras

raras vezes a pedir esmola, & que se espã-
 taua como eu alli fora ter. E segūdo delle
 entendi, & depouys soube mays largo do
 outro ermitão, elle era d'alto sangue, & fo-
 ra em outro tēpo muito rico & senhor de
 muytos vassallos, mas entregue a todos os
 vicios triūphando do mundo, ou por mi-
 lhor dizer, triumphando o mundo delle
 sem ter tino em seus desatinos, nem cōta
 da que auia a Deos de dar no dia do iuy-
 zo. E esperādo elle por hū grande titulo &
 estado, andādo entunado nas falsas espe-
 ranças, que o mundo lhe prometia, desfe-
 charalhe todas em vāo, & pagaramlhe cō
 trabalhos verdadeiros os deseāos falsos, q̄
 lhe prometiāo. Esta he a propriedade do
 mūdo apōtar no aluo das prosperidades,
 & desfechar na barreyra das desauentu-
 ras: as suas tristezas sam puras, & os seus
 gostos agoados cō mil desgostos. Em fim
 veo este homē a ser preso, & abatido, &
 desterrado pa sempre de Sicilia: & dizia
 elle q̄ fora aquelle hū mal, que elle bem
 mere

DA TRIBVLAÇAM

merecia, & por isso que não era bem que lhe chamasse mal, poyso vira por seu bẽ, porque com esta tribuiação tornara sobre si, & cayra na conta de quão longe era de quem deuia ser. E conhecendo elle q̃ merecia ser condẽnado a p̃petuo desterro dos beẽs do ceo, pos asperas leys a seus sentidos, & buscou aquelle lugar solitario longe de sua terra, onde fizelle penitencia, & chorasse com seus olhos o estrago de sua vida. Alli estaua consolado cõ Christo, mays contente com aquella vida que todos os principes da terra cõ seus estados & senhorios, porque segundo delle colhi não trocára aquella pobreza por toda a riqueza do mũdo. Mostroume a sua cella, q̃ era hũa lapa pegada com a ermida, onde dormia, com hũa pedra á porta, com que a cerraua de noyte com medo das alimarias: era tão bayxa & estreyta, q̃ mais parecia sepultura de morto, que habitação de viuo: & porque nella não cabiamos ambos, recolhemonos aquella

noyte

boyte na ermida. Fez me aquillo tanta
 deuação, que se me tomára em outro tẽ-
 po, nenhũa vida escolhera senão aquella.
 Pera q̃ he desejar mais nesta vida q̃ seruir
 a Deos, poys em fim tudo fica na morte,
 riq̃zas, cetros, mitras & coroas? Pera q̃ he
 ter conta cõ o mũdo, que não tẽ conta cõ
 ninguẽ, senão ter conta cõ Deos, que a tẽ
 cõ todos? Confessouos q̃ ouue tãta enueja
 aquelle roto burel, que volo não sey ex-
 plicar. Os pobres & asperos vestidos pro-
 uocamme a deuação, quando os vejo, &
 sam elles sinal de humildade & proua de
 penitencia. Senão fora virtude trazelos,
 não louuara nosso Senhor disso a S. Ioão
 Baptista. Diz sam Bernardo no liuro da
 confiração que a curiosidade dos vestidos
 he fealdade d'alma, & indicio de maos
 costumes. Lembrame que li nos reme-
 dios de Petrarcha, que o vestido molle &
 demasiadamente precioso he estendarte
 de soberba, & ninho de sensualidade.
 Partime dalli ao outro dia, porque era assi
 necessa

Math. ii.

Bernard

Petrar-
cha.

701 DA TRIBVLAÇAM

necessario, & foy aquella hũa despedida de grande amor. Elle depouys que me abraçou, parece que tocado d'algũa foidade, cerrou os seus olhos, porme nam ver partir, & eu abri os meus, pera sayrẽ per elles hũas raras lagrymas, em q̃ parece q̃ o coração se me desfazia. Quanto melhor foy áquelle homẽ a tribulaçam, que teue, que a prosperidade, q̃ tiuera, pois a prosperidade o apartaua de Deos, & a tribulaçam o liou com elle, a prosperidade o excitaua a sensualidade, & a tribulaçam a continencia, hũa lhe daua occasião de se perder, outra de se saluar? Mas fã os homẽs tam alheos de si, que não caem nesta conta, & prezãdo se de mays sabios que Nestor, mays eloquentes que Demosthenes, mays ingenhosos q̃ Dedalo, mays sotis que Archimedes, de mays excellente memoria! que Simonides, de mays suaue practica q̃ Xenophonte, mores philosophos q̃ Platão, & mores mathematicos que Euclides, vão errar em

cousas clarissimas, & tendo alto ingenho
pera as cousas do corpo, carecem delle pa
as que tocão a alma. E té nisto tão abitu-
mados & aferrolhados os corações, q̄ não
entendem quão dãnosa he a vaydade, &
quão perigosa a prosperidade do múdo,
& quão pouco fundem as cousas, em q̄
nossos vãos pensamentos tão sem funda-
mento se occupão. Muyto folguey, disse
o preso, de vos ouuir essa historia, crede q̄
os homês hão de correr muytas terras, &
ver muyto p̄ a saber muito. Grande enue-
ja tenho a esse ermitão, prouera a Deos
quetanto fructo fizera a tribulação em
mí, quãto fez nelle. Eu até agora tiue por
cousa má a tribulação, mas agora vejo q̄
ha nella todos esses beês, q̄ tocastes. Não
parece senão q̄ com essas razões, q̄ allega-
stes, se me tirou hũ veo diante do enten-
dimento. Hũ só mal acho á tribulação, q̄
he fazer perder os amigos. Este me dá
tanta dor, que me estou comendo comi-
go, & parece que se me aperta o coração.

Duas

DA TRIBVLAÇAM

Pythag.

Duas sentenças, disse o amigo, se escreue de Pythagoras, que se as quizerdes comprar, achareys grande remedio, & ambas dizem hũa mesma cousa per diuersas palavras: Hũa diz que ninguẽ com a coração, & outra que ninguẽ traga no dedo anel muyto apertado. Quer dizer q̃ não admitamos peusamentos tristes, com q̃ estemos desfazendo & comendo o coração, nem viamos com cuydados sollicitos cheos de tormentos, que nos aperte com dor, mas que lancemos o coração á larga estendendo o com a paciẽcia. Mas não sey a que proposito dizeys isso. Digo isto, respondeo o preso, porque despoys de minhas aduersidades, despoys que o mundo meteo a saco minha vida, todos meus amigos me desemparão senão vos, que não sey ainda se me desemparareys. Deos me desempare, disse o amigo, se vos eu desemparar, & elle se esqueça de mĩ, se me eu esquecer de vós. O que eu queria he, q̃ a buceta de vossas angustias estiuẽ

estiueſſe depositada em minhas entran-
has, & que os meus beês fossem vossos,
& os vossos males fossem meus. E quãto
ao que dizeys, que a tribulação priua os
amigos, eſſes não o ſam. Vedeshũs godo-
mecis dourados, de tão excellentes debu-
xos, que estays leuando contentamento
em empregar os olhos e couſa á primeira
viſta tão ſingular, mete ilhe a mão per dẽ-
tro, achay los podres, d' hũa badana q̄ eſtã
quebrando pedaço a pedaço: aſſi os ami-
gos fingidos quanto he á viſta parece que
não ahi mais, apalpayos em voſſas neceſſi-
dades, achaloseys rotos p̄ mil partes. No
tempo da bonança dão vos comprimen-
tos ás arrobas, & no tempo da aduerſida-
de nem ainda ás onças vos querem dar as
obras: couſa muyto pera ſe eſtranhãr, &
culpa por certo digna de graue pena. Na
caſa do amigo o cõp̄rit ha d' andar ao oli-
uel do prometer, & as obras hãõ de ſer da
meſma eſtofa das palauras. Mas nem por
iſſo he má a tribulação: antes eſſe he hũ

Compa-
ração.

DA TRIBVLAÇAM

dos grandes bês q̄ ella tem, mostrar quaes
são os verdadeyros amigos & quaes os
fingidos. Que toque ha no mundo mays

Prouer.
17.

Eccles. 12

certa pera conhecer amigos que a tribu-
lação? Diz Salamão nos Prouerbios, que
o amigo ama em todo o tempo, & que o
irmão nas angustias se proua. No Eccle-
siastico diz a escriptura: O amigo não se co-
nherá na bonança & o ímigo não se escó-
derá na tribulação. Hi há homês q̄ se mu-
dão donde he o vento como grimpas de
campanayros, mas ahí outros tão firmes
na amizade, que antes perderão a vida q̄
perdela, & nas mores fortunas amostrão

Zopyro
Dario.

mays. Zopyro teue tanto amor a Dario,
que ja nunca o desemprou, antes por a-
mor d'elle cortou os beyços & narizes &
fez grãdes feridas em seu proprio rosto,
por lhe ganhar Babylonia. E quando Da-
rio o vio tão disforme disse, que antes o
quisera são, que ganhar cem Babylonias.
E estando hũa vez partindo hũa romaã
perguntaram-lhe de que cousa queria ta-
tas

tas, como aquella romaã tinha de grãos, & elle respõdeo que de Zopyros, & estimou o tanto que nunca o perdia da memoria, nem nas prosperidades nem nas aduersidades. A mesma amizade d'antre Dario & Zopyro ouue tambem antre Alexandre & Ephestião, que nunca se desepararão nem no bem nem no mal. E durou este amor não sómente na vida, mas na morte, porque mostrou Alexandre tanta tristeza na morte de Ephestião que a trazia impressa nos olhos, em tanto que por dô mādou derrubar as ameas dos muros, pera que até os edificios & cousas insensiu eismostrassem sentimêto da morte de tal varão, & tão seu amigo, que nunca o deyxara nẽ nas tormentas nem nas bonanças. Estes sam os verdadeyros amigos firmes & constantes em todo o tempo. Plutarcho falando dos amigos diz qas cousas psperas os ajuntão, & as aduersas os prouão. Ennio diz q o amigo certo se ve na cousa incerta. Cicero diz q vèdose

Alexãd.

Ephestiã

Plutare.

Ennio.

Cicero.

DA TRIBVLAÇAM

Petrarc. Tarquinio desterrado dissera, q̄ quando se vira em tempo que não tinha que dar, conhecera quaes erão seus amigos. Petrarcha diz que este mal tem os prosperos, não sabem se sam amados. E ainda que o estes authores não differão, basta o que cada dia vemos per experiencia. E poys a tribulação traz consigo tal desengano, não he justo, que aja reprehensam por couza tão digna de louuor. Que couza ahi que may's desengane os homês que a tribulação. Essa, disse o preso, me acabou a m̄ de mostrar a fineza & firmeza de vossa amizade. Sempre, disse o amigo, ferey com vosco outro Ionathas com Dauid, outro Pithias cõ Damão, outro Py-lades com Horestes. E porque, como dizia **Alcibia.** Alcibiades, as arcas & as entranhas hão de estar abertas aos amigos, manday de m̄o o que quiserdes, porque os boõs amigos hão de ser ancoras & amarras na tempestade desta vida.

CAP

DA TRIBULACÃO
 CAPITULO VIII.
 E VLTIMO.

¶ Da diuina misericordia, & como em
 nossas tribulações nos auemos de
 socorrer a Deos.



FAZENDO o amigo aqui
 pausa disse o preso: Estaua
 agora, quando aqui che-
 gastes, tão cheo de melã-
 conia, que não auia lugar
 em meu coração, em que pudesse caber
 noua dor, porque tudo estaua entulhado
 de tristes magoas: nem me lembrava que
 auia paciencia no mundo, antes me quei-
 xava delle sem confiração algũa de sofri-
 mento, por ver que me alevantou em
 prosperidade, pera me derribar della, &
 fazer de mim raro exemplo de tristes.
 Mas agora louuado Deos estou desaliua-
 do, & parece que tem feyta minha von-
 tade liga com a razão, que lhe está mo-
 strando o bem da paciencia, & quanto te-
 nhão que fazer pera comprir com a obri-

DA TRIBVLAÇAM

gação de quem sou. Peçouos muyto, disse
 o amigo, q̄ conserueys quanto em vos for
 essa liga da vontade com a razão. Abra-
 çayuos cō Christo, vniuos & liayuos com
 elle, & não percais da memoria a lēbran-
 ça de suas chagas, q̄ nellas achareys porto
 seguro nas aduerſidades & tormētas de
 ste mundo. Acabado o diluuió vniuersal
 no tempo de Noë, a que depoyſ, segun-
 do algũs dizẽ, os gentios chamarão Iano,
 como o afirma Beroso Chaldeo, prome-
 teo Deos q̄ não aueria mays outro dilu-
 uio vniuersal, & q̄ lhe daua em final da-
 quelle pacto & amizade o arco do ceo, q̄
 elle poria nas nuuẽs em penhor & lem-
 brança de sua misericordia. Na ſagrada
 eſcriptura muitas vezes pelas agoas ſe en-
 tendẽ as tribulações, & as nuuẽs preñes
 dagoa ſam os perigos, q̄ nos ameaçao com
 ellas. Mas no meo dellas mostra Deos
 ſua misericordia: o arco celeſte he a miseri-
 cordia, q̄ reſplãdece nas nuuẽs: a q̄ cá cõ-
 mumente chamamos arco das velhas, q̄
 quer

Beroso.

quer dizer arco em q̄ falão as velhas escripturas. Este he o arco que diz S. Ioão no Apocalypsi, q̄ vira na cabeça de Christo, que queria significar Christo crucificado cõ os braços em arcados. A cor vermelha do arco significa o sangue do bom Iesu, & a verde a esperança, porq̄ no sangue das suas chagas está a esperança de nosso remedio: a diuersidade de cores denota as muitas maneiras de misericordia. Este he o arco, q̄ prometeo o Padre eterno para redempção do mudo, & que foy visto dos homês, do qual diz S. Paulo escreuêdo a Tito: Apareceo a benignidade & humanidade de Deos nosso Saluador, não por obras que nos fizessemos de justiça, mas saluou nos segundo a sua misericordia. Quando se vos poserem ante os olhos as nuuês de vossas tristezas, ameaçando-vos & assombrando-vos com grandes chuvas & tempestades de perigos, perdas, perseguições, injurias, & outras tormentas, olhay pera o arco celeste, ponde os

Apoca.
lypsi. 10.

Tit. 3.

2. Corí. 1.

olho sem Christo crucificado, & nelle achareys esperança, misericordia, & consolação: ca elle he aquelle nosso emparo, a quem sam Paulo na ij. epistola aos Corinthios chama pay de misericordias, & Deos de toda a cōsolação, q̄ nos cōsola é todas nossas tribulações. As consolações dos homês sam palauras, que não pallam das orelhas, mas as de Deos chegão ao coração, onde he a fonte da tristeza. Estas sam as verdadeyras consolações, que não faltão a quem a Deos de todo o coração se lócorre. E quanto as tribulações sam mayores, tanto mays necessario he abraçarmos com Christo: por isso socorreyuos, a elle, & mostray sotrimto & animo inuenciuel, porque nas perigosas feridas mostra sua experiencia o bom cyrurgião, nas grandes enfermidades mostra sua sciencia o atentado fyfico, nas duuidosas batalhas seu esforço o prudente & animoso capitão, & nas brauas tormentas sua prudencia & diligência o excellēte piloto

piloto. Não he cousa noua a tribulação,
 nem sois vós só, o que estays preso. Diz
 sam Gregorio que confiremos o que pas- **Gregor.**
 sarão os sanctos, & que teremos por leue
 tudo, o que nós passamos: em especial se
 posermos os olhos naquelle verdadeyro
 IES V nosso Deos, & na sua Cruz & tor-
 mentos, ca então todos os nossos nos pa-
 recerão hũa pequena gota a par do gran-
 de mar, & assi tomadas nouas forças não
 desfaleceremos. A isto no excita S. Pau-
 lo na epistola ad Hebreos, quando diz: **Hebr. 12.**
 Cuyday & reuoluey no pensamêto aq̃lle
 que tal contradição soffeo dos peccado-
 res contra si, pera que repetindo isto na
 memoria vos não angustieys, nem desfa-
 leçays em vossos animos com vossas tri-
 bulações. Sam Bernardo diz que não so- **Bernard**
 mente Christo nosso Saluador he espe-
 lho de paciencia, mas premio do pacien-
 te. Por isso contemplayo na Cruz, & se-
 reys consolado & remunerado. Eu, disse
 o preso, trabalharey por fazer o que di-

DA TRIBVLAÇAM

zeys, & peçouos que me venhays ver
muitas vezes, pera me consolardes & ani-
mardes. Disso, disse o amigo, perdey o
cuydado, que eu o terey tanto, como vos
vereys, porque doutra maneyra não auerá
pe a, com que se possa descontar mi-
nha culpa. Mas porque eu cayo ja nella
em estender tanto o fio da pratica, lhe
dou fim, por ser meu natural ser tão cur-
to nas palauras como longo, no effeyto
dellas. Voume, & fique com vosco a
graça do Spiritofancto, que console
vossa alma. Deos vá com vosco,
disse o preso, & vos traga
sempre em sua espe-
cial goarda.



Fim do dialogo da tribulaçam.

DIA

DIALOGO

DA VIDA SOLITARIA

interlocutores: tres peregrinos, hũ delles
Portugues, outro Italiano, e
outro Framengo.

CAPITULO I.

Da interpretaçam d'hũ epitafio, antigo, &
da altercaçam que sobr'elle tiueram os
peregrinos, sobre qual era mays
excellente se a vida solitaria
se a publica.

VINDO hum peregrino Portugues de Roma pera Portugal, decia da quella alta & fragosa montanha chamada Montsinisa, que diuide o Piemonte da Saboya, quando ao longo d'hũa fresca ribeyra, que corria per antre hũ alto aruoredo, viu jazer dous companheiros descansando do trabalho de seu longo caminho, que andauão pelo mundo

DA VIDA SOLITARIA

vendo terras, hũ Italiano, outro Framẽgo, tam eſtranhos nas prouincias como naturaes no amor. E tendo nas mãos hũ cartapacio, onde trazião eſcriptos os nomes dos lugares, que corrião, & as diuerſidades dos traios, cuſtumes, leys, & ceremonias, q̃ achauão, & letreyros antigos, que topauão em ſepulturas, & outras antigoalhas, & couſas dinas de memoria, eſtauão debatendo ſobre o entendimento d'hũ epitafio, que alli trazião. E como a elles chegaffe o Portugues, & viſſe que falauão ambos a lingua Italiana, o hũ por ſer ſua natural, o outro pola ter adquirida por antigua conuerſação, que tiuera em Italia, ſaudou os cortẽſmente na meſma lingoagẽ. E elles lhe responderão, & fizerão aquella cortẽſia, a que elle com a ſua & com ſigo meſmo os obrigaua, rogãdolhe q̃ ſe aſſentaffe, & lograſſe d'aquella deleytoſa floreſta cuberta d'hũas viçoſas & creſcidas eruas, que meneadas do temperado vento fazião hũs verdes claros & obſcu

obscuros graciosos. E como elle viesse cã-
fado, & elles lhe parecêsem homêes de in-
genho & primor, assi no trajo como na
pratica, assentouse ao pé d'hũ alto & som-
brio freyxo de muytos que alli auia, &
mostrou estimar muyto aquella vanta-
de com lhe offerecer a sua, agradecendo
lhe suas palauras com outras de compri-
mentos. Mas porque o tempo senão ga-
stasse nelles, disse o Italiano. Tomando
agora na mão este itinerario fomos per
acerto dar aqui cõ hũ epitafio, que acha-
mos em Italia nũ antigo sepulchro, q̃ diz:
Aqui jaz Similo, cuja idade foy muy lõ-
ga, mas não viueo mays que sete annos.
E estamos sob'r isto altercando, que meu
companheyro diz, que como he possiuel
ser longa a idade dhũ homê, cuja vida foy
tão curta, que não viueo mays que sete
annos? E eu digo, que ja pode ser, que fi-
zesse elle nelles cousas tão insinhes &
abalifadas, que caso q̃ em numero fossem
poucas, todavia no lustro & grãdeza das
obras

DA VIDA SOLITARIA

obras se podessem chamar muytos. Mas a isto replica elle dizendo, que repunha fazer hũ menino de sete annos tam excellentes obras: que depoy de sua morte dẽ testimunho de sua vida tam longa na virtude como curta na idade. Agora seõor folgariamos que desseis vossõ parecer, pa nos com elle conformarmos. Lêbrame disse o Portugues, qu e há muytos annos estando eu cõ mais descanso q̃ agora em minha terra, em tempo que vir eu a esta parecia que estaua tam lõge de poder ser, como eu então de o cuydar li e Dião Casio historiador antigo na vida q̃ escreueo do Emperador Adriano, que ouiera naquelle tempo hũ famoso capitão chamado Similo, que he esse de que falays, grãdemente priuado do Emperador. E auia pera isso muyta rezão, porque era elle homẽ de grande tomo & authoridade, & q̃ fora muyto tẽpo prefecto em Roma, limpo em sangue, attetado no regimento, acautelado na vida, experimẽtado na ida
de

Dião Casio.

Similo.

de, oufado no animo, liure nas palauras,
 virtuoso nas obras, finalmete na paz era
 pacifico, & na guerra esforçado. Andado
 poys este Similo empegado nas ondas &
 vagas da corte Romana tam distrahido
 & entregue a negocios & trabalhos, que
 se o tẽpo lhe quifera offerecer algũ descã
 fo, foralhe necessario outro nouo coraçã
 pera o receber, caio na conta de si, & vio q̃
 se não via, & q̃ erã de tal qualidade as
 cousas que elle pretendia, que antes que
 as elle acabasse a ellas, ellas o acabariã a el
 le, & que se com o fio da prudencia se não
 faysse & tirasse de tam diffieultoso labirin
 tho, totalmente se perderia. E trazendo
 estas cousas impressas na memoria, & a
 consiração dellas viua no entendimẽto,
 acabou de se resolver & determinar, &
 deixou de sua liure võtade a prefectura,
 & governança & negocios da corte, sendo
 ja homẽ de muyta idade, & foyse viuer a
 hũ seu casal lõge de Roma, pto de amigos
 conhecimẽto de muytos, & conuerfação
 de

DA VIDA SOLITARIA

de poucos, onde viueo sete annos muyto cõtente naquella vida solitaria & quieta. E vendo despesa sua idade, & que a morte entraua ja pelo arrebalde de sua vida, mandou por na sua sepultura esse letreyro, que hi trazey, em que declara, que ainda que sua idade foy longa, não viueo mays que sete annos: não porque não fosse de mays, mas porque não chamaua vida, senão á que viueo em quietação & recolhimento, apartado dos negocios & trafegos do mundo. Aos annos q̄ gastara na corte não chamaua ãnos, mas perdição delles, nem o tal modo de viuer lhe parecia que merecia nome de vida, mas de morte, poys dos trabalhos que em tão inquieta & perigosa vida padecia, não esperava menos que perdela. Quem quiser por os olhos na razão, verá que elle a tinha, porque assi como não aproueyta lançar muito liquor em vaso fendido por todas as partes, assi não aproueyta lançar muytos annos na vida inquieta, aberta p̄

Compa-
ração.

todã

todas as bandas a desbarates, & vaidades,
 & negocios do mundo, porque os annos
 vam se, & fica vaã a vida sem final de vi-
 da. Donde veo a dizer Seneca, que taes Seneca.
 auia ahi, que primeiro deyxauão de viuer
 que começassem a vida. E Stobeu diz, q̄ Stobeu.
 algũs viuẽ longo tempo, mas poucos an-
 nos, que he o mesmo que diz Similo. Isto
 he o q̄ quer dizer o epitafio: esta he a sen-
 tença de Similo o Romano, que a meu ver
 elle deuia ser homẽ de singular virtude,
 & alto animo. Antes, disse o Italiano, pa-
 rece ao contrayro, porque ou elle na paz
 governaua bem a repubrica, & na guerra
 capitaneaua bem seu exercito, ou não: se
 não vsaua bẽ de seus carregos & officios,
 não merece o louuor, que lhe days, pois
 he dividido á virtude, que elle não tinha, &
 se os fazia bem, não foy d'alto animo em
 os deyxar, pois buscando seu particular
 descanso preferio a vtilidade proptia á
 commũ, auendo antes de querer a com-
 mũ que a ppria, pois, como diz Dionysio,

Ee o bem.

DA VIDA SOLITARIA

- o bem he cōmunicatiuo de si mesmo: &
- Aristot.** Aristoteles affirmã, que tanto he melhor, quanto he mais vniuersal. A historia que contrastes de Similo, & aprrompta memoria com que acudistes, & a exposiçã que destes ao titulo & letras de sua sepultura, folguey em extemo de vos ouuir, & tenho pera mĩ que ẽ tudo acertastes, mas nos lououres que lhe attribuístes, me parece q̃ excedestes. A mĩ, disse o Framẽgo, me parece bem essa razã, porq̃ vay ella fundada nãa sentença de Platão, q̃ diz escreuendo a Architas Tarẽtino, que não nascemos sōmẽte pera nos, mas tambẽ pera os outros: a qual seguiu Aristot. no quinto das Ethicas, dizendo, que aq̃lle se pode chamar bom, q̃ vsa da bõdade não sōmẽte pera si, mas pera os proximos: que he o que dizia Chrysippo, que hũa das causas, porque nascião os homẽs era pa ajudarẽ os homẽs. Hora poys esse Similo podera aproueytar a muytos na repubrica, parece que a não diuera de deyxar, nẽ trocar
a vida
- Platão.**
- Aristot.**
- Chrysi.**

vida publica pola solitaria, poys na pu-
 blica aproueytaua a muytos, & na solita-
 ria samente a si. Quanto mays que Mar- Marco
 Tullio cume da latina eloquencia, a- Tullio.
 quelle que com sua rica lingua abrio as
 fontes: da philosophia, no seu primeyro li-
 bro dos officios tractou copiosamente esta
 questão, que ja noutro tempo fora venti-
 lada antre os philosophos, & resolveose
 em affirmar, que dado que a vida solitaria
 fosse mays segura & menos pesada, toda-
 uia a publica era mays excellente, & fru-
 ctifera, & de mais alta empresa. E poys tẽ-
 des contra vóstão clara & viu a razão, não
 sey cõ quanta vos podereys sustentar vos-
 so parecer contrayro a tão grandes autho-
 res, & dar euasam a couisa, que a não tem.
 A tudo isso, disse o Portugues, eu pudera
 facilmente responder, & tirar do almazẽ
 da memoria armas nã somente defensiuas
 mas offensiuas: porq̃ como gastey a mór
 parte de minha vida no estudo das letras
 assi diuinas como humanas, não somente

118 DA VIDA SOLITARIA

em Portugal, onde nasci, mas ainda em
 outras partes, que conuersey, & vi muytas
 terras, & communiquey com muitos ho-
 mões doctos de varias nações, & em diuer-
 sos reynos, não me ouuerão de faltar ra-
 zões & authoridades, para refutar as q̄ con-
 tra mĩ allegays. Mas como minha tẽça he
 nã ir cõtra avossa, nã falarey nisso, por vos
 não ser pesado & importuno, porq̄ quero
 ãtes parecer indocto q̄ p̄fiado. Antes fol-
 garemos em extremo, disse o Italiano, de
 vos ouuir, ao menos eu, que vos certifico
 ja neste pequeno tempo sinto enxerida
 na vontade hũa affeyção a vossas cousas,
 & parece que a mesma tendes vos às nos-
 sas, se me não engana o coração, & creio q̄
 a mesma vos tem meu companheyro.
 Em outras cousas, disse o Framengo, me
 podeys vos vencer, mas em lhe ter essa a-
 morosa affeyção, nã vos reconhecerey auã-
 tagẽ, nem menos no desejo de o ouuir, &
 delhe ver absoluer nossos argumentos, &
 louuar a vida solitaria, pera com isso me

recrea

recrear & sustentat, ca tenho eu pera mi
 que a pratica d'hũ homẽ docto he suaue
 man timento do espirito.

CAPITULO II.

¶ Em que o Portugues responde às obreyções
 dos dous companheyros, & mostra a ex-
 cellencia da vida solitaria.



Em vejo, disse o Portugues,
 que essa merce & affeyção
 não a posso eu encarecer cõ
 palauras, nem pagar com
 obras: porem se as vontades
 se pagão com vontades, a minha tende
 por certissima pera coufas de vosso con-
 tentamẽto. E poys o tẽdesem vos eu res-
 ponder, & louuar a vida solitaria, falo ey,
 ainda que á verdade conheço eu tambẽ
 o pouco cabedal de meu ingenho, q̃ que-
 rela eu louuar he deslouuala, porque tem
 ella quilates, a que o meu bayxo entendi-
 mento não chega. Mas atreuome eu a
 falar nella, porque ainda que agora por

DA VIDA SOLITARIA

causas importantes ando della apartado
& distrahido, todavia foy tempo, em que
eu fuy dado algũ tanto a ella, & como ex
perimentado posso nella praticar, o que
eu farey breuemente, porque querer mi
nha lingua tocar todos seus lououres, se
ria presumir de contar todas as areas do
mar, & de querer achar numero a cousa
innumeravel. Ao argumento que fazeys
que ou o Similo governaua bem ou mal,
respondo que bem: & quanto ao que di
zeys, que poys fazia bem seu officio, não o
diuera de deyxar, porque deixando era
deyxar daproueytar aos outros, isso não
admitto: antes digo, que mays proueyto
fez á republica deyxandoa, que ministrã
doa, porque não faltarião outros nella, q̃
a administrassem, & elle na sua quintaã
estaua ensinando com seu exemplo a fu
gir do mundo, & desprezar suas vaidades
& falsas esperanças. E alli podia escreuer
liuros, com que aproueytasse não somen
te a sua cidade mas a todo o mudo, nã so
mente

mente aos presentes, mas aos futuros, de maneyra q̄ seu ocio seruisse a nosso negocio. O q̄ senão pode também fazer nos tumultos da vida publica como no repouso da solitaria, onde o juyzo quieto pode melhor philosophar, & escolher sem epidimêto as deliberações & sentenças, q̄ a imaginação lhe representa. E dalli poderia estar ajudando a defender a repubrica cõ seus cõselhos & escriptos tanto, ou mays q̄ os outros cõ suas forças & armas.

Isto sentia bẽ Agamenão aquelle grãde Agamenão capitão de Grecia, quando dizia, como cõ-

ta Homero principe dos poetas, q̄ antes Homero queria conselhos q̄ forças, & antes o sabio Nestor q̄ o esforçado Achilles & Ajax. Isto he o q̄ dizia Catão o censorino, q̄ senão Catão. perdião as republicas tãto por falta de esforçados capitães, como por falta de bõs conselhos, & que não somente auia dauer governadores que regessem, mas mestres que ensinassem, hora fosse p̄ obras, ora p̄ palauras, porq̄ ahi hũs que calando falão,

DA VIDA SOLITARIA

& outros que falando calão, ca os bõs em silencio dão vozes, & os maos dando vozes estão mudos, conforme á sentença de

Menád.

Plutarc.

Menandro relatada per Plutarcho, que diz, que nã persuade a pratica & força de oratoria, mas a virtude & exemplo de vida. Confessouos o que dizeys, que o homẽ não se ha de contentar daproueytar

Compa-
ração.

somente a si: porq̃ assi como a ruore plantada ao longo do fresco ribeyro dá seu fructo a seu tempo, não somente pera cõ a semente delle produzir outras, & conserva se perpetuamente em sua especie, ja que não pode no individuo, mas tambem pera com elle aproueytar a muytos, assi o varão sabio & animoso, regado com as diuinas agoas da graça, ha de pretender o bem commũ, & fructificar pera todos cõ obras de virtude & doutrina, & não somente buscar saluação, & fazer cousas com q̃, sem o pretender, alcance a perpetuidade de seu nome, mas inda ha de trabalhar por aproueytar aos outros. E daqui vea

o Pro

o Profeta no primeyro psalmo a com- Psalm. 1.
 parar o justo a arvore fructuosa sempre
 verde, plantada na corrente das doces
 agoas, da qual elle diz em outro Psalmo:
 O justo como a palma florecerá. Mas isto Psalm. 91.
 pode muy bem fazer o varão religioso &
 solitario, o qual regado com agoa da dou-
 trina das sagradas letras, & com a medi-
 tação das cousas diuinas, influydo no a-
 mor do alto Deos, carregado de fer-
 mosos fructos de virtudes, aproueita mais
 ao mundo com suas orações & exemplo
 de bõa vida, apartado dos negocios rou-
 badores do spiritual descanso, que muy-
 tos outros, que nelles andão metidos, &
 versados. Nem se deue cuydar, por o soli-
 tario estar separado dos proximos quanto
 ao corpo, que o està quanto á alma, por q̃
 como diz tam Ioão Chrysofomo, affico- Chrysof
Compa-
ração.
 mo no material edificio as pedras se pe-
 gão hũas com as outras mediante a cal, af-
 ti no edificio ecclesiastico estão os homẽs
 vaidos hũs cõ os outros mediante a chari-
 Ec v dade

DA VIDA SOLITARIA

dade: De maneyra que os liames, com q̄
 estão atados, não são corporaes mas spi-
 rituaes, né os quebra a vida solitaria, átes
 os aumenta. Quereys ver isto? O mesmo
 Rey David q̄ comparaua o justo a aruo-
 re fructuosa, & delejaua de aproueyzar a
 todos, & vnirle per amor cõ todos, vendo
 serodeado de negocios na cidade suspira-
 na polo deserto & repoulo solitario, & de
 poys de cõfessar q̄ estaua perturbado seu
 coração & acollado de pubricas inquie-
 tações dizia: [Quis dabit mihi pennas si-
 cut columbæ, & volabo & requiescam.]
 Como se dissera: Ah quẽ me darà alas da
 ligeyra pomba pa voar ao deserto, & ver-
 me separado do mundo, & descansar si-
 quer hũ pouco na vida solitaria. E quan-
 do p obra o não podia fazer, la hia com a
 vontade, la se achaua só cõ o pensamẽto.
 Isto he o que elle diz logo abayxo: [Ecce
 elongaui fugiens, & mansi in solitudine.]
 Eysme aquí que me alonguey, & fogi do
 mudo & de mĩ mesmo, & quando olhey
 por

Pfal. 54.

por mī, acheyme cō o pensamēto nūa solidão accepta a minhas contēplações. Isto dizia elle pola experiēcia q̄ tinha do fructo & spiritual cōsolação, q̄ sentira no itēpo, q̄ elle andara só pelos desertos de Palestina. Alli choraua seus peccados, & os do mūdo, fazēdo de seus olhos fontes perenacs, alli esprayaua aquelles seus ardētes & penetratiuos suspiros, com q̄ rōpia as nuuēs, & penetraua os altos ceos: alli cōpunha & cantaua seus soydosos & gloriosos Psalmos ao som de sua suaue harpa, & finalmēte dalli estaua ensinando o mūdo, & era o deserto hūa cathedra de doutrina celestial. Donde se cōclue q̄ o solitario & contēplatiuo podē aproueytar a si & a muitos, & viuer cōforme ao q̄ diz o vosso Platão, & Aristoteles, & Chrysippo, que sam os com q̄ allegastes, pera prouar que não fomos lançados nesta vida pa nōs samente, mastambē pera os outros. Vedes logo aqui como nã fazē cōtra mī as authoridades, q̄ pa isso recitastes, antes

bem

DA VIDA SOLITARIA

bem olhadas ellas sam as que militão cõ-
 tra vos. Quereylo ver? Elles mesmos phi-
 losophos pera aproueytarem a muitos, se
 recolherão, quanto poderão, & derão al-
 tamente á contemplação dos segredos
 da natureza, donde subião á contempla-
 ção da primeyra causa, em especial Chry-
 sippo, do qual diz Seneca no liuro q̃ fez
 da vida bemauenturada, que ainda que
 nunca capitaneou exercito, nem gouer-
 nou cidade, nem tratou pubricos carre-
 gos & negocios, todauia com suas specula-
 ções & alta philosophia & vida solitaria
 aproueytou a todo o mundo, mays que
 muytos grandes capitães & gouernadores

Chrysip
 Seneca.

Aristot.

Poys Aristoteles como alcançara nome
 de principe dos peripateticos, & posera
 em arte a philosophia assi natural, como
 moral, como metaphysica, & deyxara de
 si com sua doutrina perpetua memoria,
 se senão apartara dos carregos pubricos,
 & buscara vida quieta accepta a seus pẽ-
 samentos? Sendo elle muyto priuado do

grande

Grande Alexandre seu discipulo, não quis
 ir com elle a Atia, mas tornou se pa Athe-
 nas, onde se deu á contemplação. E ainda
 como o cõta Plutarcho na vida de Sylla, *Plutare.*
 & Strabo na geographia, de Athenas se *Strabo.*
 foy pa Chalcides cidade de Euboëa, onde
 acabou seus dias philosophãdo. E foy tão
 sentida sua morte, q̃ não faltou quẽ dis-
 fesse, que ja se podia perder a esperançã-
 ça de se poderem absoluer & explicar as
 altas questões philosophicas, poys nellas
 fizera fim, quẽ a podia dar a todas as ou-
 tras. Poys Platão pera aproueytar a si & *Platão.*
 aos outros se apartou de Athenas, deyxã-
 do as inquietações da repubrica, & se foy
 a hũ lugar solitario chamado Academia,
 dõde ã pois as scholas dos philosophos to-
 marão este nome, & alli ensinava seus dis-
 cipulos a buscar a doce quietaçã & repou-
 so solitario, & a desprezar as riquezas hu-
 manas, & suspirar polas diuinas: & fazia li-
 tros, em q̃ ensinava a gouernar as repu-
 blicas, & excitava os mortaes á imortali-
 dade

DA VIDA SOLITARIA

dade, & a contemplação da primeira cati
 sa & diuina fermosura, com tam marau
 lliosa eloquencia & sublimē philosophia
 que foy chamado o diuino Platão. Isto
 he quanto a rezão que ambos trouxestes
 corroborada com a sentença destes tres
 infimhes authores. Poys quãto he a autho
 ridade de Marco Tullio, digo q̄ elle me
 mo confessa q̄ vay contra os philosophos,
 & quer reprehender Platão, & bẽ sem cau
 salnos liuros da republica, onde elle exal
 ca & sublima a vida solitaria, sobre o pro
 ferir em outras partes a todos, & dizer na
 primeira questãõ Tusculana, que quer an
 tes errar com elle, que acertar com os ou
 tros. Confesso que foy Tullio o milhor
 dos philosophos latinos de seu tempo, &
 que trabalhou quanto foy possiuel, por
 imitar Platão: mas per cima de tudo isto
 affirmo que ficou tanto a quem delle, q̄
 se pode por elle dizer aquillo que Pinda
 ro dizia por Thimeo o historico, q̄ quer
 do seguir ao grã Thucides, era como ho

M. Tull.

Pindaro

Thimeo

abab

me que indo a pé com seus vagarosos pas-
 sos, presumia de seguir o velocissimo cur-
 so do ligeiro carro de Lydia. E Seneca tra-
 tou depoy a mesma questão, & té cõtra
 Cicero que a vida solitaria he mays exce-
 lente, & de mays quilates que a publica
 & q̄ mays fructifero foy a Grecia o ocio
 & solidão de Cleantes & de Zeno que o
 suor & trabalho dos famosos Gregos, que
 assu nos regimentos da paz, como nas ca-
 pitãncias da guerra se quizerã antre os ou-
 tros abalifar, como se vé claramẽte no li-
 vro q̄ fez da vida bẽ aventurada, & no da
 tranquillidade da vida. Engrãdecco Seneca
 tanto a vida solitaria, q̄ escreveuẽdo a Lu-
 cillo diz. Fuge dos muytos, fuge dos pou-
 cos: fuge ainda d'hu só. E noutra Epistola
 lhe diz: Não acho com quem mays que-
 ria que estiueesses que contigo soõ. E nou-
 tra diz que o principal final d'huã alma
 bẽ ordenada he poder estar quieta & mo-
 rar consigo mesma. He tãmanha a fermo-
 sura da vida quieta & solitaria, que se os
 inqui-

Seneca

Seneca

Seneca

Seneca

Cleantes

Zeno.

Seneca

Seneca

Seneca

DA VIDA SOLITARIA

Inquietos a podessem ver com seus olhos
não aueria nenhũ, que se não deixasse vé
cer de seu amor. Isto quis significar De-
Demetr. metrio Phalereu, quando disse. Férmosa
Demo- coufa he o repouso. E Democrito imita-
rito. dor de Pytagoras o mesmo sentio, quando
afirmou, q̃ na serenidade do animo cõ-
sistia a felicidade, que todos deuião dese-
jar. E poys esta serenidade & fermosura
da alma se acquire com a vida solitaria, &
se perde com a inquieta, quem ha hi que
não veja quam mays excellente he hũa
que a outra? Isto baste pera rebater o pa-
recer de Cicero nesta parte, ser elle con-
tra o de muitos philosophos, em especial
cõtra o de Seneca: a quẽ os antigos cha-
Colum. marão mestre da vida, cujo ingenho en-
grandece Columella, & aquem sam Iero-
Hieron. nymo põe antre os varões illustres, & ec-
clesiasticos scriptores, muytos dos quaes
fugirão do mundo & de seus tumultos,
por não serem vencidos de seus enganos
& se derão á vida solitaria, a qual como
tenho

tenho mostrado, he mays excellente que a publica, onde viuerão com grande contentamẽto. E assi como os filhos de Israel celebrauão com festas o dia, que os Deos tirou do Egipto, assi elles celebrauão cõ fazimento de graças o dia que os Deos tirara do mundo, pera o seruirem com repouso, & não ouuitem cada dia julgar vidas alheas, & almotaçar, tenções ca isto só basta pera fugir do mundo, serem os homẽs julgados pelos homẽs.

CAPITULO III.

Da fugida do mundo, & cayda de Babylonia, & como neste caso o fugir he vencer.



Em vejo eu, disse o Italiano, que ouue muytos homẽs, q̃ desprezarão o mundo, & fugirão delle, por nã serem delle vencidos, mas vos não me podeys negar que fugir he he fraqueza, porq̃ a verdadeyra victoria contra o mudo he vencerlo sem lhe fugir.

Ff Antes

222 DA VIDA SOLITARIA

Hieron.

Antes, disse o Portugues, he ao contrario Bem que nas batalhas corporaes ha isso lugar, mas nas spirituaes diz sam Ieronymo, que fugit he vencer. E os que por causa de seus officios & obrigações não podẽ deyxar o mundo quanto ao corpo, deyxẽ no quanto á vontade, & de dentro de Babylonia olhem pera Ierusalem, que quer dizer visam da paz, de maneyra que no meo dos corporaes trabalhos suspirẽ polo spiritual descanso, semelhantes ao bõ Daniel, que estando em Babylonia metido nua camara, diz a sagrada scriptura, que abria hua janella, que hia pera Ierusalem, & que d'alli se punha a olhar, & a orar, & aleuantando os olhos pera onde lhos guiaua o desejo, suspiraua por aquella cidade de Ierusalem, dõnde andaua desterrado, ceuando seus pensamentos de diuinas esperanças. Não diz que abrisse janella, donde se visse Babylonia, senão Ierusalem, porque descãfauão seus olhos em leuarem a vista pera aquella visam pacifi

Dani.6.

pacífica, que elle estaua figurando em seu pensamento. Assi os que por importantes causas estão como presos na vida inquieta, não abirão a janella, que descobre Babylonia com sua vista, nem se deleytẽ em ver o mundo & seus enganos, mas abirão a janella d'alma, q̄ vay pera Ierusalem, contemplem a visam da paz, alevãtem os olhos do entendimẽto á fermosura da spiritual quietação, & suspirem pelo repouso solitario. E deste pensamento saltem noutro daquelle repouso eterno, daquella Ierusalem soberana, que ja nunca terá fim, & com piedosas lagrymas & soydosos suspiros, metidos per estas lembranças effes pequenos espaços q̄ poderẽ furtar aos negocios, chorem o bem q̄ perdem, em perderẽ a quietação da vida solitaria, & quãto em si for, trabalhem pola alcançar, ao menos o mays della q̄ poderẽ, & por se sayr de Babylonia, & deyxar os embarços & toruações do mundo inimigos do spiritual descanso. Pera q̄ he viuer

em tanta confusam? De que serue servir
 a cousa tão enganosa? Que mar ha no
 mundo, que estreyto, que Euripo, que bā-
 cos de Frandes, que goltão de Lião, que
 cabo de bõa esperança, que tenha tam
 varias ondas, tão duuidosas mudanças,
 tão brauos mouimentos, tão desfeytas
 tormentas, tão perigosas tempestades co-
 mo o mundo? Que trabalhos sam os do
 mundo, que perigos, que variedades, que
 ondas, que marés, que toruações, que en-
 chentes & vazantes? Se fugimos do mar
 tempestuoso pera o porto seguro, se fugi-
 mos da nao que faz agoa, & vay pera se
 perder, se fugimos do edificio q̄ faz abai-
 lo, & está pera cayr, porque não fugimos
 do mundo, que nos quer confundir, poys
 nos está ameaçando com a fim, per cima
 de nos estar enganando com suas lison-
 geyras esperanças, poys conhecemos seus
 males. pois vemos estar sobre nos pendu-
 rada per hũ fio nossa perdição, poys sa-
 bemos que antre o peccado mortal &

Compara-
 rações.

o infer

o inferno não se mete mays. que hũa fra-
 ca taysa de nossa caduca & miserauel vi-
 da? Como nos deyxamos estar captiuos
 & descuydados em Babylonia sem lem-
 brança de Sião? Ignorantes de nós, que
 queremos câtar o cantico do Senhor em
 terra alhea, nesta enganosa Babylonia, &
 assentados ao lôgo de seus rios não faze-
 mos outros de nossas lagrymas cõ a soy-
 dosa memoria da spiritual Ierusalem! E
 pera melhor vermos a differença de Ieru-
 salem a Babylonia traruos ey á memoria
 hũa figura da sancta escriptura. Estando
 os Israëlitas em Ierusalem tinhamo no al-
 tar do templo fogo continuo pera seus sa-
 crificios, que lho mandaua assi Deos, co-
 mo consta do Leuitico. Mas depoyz vie-
 rão sob'elles os Babylonios, fizerãolhe
 guerra, derãolhe bateria, saquearãolhe as
 casas, destruirãolhe a cidade, assolarãolhe
 o templo, & a elles leuarannos captiuos a
 Babylonia. Vendo os sacerdotes sua per-
 dição causada de seus peccados, tomarão

Leuit. 6.
 4. Reg.
 25.

DA VIDA SOLITARIA

o fogo, q̄ estaua perpetuamente no altar,
& meterão no nua coua profunda. Passa-
dos depoyz setenta annos de seu captiuey-
ro, liurou os Deos, & tornando a Ierusalé
fizerão o he sacrificio, & forão buscar o fo-
go, q̄ ficara metido na coua, & cõta a diui

2. Mach. 1 na escriptura no ij. liuro dos Machabeus,
que não o acharão, mas acharão hũa agoa
que engrossou, & fez se lodo, & lançado
aquella agoa em cima do sacrificio, vierão
os rayos do sol, & tanto q̄ baterão nella,
tornouse em fogo, & assi ardeo miraculo-
samente o sacrificio. Em quãto estiuerao
em Ierusalé, tinhão fogo no altar, in dose
pera Babylonia o fogo conuerteose em
agoa, & fez se lama, & tornados a Ierusa-
lé agoa se cõuerteo em fogo. Em quãto a
alma está em paz cõ Deos, & cõ siigo, & cõ
o proximo, em quanto reside em Ierusalé
na visão pacifica, é quãto está quieta, em-
bebida no amor & lebranças do alto Deos,
tẽ no altar fogo do setõ amor, em q̄ está sa-
crificãdo a Deos seus desejos & affeyções.

Mas

Mas tanto que he vencida, & saqueada,
 & captiua dos Chaldeus, que sam o dia-
 bo, o mundo, & a carne, tanto que se ren-
 de, & deyxá leuar captiua a Babylonia, o
 fogo do diuino amor se desfaz, & fica em
 agoa de desamor, & lama de desejos ter-
 reaes. Mas tornandô de Babylonia para
 Ierusalem, agoa se conuerte em fogo, &
 resplandece a diuina charidade, & assi a
 alma da frialdade do peccado mortal tor-
 na em fetuor d'amor. Mas isto não pode
 ser senão batêdo nella os rayos do sol da
 justiça: quero dizer que per si não pode
 sair do peccado mortal, sem fauor de
 Christo nosso verdadeyro Deos, sol diui-
 no, vencedor & desbaratador das treuas
 interiores. Verdade he q̄ fazendo nos o
 q̄ em nos he, a code elle cõ sua graça, mas
 sem ella nã podemos nos p̄ nossas forças
 resurgir da spiritual morte á spiritual vida
 & cõuerter agoa da impiedade e fogo de
 justificaçã. Isto he o q̄ elle mesmo diz em
 S. João: Ninguê vê ao padre senão per mĩ. Ioan. 14.

Isto he o que diz a esposa nos cantares fa-
 lando com o espolo, que he Christo;
 { Trabe me post te. } Como se dissera: Eu
 per mim não posso yr, leuayme vos a pos-
 vos, que eu vós seguirey. Isto he o que diz

Canti. 1.

Thren. 5

Jeremias nas lamentações: Conuertey-
 nos Senhor a vos, & teremos conuerti-
 dos. Isto he o que diz o mesmo Deos per

Ose. 13.

boca do seu Propheta Osea, { Perdicio
 tua ex te; tantummodo in me auxilium
 tuū. } Como se dissera: Perderes te tu na
 sceo de ti, mas a tua saluação está em mi:
 tornarestes tu em agoa foy culpa tua, mas
 conuerttereste em fogo he graça minha.

3. Cor. 3.

Isto he o que dizia sam Paulo, escreuêdo
 aos Corinthios, Não somos sufficientes
 pera cuydar algũa cousa de nos, como de
 nos, mas toda a nossa sufficiência de Deos
 he. E noutra parte. Pela graça de Deos

3. Cor. 15.

fou aquillo que sou: como se dissera. Elle
 conuerteo a agoa de minha culpa em fo-
 go de seu amor, batêdo em minha alma
 os rayos de sua graça, & eu acceptando,

& este

& estendendo as velas da vontade, & a liberdade do arbitrio. Logo poys vedes a differença que vay de Babylonia a Ierusalem, & da inquietação d'alma á quietação della, & esta inquietação nasce na vida tumultuosa cercada de pubricos negocios, & a quietação nasce na vida solitaria, claro está que he a solitaria mays excellente, & que fugir do mundo pera ella não he couardia do animo, mas grande esforço d'elle, poys nesta parte a fugida he victoria. Porque como fugir do mundo he fugir de si, & fugir de si he vencer a si, & vencer a si he gloriosissima victoria, está claro que fugir do mundo he o mays excelente de todos os triumphos, poys he triumphar dos mays fortes aduersarios, ca ninguem tem tam crueys & poderosos inimigos, como sam seus proprios desejos.

CAPIT. IIII.

¶ Em que o Portugues proua seu intento per exemplos & authoridades dos gentios.

DA VIDA SOLITARIA



A M quietia senhores que
 vos pareceffe, que quero eu
 condenar todos, os que vi-
 uem em congregações &
 negocios publicos, & canonizar todos os
 solitarios: que bẽm fey, que nas cidades &
 cortes dos principes pode auer muitos ro-
 deados de negocios, que feja muy virtuo-
 sos, & amadores das coufas de Deos, &
 goardadores de seus mandamẽtos, como
 eu tenho pera mĩ que os ha, & tambem
 fey, que pode auer muitos dados á vida só-
 litaria, q̃ per outras partes tenham muytas
 quebras & defeytos. Mas per cima de tu-
 do isto tenho por sem duuida, que a vida
 solitaria, simplesmente falando, quanto
 em si he, leua muyta auantagem á publi-
 ca & tumultuosa, & que não fomenta he
 mays segura, mas em muytas coufas mays
 fructifera, sem embargo q̃ em algũas feja
 a publica de mays utilidade. Mas basta q̃
 absolutamẽte falando he a solitaria mays
 excellente, que he o cõtrayro do q̃ dizia
 Marco

Marco Tullio na authoridade, q̄ contra
 mí allegastes do seu primeyro liuro dos
 Officios. E se elle depouys de escripto esse
 liuro o tornara bẽ a limar & examinar,
 bẽ creio eu, q̄ esse ponto correrá risco de
 ser riscado, porq̄ não cõuinha, q̄ em liuro
 tão docto & elegãte se achasse hũa difonã
 cia como essa, tã peregrina a qualquer bõ
 juyzo. Quereys ver isto claramẽte: que o
 mesmo Cicero confessa, q̄ depouys q̄ saíu
 da repubrica, & se deu á vida solitaria, fez
 esses liuros, & quasi todos os outros, que
 compós, com que aproueytou muyto aos
 homẽs, & pera si alcançou fama, que viui-
 rá, em quanto viuer a memoria dos mor-
 tacs, & que a perpetuydade sempre terá
 ante seus olhos. E elle mesmo approua os
 que buscando seu repouso, se recolhião a
 suas quintaãs, & engrandece summamẽ-
 te a Scipião Africano, que deyxados os
 negocios & tumultos se separaua da gẽ-
 re, & como aporto se recolhia a hũa soli-
 dão, onde dizia, que nunca estaua menos
 ocioso

Cicero.

Scipião.

DA VIDA SOLITARIA

ocioso, que quando ocioso, nem menos
 só, que quando só. E louua grandemête a
 Marco Curio o antigo Romano, que
 depoy de vencer os Sãntas, & Sabinos,
 & Pyrro Rey dos Epirotas, deyxou Ro-
 ma cõ seustumultos, & se foy viuer a hũ
 seu casal, estimando mais a vida solitaria
 com seu repouso, que as pompas de Ro-
 ma com sua inquietação. E estando elle
 ao seu lár lhe vierã os embayxadores dos
 Samnitas offerecer grande soma d'ouro,
 que elle não quis dizendo, que mays que-
 ria mandar aos ricos, que ser rico, & que
 poy os ãmigos o não vencerã na guerra
 não conuinha que o ouro o vencesse na
 paz. O nobre Cincinato, do arado foy ti-
 rado pera ser dictador de Roma, que era
 o mór carrego que nella auia, como o diz
 Fenestella no liuro de magistratibus. E
 depoy da dictatura marauilhosamente
 administrada se tornou pera sua pobre
 herdade, como o conta Columella. E não
 somente a Cincinato, mas a outros muy-

Curio.

Cincina.

Feneste.

**Colu-
mella.**

tos tirarão os Romanos dos caesares para
 os fazerem consules, & lhe entregarem a
 governança da república. Cecilio Metel- Cecilio.
 lo famoso capitão Romano, do qual di-
 zião, que as muytas perdas da fazenda es-
 timaua em pouco, & as poucas da honra
 em muyto, depoyes de grandes trabalhos
 & victorias recolheose a hũa sua quintã,
 sem querer acceptar o consulado, nem
 a dictatura que lhe offerecião, dicen-
 do, que queria comer em paz, o q̄ tinha
 ganhado na guerra. O gram Catão Censo Catão.
 rino, tão celebrado dos antiquos, que ti-
 nhão sua vida por hũa viuã imagẽ de gra-
 uidade & virtude, & seu peyto por hũ po-
 ço de prudencia & moderação, & seu ani-
 mo por hũ espelho de fortaleza & con-
 stancia, o qual, diz Plinio, que foy perfe- Plinio.
 yto capitão, perfeyto orador, & perfeyto se-
 nador, depoyes de ser questor, & tribuno
 militar, & pretor, & censor, & consul, &
 ter as mayores dignidades de Roma assy
 na paz como na guerra, se sayu da cidade
 &

DA VIDA SOLITARIA

& se foy viuer a hũa quintaã sua junto a Piceno, q̃ se agora chama Marca de Ancona, ainda que outros dizẽ que estaua na Campania junto com Puçol. Mas basta que se meteo naquella sua quintã, & alli acabou o que lhe restaua da vida, hora lendo, hora escreuendo, hora meditando, hora cultiuando a terra: negociando com os agros, que quasi sempre tornão cõ grossa onzena quanto neiles se lança. Poys estando o bom velho gozando daquella vida solitaria, acertou d̃ passar por hi hũ homẽ prudente nas cousas do mundo, mas entregue aos negocios d'elle, & reuoluẽdo na fantasia d'ũa parte as toruações & distrahimentos, em q̃ elle & muytos outros andauão, & da outra a quietação & repouso em que Catão alli viuia, cotejando os proprios enganos, que o trazião de si enleado, com os desenganos cõ que Catão estaua do mundo esquecido, não se pode ter que lhe não escreuesse na porta hũas letras q̃ dezião: O bẽ afortunado

rado Catão, tu só sabes viuer. As quaes le-
 tras depoy ali ficará por memoria. Quê
 tal dizia bem conhecia o bê da vida solita-
 ria: mas disto não tinha elle mays q̃ o co-
 nhecimento, pera mór magoa de não fa-
 zer o que sentia: como eu sey que acõtece
 a muytos outros. Melhor qu' estes andou
 Pericles o Atheniense, que tanto q̃ cayo
 na conta do repouso solitario, logo o buf-
 cou, & sayo do mal que seguia, por seguir
 o bê que aprouaua. Foy este varão em sci-
 encia docto, em pratica discreto, em cõse-
 lho sabio, em conuersação festiuo, nas ar-
 mas destre, nos perigos efforçado, & final-
 mente na prosperidade era humano, &
 na aduersidade sofrido. Poys vendo elle
 a variedade & incõstancia da vida, & q̃ os
 mais dos mortaes por falta de confiração
 andauão em bibidos no mundo, hũs com
 cuydados tyrãnos de seu descãso, traçado
 na fantasia castellos de vëto, outros nos
 dados de sua ventura, metidos em lêbrã-
 ças de quem delles as não tinha, outros
 perdi-

Pericles.

DA VIDA SOLITARIA

perdidos em bayxos vaos, cortadas suas esperanças logo em agrão, outros tão presumptuosos & altiuos, q̃ tudo lhe vinha curto, parecendo-lhe que não auia cousa grande que senão deuesse a seus merecimentos, sem elles deuerem nada a ninguém de vaidade, sem terê de que a ter, altos nos pensamentos, & baixos na valia. E vendo que o mundo o trazia enganados, & per hũa parte lhe engrandecia a hõra, & pela outra fazia zombaria della, determinou de o desprezar, & deyxou a governança de Athenas: & fugindo aos trabalhos & inquietações se veo metet nũa sua quintã solitaria, onde pos hũ letrayro á porta, que dizia: (Inueni portum spes & fortuna valet.) Como se dissera: Até qui andey engolfado nas perigosas ondas dos negocios do múdo, como nauio que andando sem leme batido dos ventos, perdido pelo mar, quebrado o masto, & rotas as velas, sem se aproueytar d'agulha, nê da carta de marear, mas

corren

correndo sua fortuna, sem poder entrar pela barra: Agora achey porto & repouso na vida solitaria, i uos em bõa hora esperança & fortuna, que não quero de vos nada. Atequí me trouxestes enganado prometendome de me ter impinado no cume da inconstanteroda, que me vos fazieys parecer cõstante, agora podeys enganar a outros, que a mí ja me não enganareys. Ahi não ha fortuna, nem acertou nisso Pericles, porque falaua segundo o commũ custume dos géticos, mas com tudo elle nos deyxou grande exemplo, em deyxar o muyto, que o distrahia, & contentarse com o pouco que o acquietaua. Assi como da terra esterile fae o ouro, & tem ella em si minas de excellentes metaes, assi às vezes d'hũ gentio fae maravilhosa doutrina, & ainda que esterile polo defeyto da fé, todavia olhada sua vida acharlheys ás vezes minas de grandes virtudes moraes, ainda que imperfeitas por falta das theologaes. Mas basta que eutẽ-

DA VIDA SOLITARIA

dião elles quão excellente era a vida solitaria, poys trocavão por ella a publica.

- Anaxil.** Anaxillo o philosopho por lograr a doçura da vida solitaria, desprezou o principado de Athenas, dizendo, que queria antes ser seruo dos boões que algoz dos maos.
- Empedocles.** Empedocles Agrigentino, discipulo q̄ foy de Pythagoras, como escreue Thimeo, nunca quis acceptar o reyno, q̄ lhe dauão,
- Thimeo**
- Xanto.** como o affirma Xanto no liuro que fez de seus lououres. Estimou tanto a vida solitaria, que a preferio a toda a potencia & riquezas do mūdo. Estando Demetrio Phalercii desterrado no Egypto, depoy de ter governado Athenas, foy o alli ver Crates o philosopho, & disse tão altas coufas, & tractou tão graues materias, q̄ disse
- Demet.** Demetrio, como o refere Plutarcho, Mal ajão os negocios & occupaões, que tiue em outro tempo, pois forão causa de não ter conhecido mays tempo a este philosopho. Palauras erão estas de quem sentia bem o gosto & proueyto da vida solitaria

varia. Conta o mesmo Plutarcho no li-
 uro da tranquillidade do animo, que sen-
 do Zeno mercador, perdeu no mar a sua Zeno.
 nao com toda sua fazenda, & vendose
 pobre & enganado do mundo, acabou
 de conhecer que atelli senão conhecera,
 & disse, q̄ folgaua com sua perda, polo pro-
 ueito q̄ lhe della resultaua, porque se auia
 de fazer philosopho, & dar á vida solitaria.
 E depoy de ter effectuado seu proposito
 & ter alcançada muyta sciencia, conta
 Apolonio Tyrio, que dizia elle, que nun- Apolon.
 ca nauagara com milhor vento, que quã-
 do perdera a sua nao, poys aquella tor-
 menta fora causa de sua bonança.
 Perguntado Antisthenes o philosopho Antisth.
 que fructo colhera da philosophia, respõ-
 deo q̄ poder viuer & falar cõ si go só, & dar
 se ao recolhimento. Conta Valerio Maxi- Valerio.
 mo, q̄ o grande Anaxagoras por se dar á Anaxag.
 philosophia, se desterrou de sua ppria ter-
 ra, & tornando a ella dahia muyto tẽpo,
 achãdo pdidas todas suas herdades, disse,

DA VIDA SOLITARIA

Por certo não fora eu salvo, se se ellas não
Tibullo. perderão. Tibullo no primeyro de suas
 elegias diz estas palauras. Possuão outros
 grandes riquezas & ouro, & amí deyxem
 me estarem minha pobreza, quieto no
Diogen. meu lát sem cuydados. Perguntado Dio-
 genes Cinico se auia no mundo algũ ho-
 mē mays bemaumenturado que Gyges ri-
 quissimo & poderosissimo Rey, respon-
Valerio. deo, como diz Valerio Maximo, q̃ Aglao
Aglao. Psophidio era mays bemaumenturado. Era
 Aglao hũ pobre homē que toda sua vida
 viuera nũ seu casal de Thracia, sem nũca
 delle fayr, contēte com aquella pobreza,
Plinio. & vida solitaria. Faz disto menção Plinio
Horacio no septimo da historia natural. Horacio
 diz que bemaumenturado he aquelle que
 separado dos negocios lauracõ seus bóys
 a terra, que herdou de seu pay, sem cuy-
 dados de interesse. E daqui vierão muitos
 a deyxar os carregos pubricos, & a fugit
Petrarc. das cidades & de suas gouernãças. Petrar-
 cha chama ao pouo fera indomita, &

Hora

Horacio compára o que o quer gouernar Horacio
 a homê, q̄ com hũa só & fraca redea quer
 enfrear muytas cabeças, & que quer per
 si só marear & gouernar hũ grãde nauio
 sacudido dos ventos, nas varias & duui-
 dosas ondas. Sidonio Apolinar diz: Não Sidonio.
 sou do parecer daquelles, que tempera si,
 ser summa béauenturança o summo po-
 der. E Flauio vopisco diz, que o imperio Flauio.
 he cousa odiosa, & o mando & carrego
 pubrico cousa pesada. Isto sentião bem
 aquelles antigos philosophos, de que
 estão cheos os liuros, que engeytarão go-
 uernações & pubricos magistrados, & se
 recolherão em seus solitarios apartamen-
 tos pera viuerem com repouso, & quieta-
 ção, & contentamento, porque tinham
 ellespera si, que não auia gosto nesta vida
 que se podesse com o da vida solitaria
 comparar. Esta era aquella ambrotia do-
 cissima, & aquelle nectar suauissimo, que
 fingião os poëtas, que erão as igoarias &
deleytoso com cr& beber dos deoses, pera

DA VIDA SOLITARIA

significarem a marauilhosa doçura, que
 traz comfigo a contemplação das coulas
 diuinas, ca aos contemplatiuos, que vi-
 uião na terra, chamauão deoses colloca-
 dos no ceo, & aos gostos de suas contem-
 plações chamauão ambrosia & nectar, có
 que a alma se recrea, quando sobe tanto
 com o entendimento, que alcança o cur-
 so, & natureza, & influencias dos orbes ce-
 lestes. Isto quiserão significar os poetas
 quando em suas fingidas fabulas deyxar-
 ão em memoria, que o fermoso Gany-
 medes fora arrebatado d'hũa aguea no al-
 to monte Ida, & leuado ao ceo, & apre-
 sentado a Iupiter Rey das estrellas, pera
 significarem, que quem fosse ornado da
 fermosura da virtude, & sobisse per con-
 templação ao alto monte Ida, seria enle-
 uado & arrebatado com o entendimen-
 to aos segredos do sol, lũa, & estrellas, &
 communicaria com Iupiter, a quem elles
 em suas gentilidades attribuyão o domi-
 nio do ceo. Daqui veõ Homero a cha-

Ganym.

Ho mer.

mar

marlho diuino Ganymedes arrebatado
 dos deoses. E estas são as horas do rouba-
 do Ganymedes, de q̄ fala Vergilio. Attri- Vergilio
 buyrão tanto os poetas & philosophos a
 esta contemplação, que ainda que confes-
 saão ter Hercules pelejado com os mō- Hercules
 stros, & passado terribes trabalhos pola
 virtude, tão cantados em seus versos &
 poesias, que querião espantar com elles o
 mundo, todavia nunca o tiuerão por im-
 mortal & diuino, senão depoyz que se se-
 parou da gente, & subio ao alto cume da
 fragosa montanha chamada Oëta, onde
 se meteo nũa grande chama de fogo. Pe-
 los trabalhos de Hercules entendião elles
 a vida actiua, & pela solitaria sobida do
 alto monte Oëta a cõtemplatiua, & pelo
 fogo em q̄ se abrasou, o amor & affeyção
 da primeyra causa, em q̄ alma se inflama
 na diuina contẽplação. E sendo este Her-
 cules o Lybio, chamado cõmumẽte The Diodo-
 bano, filho de Osiris, como diz Diodoro
 Siculo, & Beroso Chaldeu, forã os Gregos Beroso.

DA VIDA SOLITARIA

Annio.

ram amigos de sua gloria, que quizerão attribuyr tudo isto ao seu Hercules Grego chamado Alceo, filho de Amphitrio & Alcmena, como copiosamente o proua o vosso Annio viterbenſe nos ſeus erudiſſimos cõmentarios ſobre Beroſo, & ſobre as origẽs de Catão. Mas elles glorianſe de terem em ſeu theſouro hum varão inſinhe, que depoyſ de muytos perigos & trabalhos ſe deu à vida ſolitaria & contemplatiua, fingirão que todas as grãdezas & miraculoſas obras do Hercules Libio tiuera o ſeu Hercules Alceo. No que claramente ſe ve, quanto eſtimauão a vida ſolitaria & contemplatiua, poys ſós os dados a ella tinhão por immortaes & ſempre famoſos, ca ſos aquelles tinhã elles, que encomendauão ſua memoria à eternidade, que buſcauão hũa ſolitaria quietação, deyxando o mundo, que elles dizem que anda cõ ſua roda dalcaturuzes hũs cheos outros vazios, ſem aleuantar hũs, que não abayxe os outros.

CA-

Em que o Portugues conclue a excellencia da vida solitaria, & mostra o fructo, & vtilidade da historia.



O dos os homẽs dalto inge-
nho tiuerão pera si, que a
quietação era cousa muy
doçar & segura, & a gouer-
nança muy azeda & peri-
gosa. Daqui veyo el Rey Seleuco a dizer Seleuco.
têdo nas mãos a coroa real: O diadema
mays rica que bem auenturada, quem bê
conhecesse quã chea es de fadigas & cuy
dados & perigos, ainda q̃ te visse no chão
te não aleuantaria. Isto mouco a Lydia-
Lydiad:
des Rey de Megalopoli, a deixar o reyno
de sua propria vontade. E o mesmo quise
ra fazer Augusto Octauiano ao imperio, Augusto
se achara ombros que poderão tãmanho
peso sustentar. E se me differdes que foy
fingido isto de Octauiano, porq̃ não pare-
ce possiuel desejar hum homẽ de deyxar
a monarchia do imperio Romano, & fi-
car subdito de quem o fora seu: que me

DA VIDA SOLITARIA

Dioclec. direys ao Emperador Diocleciano, que realmente a deyxou de seu proprio morto, sem nunca mays a q̄rer? Este Diocleciano depouys de ter muytos annos gouernado o imperio, & alcançadas grandes victorias, & edificadas aquellas espantosas thermas de Roma, que se podem igoalar com algũas das sete marauilhas do mundo, & preferir a muitas dellas, renunciou totalmente o imperio estando em gran-

Baptista Egnacio de prosperidade. E diz Baptista Egnacio, que nem o moueo a isto velhice, nem fraqueza do animo, senão sua liure vontade, & que ficou tão desabafado & contente, que disse, que nunca sentira tão alegre & resplandecente o sol, como depouys q̄ se vira fora do imperio. E ficando liure de tãmanho peso, deyxados os negocios em que andaua engolfado, se foy meter nũa sua pequena quintam apar de Salona cidade de Liburnia, como o conta Eutropio, & Pomponio Leto. E alli acabou sua vida, contentandose cõ aquella pobreza

Eutrop.
Põpon.

& solidão. Dizia elle que de só o Emperador se auia d'auer dò, & do laurador enueja. E auendo dias que alli estaua entrarão embayxadores dos Romanos a pedirhe q̄ tornasse ao imperio, & acertarão de chegar a tẽpo, q̄ elle andaua n'ua sua pequena horta colhendo alfaces, aos quaes elle respondeo q̄ lhe não falassem em tornar ao imperio, & q̄ o deyxassem comer com repouso aquellas alfaces, que elle prátara, q̄ descanassem q̄ não auia de tornar a imperar, q̄ ja prouara a q̄ sabia a vida pubrica & a solitaria, & q̄ antes que ria andar só cauãdo na sua horta, q̄ trazer ás costas o imperio de Roma. Diz Trebelio Pollio, & tralo tambẽ Leto na vida de Diocleciano, q̄ soia elle a dizer q̄ nenhũa cousa era mays difficil que bem imperar. E o Leto diz que quando se vio fora do imperio d'lera, q̄ então amanhecia, & que desd'aquella hora por diãte começaua a viuer. E não pareça a ninguẽ que foy isto bayxeza & pusillaniedade, mas grãdeza.

&

Trebelio.
Leto.

DA VIDA SOLITARIA

& magnanimidade, porque não vem se não d'alto animo desprezar aquellas cousas, que os mortaes inflammados com cubiça summamête desejão, afferrando nella a vontade. E pera que nos não pareçã fabulosas estas historias, ponhamos os olhos no que passou á quatro dias & cõ a memoria do que vimos, desfaremos a roda do pouco credito, que damos ao q̄ lemos. O Emperador Carlos quinto hũ dos mores & mays excellentes principes que ouue no mundo, depoy de ter alcãçadas grandes victorias em Italia, Africa, França, & Alemanha, deyxou voluntariamente o imperio & seu alto estado cõ todos seus reynos & senhorios, & apartãdose do mundo se recolheo sem fausto algũ a hũ mosteyro de sam Ieronymo, onde acabou seus dias com grande quietação naquella vida solitaria, no q̄ mostrou a fineza de sua virtude, & a grandeza de seu animo. Diz Seneca que de coração grande he desprezar cousas grandes. E

Quia

Seneca.

Quintiliano diz, que affaz he de riquezas não as desejar. Estando hũa noyte ceando Philippe Rey de Macedonia disse aos philosophos, que tractassem algũa questãõ, & foy ella, qual era a mór cousa do mundo. Hũ respondeo que o monte Olympo, que com sua altura traspassaua as nuuês, & chegaua com seu cume onde os ventos não podião chegar, donde vierão os Gregos a chamarlhe Olympo, que quer dizer todo resplandecente, porque tem o sol clarissimo, & nã he de nenhũas nuuês ofuscado nem encuberto. Em fim he tão alto, que chamãõ os poetas ao ceo Olympo. Outro disse que a mór cousa do mundo era a agoa, que apagaua o fogo, & enchia a mór parte da terra. Outro disse q̃ o sol, cujo resplãdor cubria a agoa & a terra. Outro affirmou q̃ não auia cousa no mundo tão grande como o coração que despreza cousas grandes. E este me parece a mĩ que lançou a barra mays longe, & excedeo a todos os outros. O alta & muy

Quintil.

Philippe

DA VIDA SOLITARIA

Titulo
sqgilid
muy alta sentença. Dina por certo de grã
de ponderação, & eterna memoria, poys
nos ensina quam baixas sam as altas cou
sas do múdo, & q̃ merece mor gloria que
tem coraçãõ pera as desprezar, q̃ quem
tẽ ardil pera as adquirir. Muytos outros
exemplos vos podera trazer & copilar de
gentios tirados de suas antiguas historias
que deixarãõ grandes riquezas, carregos,
negocios, reynos, & imperios, por se dar á
vida solitaria, os quaes sem nenhũ debate
preferiãõ a solidãõ á cõpanhia, & mostra
uãõ ser de mays alto animo desprezar as
coufas & aueres do mundo, q̃ possuyllos,
mas por me ferrar de palauras superfluas
& não embeber todo o tẽpo em historias
gentilicas, as quero deyxar, por louuar a
vida solitaria cõ claros & verdadeiros te
stimuuhos das letras diuinas, & historias
ecclesiasticas, & sanctos doctores, se nisto
não leuades desgosto, porque não volo
queria eu dar em coufa nenhũa, ca o meu
desejo, he q̃ o vosso se cumpra. Antes rece
bere-

beremos nisso, disse o Italiano, muyto cõ
tentamêto. porque as letras diuinas sam
& sam mays gostosas & autêticas q̃ as humanas
& sam mays profundas, & fazê mays im-
pressam: basta q̃ as humanas sam dos ho-
mês q̃ muytas vezes se enganão, & enga-
nãõ, & as diuinas sam de Deos, q̃ nem en-
gana, nê se pode enganar. E por isto digo
eu, que os homês que pondo a hũ cabo a
sagrada escriptura, & a lição pia, docta &
deuota, occupãõ o tempo em ler fabulas
& batalhas fingidas, & amores de sonestos
auião mister publicamente castigados,
mas eu vejo que está o castigo delles tam
longe, como elles perto de o merecer.
Bem vejo eu disse o Framengo, que he
tam alta couza a sagrada escriptura, que
teria eu maa desculpa se me quisesse por
a louuar particularmente seus diuinos
mysterios, porque isso seria dar a enten-
der que os entendia, & prosseguir mate-
ria tam profunda, q̃ me enfraqueceria o
ingenho, & se pderia logo no principio.
Mas

DA VIDA SOLITARIA

Cicero.

Mas tambem affirmo, que a historia humana he vtil, & muy excellente, a qual Cicero no segundo liuro de Oratore diz que he testimunha dos tempos, luz da verdade, vida da memoria, mestra da vida, annunciadora da antiguidade. Donde secolhe q̃os liuros das fabulas não se ham de chamar liuros de historias, mas de méritas, poys como diz Cicero, a historia he luz da verdade. E bem vejo que se não auia de gastar o tempo em liuros tão profanos & inutiles. Mas as verdadeyras historias seruem pera muytas couças, & dão muytos auisos, & mouem a grandes empresas. E em verdade senhor que summamente folguey de vos ouir tantas historias, pera louuardes a vida solitaria, & também trazidas avosso proposito. Assim como hũ caualeyro, disse o Portugues, se sae ás vezes de seu exercito, & se vay meter no arraial dos ãmigõs, não pera se entregar a elles, mas pera ver o que la passa & vir dar auiso aos seus, como espia de vista, assi hũ

**Compara-
ração.**

theolo

theologo pode ás vezes deyxar per algũ
 espaço os liuros da sagrada theologia, &
 ler per hũ liuro d'hũ gentio, não pera se
 entregar a suas gentilidades, & á lição de
 suas historias, mas pera saber o que ha an-
 tr'elles, & vir auisar os seus, como quẽ en-
 trou a espiar o arrayal dos aduersayros,
 não pera ficar cõ os alheos, mas pera tra-
 zer nouas, & dar ardis aos seus. He tã grã-
 de coufa a historia, disse o Italiano, que fe
 necem reynos & senhorios, & ella não fe
 nece, morrem grãdes & pequenos, & ella
 sempre viue, mudãose os imperios & prin-
 cipados, tirãose a hũs, & dãose a outros, &
 em fim todos acabão, & ella fica, & quã-
 to mays velha he, em mays estima se tem,
 porq̃ entãõ tem mays authoridade, quã-
 do he de mais tempo, & porq̃ o não gaste-
 mos em louuar o que per si está louuado
 vos peço senhor q̃ prossigais vossa practica
 corroborando vossa conrusam com au-
 thoridades da sagrada escriptura, ca ella
 he a verdadeyra regoa, & o prumo da

DA VIDA SOLITARIA

verdade, & a doutrina que vay a seu oli-
uel, essa he a direyta, fundada na fir-
meza & perpetuydade.

CAPITULO VI.

¶ Em que o Portugues proua a excellencia
da vida solitaria per authoridades das
sagradas letras.



Dam nosso primeyro pa-
dre em quãto esteve só no
parayso terreal, nã peccou,
como teue companhia, ella
o excitou a peccar, conui-
dando com aquelle mortifero pomo,
Genes. 4 origem de nossas defauéturas. Dos dous
primeyros seus filhos Cain & Abel o Cain
Genes. 4 foy reprovado, & o Abel escolhido. Do
reprovado diz a escriptura que andaua
inquieta & vagabundo, & que fez cida-
de pera morar nella com os seus, mas o es-
colhido amando a vida solitaria andaua
só no campo, pastorando seu gado, offe-
recendo a Deos sacrificios, sacrificando
primeyro

primeyro a si que a elles, & não lemos del-
 le que fizesse cidade, porque a cidade dos
 justos he nos ceos, onde he a sua couersa-
 ção. Que cousa foy mandar Deos ao bõ Genes. 12
 patriarcha Abrahão, que se sayse de sua
 terra, & de seu parêtesco, & da casa de seu
 pay, senão que deyxasse os embarços do
 mundo, & sua propria affeyção & conuer-
 sação, & buscasse hũa vida quieta & soli-
 taria, & a tranquillidade do spirito. Diz
 S. Ambrosio que dizerlhe Deos que se Ambros.
 sayse da terra, foy dizerlhe, que conuer-
 sasse nos ceos, pera que deyxada a conuer-
 sação de negocios do mundo, conuersas-
 se com Deos, & nelle tiuesse fixo opensa-
 mento. (Exijt nesciens quò iret.) Diz S.
 Paulo falando delle na epistola ad He- Hebr. 11.
 braos: como se dissera: Tanto que Deos
 mandou a Abraham, que se sayse de sua
 terra: logo o effeytuou, não curou de se
 por ás chaças com elle, mas hia & não sa-
 bia onde porque nem sabia o lugar, on-
 de o Deos mandaua, nem tinha homẽ,

Gh ij a que

DA VIDA SOLITARIA

Genes.
21.

a que seguisse, mas leuaua por guia a obediencia, que o leuou onde o Deos madaua. E ouue hũ filho per diuina repromissam, o qual lhe Deos mandou que lhe sacrificasse no monte Moria, que quer dizer monte de visão, & alli foy com seu filho Isaac pa o matar, sendo elle o seu vni

Genes.
22.

genito de Sara, & o lume de seus olhos. Bẽ lhe podera Deos mandar que lhe sacrificara o filho em sua propria casa, mas madaarlhe que se sayffe della, & que subisse sũo com seu filho ao monte ermo & despouoado, chamado monte da visam, não carece de mysterio. O que me amĩ parece he, q̃ nos quis Deos significar, que nos importa muyto sacrificarmos lhe nosso proprio filho, que he nosso proprio desejo & vontade no fogo do diuino amor, & que o lugar mays conueniente pera isto he o recolhimento & vida solitaria & contemplatiua. Este he o alto monte da visam, onde alma deuota vé grandes mysterios escondidos & encubertos aos que ficão

no fundo ao pé do monte, sem subirem a Deos com o pensameto & affeyção. Diz Chrysoftomo que a solidão he mays dũa que as cidades, & mays resplandecente q̃ todo o vniuerso, & falando de Abraham diz na Homilia trigesima tercia sobre o Genesis: Cuyda rogote quão grãde amador era este patriarcha da quietação & tranquillidade, poys tantos annos auia q̃ goardaua aquillo, q̃ depoyz disse Dauid: Escolhi ser desprezado na casa de meu Deos, antes que conuersar nos paços dos peccadores. Onde Chrysoftomo pela casa de Deos interpreta a vida solitaria & quieta. Vendose Iacob acoitado de tribulações, perseguido de seu irmão Esau, deixou sua conuersação, & foyse de casa de seu pay pera longes terras. E tomando a via de Haran tanto andou per seu caminho pensatiuo & solitorio, que sendo ja tarde d'hũ dia de cansado adormeceo, a tempo q̃ o sol tinha ja de todo escondidos seus rayos, & encerrada sua luz, & vio

Chryso.

Psal. 83.

Genes.

28.

DA VIDA SOLITARIA

perſõhos aquella eſcada diuina, que cõ
 hũa ponta eſtaua na terra, & com a outra
 chegaua ao ceo, em cujo cume eſtaua o
 criador do vniuerſo, aquelle ſol de juſti-
 ça, cuja claridade allumia os ſpiritos, &
 desfaz todas as treuas. Pos ſelhe o ſol vi-
 ſiuel, & appareceolhe o ſol inuiſiuel, fugi-
 rãolhe pera o outro emiſpherio os rayos
 do ſol, q̃ allumia o corpo, & vio os rayos
 do ſol, que allumiã a alma: mudou ſelhe o
 lume dos ſentidos ao entendimento, tro-
 cou ſelhe a claridade exterior pola inte-
 rior, deſappareceolhe o ſol criado & vio o
 ſol que o criara, vio o ſol diuino, de tujo
 reſplandor, proce todo o outro reſplãdor
 como de luz ſempiterna, & fonte da vida
 & ſer de noſſo ſer. Quis lhe moſtrar o al-
 to Deos naquella viſão, que d'elle auia de
 proceder o Mexias Chriſto noſſo Salua-
 dor, verdadeyro homẽ, & que o primeyro
 degrao daquella eſcada era. Abraham, o
 ſegundo Isaac, o terceiro o meſmo Iacob,
 & dahi em diante todos os outros, que
 con-

conta sam Matheus no principio de seu Matth. 13
 sagrado Euangelho, até vir ao bom IESV
 filho da virgem, sol diuino, que estaua no
 cume da escada abrindo o ceo, que dan-
 tes estaua fechado. Bem lhe pudera Deos
 mostrar este mysterio estando elle em ca-
 sa de seu pay conuersando com seus ami-
 gos & parentes, mas não lho mostrou se
 não indo só, & estando repoulando apa-
 tado de toda a cõuersaçã. E p aqui vereys
 quã excellente he a cõtemplaçã & vida soli-
 taria, q̃ valé mais os sonhos d'hũ contẽpla-
 tivo & solitario, q̃ as vigiliã d'hũ distrahi-
 do negociador. Mas de q̃ seruia contãdo
 a escriptura esta visãõ dizer, q̃ hia Iacob
 caminho de Harã, lugar onde repousou
 Tharé, senão significar a condiçãõ, q̃ ha-
 de ter quem quiser tomar vida solitaria.
 Harã quer dizer coua, como o affirma
 Philo varão doctissimo, em geraçãõ He- Philo. 7
 breo, mas é doctina Platonico, do qual
 diz Eusebio na historia ecclesiastica q̃ era Eusebio
 copioso nas palazuras & rico nas sentenças.

Ha iij E lam

DA VIDA SOLITARIA

- Hieron.** E sam Ieronymo diz no catalogo dos escriptores ecclesiasticos, q̄ ou Platão philoniza, ou Philo platoniza: o qual prouerbio recita Volaterrano na antropologia.
- Volater.** Poyeste Philo no liuro que fez dos sonhos, onde moraliza este de Iacob diz, q̄ Haran quer dizer coua, & Thare contêplação de cheyro. Esta lapa & coua separada he a vida solitaria & quieta, na qual repousa Thare, porque fomenta nella repousam aquelles, que na contemplação achão cheyro & suaue deleytação. E com estes cõmunica Deos seus mysterios, & os faz thesoureyros de seus segredos: Isto he o que elle diz per o seu propheta Osea falando da alma deuota, & da pessoa spiritual, (Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor eius.) Como se differa. A pessoa que for deuota embebidã em minhas lembranças, eu a leuarey a hum lugar solitario, onde a consolarey, & lhe falarey ao coração. Aos q̄ andão metidos em negocios, bazcolejados
- &

& perturbados, trasséganda com o mundo, fala Deos como de outeyro, como quem lhe brada de longe, mas aos contéplatiuos & solitarios, a que o amor da celestial patria causa tam soydozas lembranças, que os faz herdeyros de muytas lagrimas, fala Deos de tam perto, que está em seu coração praticando com elles, consolandoos & efforçandoos, tendo ante seus olhos as lagrymas que faem dos seus delles. No deserto de Madian andaua Moy **Exod. 3.** ses goardando gado, quando lhe Deos a pareceo na sylueyra que ardia & não se queymaua, & o mandou por seu embayxador, & o fez capirão géral dos filhos de **Exod. 19.** Israél. E fo estaua no monte Sinay, quã do salou com Deos, & recebeo delle a sua ley. So estaua Esaias, quando vio o Deos **Esa. 6.** dos exercitos, & os dous seraphins, que cõ hũas asas o estauão cobrindo, & com outras voando. So no deserto andaua Elias, **4. Reg. 2.** & Eliseu, & os filhos dos prophetas, praticando cõ Deos, & triumphando do mundo

DA VIDA SOLITARIA

do. E outros muytos, dos quaes diz sam
Hebr. 11. Paulo escreuêdo aos Hebreos: (Quibus
 dignus non erat mūdus, in solitudinibus
 errantes, in montibus: & speluncis, & ca-
 uernis terræ.) Como se differa: Apartou
 Deos a muytos da humana conuersação,
 porque não era dino delles o mundo, os
 quaes andauão separados dos tumultos,
 fogidos & segregados da gente, per luga-
 res solitarios, embrenhados nas monta-
 nhas, & metidos nas couas, & escondidos
 nas lapas & concauidades da terra. A
 Abrahão tirou o Deos de Chaldea, a Ia-
 cob de Mesopotamia, a Moyses do Egy-
 pto, a Elias & Eliseuda corte de Samaria,
 & aos filhos dos prophetas da conuersa-
 ção de Iudea. Em fim q̄ aos seus muyto
 amados tira Deos das companhias mūda-
 nas, & os leua á vida solitaria, onde lhe
 ensina grãdes mysterios. No ermo anda-
 ua S. Ioão Baptista, aquelle de q̄ muytos
 annos auia q̄ tinha prophetizado Esaias,
 que auia de ser hũa voz, q̄ pregasse no de-
 ser

Esai. 40.

ser

ferto. E sam Ioão Euangelista no deserto Ioan. 1.
 andaua na ilha de Patmós quando lhe Apoca.
 Deos reuelou o Apocalypse, Per o deser- lypsi. 6
 to hia o eunucho de Candaces raynha da
 Ethiopia, quãdo vindo de Ierusalem lhe
 appareceo S. Philippe, & lhe declarou a es-
 criptura, & o baptizou, & instruiu nas
 cousas da fé, como o conta S. Lucas nos Act. 8.
 Actos dos Apostolos. Mais aprendeo em
 hũa hora do deserto, que todo o tempo q̃
 estiueira na cidade. Pera q̃ he mays senão
 que Christo nosso Redemptor mestre ce-
 lestial se apartaua muytas vezes a lugares
 solitarios, pera nosso exemplo & instru-
 ção, como contão em muytos lugares os
 Euangelistas. E sam Mattheus diz que se Matth. 4.
 foy ao deserto guiado do Spiritu sancto,
 querendo nisto significar que o Spiritu
 sancto he o que nos guia pera o recolhi-
 mēto & vida solitaria: & pelo cōrrayro q̃
 o diabo he o q̃ aos solitarios & recolhidos
 guia p̃a as cidades & negocios do mūdo,
 porq̃ o mesmo Euangelista diz q̃ o diabo Matth. 4.
 guiou

DA VIDA SOLITARIA

guiou a Christo pera a cidade, pera ver se
 o podia derribar do pinaclo do templo,
 porque seu officio he trabalhar por derri-
 bar os solitarios & contemplatiuos, & me-
 telos em negocios & distrahimentos, pera
 os vir a sepultar em seus proprios appeti-
 tes. Isto quis significar a diuina escriptura
 no liuro dos Numeros, quando diz, que
 saydosos Israëlitas do monte Sinay vie-
 rão ter aos sepulchros da concupiscencia:
 porque muytas vezes se acontece q̄ say-
 dos os religiosos & homẽs recolhidos da
 vida quieta & contemplatiua significada
 pelo alto monte Sinay, se dão de tal ma-
 neyra a negocios superfluos & perigosos,
 que pouco a pouco se vem a desordenar,
 até virem a morrer no mundo, & sepultar
 se em suas proprias concupiscencias, per-
 dendo a si & a Deos, sem confirarem o q̄
 perdem em o perder. E he de notar q̄ on-
 de a versam commũ tem sepulchros de
 concupiscencia, tem os setenta interpre-
 tes memoria de desejo: & tralo sam Iero-

Hieron.

nymo

nymo no tractado das mansões dos filhos de Israël, porque a deleytosa & enganosa lembrança procedida do deprauado desejo he hũa sepultura, onde os maos sendo viuos andão enterrados. E pera vêcer estes desejos, & cortarhe as rayzes, & ter dominio sobr'elles, & sobre nos mesmos, he mays conueniente a solidão quieta, que a companhia distrahida. Isto he o que diz Jeremias nas lamêtações. ¶ *Sedebit solitarius & tacebit, quia leuabit se super se.* Estará assentado o solitario, & calarse ha, porque se aleuantarã a si sobre si. Os que andão nas cortes cegos com os fumos de soberba, vencidos de ambição, vagueão com trabalho, & o solitario & contemplatiuo está assentado com repouso. O ambicioso nũca acaba de falar em seus negocios, & o solitario retrahido está calado a elles, porque assicomo a continua pratica sobre embaraços & vaydades he a libré dos negociadores, assi o silencio he o trayo dos solitarios. Os negociadores

am

Thren. 3.

DA VIDA SOLITARIA

ambiciosos trabalham por imperar aos outros, mas o solitario liure de ambição, trabalha por imperar a si mesmo. Isto he o q quer dizer. Estará assentado o solitario em silencio, porque se aleuantarà a si sobre si. Não se aleuantarà com fantasia sobre os outros nem meterà as velas de sua presumpçam, mas vencerà a si mesmo, o spirito dominarà sobre a carne, & o homẽ nouo, que he segundo Christo, vencerà & abaterà o homem velho, que he segundo Adam. E assi estando hum contemplatiuo na terra estará conuersando nos ceos, tam morto ao mundo & viuo a Christo, que possa dizer com o

Galat. 2. Apostolo: Vivo eu, ja nam eu, mas viue Christo em mi. Esta he a causa: porque o

Jerem 9. sanctificado Jeremias lume dos Israelitas dizia noutra parte. (Quis dabit me in solitudine diuersorium viatorum, & derelinquam populum meũ, & recedam ab eis.) Como se dissera: Quem me desse estar num deserto, & que tiuesse hũa lapa
onde

onde se metesse, na qual não entrassem
se não algũs peregrinos, se per acerto per
acerto per hi passassem: & isto pa eu de-
xar o meu pouo, & apartarme da gente.
Isto dizia o bom Propheta pera declarar
seu concepto, & explicar quanto deseja-
ua a vida solitaria, ca como diz sam Ber-
nardo, a boca he porta & seruentia do co-
ração.

CAPIT. VII.

¶ Em que o Portugues mostra per claros
& manifestos exemplos de sanctos
do nouo testamento a excellência
da vida solitaria.



Mundo auemolo de dey-
xar anres que elles nos dei-
xe, porque nos não tome a
noyte da morte nos falsos
prazeres da vida. E pa isto
conuem buscar hũa vida retrahida & so-
litaria, o que eu prouatey per exemplos
dos sanctos, além das authoridades das sa-
grada escriptura, que pera isso alleguey.

O grande Onofrio, como conta Sabeli-

Onofrio
Sabelico

co

DA VIDA SOLITARIA

co, tanto se meteo pelos asperos & medonhos desertos, que sesenta annos não vio homẽ nẽ molher. Alli andaua só naquelles ermos, & noua região, per onde nunca andára gente, chea de espãtos & terribeyes temores, se se pode dizer só aquelle, com quem Deos estaua. Alli habitaua esperãdo a fim da vida, pera começar a vida, que não tem fim. Alli andaua cõ os olhos feytos alambiques, per onde se estillaua seu coração, contando aquillo do Psalmista: [Singulariter sum ego donec transeam.]

Psal. 140. Como se dissera: Assi andarey solitario até que passe desta vida pelo cays da morte, pera a região da verdadeira vida. Bem auenturado sancto, poys deyxando a companhia dos homẽs entrou na dos Anjos, bem auenturada troca, & gloriosa commutação. Isto moueo a S. Paulo primeyro ermitão, & a S. Antão, & a outros sem conto, que fugirão do mundo pera os desertos, onde andauão sòs rezando & cõtemplãdo, sem quererẽ mays q̃ a Christo.

O glo

O glorioso S. Ieronymo deyxou Roma Hieron.
 cõ seus prazeres, & foyse a hũ ermo mal
 affombrado, cheo de todos os temores, q̃
 as coufas espantosas tem, onde não auia
 ribeyras de leytofas, nẽ aruores sombrias,
 mas grandes penedos maystristes & me-
 lanconizados q̃ alegres & graciosos ao pa-
 recer da vista. Mas o amor de Christo lhe
 fazia parecerlhe tudo aquillo suauẽ & de-
 leytofo. E tão contente andaua naquelle
 ermo, que em hũa carta, q̃ dalli escreueo
 a Heliodoro, diz: O deserto alegre & re-
 ueftido de flores de Christo! O solidão na
 qual nascẽ aquellas pedras, das quaes he
 edificada a cidade do grande Rey, de q̃ fa-
 la S. Ioão no Apocalypse. O ermo onde Apoca-
 mays familiarmente se gosta de Deos! E lyp. 21.
 noutra epistola, em q̃ relata a Eustochio
 a vida, q̃ elle mefmo passara no deserto,
 diz estas palauras, ou outras equiuales.
 Alli estaua eu assentado só, mas acompa-
 nhado de tristeza, metido nũ sacco o dis-
 forme corpo, todo negro & queymado cõ

DA VIDA SOLITARIA

os ardores do sol. Cada dia erã meus
olhos cõuertidos e fontes de viuas agoas,
& meu coração delido em suspiros & la-
grymas, com que regaua o meu leyto, q̃
era a nua terra, onde cõstrangido do sã-
no lançaua os debilitados ossos, q̃ escassa-
mente se tinham hũs com os outros. Lem-
brame que muytas vezes orando em al-
ta voz ajuntaua o dia com a noyte, & ho-
ra me metia nas furnas & concauidades
dos valles, hora subia aos cumes dos fra-
gosos montes, hora me metia nas abertu-
ras das altas rochas. Aq̃lle era o lugar de
minha oraçã, & o carcere da misera carne.
E Deos me he bõa testemunha, q̃ depois
de muytas lagrymas, depois d̃ ter os olhos
pregados no ceo, algũas vezes me parecia
que me achaua antre as companhias dos
Anjos, & embebido naquelle contenta-
mento cãtaua dizendo aquillo q̃ diz a es-
posa nos Canticos: Apos vós correremos
em o cheyro de vossos perfumes. Até qui
he de sam Ieronymo. Quẽ não ve quãto
mór

mór. contentamento tinha este sctõ no deserto, onde aleuantado sobre si se achaua conuersando com os Anjos, que o q̃ tem os negociantes carregados de vãos cuydados, & perigosos negocios, conuersando com gente da mesma estofa. A tristeza q̃ elle diz q̃ alli tinha causada das lembranças das offensas, que no mundo se fazião a Christo, era pera elle cõtentamêto. Os peccados do mûdo lhe causauão dor, & esta dor lhe daua alegria, & se cõ esta alegria tinha pesar, tinhao porque o não tinha tãmanho como desejava, & este pesar era pera elle gosto, & este gosto q̃ tem os sanctos no deserto he mór sem cõparação, q̃ o q̃ tem os peccadores nas cidades. Diz S. Bernardo aquelle doce & contẽ-

Bernard

olvid

DA VIDA SOLITARIA

os animava, & lhe ensinava & de-
grãdes segredos & mysterios, porque, co-
mo diz Chrysofomo: O lugar idoneo &
accõmodado á philosophia Christãã he a
solidão: E pelo contrayro os dados a nego-
cios terreacs trazem abatidos & trastor-
nados os espiritos, & quãto mays occupão
os sentidos nas cousas da terra, & enclinã
os pensamẽtos a cousas baixas, tanto me-
nos alleuantão o entendimẽto ao ceo, &
penetrão cousas altas, porq̃ como diz sam

Gregor. Gregorio, Alma carregada de cuydados
de bayxo não se alleuanta ás cousas de ci-

August. ma. Isto entedia bem S. Augustinho quã-
do dizia, q̃ a solidão era necessaria á nos-
sa mẽte. E com razão, porque alli ha mais
azopera a virtude, & menos occasião p̃a o

Chryso. vicio. Dõde diz S. Ioão Chrysofomo na
terceyra Homilia sobre S. Marcos, decla-
rando aquellas palauras: [Spiritus expu-
lit eum in desertũ:] O Spirito sancto não
mora de bõa võtade onde ahi turbas, &
ajuntamẽtos, & dissensões, & contendas,

ma

mas com o Spirito sancto propriamente
 por alicento a solidão. E S. Ieronymo diz Hierón.
 q̄ na solidão se euitã muytos peccados. O
 Petrarcha chama á vida solitaria castello Petrarc.
 goarnecido de munições, & porto pa to-
 das as tēpestades. Sam Ioão Chrysofomo Chryso.
 aquella boca d'ouro, aquella fonte de elo-
 quēcia, aquelle cume de virtude, naquel-
 le breue tractado q̄ faz da comparação
 do Rey com o solitario diz, que mays bē-
 afortunado he hū solitario sem cōpanhia
 que hū Rey acompanhado, porq̄ el Rey
 tem dominio sobre as cidades, & o solita-
 rio sobre os vicios, el Rey tem coroa d'ou-
 ro, & o solitario de virtudes: hū trabalha
 por não ser dominado dos homēs, outro
 por não ser vencido dos peccados. O soli-
 tario lé pelos liuros dos sanctos, que o en-
 sinão & desenganão, dizēdo lhe liuremēte
 a verdade, está cōmunicando & conuer-
 sando com Esaias, com Ieremias com S.
 Ioão, com S. Paulo, cō o mesmo Christo.
 E hū Rey tracta com homēs q̄ lhe mentē,

DA VIDA SOLITARIA

& o lisongeão, engrandecendo o lou-
 uores forjados na officina de seus enga-
 nos, & finalmente ouue gente de que el-
 le mesmo senão fia, porque este mal tem
 os principes, que não tem quem lhe ouse
 dizer a verdade descuberta. Pera que he
 may senão que ouue hi papas, como foy
 Celestin. Celestino glorioso varão, & outros algús,
 que deyxarão & renunciarão o summo
 Pontificado, & se derão á vida solitaria, os
 quaes estão no ceo reynando com Chri-
 sto, & a igreja regida pelo Spirito sancto
 os canonizou, & pos no catalogo dos san-
 ctos. E poys tão claros & illustres varões,
 de tanta doutrina & erudição, & de tanta
 virtude & sanctidade, deyxarão a vida pu-
 brica pola solitaria, & a engrandecem cõ
 summos lououres, & preferẽ os pobres er-
 mos aos ricos reynos, necessario he que
 concedamos ser a solitaria may excellẽ-
 te que a publica. Porque a summa de nos-
 so proposito ha de ser, que digamos o que
 sentirmos, & sintamos o que dissermos.

CAP

CAPITVLO VIII.

Do proueyto do silencio, & do perigo da
muyta pratica, & do engano & vay-
dade do mundo.



E he verdade, disse o Ita-
liano, o que diz Aristote- Aristot.
les, que ao sabio nenhũa
couza he noua nem pere-
grina, eu confesso q̃ o não
sou, porque dissestes vos muytas pera mí
de muyta nouidade & admiração em lou-
uor da vida solitaria. Mas hũ defeito acho
eu nella, & he falta de pratica & conuer-
sação, & parece que hũ solitario não terá
contentamento, por não ter com quem
o ter, porque sem duuida pera mí não ha
couza mays gostosa que praticar & con-
uerfar com homês discretos, em especial
se sam lidos, & de rara erudição. Isso he ver-
dade, disse o Framengo, porque onde não
hai pratica, não pode auer gosto perfeito.
E pera proua disto não quero mays que
esta, que aqui tiuemos. Que gosto ahi

Li iij que

DA VIDA SOLITARIA

que se possa igualar com o desta pratica? Como podéra eu saber quantas cousas boas aqui ouui, se não fora esta cõmunicação? Mas como as dissera eu, disse o Portugues, se as não aprendera no repouso solitario? Dizey vos, disse o Framengo o que quizerdes, que eu digo que a conuersação & bõa pratica he hum doce pasto pera a alma, & que deyxala, & tomar vida eremitica, he grande tormento, poys he tirar ao coração aquella familiaridade & doce companhia, que foy largo tempo o mantimento, com que elle se sustentaua, per onde está claro que o solitario apartado de toda a conuersação sempre lá andarás suspirando por cousas de seu contentamento, saluo se de todo o perdeo das do mundo. Nam hay que debater, disse o Italiano, se não que he a pratica cousa excellête, poys nos foy dada pera explicar nossos conceptos, assi como nos foy dada a escriptura pa explicar nossa pratica, & como nossos conceptos sam

varias

varios conuem cōmunicalos com varias
 pessoas, porque a pratica ha se de accom-
 modar aos ouuintes. E isto tem os q̄an-
 dão nas cortes dos principes, & seruem
 a senhores, que achão diuerfas pessoas cō
 que praticar, o que tem todos os que tra-
 tam negocios, & tē vida politica, que he
 impossivel na solitaria. E pois nella se per-
 de o bem da pratica, coufa tão proueyto-
 sa & necessaria pera a vida humana, não
 sey que razão hi ha, pera dar tam excessi-
 uos lououores a quem está longe de os me-
 recer. Hũa aruore disse o Portugues, se

Compa-
 raçam.

lhe alimpays o tronco, sobe mays pera ci-
 ma, & faz se mays fructifera, quãto se lhe
 corta das vergontas debayxo, tãto se lhe
 acrescenta nos ramos de cima. Assi o soli-
 tario quanto vay mays cortando das con-
 uersações & contentamentos humanos,
 tanto vay mais acrescentãdo & subindo
 per cōtemplaçam aos diuinos. Assi como

Exod. 16

Deos nam deu o mannà & pão do ceo
 aos filhos de Israél, senam depois que se

DA VIDA SOLITARIA

lhe gastou a farinha do Egypto, assi nã dá
 Deos aos homẽs consolações spirituaes,
 senão depoyz que deyxão as corporaes, ca
 repunha auer em hũa alma no mesmo tẽ-
 po duas consolações cõtrayras hũa a ou-
 tra: & quãto mays os solitarios deyxão as
 da terra, tãto mays alcanção as do ceo. E
 pelo contrayro os q̃ andão nos paços dos
 principes inquietos & derramados seruin-
 do a senhores, ou negociando suas cousas
 quanto mays buscão descãso, tãto menos
 o achão porque q̃ querẽ repouzar em cou-
 sas que não tem repouso, & estancar com
 suas pequenas mãos os grandes rios das
 cousas do mundo, que vão com cõtinaua
 furia & inundaçãõ dar cõsigo no mar da
 morte. E as mesmas praticas & conuersa-
 ções os bazcolejã, & inquietãõ, & entriste-
 cem, & lhe gerãõ mil desgostos, & contẽ-
 das, & odios, & enuejas, & dissensões, &
 muytos outros males. Os ryos nas fontes
 se podem tapar ou desuiar, mas depoyz q̃
 se ajuntãõ agoas com agoas, cheas com
cheas

heas, he tãmanho o impeto, que leua &
 destrue quanto acha diante: Assim as con- **Compara-**
 tendas & perfias se podẽ logo atalhar no **çam,**
 principio, & soldar quaesquer quebras,
 mas depois q̃ se ajuntão palaurascõ pala-
 uras, injurias cõ injurias, erros cõ erros, vẽ
 tã arrebatado o rio da indignação, & cõ tã-
 ta furia, tendo tantas acolhidas de ira, &
 rancor, q̃ destrue os campos das vidas &
 das almas. Não sey qual he a causa, porq̃
 tanto louuays a lingua & apratica, porq̃
 caso que algũas vezes aproucytão, pola
 mór parte danão. Dizia Simonides, co- **Simoni-**
 mo refere Plutarcho, que de calar lhe **des.**
 não pesara nunca, & de falar se arrepen- **Plutarc,**
 dera muytas vezes. No liuro da criação
 dos filhos diz o mesmo Plutarcho, que o
 silencio bem ordenado he grande sabe-
 doria, & de mór excellẽcia que a pratica.
 Plinio diz que não he menos de orador **Plinio.**
 saber calar que saber falar. Pittaco diz **Pittaco,**
 que quem não sabe calar, não sabe falar.
 E daqui veo Pythagoras, aquelle que foy **Pythag.**
 tão

DA VIDA SOLITARIA

tão auaro de palauras como prodigo de obras, a ensinar a calar, afficomo outros ensinão a falar. De maneyra que a sua rethorica mays cõlístia em saber calar, que em saber falar: porq̃ entédia elle bẽ quãto mal faz a lingua & as muitas palauras. E porque não seja tudo allegar cõ as dos

**Prouer.
10.**

gentios, digo q̃ Salamão o mór sabedor dos mortaes diz nos Prouerbios que o muyto falar não he sem peccado, & que o que refreia sua lingua he prudentissimo.

**Prouer.
18.**

Enoutro lugar dos meimos Prouerbios diz, que a morte & a vida estão nas mãos da lingua. A boca ha de ser fechada com aldraua da prudencia de tal maneyra, q̃ primeyro as palauras toquem na razão q̃ na lingua, & não fayão sem licẽça do juyzo, que ha de goardar a porta da boca.

Psal, 140

Isto he o que dizia o Propheta no Psalmo: Ponde Senhor goarda a minha boca, & porta de circunſtancia a meus beyços. Lede a diuina eſcriptura, tomay na mãos os liuros dos sanctos doutores, & ve

reys claramente quam grande conta de-
 uemos ter com as palauras como cõ des-
 cobridoras dos corações, ca como diz o
 antiguo prouerbio: pelo canto se conhe-
 ce a auc. Sancto Ambrosio no seu primei **Ambros.**
 ro dos officios diz que sabio he o que sa-
 be calar, & que nos he necessario apren-
 der a calar. E á verdade elle a diz, porque
 o silencio não dána a ninguẽ, & o muyto
 falar faz mal a muytos. Não ha espadas
 no mundo que mays sangue tirem, & q̃
 mays gente matem, que más lingoas. A
 lingoa he de feyção de ferro de lâça, mas
 muyto mays perigosa & dãnosa, porque a
 lança fere o corpo, & a lingoa a alma: a
 lança põe em risco & a vida, & a lin-
 goa destrue a honra: a ferida da lança
 facilmente se cura, mas a rotura da fama
 tarde ou nunca se solda. Muyta conta se
 deue ter com a lingoa. Boca que sempre
 fala, he bolsa sem cerraes, & porta sem fe-
 rolho. No liuro dos Numeros manda- **Num. 19.**
 ua Deos que a panella do defunçto que
 estiuẽs

222 DA VIDA SOLITARIA

estiuessse sem çapadeyra fosse immunda
 Que cousa he mãdar Deos que a panel-
 la nam estiuessse cõ a boca descuberta, se-
 nam mandar que cerremos as bocas, &
 tenhamos grande recado na lingoa? Mas
 isto nam fazemos nos: & o q̃ pior he que
 pola mór parte quanto cada hũ tem me-
 nos de sciencia, tanto tem mays de pra-
 tica, & ás vezes tam solobre per cima de
 escandalosa, que se nam pode nem deue
 soffrer, em especial quando os q̃ falam se
 põem a desembuçetar seus maos p̃sãmẽ-
 tos, & seus odios & iras, & enuejas, porq̃
 a enueja he a pedra dagaçar, em que se
 afiãõ as linguas dos maldizentes, pera
 cortar famas & honras alheas, tendo nas
 suas bem que coser & cerzir, & ainda que
 remêdar. E he cousa estranha, que como
 os praguêtos encetam ashonras dos bõs,
 nam descansam até que de todo as nam
 atassalhem & espedacem, & assi andam
 matando famas viuas, & fazendo dellas
 a natomia no mũdo, sem se lembrarẽ de
 cor

conta, q̄ lhe Deos ha de pedir, como ho-
mês q̄ cuydão que nũca hão de morrer, &
que tẽ a vida por sua pa sempre de juro &
herdade. E daqui vẽ a nũca se emendarẽ,
antes murmurão cadauez mays, ceuando
se em roêr famas de virtuosos: & assi gastã
suas vidas em falar nas alheas, roubando
& pôdo a sacco as honras dos homens, falã-
do tão sem tino q̄ o perdem, tirando as re-
deas á lingo. Assi como os vasos vãos tinẽ
mais q̄ os cheos, assi os ignorãtes pola mor-
parte falão mays q̄ os discretos, & fazem
mays mal. Assi como o rio q̄ muyto enche
& sae de madre, faz muyto lodo, assi o q̄
muyto fala, & se espraia em palauras su-
perfluas & odiosas, cuja a muytos & muy-
to mays a si. S. Ieronymo diz q̄ auemos de **Hieron.**
confirar muyto tempo o q̄ ouermos de
dizer em pouco, porq̄ depois nos não pe-
se de termos falado. E nisto não abi q̄ de-
bater, poys está claro que ahi taes, que
lhe seria melhor não ter lingoã, poys o
melhor que dizem he o que não dizem.

Sam

DA VIDA SOLITARIA

Gregor. Sam Gregorio diz, que bem fala quem bem cala. As muytas palauras sam muytas vezes dânofas & perniciosas, ou ao menos ociosas & desnecessarias, & por isso se deuem de euitar, porque como diz sam

1. Cori. 15. Paulo: As palauras más corrompem os costumes bõs. E por não gastar muytas palauras em as reprehender, áto todas estas cõ aquelle nó das de Christo que diz, que de toda a palaura ociosa auemos de dar cõta no dia do juyzo. Se nos hão de pedir conta das ociosas, que será das pestíferas? E poys as muytas vem a parar muytas vezes em pestíferas, ou quando menos em ociosas, pera que he desejalas, nem louualas, senão temelas? Logo pois a pratica he perigosa, & o silencio seguro, não me parece que tendes razão de vituperar a vida solitaria, por lhe faltar a pratica & cõuersação. Quanto mays que os solitarios calando falão com Deos, & andando sós estão acompanhados de virtudes. E pelo contrayro os distrahidos & trastornados falando

falando estão mudos, & acompanhados
estão sos, porque nem falão com Deos,
nem têm companhia de virtudes. Mas se
com tudo isto vos não contentar a vida
totalmente solitaria, nua de toda a prati-
ca & conuersação, como he a eremitica,
ao menos cõten teuos a vida solitaria dos
retrahidos, que tẽ a seus tempos suas ho-
nestas & doces conuersações com pessoas
raras & virtuosas, alheas de interesses &
negocios mundanos, gastando a mor par-
te do tẽpo em seu recolhimento & solidão,
vsando mais de soliloquios, que de collo-
quios, porq̃ os muitos colloquios, em espe-
cial se sam odiosos, causam muyta torua-
ção, & os muytos negocios & trafegos ge-
rão desgostos, escalão a cõsciencia, & in-
quietão o coraçã, fazendo andar á caça
com grande perfia, sem matar com ella se
não así. E daqui vem viuerẽ muytos muy
descontentes, & dizerem mal da vida que
tem, & quererem emendar o mundo ca-
da hũ ao seu modo, cõforme a sua tenção

DA VIDA SOLITARIA

Nazáze.

sendo elles os q̄ auião mister emendados.
 Diz S. Gregorio Nazázeno, q̄ assicomo
 hũ homẽ muyto enojado sayndo do mar
 em terra fica embaraçado, & parecelhe q̄
 toda a terra se moue, & anda ao redor, nã
 porq̄ a terra se moua, senã polo mouimẽ-
 to que elle traz cõsigo causado do moui-
 mento do mar, q̄ lhe moueo os humores,
 assi hũ cortesaõ murmura do paço, & dos
 principes, & blasfema da pouca justiça, &
 quer reger & emẽdar os viuos & os mor-
 tos, parecendolhe q̄ anda toda a terra cr-
 rada & toruada, como á verdade isto lhe
 venha d'elle ser o q̄ anda toruado & en-
 joado, mouido de mil impetos & descõ-
 tentamentos. Que gosto pode ter, quem
 ha cada dia d'ouir más repostas, auer
 maos despachos, indinar-se contra hũs, so-
 frer contra vontade os outros, ver perdi-
 dos seus pprios seruiços, & cortados pel-
 la rayz todos os garfos de suas esperãças.
 Com que repouso pode viuer o triste do
 coração, q̄ está feyto hũa fragoa, onde se
 forjão

forjão seus desejos nũca cõpridos, & hũa bigorna, onde se martellã seus trabalhos nũca acabados? Quant'eu não sey q̃ cõtimentos podem ter homẽs que hora ardem com desejos, hora se congelão cõ desesperações, hora rim sem vontade, hora chorão com ella, homẽs que seruẽ, sem saberem porq̃, que nem se entendem, nẽ facabão de determinar, varios nos pensamentos, vãos nos desejos, impacientes nos trabalhos, esquecidos quanto aos fauores rotos nas palauras, injustos nas obras enredados em tratos illicitos, sofrendo cada dia mil desauenturas, sem lhe poderẽ dar fim: antes por lho ellas nã darẽ, andã apõtoando a vida cõ tão fracos espequens, como sam os de suas enganofas esperanças. Grande merce faz Deos a quẽ tira destes labyrintos, & lhe dá hũ pobre casal, onde laure em terra sua cõ boys seus, negociãdo cõ os cãpos, q̃ nũca dão má reposta, onde viua cõtente a seruiço de Deos, tirãdo se de gastos superfluos, esquecẽdo injurias

DA VIDA SOLITARIA

refreando palautas, atalhando a defejos, pondo limites a appetites, cortando esperanças, vigiando os dias com alegria, & dormindo as noytes sem sobrefalto, & finalmente onde defcanse, não fazendo caso do mundo, que o não faz de ninguem, mas tendo conta com Deos, que a ha de pedir a todos. Que mays quer que isto, quem ve, que lhe vay continuamente foggindo a vida, & que o vay sempre seguindo a morte? Esta he a verdade, o contrario engano. Que mays quer hũ Christão, q ter em paz hũ pão, com que se possa sustentar, & hũ modo de vida quieto, com que possa acudir a suas necessidades, & servir a Deos em quietação? O que descanso he o da vida solitaria, que tranquillidade, q contentamento! Quẽ isto quiser ver ponha os olhos nos trabalhos & distrações dos seculares renoltosos, & verá a merce, que Deos faz aos solitarios quietos. Aleuantase de madrugada hũ negociante, matinado de scus cuydados, que até no
somno

somno não dormem, alheo de todo o re-
 pouto, solto do ceo, & atado com a terra,
 & a primeyra coufa, que faz, he cuidar em
 suas trampas, vrdir teas, fazer redes, em q̄
 cuydando que enreda a outros enreda a
 si finalmente a primeyra coufa que cuy-
 da he como ha d'offender a Deos. Aleuã-
 tafê hũ folitario acordado ás vezes ao tō
 dos roufines & outras aues musicas, que
 em amanhecêdo o espertão com fuas al-
 uoradas & fuaves cantos, com que estão
 louuando ao criador, & em se erguendo
 a primeyra coufa, que faz, he encomêdar-
 fe a Deos, & occuparfe em feus louuores,
 & pondo os olhos no ceo suspira pola pa-
 tria celestial, reza o officio diuino, & cum-
 pre cō fuas costumadas meditações & cō-
 templações, & com isto ceua feu coração
 deleytandose grandemente com o fuave
 pasto do spirito. Que gosto ha no mūdo,
 que se possa com este da vida solitaria cō-
 parar? Queriquezas ha nesta vida, q̄ co-
 tejadas com estas, uão fiquẽ area, ou outra

DA VIDA SOLITARIA

coufa desta qualidade? Tudo isto terá
quẽ quizer acabar de conhecer o mundo
& fugir de seus enganõs, & desprezar suas
vaydades, & telo por coufa, q̃ em nenhũa
faz assento & firme aliceece. Ao mũdo se
me crerdes, nã lhe creais, porq̃ tẽ porma-
nha enganar a quẽ lhe mais cre, de baixo
de pouco ouro escõder muytas fezes, sob
color d'hũa verdade dizer mil mêtiras, cõ
hũ breue gosto misturar dez mil desgõ-
stos, & finalmẽte pcurar mores males, aos
q̃ engana cõ esperanças de mores bẽs. Pe-
ra q̃ he crer ao mũdo, poys he enganador,
pera q̃ he seguilo, poys vay errado, pera q̃
he seruilo, poys he ingrato, pera q̃ he ama-
lo, poys he ãmigo? Elle abate os altos, &
alleuanta os bayxos, honra os infames, &
infama os famosos, tira as dinidades aos
bõs, & dá as aos maos: de maneyra q̃ o me-
recelas he a principal parte pa não alcan-
çalas, porq̃ mede elle os merecimẽtos nã
cõ a vara da verdadeyra justiça, mas cõ a
medida da falsa opinião. He tã má coufa
o mun

O mundo q̃ os seus proprios enlea & engana, falo pera os desfazer, & impinaos para os derribar: & assi andão sem se entenderem, semelhãtes ao fumo, q̃ sobe & sobe, & em fim na mór altura se desfaz. Que se pode esperar do mūdo, poys a sua esperança he desesperada, a sua alegria he triste, a sua paz he discorde, a sua hōra he infame, a sua vida he morte, o seu bẽ he mal? Poys he destruydor de virtudes & fauorecedor de vicios? Que se ha d'esperar do mūdo, poys aos seus mesmos destrue? Os males faz lhos por lhos fazer, & os bẽs por lhos tirar, & consente que ganhẽ, pera q̃ percãõ, porque ja mays dá a mão pera subir que não de de pépera derribar. E cõ tudo isto acha muytos q̃ o siruão, os quaes de muyto inflammados na eubiça & ambição de suas cousas não acabão de entender seus enganos. E andão tão longe de deyxarem carregos & officios inquietos & perigosos, que antes os buscão per fas & per nefaz, lem lembrança de

DA VIDA SOLITARIA

seruiço de Deos, senão so por satisfazer
 a sua opiniam, a que elles falsamēte cha-
 mam honra, & por comprirem cō suas
 vaydades & sp̄ritos mūdanos. E sobr'isso
 litigã & contendē como sobre cousa hō-
 rosa & vtil p̄ a cōsciência. Assim como deus
 Compa. raçam. nauegantes q̄ çoçobrado o nauio se lan-
 çaram ao mar, querendo contēder sobre
 qual leuaria hũa grande pasta de ferro
 dourado, se perderam porque ella cō seu
 peso os leuou ao fundo, & os que a nam
 quiseram, escaparam do naufragio, & se
 saluaram em terra, assi os que debatem
 sobre magistrados & carregos pubricos
 çoçobrado o nauio de seu repouso, se
 perdē nas duuidosas & perigosas ondas
 do mar do mundo, sem verem que as di-
 gnidades, que pretendem, sam pastas de
 ferro, que ainda que de fora resplande-
 çam com o ouro das apparências de hon-
 ra, todauia com seu peso os enleam, &
 metem no fundo, & aquelles escapam do
 naufragio, que conhecendo os enganos,

&

& embaraços do mundo, nam curam de
 suas pastas douradas per fora, mas tem
 conta com suas proprias cõsciencias, &
 se saem a terra firme da vida solitaria.
 Bem ley eu que taeshahi que com os pu-
 bricos carregos & governanças se saluam
 porque vlam bem delles, mas eu nam fa-
 lo senam daquelles que mouidos de am-
 bição, os possuem, ou ao menos desejam.
 E seme diller des q̄ estes podem ter tanta
 força, que nadé com as pastas nas mãos,
 digo que onde ha ambiçam nam hai for-
 ça, mas fraqueza, & q̄ toda a soberba he
 pusillanidade. Quanto mays que eu
 nam falo de sua força nê esforço, senam
 de sua inquietaçam & descontêtamêto.
 Como he possiuel viuerem elles quietos
 & contentes, poys nada os satisfas & to-
 das essas honras lhe parece inda pouco,
 & lhe fazem mays sede doutras mayores
 & sempre se dá por agrauados, & se quey-
 xam do mundo, & dizem mal da vida?
 Sempre lhe parece que lhe tiram o que

DA VIDA SOLITARIA

se dá a autrem, não me dem as merces, q̄
 lhe fazem com seus seruiços & merecimē
 tos, mas tudo he fazer comparações de si
 aos outros, todos querem entrar em com
 paração, & ninguē se quer medir per si.
 Daqui vem muytos a vuerē com o cora
 ção fistulado per dentro cō mil desgostos
 & muytas vezes por ver se podem alcan
 çar o que pretendem, trabalham por pare
 cer bem a quem não querem nenhū, mu
 dando se em mays cores q̄ poluos, & quã
 do vem que nem isto lhe aproueyta, per
 dem totalmente o repouso. Chamalhe o
 Apostolo Iudas Thadeu ondas do mar
 brauo, que se desfazem nas escumas de
 suas confusões, & estrellas erraticas de va
 rios mouimentos diferentes do das fixas
 situadas no firmamento. E com estes mo
 uimentos & inquietações andão bazcole
 jados, & trastornados, & confusos, até q̄ o
 mundo enfadado ja de os enganar os vê
 de todo a destruyr. Pera q̄ he logo cōfiar
 no mundo, senão deyxalo, antes que nos
 deyx

Iud. i.

deyx. E pelo mundo não entendays que
entendo as criaturas em suas naturezas,
mas os males, & os que os seguẽ, que sã
aquelles que trazem as almas mortas em
córpos viuos, ca como diz sancto Augusti- August.
nho falando do que pelo peccado mor-
tal mata spiritualmẽte sua alma, o seu cor-
po viuo he sepultura de sua alma morta.

CAPITVLO IX.

¶ Em que o Portugues mostra os enganos do
mundo, & a pouca confiança, que nel-
le le ha de ter, per exemplos das
historias antigas.



Pera que claramente vejais
os enganos do mundo, que-
rou o lo mostrar polas huma-
nas historia. O rico Cresso Cresso.
Rey de Lydia alcançou tão
grandes aueres, & em tão menos tempo,
do que parece que a vontade os podia
desejar, que não duidou chamar se feli-
cissi

DA VIDA SOLITARIA

Solão,

cissimo. E mostrando hũa vez seus the-
 souros ao philosopho Solão legislador dos
 Athenienses perguntoulhe se sabia alguẽ
 mays bemauenturado que elle: ao qual
 Solão respõdeo que si, & nomeoulhe cer-
 tos homẽs ja defunctos de bayxa sorte,
 mas que viuerão & morrerão bem, porq̃
 esta cousa não consistia em riquezas, senã
 em perseuerança de bondade: E disse que
 aquelles tinha por mays bem auentura-
 dos quelle, porque caso que fossem bay-
 xos na estofa, forão altos na virtude, &
 acabárão nella com honra, & q̃ elle não
 sabia que fim aueria. E por tanto q̃ senão
 podia chamar bem auenturado, poys em
 quanto viuia neste miserauel valle, por
 alto, rico, & poderoso q̃ fosse, estaua su-
 bjeyto ás mudanças, variedades, & des-
 uenturas do mundo. Esta foy a sentença
 deste philosopho, da qual se rio el Rey
 Cresso, porque confiado em seu poder &
 grandes thesouros, tinha pera si, que era
impossiuel auer cousa no mundo, que o
podesse

podesse abater, & fazerlhe amaynar as
velas de sua grandeza & presumpção.
Mas depouys se vio elle em tãmanha tor-
menta, que amaynou de todo, sem que-
rer mays que ter se ao mar, & saluar, se po-
desse, somente o casco de sua pobre fu-
sta, & então teue por verdadeyro o sesu-
do philosopho lançador de contas, ami-
go de as fazer de perto, & de assomar ao
longe o que podia acontecer, porque el-
le se vio vencido del Rey Cyro, & vio
roubar toda sua riqueza, & ãte seus olhos
distruyr sua terra, & assolar seu reyno: &
vio se injuriado em poder de seus ãmigos,
os quaes depois de o auiltarem & enche-
rem de opprobrios, o pendurarã nũ pao-
pera o queymarẽ. E vendose elle naquel-
la defauẽtura nu & despojado, & que atẽ
os seus o deyxarã em tal tempo, q̃ muy-
to auia que seguiã, & que começaua ja
arder o fogo, que auia d'abraçar suas en-
tranhas, se lembrou da sentença do phi-
losopho, & começou com grandes vozes.
a dizer

DA VIDA SOLITARIA

Herodo.
Plutarc.

a dizer Solão Solão. Autores sam desta historia Herodoto no j. liuro, & Plutarcho na vida de Solão, & outros muytos. Quê foy mais poderoso q̄ el Rey Dario? & no meo de sua prosperidade foy desbaratado & vencido de Alexãde, como o conta copiosamēte Quinto Curcio, & outros authores. Vindo Alexandre com todo seu poder não o teue elle pera lhe resistir, & vendose em tēpo, que lhe compria mays determinaçam que conselho, & que o seu exercito era desbaratado, lançou a fugir torpemente, deyxãdo sua molher & filhas em poder de seus inimigos, & fugindo foy tomado, & injuriado, & morto com grande deshonra. E vêdose sua molher & filhas desemparadas em poder de seus inimigos, chorauão com tãta dór, que a auiam elles dellas, porque mostrauão ellas tãta lastima nas palauras, q̄ lha punhão a elles nos corações. Nisto se tornou a potencia daquelle grande Dario Rey da Persia, com quem soião espan-

Q. Cur.

tar o mundo: Por isso diz Aristoteles, co- Aristot.
 mo o refere Stobeu, q̄ o homẽ he hũ exẽ- Stobeu.
 plo de fraqueza, hũ despojo de tẽpo, hũ a
 zombaria da fortuna, hũa imagẽ de incõ
 stancia, hũa balança ouro & fio de enue-
 ja & defauẽtura. O bõ Phociã Athenies Phociã
 hũ dos mays justos gouernadores na paz,
 & dos mais animosos capitães na guerra,
 que ouue antre os Gregos, aquelle em
 quẽ parecia q̄ se achaua a religiã de Nu-
 ma Põpilio, o esforço de Scipiã, a prudẽ-
 cia de Quinto Fabio, a pobreza de Curio,
 a lealdade de Regulo, a constancia de Fa-
 bricio, a grauidade de Catã, a seuerida-
 dede Torquato, depois de ter feitos mui-
 tos beneficios á patria, & de ser quarenta
 & cinco vezes magistrado, como o con-
 ta Sabellico, foy per enueja accusado, Sabellic.
 & condemnado á morte. Este he o galat-
 dã, com que a republica lhe pagou seus
 grandes seruiços. E estando elle com o
 vaso da peçonha na mão pera a beber,
 que aquelle foy o genero de morte que
 lhe

43 DA VIDA SOLITARIA

Eliano. lhe derão diz Eliano, que lhe pergunta-
 rão, que deyxaua encomendado a seu fi-
 lho, & que elle respondeo, que lhe man-
 daua que senão lembrasse daquella in-
 juria, nem tornasse a Athenas mal por
 mal. Até nisto quis mostrar quem era, &
 por o sello a sua virtude. Bajazeto o grão
 Turco senhor da menor Asia, & da mór
 parte de Grecia, & finalmête hũ dos mais
 ricos, poderosos, & temidos principes do
 mũdo, ajũtou hũ exercito de pto de qua-
 trocêtos mil homens de caualo, & infinida
 dede pé, & pelejou em campo com o Ta-
 morlão, que fora em outro tempo reco-
 ueyro, ou como outros dizê, pastor d'o-
 uelhas, & foy o grã Turco vencido, & seu
 exercito desbaratado, & elle foy tomado
 viuo, & metido em hũa gayola de ferro,
 onde o Tamorlão o trazia, & cadauez q̃
 comia, o fazia por de bayxo da mesa co-
 mo cão, & o fazia comer dos ossos, q̃ lhe
 lançaua da mesa, & quando caualgaua,
 o fazia trazer, & punha sobr' elle os pés
 pera

Tamor-
lão.

pera sobir no caualo, & assi o teue muito tempo, até que o triste Bajazeto morreo de payxão. E desta maneyra o trazia per sua propia terra, subjugandoa & destruindoa, pera que o vissem naquella desauentura, os que antes se espantauam de sua bemauenturança. Hum dia pela manhã se vio este gram Turco poderoso & alto Rey, senhor dhum exercito grandissimo, & de muytos reynos, delles herdados de seu pay, delles conquistados & ganhados per si, & quando veo á tarde se vio escrauo, & companheyro dos cães de seu senhor, captiuo dum seu inimigo, que fora tempo, que nam tiuera mais que hum furrão & hum cajado. Estas sam as variedades do mundo, estas sam suas mudanças, as quaes se podẽ bem ver na historia destes dous principes Bajazeto & Tamerlão escripta per Fulgoso nas collectaneas, & per Cambino Florentino na historia Turquesa, & per Rauisio Textor na Oficina, & p outros. Que Camelião

Fulgoso
Cábino.

Rauisio.

DA VIDA SOLITARIA

ahi, que se mude em tantas cores, que lago dos Troglodytas, que faça tantas mudanças, q̄ Protheo, que mude em tão varias figuras, como o mundo se muda cada dia? Pera que he logo confiar nelle, pera q̄ he dar credito a seus enganos pera q̄ he sua cõuersação, de q̄ serue sua pratica, pa que he senã fugir delle, & buscar hũa vida quieta & contēplatiua, & seruir a Deos cõ affossego, & chorar cõ muyta contriçã as culpas passadas, & os años mal espēdidos? Porque, como diz S. Augustinho, a fonte das lagrymas he hũ segundo baptismo.

August.

CAPITULO X.

¶ Da comparaçam da vida actiua com a contemplatiua, & do primor de cada hũa.



A. ristot.

Gora acabo de erer, disse o Italiano, quam verdadeyra he aquella sentença de Aristoteles q̄ diz, que hũa das cousas que ha no mundo difficiles he julgar por erro aquillo, em

em que naturalmente nos deleytamos. Digo isto porque per hũa parte estou vêdo com quam bõas razões & authoridades fostes descubriendo os perigos das praticas & conuerfações do mundo, & quão claramente prouastes quam damnosas crão, & pela outra não posso acabar comigo a telas por taes, pola affeyção que lhe tenho, & polo contentamento, que nellas leuo. E certo q̃ eu tenho por grande penitencia deyxar o gosto da pratica & conuerfação, & conuerter isto em suspiros, & as alegrias em lagrymas. Quanto isto, disse o Portugues, he mays aspero, tanto he a Deos mays accepto, quãto mays que o amor de Christo tira estas asperezas, & faz parecer a couza suave. E a razão porque Deos mandaua na ley, q̃ lhe offerecessem pombos he, porq̃ as suas musicas sam gimidos, & em vez de cantar chorão, ca os nossos cantos hã de ser suspiros, & os nossos versos & cãtigas hã de ser

Leuit. 12

DA VIDA SOLITARIA

vaãs alegrias, & ociosas praticas, & falsas deleytações. Esta he a causa porque nam offerecião a Deos calbãdros, nê pintifirgos alegres em sua musica, mas pombas tristes em seu canto. Isto he o que dizia o bom Rey Ezechias falando com Deos:

Ezec. 38.

(Meditabor vt colúba) E logo a bayxo: (Recogitabo tibi oēs annos meos in amaritudine animæ meæ.) Como se dissera:

Meditarey, como pôba cuidarey, & ante vossos olhos estarei trazêdo á memoria todos os meus annos gastados e tribulações & angustias de minha alma. E el Rey Danid: Trabalhey em meu gemido, lauarey cada noyte o meu leito, resoluerey & desfarey meu coraçã em chuua de lagrymas, com q̄ regue o meu estrado. A estes dous

Psal. 6.

reys desejava de imitar o sctõ Propheta Ieremias, quando pedia a Deos, q̄ cõuer tesse sua cabeça em agoa, & seus olhos em diluuiõ de lagrymas. Isto fazião os sanctos no deserto, quando soltauam os olhos ao choro, ajuntando e seu pranto o dia com

Ierem. 9.

a noy

à noyte. Essa autoridade, disse o Italiano,
 q̄ vos trazeyz das pombas, tenho eu, que
 milita cõtra vos, & he hũ grãde argumen-
 to contra a vida solitaria. Porq̄? pergun-
 tou o Portugues. Porq̄ se a vida solitaria,
 disse o Italiano, fora mays excellẽte que
 a politica, mandara Deos que lhe offere-
 ceram melroas & solitarios, q̄ viuem em
 apartamento, & nam pōbas, que viuem
 em seus pombaes em congregação, & sam
 aues domesticas & cõmunicatiuas. Esse
 disse o Framengo, he marauilhofo argu-
 mento. E bem creio eu, que se vos Senhor
 atẽtareys pera o que auieys de dizer, nam
 o differeys, porq̄ vos nam podeys negar,
 que peillas pombas se entẽde a vida aãti-
 ua, & se ella fora má, nam mãdara Deos
 que lhas offereceram: Nem eu digo, disse
 o Portugues, que he ella má, se não muy-
 to bõa, & ainda vos digo, que catos hahi,
 em que a aãtiua se ha de preferir á cõtem-
 platiua, como mays fructuosa em muytas
 cousas. Mas nem por isso se conclue, que

DA VIDA SOLITARIA

Leuit. 12. simplesmente falando, he melhor que a contemplatiua, porque tambem Deos mandaua que lhe offerecessem rolas, que sam aues solitarias, amadoras de lugares tristes & apartados, pellas quaes se entende a vida contemplatiua, como o afirma o venerauel Beda sobre o segūdo capitulo de sam Lucas, declarando aquellas palavras: (Par turturum, aut duos pullos columbarum.) Dous generos de aues mandaua alli Deos que lhe offerecessem, rolas, & pombos, pellas rolas se entende a vida contemplatiua, & pellos pombos a actiua. Estas sam as duas vidas dos homēs, porq̃a outra que he gastada em seruiço da vontade, empregada em vicios & deleytações, não he de homēs, mas de brutos animaes, por isso falarey agora da actiua & cōtemplatiua, que sam as de que Deos se serue. E destas duas digo que a contemplatiua he mays accōmodada á limpeza & pureza da alma. Isto quis significar a diuina escriptura quando diz no

liuro

Beda.
Luc. 2.

liuro dos Numeros, que pera Maria irmã Num. 12.
 de Moyses fer saã da lepra, a mandou
 Deos estar sete dias separada da gente: &
 quando diz no Exodo, que a mão de Exod. 4.
 Moyses recolhida no seo estava saã &
 saida fora ficaua leprosa. Donde se colhe,
 que a vida solitaria & recolhida he gran-
 de remedio pera euitar peccados, & grã-
 de mezinha pera a lepra da alma. Quem
 quizer sarar da lepra de suas culpas, apar-
 tefe de más conuerlações, & metafe no
 seo de si mesmo, entrando em conta com
 figo, & auerá laude & repouso. E como e-
 stas cousas alegrem a alma, segue-se que a
 vida solitaria & contemplatiua traz com
 figo spiritual contentamento. Verdade
 he que hahi muytos, que lho não acham,
 mas isto nam he por defeyto della, mas
 delles. Así como os maos humores sam Compa.
 causa do estomago nam achar gosto nas ração.
 boas igoarias, así os maos costumes fazẽ
 alma nã gostar dos suaues contentamẽ-
 tos da vida solitaria. E daqui se cõclue, q̃

DA VIDA SOLITARIA

Compa-
raçam.

os religiosos que não gozão do recolhimento, mas folgão d'andar distraydos & vagabundos, trazem n'alma algũs maos humores. Assi como arvore prantada nũ jardim fechado aproueita cõ seu fructo a seu dono, mas prantada no caminho he colhida & apedrejada dos caminbantes, assi o religioso recolhido dá fructo de religião, mas se anda trastornado & embaraçado em negocios & distrações, he roubado dos pensamentos, que passam pelo caminho de seu coração, sem aproueytar com obras de spirito, uem com fructo de deuação. E esta he a causa de não ter o spiritual contentamento, que tem os contemplatiuos, aos quaes descobre Deos grandes mysterios. Isto quis significar a sancta ecriptura nas duas irmaãs Lia & Rachel, quando disse, que Lia tinha doentes os olhos, & Rachel são & claros, porq̃ per Lia, que, como diz sam Ieronymo, quer dizer trabalhosa, se entende a vida actiua, & per Rachel, q̃ como elle mesmo diz

Hieron.

diz

diz, quer dizer cousa que ve a Deos, se entende a contemplatiua, que tem excellentes visões do alto Deos, & ve mays que actiua. E porque primeyro he a vida actiua que a contemplatiua, diz a escriptura, que Lia nasceo primeyro, & casou primeyro, que Rachel. Donde veo a dizer sam Ieronymo na epistola a Rustico mō- Hieron.
 ge, que quem quiser tomar vida eremitica, se exercite primeyro na actiua. E sam Gregorio diz, que quem deseja subir á Gregor.
 torre da contemplação, se ha primeyro de exercitar no campo das boas obras extetiores. De maneyra que quem quiser alcançar o cume da vida contemplatiua, ha primeyro de ganhar soldo no arrayal da actiua, debayxo da bandeira de Christo. Porque querer entrar logo de supito na contemplação, sem primeyro deyxar os peccados, & exercitar se nas virtudes, he cousa de pouco fructo, & ainda vos digo, que de muito perigo. Se hū falcão está- Compa-
 do nūa torre, atado a hūa pedra com hūa ração.

DA VIDA SOLITARIA

piós, quizer voar ao alto, & penetrar as nu-
 ués com a força de suas alas, caso que cõ
 o primeyro impeto se moua com tanta
 furia, que leue cõsigo a pedra, & voe al-
 gũ tanto, todauia com o peso da pedra ha
 de cayr, & por ligeyro & voador que se-
 ja, ha de dar comsigo em terra, & em vez
 de subir pera cima, decerá pera bayxo. Bẽ
 assi o que quizer contemplar os altos & di-
 uinos mysterios, estando atado cõ os piós
 do custume á dura & carregada pedra do
 peccado, bem pode começar a meditar &
 contemplar, mas em fim com o peso do
 peccado & vida estragada dará grande
 quẽda, & em vez de subir pera cima, dará
 comsigo no fundo. He isto como hũ dos
 emblematos de Alciato, onde me lembra
 que vi debuxado hũ minino com hũa
 mão aleuantada com alas nella, como q̃
 queria voar, mas não sobia, porq̃ na ou-
 tra mão, que estaua pendente, tinha ata-
 do hũ grande peso, que tiraua per elle pe-
 ra bayxo, & o leuaua ao fundo. E ainda

Alciato.

que

que elle isto applique a outro propoſiõ, eu applicoo ao meu, aproueytandome a qui do debuxo, que fez, mas não da tenção, com que o fez, nem da ſignificação, q̄ lhe deu. O que ſe colhe daqui he, que a vida pera ſer contemplatiua ha de ſer limpa de peccados, que he o que querem ſignificar as diuinas letras, quando dizem no Leuitico, que não entrava Aaron no ſancta ſanctorum, ſem ſe primeyro lauar. E o que Chriſto diz em ſam Mattheus, q̄ bemauenturados ſam os limpos de coração, porque elles verão a Deos, que ſe entende não ſomente da viſam beatifica na gloria, mas ainda da q̄ neste mundo ſe alcança per contemplação. Per onde eſtá claro, quanto os homens deuem trabalhar por ſe darem á vida contemplatiua, poys tem tão excellentes viſões & reuelações. E além diſto he ella mais pacifica que a actiua, & mays acõpanhada de confiança, & mays repouſada, q̄ ſam tres couſas grãdes, & dinas d̄ nellas empregarmos os deſejos.

Todas

DA VIDA SOLITARIA

Efai. 5.

Todas estas tres cousas tocou breuemēte o diuino Propheta Esaias aos trinta & dous capitulos de suas visões, quando disse falando da vida contemplatiua. (Sedebit populus meus in pulchritudine pacis, & in tabernaculis fiducia, & in requie opulenta.) Como se dissera estará o pouo dos contemplatiuos assentado na fermeira

da paz,

& nos tabernaculos da confiança, & no rio repouso. Em dizer

que estará assentado,

& não andarà em pé, nota a vida contemplatiua, o que si

Luc. 10.

gnificou sam Lucas, quando disse, que Maria Magdalena estaua assentada aos pés de Iesu, & que Martha andaua em pé solícita & turbada, porque a vida contemplatiua significada per Maria consiste em repouso, & a actiua significada per Martha em mouimento. He tão alta couza a vida contemplatiua, que consiste nella a bemauenturança, que hū homē neste mūdo pode alcançar. E que isto assi seja, prouo o desta maneyra. Sentença he não fo-

men

méte dos philosophos, mas dos theologos,
 que a summa bem auenturança desta vi-
 da consiste na obra da virtude, & como
 aja duas maneyras destas obras, huás do
 corpo, outras dalma, & as dalma sejam
 mays excellentes que as do corpo, claro
 está, q̄ nas obras dalma consiste a summa
 felicidade, & como alma tenha três po-
 tencias, memoria, entendimêto, & von-
 tade, & o entendimento seja a mays illu-
 stre & excellente de todas ellas, segue se q̄
 ha de ser na obra delle, & como a obra
 do entendimento seja contemplar, cla-
 ramente se conclue, que na contempla-
 ção consiste a summa felicidade desta vi-
 da. Mas esta contemplação, como ja dif-
 se, ha de ser liure de peccados & acompa-
 nhada das virtudes assi theologaes como
 moraes, de maneyra que o contemplati-
 uo resista a todas as más tentações, esper-
 tando a razão, & fortalecendo com ella a
 torre dalma, atalhando de tal maneyra
 os passos á sensualidade, & cerrando cõ
 tanta

DA VIDA SOLITARIA

canta força as portas aos maos desejos, q̄
 per nenhũa via possam entrar & meterse
 dentro na fortaleza dalma, & tomar posse
 de illa, antes ha de ter tal vigia & con-
 templaçam, que estando na terra che-
 gue com as ameas ao ceo, & esté á vista da
 gloria dos santos conuersando ja com el-
 les, & abraçando se na bemauenturada
 chama do diuino amor. Esta he a perfei-
 ção da philosophia Christam, & aquelle
 altõ estado, a que o homem nesta vida
 pode chegar: & pera o alcançar he neces-
 sario deyxar o caminho do appetite, &
 entrar no do Spirito com a guia da razão
 pedindo sempre a diuina graça, & o lu-
 me do Spirito sancto.

CAPIT. XI E FINAL.

Em que o Portugues mostra que a contem-
 plação conuem ao homẽ segundo a mays
 excellente das potencias d'alma, &
 conclue sua pratica, & o Ita-
 liano declara o que viu
 & notou em Por-
 tugal,

COMO



Omo o homẽ conste de duas partes corpo corruptiuel & caduco, & alma racional & immortal, a qual cotejada com o corpo se pode chamar cousa diuina em respeyto da humana, & a cõtemplaçãõ conuenha ao homẽ segũdo alma, & segũdo a mays excellente de suas potencias, q̃ he o entendimento, segue se que lhe conuẽ segũdo aquillo, que nelle he racional & immortal, & mays alto & excellente. E como quer que o homẽ seja nestaparte differẽte dos brutos animaes, tendo a outra, q̃ he o corpo, com elles commũ, segue se q̃ a contẽplaçãõ conuẽ ao homẽ segũdo aquillo, q̃ o faz homẽ, & differẽte dos animaes irracionaes, & per cõseguinte q̃ he mays segũdo sua natureza, pois cõliste nas obras d'alma intellectual, que a vida actiua, que consiste nas obras do corpo, o qual he commũ ao homẽ cõ outros animaes. E como naquillo, q̃ he mais segũdo
 nossa

DA VIDA SOLITARIA

nossa natureza, achemos mays deleyta-
 ção & suauidade, segue-se que a vida con-
 templatiua he mays deleytosa & suaue q̃
 a actiua. E se lhenós não achamos este go-
 sto, he porque não viuemos segundo a na-
 tureza, mas seguimos sua corrupçam.
 Quanto mays que ainda que a vida con-
 templatiua não fora mays segundo nossa
 natureza que a actiua, bastaua pera lhe
 acharmos mays gosto ter ella por objecto
 a Deos, tendo a actiua como tem por ob-
 jecto ao proximo, quero dizer que a vida
 contemplatiua direyta & immediatamê-
 te pertence ao amor de Deos, & a actiua
 mays directamente se ordena ao amor do
 proximo, & o diuino amor traz consigo
 suauissima deleytaçãõ. E dado que a vida
 contéplatiua quanto á mesma essencia
 da accão pertença ao entendimento, to-
 dauia quanto ao que o moue a exercitar
 a tal operaçãõ. pertence á vontade, don-
 de pcede o amor, & onde está as virtudes
 moraes, as quaes ainda que essencialmête
não

não pertença á vida cõtemplatiua, pertençẽmhe dispositiuamente. Por estas & outras muytas razões conclue sancto Thomas na secunda secudã, que simple- Thomas
mente falando, a vida contemplatiua he
milhor, & may excellente, & de mayor
merecimento, que a actiua, com o qual se
vão communmente os outros doctores,
que depoyz delle tractarão esta materia:
porque todos, os que teuerão altos spiri-
tos, & quizerão falar propria & grauemẽ-
te, & defender a verdade com modestia,
se arrimarão á doctrina & modo de san-
cto Thomas pedra preciosissima & gloria
da Ordem dos pregadores, como a firme
coluna, cofre & receptaculo das verda-
des theologicas, & o seguirão como a prí-
cipe, que elle he dos doctores scholasti-
cos, muytos dos quaes eu aqui pudera al-
legar, pera prouar minha conclusam.

Maspera que he gastar tempo em recitar
doctores, poys sabemos que aquelle do-
ctor diuino, que deceo do ceo á terra

Mm pera

DA VIDA SOLITARIA

pera ensinar o caminho da verdade aos
 mortaes, que andauão embrenhados nas
 matas de sua ignorãcia, preferio claramen-
 te a vida contemplatiua a actiua, quando
 disse fazendo cõparação de Martha a Ma-
 ria, que Maria escolhera a melhor parte.
 Estauão alli as duas vidas, & a fonte da vi-
 da preferindo hũa a outra, não q̄ condẽ-
 riãse a actiua, mas, como diz sctõ Augu-
 stinho, fez ante ellas differença, & appro-
 uandoas ambas, mostrou ser a contempla-
 tiua melhor que a actiua. Esta he a verda-
 de, esta he a doutrina de Christo, & não tẽ
 que duuidar a malicia humana, no que af-
 firma a bondade diuina. He tão sublime a
 cõtempiação, que muytas vezes estã hũ
 homẽ tão enleuado, que a mente não ca-
 bendo em si se alcuanta sobresi mesma, &
 como chama de fogo parece q̄ cresce pa-
 cima, inflãmada do fogo do diuino amor
 & desejo celestial. E às vezes allumiada cõ
 o diuino resplendor, suspensa com admi-
 ração da diuina fermosura, cheia de sua-
 uissi

sermon

Luc. 10.

August.

nissimo contentamento, he arrebatada &
 enleuada, & como engolfada no pego da
 doçura & charidade sente tão marauilho
 sa consolação, que senão pode per pala
 uras exprimir, porque passa além da raya
 & demarcação do juyzo vulgar. E poys
 na vida solitaria se acha tão grande bem,
 & os dados a ella com suas orações, & es
 cripturas, & contemplações, & exemplo
 de vida aproueitão não somente a si, mas
 a todos, está claro, que he ella mais excel
 lente, & fructifera no espiritual fructo, &
 de mais alta empresa, que a publica & da
 da a negocios. Verdade he que a vida mi
 sturada de actiua & contemplatiua he de
 mays quilates que a cõtemplatiua só, por
 que tem hũa cousa & outra, em especial
 tendo mays da contemplatiua, de ma
 neyra que acudindo em seus tempos á
 contemplação & acção, he si que o prin
 cipal, & a substancia, & o nome da vida
 cõtemplatiua & solitaria. E cõ tudo isto
 digo q̃a vida solitaria & contemplatiua

DA VIDA SOLITARIA

Compara-
ção.
 não he pera todos. Assim como nũa nao hũs
 mandão, outros obedecem, hũs estão na
 proa, outros na popa, outros na cuberta,
 hũs alargão, outros tirão, hũs tem hũ offi-
 cio, outros outro, porque a estarem to-
 dos nũa parte faria a nao pendór, & a te-
 rem todos hũ officio, não se poderia go-
 uernar, assi na republica hũs hão de con-
 templar, outros hão de despachar, hũs hã
 de rezar, outros de pelejar, hũs hão de cul-
 tiuar a terra, outros hão de reger a cidade,
 finalmente hũs hão de ter hũ officio, ou-
 tros outro, porque a todos quererem fa-
 zer hũa mesma cousa, a republica pen-
 daria á banda, & nam se poderia su-
 stentar. Isto he o que se me offereceo,
 pera apontar acerca da vida solitaria, &
 nisto não tenho mays que dizer. O que
 vos peço he, que leueys em conta mi-
 nhas palautas mal cerceadas & pouco po-
 lidas como ferro martelado sem mays li-
 ma nem perfeção. Assim como o nouel &
 bayxo illuminador não sabe mays que
assen

Compara-
ção.

assentar as principaes linhas do debuxo, sem asornar com a lindeza & fermolura das viuas & naturaes cores, nem sabe per arte de perspectiua fazer parecer altos & bayxos, & longes & pertos na palaura igoal, assi eu estive debuxando com as linhas de minhas rudes palautas a vida solitaria: E isto, que disse, he hũa imagẽ & re tracto della, nã seyto per mão do nosso Olanda, nem do vosso Michaël Angelo, mas per meu bayxo ingenho, sem afermosentar o debuxo com o lustro, & viuieza, & sombras, & perspectiua, da eloquencia. Tudo isto he hũ fiado grosso, tirado de meu estudo, ordido em minha fraca memoria, tecido & laurado com a fragil mão de meu bayxo ingenho, & barbaro estylo. Por certo, disse o Italiano, vos tractastes esta materia com tanta erudição, & tambem trazida, assi das letras diuinias como das humanas. & com tão claro & distincto estylo, que senão pode melhorar, nem ha contra isso que dizer. Ca poys he

DA VIDA SOLITARIA

tãmanho o fructo & repouso da vida solitaria, quẽ serã tão alheo de confiração, que avitupere, quem serãtão ãmigo da espiritual riqueza, q̃ a não deseje, poys não ha no mundo tãõ rica tenda, nem mina tãõ chea de tãõ preciosos thesouros? E ainda que no principio contradissemos vossa opinião, nã vospareça que estauamos contrayros a ella, que bem sabiamos quanta excellencia tem a vida solitaria sobre a pubrica & secular, mas quisemos oppugnar vossa sentença pera vermos a oratoria, com que a defendieys, que certo nos fatif fez muyto. Ao menos eu, disse o Framengo, tenho tanto contentamento com vosouuir, que não sinto agora coufa, q̃ mo tanto podera dar. Queyra Deos, disse o Italiano leuarnos a Bolonha, & acabada nossa peregrinação darnos essa vida solitaria, que tãõ engrandecestes, q̃ certo vimos cansados d'andar pelo mundo vẽdo diuersas terras, & varios costumes. Folgãca de saber, disse o Portugues, o

que

que vos moueo a esta peregrinação. Ainda, disse o Italiano, q̄ se ajuntarão muytas cousas, todauia a principal foy, ver homẽs doctos, & cõmunicar cõ elles. Excitou nos muito a isto lermos nas antiguas historias, que o famoso Pythagoras foy á cidade de Memphis, & correo o Egypto, pera ver os sabios, q̄ nelle residião. E Platão q̄ na sciẽcia vêceo os philosophos, & na eloquẽcia deyxou a tras os oradores, ueo de Athenas á q̄lla parte da nossa Italia, q̄ naquelle tempo se chamaua a grãde Grecia: & agora se chama Calabria, a ver se com Archias o philosopho Tarétino. Poys Homero, ao qual per consentimento de toda a Grecia foy dada a palma da poësia, & cometido que emendasse a lingua Grega, como o affirma Archiloco Chronographo no seu liuro dos tempos, pera mostrar a perfeção do seu Ulisses diz del- le, que viu muytas cousas no mundo, & que passou grandes trabalhos per mar & per terra: o que tambem faz Vergilio ao

Philos.
Apolo

Pythago-
ras.
Platão.

Homero

Archilo-
co.

Vergilio

DA VIDA SOLITARIA

feu Eneas. E acabou nos de mouer a isto

Philost. Philostrato historiador antigo na vida
Apolon. que escreueo de Apolonio o philosopho,
 onde diz d'elle que foy a Persia, & passou
 o alto monte Caucaſo, & attraueſſou a
 terra dos Albanos, Scytas, Maſſagétas, &
 entrou na India Oriental, & passou o pro-
Hiarcas. fundo rio Gãges, por ir ver Hiarcas o phi-
 losopho, que lia na academia do Oriente.
 E dahi deu a volta pelos Elamitas, Baby-
 lonios, Medos, Aſſyrios, Parthos, Palesti-
 ſtinos, Egypcios, & Ethiopicos. Em fim q̃
 andaua apos as letras, que parece que lhe
 hião fugindo pelo mundo, & hia buscar-
 do homêſ doctos, com que communicar-
 ſe, & de quem aprendeſſe, & pera que viſ-
 ſe os costumes, trajos, leys, regimentos, &
 diuerſidades de gouernanças das reſpu-
 blicas, reynos, & imperios, & os edificios,
 & ſitios & nobreza, das cidades, com ſuas
 antigualhas, & outras couſas, que ha pelo
 mundo, pera ver: & com ter andado tan-
 tas terras lhe parecia ainda q̃ erãõ poucas.
 &

& a nós com termos visto poucas, nos parecem muytas, ca não vimos mays que Italia com o Piamonte, & França com a Saboya, & hū pedaço de Frandes, & Espanha com seus reynos & prouincias.

Que cousas, disse o Portugues, notastes em Portugal, q̄ vos melhor parecessem? Muytas, respondeo o Italiano, mas de todas tocay famente algūas poucas. A primeira foy o zelo da fé dos principes, & sua virtude & religião, com q̄ excitã o pouo ao mesmo. A segūda ver a cõtina paz, q̄ tẽ cõ os Christãos, & appetua guerra cõ os infieys. A terceyra ver o grande amor que todos os Portugueses tem communmente a seu Rcy, porque eu perguntey por el Rey Dõ Ioão o terceyro deste nome, que pouco ha falecco, a muytos Portugueses, & não ouue nenhū que o não louuasse com palauras de muyto amor & lealdade, com muyta dor de sua morte. Não he muyto, disse o Portugues, por que além d'os Portugueses terem isso que

DA VIDA SOLITARIA

dizeys, era esse Rey, que nosso Senhor tẽ
em gloria, digno de ser amado de todos,
porque foy elle muy catholico, & amador
das cousas de Deos, prudente no conse-
lho, humano na audiencia das partes, lar-
go nas merces, certo no q̃ prometia, gra-
ue no que mãdava, justo no que julgava,
sofrido & constante no que lhe succedia,
conseruador da paz, fauorecedor das le-
tras, pay das religiões, amigo de seu pouo,
finalmẽte teue todas as partes, que ha de
ter hũ Rey catholico, pera se com razão
poder chamar serenissimo, & verdadeyro
principe Christão. Essa he logo a causa, dif-
se o Italiano, de todos sentirem sua mor-
te, & representarem a dor, que teuerão cõ
ella, com palauras de muito sentimento.
Bem que a isto ajuda muyto a lealdade
dos Portugueses afamada per todo o mũ-
do, a qual além de se mostrar em muytas
cousas, se ve claramente na conquista de
Africa & Asia, que tendo elles conquista-
das muytas cidades, & grandes reynos,

&

& ganhadas as Indias, até o cabo do mundo, onde fezerão em armas façanhas tão espantosas, que excederão as dos Gregos & Romanos, & alcançatão pera si perpetua memoria, nunca lá ouue Portugues, que se alleuãtasse & rebellasse a seu Rey, o que nunca me lembra que lesse de nenhũa outra nação. A quarta cousa foy a vniuersidade de Coymbra, outra Athenas de Grecia, cheia dos mays excellentes letrados da Europa em todas as faculdades. A quinta foy a nobreza, riqueza, grandeza, & sumptuosidade de Lisboa, cidade antiquissima, & edificada pelo grande Vlisses, com o mayor & mays rico almazém do mundo, situada ao longo do Tejo, onde se elle com suas salgadas agoas alarga tres legoas, apar dõde se vay meter no gram mar Oceano, rio famoso, rico ẽ pescaria, & areas d'ouro, como o affirma Plinio, & o confirma Solino, & outros authores. O qual Solino tomou este nome de Tago, quinto Rey Tago.

de

DA VIDA SOLITARIA

Beroso. de Espanha, tam antigo, q̄ affirma Beroso neste liuro, que delle temos, que foy trezentos & setenta & oyto annos antes da fundação de Troia. Ainda que hū voffo Portugues diz, q̄ nam he este liuro de Beroso, & fez contr'elle & contra algus outros hūas censuras, que a meu ver mereciam censuradas: sem embargo que he elle muyto docto, & de varia erudição, & grande eloquencia. Mas tornādo a Lisboa, digo que me parece, que o mūdo he hum anél, & ella he a pedra preciosa do anél. Pareceme q̄ he Lisboa hūa praça & feyra de todo o vniuerso, & o porto de Belem he a boca desta praça, onde está situado o mays bello, & sumptuoso, & insigne mosteiro, de quātos se sabem no mundo, pouoado de muytos religiosos, & excellētes varões assi nas virtudes como nas lettras. A estas palauras se não pode ter o Portugues, que nam derramasse hūas raras lagrymas de soydade, que nam pode encobrir, ca o amor venceo a dissimulação

lação. Aqui ficou o Italiano algũ tãto enleado, mas logo lhe pareceo, que o Portugues, que religioso era, deuia ser daquelle mosteyro, pelo habito de S. Ieronymo, q̃ trazia, mas pa se certificar perguntoulhe que causa fora a daquellas suas lagrymas. E bẽ lhe quisera elle a isto respõder mais sobresi, se a multidão dellas lhe não fora á mão: mas assicomo pode lhe disse que se mouera cõ ouuir nomear o mosteyro de Belém, onde elle viuera muitos annos cõ muito contentamento, & que lhe fezera tãta tristeza a soydade da sua cella, & da doce & sancta cõuersação dos religiosos, que não podera ter as lagrymas. Entã lhe contou breuemente como fora enuiado sobre negocios da ordẽ, & tornaua caminho de Belém. Deos vos leue lá, disse o Italiano, cõ paz & a saluamẽto, & de fim a nossos trabalhos, & perigos, q̃ certo temos passado tãtos, q̃ senão podẽ cõontar. Pelos q̃ eu passey, disse o Portugues, julgo os q̃ vos passarieys, & se eu não desejo fim

aos

DA VIDA SOLITARIA

aos vossos, nũa a eu veja aos meus: Mas como ver muytas cousas açacala o ingenho, & desta vossa peregrinaçã vos resulta muyta experiencia, & prudẽcia, & conhecimento de grandes & varias cousas, daya por bem empregada: q̃ em fim quẽ alcançou algũa notauel cousa, q̃ lhe não custasse pena, nũa della teue muyto gosto, ca então he mays estimada a honra, quando as pessoas com mays risco se auenturão a alcançala. O que vos peço he, q̃ busqueys hũ repouso solitario, & vida quieta, pera descanso de vossos trabalhos acabada vossa jornada, q̃ assi espero eu em Deos de fazer aos meus acabada a minha. E então tirarey a limpo algũas cousas insignes, q̃ vi p̃ estas terras, & passey cõ homẽs de ingenho, q̃ pretendem abalifar se no estudo das letras, & na liçãõ das historias antiguas, & no conhecimento de diuersos costumes, & varias terras & nações, em especial esta pratica, que aqui tiuemos, ey de por em lingoage Portu-
gũea

gaesla, pera a poder em Portugal cõmu-
nicar com meus amigos. E porque isto he
noyte, recolhamonos pa o lugar, q̃ daqui
estã parecendo logo além desta ribeyra.
Recolhamos, disse o Italiano, poys se nos
encubriu de todo a clara luz do sol, dey-
xandonos metidos na escura sombra da
terra. Pouco empedimẽto faz, disse o Fra-
mengo, a escuridao do ar, quãdo a luz do
entendimẽto fica cõ seu relplandor. Digo
isto, porq̃ ha muitos dias q̃ desejava d'ou-
tra tractar esta materia da vida solitaria,
porq̃ tenço hũs suspiros della, assombra-
uame p̃ outra parte hũa neuoa de temor,
que me cubria o entendimẽto a qual cõ
esta pratica fica desfeyta, & elle allumia-
do com o conhecimento de muytas cou-
sas em tão breue espaço alcançadas, q̃ pa-
rece q̃ se anticipou o effeito ao desejo. Ni-
sto se aleu antaã todos tres, & se forão á
pousada praticando em seus trabalhos, &
consolando se hũs aos outros, ca o espiri-
to cansado quer com quem descan se.

Fim do dialogo da vida solitaria.

DIALOGO

DA LEMBRANÇA DA MOR-

te. *Interlocutores hum pay
& hum seu filho.*



CAPITULO I.

Do descuydo, que temos na vida, &
da lembrança que deue mos
ter na morte.



M ITALIA ANTRE
Sena & Florença estan-
do hũ homẽ nobre, &
dado ao estudo das le-
tras em hũa quintã sua,
faiu hũa tarde passear
ao campo, onde topou hũ seu filho, que
sayra de casa ao mesmo effeyto. E estan-
do o filho vendo hũs vultos de pedra, que
alli estauão, que deuião ser estatuas d'al-
gũs antiguos, que ouuerão algũa affimada
victoria naquelle campo, onde estauão
algũs ossos de finados, como que se dera
alli

alli em outro tempo algũa batalha, perguntoulhe o pay que fazia. Estaua confirmando, respondeo elle, o artificio, proporção, & viueza destas imagēs, que com serem com o longo tēpo gastadas nalgũas partes, o que estã sã nas outras, estã tã viuas, & tanto ao natural, que engana os olhos de quem as vê. E deste pensamento fuy saltar noutro, que me tem posto em admiração, que he contemplar a muyta diligencia, que põe os homēs em querer dar vida às cousas mortas, & morte às cousas viuas. Querem mostrar que dão vida às pedras, & não atentão que a tirão às almas, quando as matão spiritualmente pelo peccado. Folgo, disse o pay, de te ver occupado nesse pensamento, que eu ja per vezes tiue. Porque às vezes pondo os olhos nestas estatuas, & vendo a perfeição de suas feyções, estou admirado de ver o muyto cuydado, que põe mēs pera as pedras parecerem o pouco que tem pera os b

recerem pedras. Viuemos tão esquecidos de nós, & tão estrangeyros do que temos por natureza, que com razão podemos ser cõparados a estas pedras insensueys, que tendo olhos não vem, & orelhas não ouuem. Voa o tempo, & vay com seu discurso annullando & consumindo as cousas, & a nós parecendos que senão muda: passa nossa gloria, como se nunca fora, & cuydamos que sempre fica: ameaçanos a idade com a fim, & viuemos com o somno quieto de cuydados de seus sobrefaltos: sam as cousas do mundo deas & vaãs, & temolas por solidas & maeiças: sam tão inconstantes, que não tem mais constancia nem firmeza, que nunca serem constantes nem firmes, & nos temolas por de tanta constancia & firmeza, que lhe não pode faltar perpetuidade: & finalmẽtẽ ficando tão desordenadas, que não tem ordem, que em a não terem, imagi-
 cidas de tal ordem, que não
 fõrdes. Que pensamentos
 terião

terião ja aquelles, cujos ossos ves semea-
dos per esse campo? Aquellas pernas que
caminhos andarião? Aquellas caueyras
que imaginações terião, quão infunadas
nas falsas esperanças do mundo serião,
que castellos de vento farião? E em fim
olha o em que se tornárão, & o em que to-
dos nos auemos de tornar. Segundo mi-
nha idade não pode tardar muyto a mi-
nha hora, que ja se me vay, pondo o sol
da vida, & vou ja nas compreras de mi-
nha peregrinação. A tua hora não sey
quando será, que ainda não faiste dos ter-
mos da adolecencia, mas em fim as de
ter fim. Estas cousas queria eu filho que
tu muytas vezes reuoluesles na memoria
porque he grande freo pera o descuydo
da vida a lembrança da morte. Ist
o filho, tenho eu bé experimētado
muytas vezes de ter mal arrecadae
samēto, me foge cō grãde p diçã do
& anda vagueãdo, & fantasiãdo mil
dades, & prometendome vida perpe

282 DA LEMBRANÇA DA MORTE

Mas quando vejo o fundo ás cousas, & conforme ao conselho que me Senhor tendes dado, cuido na morte, & como nos Deos tem sentenciado a ella, & me lembra aquillo de sam Paulo: Determinado he aos homêes morrer hũa vez, & aquillo que diz a igreja: Lembrate homê que escinza, & que te as de tornar em cinza, metome per dentro: & tornando sobre mî estou pasmado de minha ignorancia: & comparome então a padecente sem iuyzo, que sendo condemnado á morte, affinada & publicada a sentença, & dados os pregões, indo caminho da morte vay com confiança da vida, deleytando-se pelo caminho em vãos pensamentos, & apascentando os olhos com a fermosura dos deleytosos campos. O que tu fizes o pay, has de fazer acerca do peccado, ha de ser telo preso em ferros como escravo fugitiuo, & occupalo em bons exercicios. E quando te fugir, hũa remedio pera o arrecadares & tornares

nares a seu lugar he essa lembrança da morte, que dizes. E has de andar cuydando, & dizendo contigo mesmo: Eu caminho pera a morte, vou a juyzo, hão me de tomar conta, & per força a hey de dar. Que será de mí, quando forem abertos os liuros, & o caderno de minha vida se auerigoar com o liuro da diuina justiça? Nisto has muitas vezes de meditar, & haste cada dia de ordenar, como se souberes que aquelle dia auia de ser o derradeyro de tua vida, & ter a fim diante dos olhos. Em fim se queres ser quem deues ser, lembrate do que has de ser, porque a memoria da morte te fará cayr na conta de quem es, & conhecendo tua miseria não admittirás as vaãs & lisonjeyras esperanças do múdo tão peregrinas & alheas de teu natural. Os olhos vendo as outras cousas não vem a si mesmos, mas vendo hū espelho vem se a si nelle: assi nós conhecendo as naturezas das cousas do múdo viuemos sem conhecimento de nós:

Na iij mas

181 DA LEMB. DA MORTE

mas tomando na mão o espelho da memoria da morte, vendo a elle vemos nelle a nós mesmos. E aproueytanos esta vista para abater nossas soberbas vaãs, & desfazer a roda de nossa presumpção, & excitarnos a temperar & moderar os gozinhos & aluoroços do mundo: & finalinete aproueytanos pera não peccarmos. E daqui veo a dizer a escriptura sagrada no Ecclesiastico: Lembra-te das tuas cousas derradeyras, & nunca peccaras. Prophetizando Esaias a destruyção da soberba Babilonia, quando os Persas & Medos rega-
 rão suas ruas com o sangue de seus moradores, diz: Nunca isto cuidaste, nem te lembra-te da fim. Onde attribue as desauenturas dos Babilonios ao esquecimêto da morte, com que viuião. A mesma confiração tinha Jeremias, quando chorando a destruyção de Ierusalem com tanta magoa, que não auia quê delle a não ouuesse, soltou na primeira lamentação estas palavras: Peccou Ierusalem, & por isso foy perdida

Ecclef. 7.

Efai. 47.

perdida

perdida. E declarando estes peccados disse: Não alimpou as çugidades dos pés, nem se lembrou de sua fim. Como se differa: A causa da perdição dos moradores de Ierusalem foy descuydo na vida & esquecimento na morte, porque não lauarão as affeyções, que sam os pés d'alma, que tinham çujos & contaminados, nem se lembrarão que auião de morrer. No Deuteronomio falado a escriptura nos homens esquecidos de Deos, diz: Gente sem conselho & sem prudencia, prouesse a Deos que sou bessem & entêdessem, & prouessem as cousas derradeiras. Estas cousas vltimas, q̄ auemos de prouer, & em que auemos de cuydar, pera nos saluarmos, sam as diuersidades de mortes, que cada dia facontecem. Alludindo a isto sam Ierony Hieron. mo nũa epistola a Cypriano diz: Acordate de tua morte, & não peccarás que aquelle que cada dia se lembra que ha de morrer, despreza as cousas presentes, & caminha de pressa pa as futuras. Sancto

DA LEMB. DA MORTE

- August. Augustinho diz que nenhũa cousa assi reuoca do peccado como a frequente meditação da morte, & chamalhe remedio da culpa. Isto sentiabem Philonorio Galata, como conta Heraclides, & referco Marullo author moderno, que seys annos morou em sepulchros de mortos, pera se lembrar da morte. E dos Brachmanes philosophos orientaes contão as historias, que andauão tão metidos per este pensamêto, que tinham abertas as sepulturas ás portas de suas casás, pera que entrando & saindo per ellas não perdessem da memoria a lembrança da morte, pera não peccarem. E poys da lembrança da morte procede euitar peccados, segue se q̄ do esquecimêto della p̄cede cometelos. Não somête os Christãos, mas ainda os gentios entenderão quãto a lembrança da morte aproueitaua. Seneca nũa epistola, onde tracta do aparelho pera bẽ morrer diz: Tu p̄a q̄ nã temas a morte, cuyda nella. E Quintiliano na seguda declamação diz

diz, q̄ não ha pior morte que a q̄ vem to-
 da junta, sem se antes cuydar nella. Lem-
 brame que li em Herodoto author Gre- Herodo.
 go & antiguo, que era custume antre os
 Egypcios no principio dos banquetes tra-
 zer á mesa hũa figura de pao d'nũ homẽ
 morto muyto pelo natural com aquella
 cor, com que a morte cobre aos seus con-
 uidados, & o que a trazia dizia a cada hũ
 per si: Quando comeres, & beberes, & te
 deleytares, olha pera esta figura, que tal
 has de ser. Aquella era a primeira içoaria,
 que se trazia á mesa, que era a salsa, em
 que todas as outras se molhauão. Em
 muytos dos banquetes d'agora se comẽ
 vidas alheas, & naquelles se moderauão
 as proprias. Assim como agora a ordinaria
 içoaria he a murmuração da vida, assi en-
 tão era a lembrança da morte. A mí me
 parece, disse o filho, que hai agora muitos,
 que se rirão disso: sem embargo que o cu-
 stume me parece excellente. E eu, disse o
 pay, rirmey de quẽ se disso rir. Digão elles

Na v o que

282 DA LEMB. DA MORTE.

o que quizerem, que eu digo, q̃ a meu fra-
co juyzo ella era hũa das milhores & mais
medicinaes igoarias, que se podião trazer
em principio de mesa. E nã digo eu somẽ-
te nos banquetes, mas ainda em muytas
outras partes deuiamos trazer debuxada
ante os olhos d'alma a morte com hũa le-
tra q̃ disse: Memoria pera esquecidos
Nũ author moderne li, & parece q̃ o de-
uia elle de tirar d'algũ antiguo, que a pri-
meyra couza, que antiguamẽte se apresen-
taua ao emperador o dia de sua coroação
erão pedras pera sua sepultura. Eu vi cõ
meus olhos na coroação do Papa Pio
quarto, que hoje governa a igreja catho-
lica, irem queymando diante delle hũas
estopas em cima d'nũa haste com hũ pre-
gão que dizia: Padre sancto assi se passa a
gloria deste mundo. No meo daquella fe-
sta de tanta gloria & solénidade lhe hião
trazendo á memoria a fim das couzas do
mundo. E he esta cerimonia a meu ver
muy excellente, polo proueyto que traz
comsi

comfigo a lembrança da morte. Os verdes Compa²
 & graciosos jardins, os altos & sumptuo-
 ração, fos edificios, as vaãs & falsas deleytações,
 com todas as riquezas & prosperidades
 da vida sam alambres, que não aleuantão
 nem atrahem a si o ferro, mas as palhas,
 quero dizer, que não tirão de seu sentido,
 aos homês fortes & cõstantes, mas aos fra-
 cos & mudaueys. E pelo contrayro a lem-
 brança da morte he pedra de ceuar, q̃ ale-
 uanta o ferro, & não as palhas. Hja das
 escholas & academias, onde os homês a-
 prendem a bem viuer, & bem morrer, &
 aconhecerse a si, & a ver o q̃ sam, & o em
 que se hã de tornar, & o em q̃ ha dir parar
 a fermosura corporal, & a vaã prosperida-
 de do mundo, he a meditação da morte.
 Isto quis significar o alto Deos, quando dif-
 se a Jeremias q̃ descesse á casa, onde se la- Jerem. 18
 urara o barro, q̃ q̃ria ahi falar cõ elle. Que
 casa de barro he esta senão a sepultura, on-
 de nos Deos mãda q̃ deçamos cõ o pensa-
 mēto, pa nos ensinã a breuidade da vida,

50197

DA LEMB. DA MORTE

& a miseria humana? Ca a meditação da morte he a escola da alta sabedoria.

CAPITULO II.

Em que o pay prosseguindo sua pratica vay descobrindo o engano da fermosura do mundo, & como auemos de passar da consiração das criaturas à do criador.



E os homês cuydassem na morte, não lhe pareceriã bellas as cousas do mundo: porq̃ consirando quão presto ellas auiã d'acabar, & elles cõ ellas, não lhe achariã nenhũa fermosura. Donde veo a dizer hũ author, que o esquecimento da morte faz o mundo fermoso. E este he hũ grande mal, que elle traz consigo. Que mal he, disse o filho, parecernos fermoso este mundo? Eu to direy, respondeo o pay. Procede d'ahi enganarnos & tyrannizarnos, porque como diz Theophrasto, a fermosura he hũ engano mudo, & como diz Socrates, a

fermo

Theop.

Socrates

fermosura he hũa tyrãnia de pouco tẽpo.
 Hũa he chama engano, outro tyrannia. E
 enganandonos o mundo cõ esta falsa &
 aparente fermosura, affeyçoamonos a
 elle, & seguimolo, sem acabarmos de en-
 tender sua tyrannia. E assi corremos tras
 elle, como tras quem nos leua engana-
 dos & roubados os desejos. E quanto mór
 he o roubo, que nos faz, tanto mór he o
 amor, q̃ lhe temos. E este amor do mũdo
 expelle o amor de Deos. Porq̃ estes dous
 amores nũca se poderã amassar. Antes,
 como diz S. Augustinho, fezerã duas cida August.
 des diferentes. O amor de Deos fez Je-
 rusalẽ, & o do mundo Babylonia. De ma-
 neyra q̃ não podem fazer parçaria. Traz
 pa isto sam Cypriano esta comparação. Cypria-
 Affi como hũs mesmos olhos não podem no.
 olhar pera a terra & juntamente pera o Compa-
 ceo, assi hũa alma não pode amar junta-
 mente ao mundo & a Deos. Porque co-
 mo alma mays estẽ onde ama que onde
 anima, ca o amor a leua á couza amada, he

DA LEMB. DAMORTE.

impossivel que hũa mesma alma nũ mes-
mo tempo se aleuante & vna com Deos
& se abayxe & lie com o mundo. Ho-
ra que mör mal pode ser. que deyxar o
amor de Deos polo do mundo? Quanto
mays que de amarmos ao mũdo procede
seruirmolo, & como ninguem possa ser-
uir a dous senhores, que mandam cousas
contrairas, como diz, Chusto nosso Se-
nhor em sam Mateus, & Deos & o mũdo
sejam dous senhores, que mandam cou-
sas contrayras, seruindo ao mundo dey-
xamos a Deos, & deyxandoo perdemolo
que he a mor pda, q̃ se pode imaginar; &
pcedoo a elle ficamos nos pdidos. Veslo
go aqui quanto mal faz o esquecimento
da morte em nos fazer parecer o mun-
do fermo so, & imaginarmolo qual elle
nam he Porq̃ pera bem, o mal nam nos
ha de parecer bem, nem nos hão de pare-
cer as cousas senão aquillo que realmen-
te sam. Desejo de saber, pregütou o filho
co, no isõ pode quadrar cõ outra cousa,
que

Math. 6.

que lhe eu Senhor ja ouui: Que cousas
 disse o pai. Amim me lembra, disse o filho
 que lhe ouui eu leuuar hũa vez aquella
 sentença de Thales o philosopho hũ dos Thales.
 sete sabios de Grecia, relatada per Laer. Laercio.
 cio, que dizia, que das cousas desta vida a
 may sligeyra era o pensamẽto, a may sfor-
 te a necessidade, a may sabia o tempo, a
 may fermosa o mundo. Se o mundo he
 feo, como acerta Thales chamãdo lhe fer-
 moso? & se he fermoso, como he mal telo
 por tal poys como vos Senhor dizeys, he
 bem parecerem nos as cousas o que sam?
 Muyto folgo, disse o pai, de tocares essa
 duuida, & de me pores essa questam, &
 outras, q̃ algũas vezes apõtas, porq̃ he fi-
 nal d̃ querer saber. Que bẽ vejo q̃ te nã
 vẽ esse atreumẽto d'algũa oufadia nasci-
 da de temeridade & p̃sumpçã, mas dhũa
 cõfiança nascida do amor, q̃ metês, & do
 desejo q̃ sempre é ti conheci de saberes. E
 nisso, q̃ dizes, nã apõtas tu mal, mas enlea-
 ste, por nã attẽtares pera a equiuocação

88 DA LEMB. DA MORTE.

do vocabulo, Tu has de saber que mudo tomase de duas maneyras: hũa he pelos maos, em quanto maos, consiradas suas vaidades, falsas honras, enganosas prosperidades, desejos deprauados, pestíferas deleytações, cõ todos os mays males, que cõfigo traz a sede & interesse destas cousas, que sam mêtiras, treyções, lisonjarias, murmurações, & finalmete hũ labyrintho espantoso de enganos. Desta maneyra o tomou o Apostolo S. Ioão na sua primeyra Epistola, quando diz. Nam queyrays amar o mudo, nem suas cousas, porq̃ tudo o que ha no mundo he cõcupiscencia da carne, & cõcupiscencia dos olhos, & soberba da vida. Este he o mundo, de que diz o Apostolo Santiago: Nam sabeys q̃ a amizade deste mundo he ímiga de Deos? Logo qualquer q̃ se faz amigo do mundo, faz banco roto com Deos. Isto he do Apostolo. Doutra maneyra se toma mundo polo ceo, terra, elementos com a vniuersidade das creaturas. E desta
ma

Ioan. 2.

Iacob. 4.

maneyra se entende o que diz sam Ioão no primeyro capitulo de seu Euangelho. E o mundo per elle foy feyto. E sam Paulo aos de Epheso: Elegeo nos em elle antes da constituyção do mundo. Quando eu digo q̄ he mal paerecernos fermoso o mundo não o sendo, tomo o mundo da primeyra maneyra pola maldade & vaydade do mundo, & não polas naturezas das creaturas, & quando Thales o Grego lhe chama fermoso, tomo na segunda accepção pola fabrica das cousas creadas, conseruando o sol, lúia, & estrellas, com seus fermosos & resplandecentes lumes, & a terra com seus ricos aruoredos, animaes, & obras de natureza, que com ferem tão diuersas, dão contentamento & fermoso pasto aos olhos, porque a diuersidade das cousas: faz muyto ao caso pera a fermosura dellas. E desta maneyra não ahi debate senão que o mundo he cousa bella, como feytura das mãos daquelle summo artifice & alto Deos, que

Ioan. 1.

p hec. 1.

Gen. 1.

Gen. 1.

DA LEMB. DA MORTE

em nenhũa cousa pode errar. Donde vierão os Gregos a chamarlhe cosmos, que quer dizer ornamento & fermosura. E o primeyro que lhe pos este nome dizem q̃

Eugubi. foy Pythagoras, como o refere Eugubino na sua Cosmopoëja. Em fim q̃ Thales cõfirava o mundo, não segundo as malicias feytas pelos homẽs, mas segundo as naturezas feytas per Deos. Das quaes diz a sa-

Genes. 1. grada escriptura no Genesis: Vio Deos todas as cousas, que fizera, & erãõ muyto

August. bõas. Donde veo a dizer sancto Augustinho no quartodecimo liuro da Cidade d̃ Deos, que bẽ pode h̃r auer bẽs sem males, mas que auer males sem beẽs he impossivel, porque as naturezas em que estãõ os males, em quãto naturezas sãõ bõas, & obras de Deos. E quando a escriptura diz que as vio Deos, & que erãõ bõas, quis significar que as approuaua como cousa feyta por sua sabedoria.

Platão. E ainda Platão no Timeo, ousou a dizer que não somente approuara Deos as cousas, que fizera, mas

mas que se alegrara de ver sua ordem & fermosura. Mas á verdade nem ainda esta he a verdadeyra fermosura: porque em fim he corporea, & transitoria, & mudavel. E se nos nella muyto deleytarmos, pondo nella nossa demasiada affeyção, sem passarmos auante, erraremos graue-mente. Mas da fermosura das creaturas auemos de passar á fermosura do criador que he a verdadeyra fermosura, summa, permanente, immortal, & sempiterna, cujo desejo & amor ha de accender nossa alma, pera que ardendo nesta bemauenturada chama se aleuante á sua mays excellête potêcia, q̃ he o entendimêto, & aliapartadas as treuas das coufas terreaes, allumiado cõ o fogo do diuino amor cõtemple aquella luz infinita, aq̃lla bõdade imensa, aq̃lla fermosura sempiterna, cujo amor a tẽ foruida & inflãmada. Ves logo aqui como o sabio de Grecia dizia bẽ, & eu não dizia mal, nem ha antre nos repunhãcia algũa. Mas como a fermosura de

Oo ij que

DA LEMB. DA MORTE

que elle fala he caduca, pera te não embaraçares com ella, has logo de cuydar que ha de ter fim. Porque se posermos nosso amor na fermosura das creaturas sem lembrança de quem as criou, & da fim que há de ter, viremos a atar com ellas os desejos, & a dar obediencia a nossos appetites, & assi metidos neste enleo iremos com os olhos fechados per hũa escada abayxo de descuydos, até irmos dar com nosco no vltimo degrão de nossa perdição. E poys a rayz disto he o descuido da morte, seguese que elle he o principio de nossas desauenturas. E isto baste por agora: & vamonos pera casa. Façamos, disse o filho o que elle mãdar. Mas eu folgaria muyto, se elle nisso não leuasse desprazer, que nos assentassemos hũ pouco nestes assentos, que aqui estão debayxo destes altos alemos, & que proseguisse esta materia da lembrança da morte, por q̃ sinto com ella muyto pueyto, & q̃ dilatasse a pratica, se fazer comigo prouisam de palauras. Sam
ellas

essastuas, disse o pay, tão arrazoadas & deriuadas da vontade de aproueytares, & he tão justo o que me pedes, & tão pouco em cõparação do muyto, a que o amor que te tenho me obriga, q̄ erro seria não forçar eu minha vōtade por fazer a tua, estando ella tão adjectiuada com a obrigação, que teēs á sciencia & á virtude. Porque então se ha de fazer a vontade ao que pede, quando ella tem feyta liga com o entendimento & com a razão.

CAPITULO III.

¶ Em que o pay per authoridades & figuras das diuinas letras prossegue a materia da lembrança da morte & desprezo do mundo.



QUELLE doutor celestial Christo nosso Deos, q̄ veo do ceo á terra abrimos & mostrarmos o caminho da saluação, & se constituyõ & offerreceo em sacrificio no altar sacratissi-

DA LEMB. DA MORTE

mo da vera Cruz, pera que com seu sangue lauasse nossas culpas, & com suas chagas curasse as nossas, & cõ sua morte nos desse a vida, saindo hũ dia do templo de Ierusalem com seus discipulos nos ensinou a consiração, que auiamos de ter da fim das cousas & da nossa mesma fim. Por que mostrãdolhe os discipulos o tẽplo, & falãdolhe naquelle alto & nobre edificio, como espãtados de seu grande artificio & sumptuosidade, lhe disse elle: Vedes vos tudo isto? Digouos em verdade que a de ser derribado & destruido, & que ha de vir tempo, que nam fique pedra sobre pedra. Quis o Senhor ensinarnos, q̃ quando se nos apresentassem, & possessem diante dos olhos cousas grandes & sumptuosas, que acudissemos logo com a lembrãça da fim, porque ella he agoa, com que se tẽpera o vinho das cousas desta vida, que bebidas puras nos podem toruar & fazer perder o juizo. Vemnos á memoria hũa cousa delectosa & de nosso gosto,

mas

Nath. 24

Mar. 13.

Luc. 21.

mas cousa que nos pode enlear, & por em
 risco de perder a Deos, anemos de ter
 prompto o remedio, & acudir logo com
 presteza com a memoria da fim, & cuy-
 darmos que tudo aquillo ha d'acabar, &
 nos com elle, & que se aquillo nam aca-
 bar tam asinha, ao menos acabaremos
 nos. Desta reposta & doutrina de Chri-
 sto tomarão os discipulos motiuo pera
 lhe perguntarem, quando auia de ser a
 fim do mundo. Mas porque o saber isto
 nos nam era necessario, nam quis nosso
 Senhor declarar o dia da fim dos homens
 em geral, nem de cada hum em especial:
 mas disse muytas cousas de grande dou-
 trina, & trouxe parabolos & compara-
 ções, em que concluia que nos aparelha-
 ſemos pera a morte, & embarcassemos
 com tempo, & fizessemos alforge & pro-
 uisam de lóge, & q̄ viuessemos lébrados
 da morte, porque nam sabiamos o dia
 né a hora. Esta doutrina nos deu Chri-
 sto nosso Redēptor, & não tem ninguē

DA LEMB. DA MORTE.

nella que emendar, nem que dizer, por que a doutrina que vay ao oliuel do juizo uiuino, nam tem licença de lhe lançar o plumo o juizo humano. Per ôde está claro quam escuro he o entendimento dos que julgam por desnecessaria a lembrança da morte. O piloto pera governar bê o nauio, nam vay assentado na proa, que he o principio, senam na popa, que he a fim, leuando os olhos na agulha & carta de marear. Assi nos pera bem governarmos a nao de nossa vida, & nauegarmos ao porto da saluaçam, auemos de estar daslento na fim, que he a morte, & aparelharmonos pera ella, leuãdo sempre pregados os olhos em Christo, que he a carta de marear, p onde nos auemos de reger. Nam curemos de ir na proa, onde nã vay senão a gente bayxa & de pouco tomo. Aquelles vão na proa, q jactandose da nobreza de seus antepassados, donde trazem sua origem, se aleuantã em presumpçã & oufania, lêbrãdo se do principio, q

ouue

Compa-
ração.

ouueram, & nam da fim, que ha m dauet
 Mas nos tomado na mão o leme da ra-
 zam, & indo d'assento na lembrança da
 morte, ponhamos a proa na eterna bein-
 auēturança, & naueguemos com muyto
 tento, porque doutra maneyra será que-
 termos gouernar a vida sem leme, & ire-
 mos dar com nosco na Scila & Charyb-
 de de nossa pdição. O glorioso Iosias Rey
 que foy de Ierusalem, diz a diuina escrip-
 tura no quarto liuro dos Reys, que má- 4. Reg. 33
 dou derribar os idolos, que tinhã feyto os
 reys seus antecessores, & fazelos em peda-
 ços, & que mandou encher os altares ou
 lugares, onde elles estauam, de ossos de
 finados. Ainda q̄ esta historia no sentido
 liter al declare afé do bom Rey Iosias, & o
 zelo q̄ tinha da diuina religiã, cõ tudo
 no sentido moral per Iosias se entende
 Christo nosso saluador, pelos altares nos-
 sas almas, pelos ossos de finados a memo-
 ria da morte, & pelos idolos os peccados,
 & vaidades, & cousas do mundo, a q̄ nos

DA LEMB. DA MORTE

affeyçamos, & feruimos, & em que po-
mos nossa felicidade. Porque tãto deo-
fes damos a nosso coração, quantos são
os interesses de nossas maldades, em que
trazemos occupados nossos pensamen-
tos. E auendo nossas almas de ser altares
de Deos, fazemos dellas altares de nossos
idolos, & em vez de estarem accensas com
o fogo do diuino amor, estão enregeladas
& encarameladas com os frios ventos do
mundo. Que cousa he logo mandar lo-
sias derrubar os idolos dos altares, & que-
bralos, & em seu lugar por ossos de fina-
dos, senão mãdar Christo que deyxemos
os peccados & vaidades, em que se occu-
pam & deleytão nossos sentidos, & que
os lancemos de nossas almas, & pisemos
com os pés, & em seu lugar ponhamos a
lembrança da fim, pera que deyxados os
descuidos da vida nos occupemos nos cui-
dados da morte, trazendo á memoria os
ossos de finados, & a terra de q̃ somos, &
em q̃ nos tornamos. Naamã Syro depois

de

de limpo da lepra, pera nã adorar os idolos, pedio ao Propheta Eliseu q̄ lhe deyxalle leuar de Samaria pa Syria hũa pouca de terra entrouxada. Assi o affirmão as diuinas letras no quarto dos Reys. Nós 4. Reg. 5. pera não peccarmos, leuemos com nosco entrouxada na memoria a terra de que somos, pera não adorarmos os idolos de nossas vaydades. Se nós bem confirassemos que somos, & em que nos auemos de tornar, não ahi duuida senão que milhorariamos nossas consciências, amaynariamos as velas de nossa soberba, & meteriamos a presumpção debayxo dos pés. Assi como a bibera mata cõ sua mordedura, mas queimada, & tornada e cinza he excellentẽ remedio pa a mesma mordedura, como o refere Lactácio Firmiano, bẽ assi a soberba fantasia, & prosperidade do mundo soe a ferir nossas almas mortalmente, mas se posermos na mesma alma ferida a cinza, em q̄ se torna a mesma prosperidade do mundo, viremos a ter tal dor & cõtriçã, que

Comparação.

Lactácio

DA LEMB. DA MORTE

que fiquemos sãos das mesmas chagas. He necessario trazer na memoria a cinza, em que se tornão os reys & principes, & nos com elles, & em que vão parar os apparatus, & pompas, & sumptuosidades do mundo. Porque daqui procede darmos volta, & deixado o mundo abraçarmos com Christo, quando vemos que aquellas cousas, que o mundo chama altos estados, todas acabã & se consumẽ.

Compa. razão. Assim como as ondas do mar se quebrão e terra, & por grãdes & furiosas q̄ venhã, tão q̄ dã na praya, se desfazẽ, assi os reys & principes tocando na terra da sepultura se acabão, & por altos & poderosos que pareçã, tanto que dã na praya da morte, fenecem. Mandaua Deos no **Leuit. i.** Leuitico, que hũas aues que lhe auião de offerrecer, fossem depenadas, & que as penas fossem lâçadas no lugar, onde se soya lançar a cinça a par do altar, pera a parte do Oriente. Que cousa he esta Senhor? Não tomareys estas aues por depenar?

E ja

E ja que as não quereis senão de penas, não bastará lançar as penas onde quer, senão que per força hão de ser lançadas na cinza? E ja que quereys que estas plumas sejam metidas nū monte de cinza, não bastará lançalas nella da banda do Occidente, senão que necessariamente as auemos de lançar pera onde nasce o sol, & não pera onde se põe? Que particularidades sam estas? Nem isto carece de mysterio, nem o mysterio de ponderação. Bem poderá dizer a escriptura que offerecerão a Deos hūas aues, mas apontar tantas cerimōnias, & particularizar tão miudas circunstancias, he querernos excitar ao entendimento desta figura. Que penas sam estas, senão nossas fantasias, que nos trazem pelo ar? Nos somos as aues, que auemos de ser a Deos offercidos em sacrificio, & perpetuo holocausto. Mas pera que este sacrificio seja a Deos accepto, he necessario que depenemos as plumas de nossas vaydades, & que as lancemos no
 lugar

DA LEMB. DA MORTE

lugar da cinza, na lembrança da cinza, q̄
somos, que as emburilhemos neste mon-
turo de cinza cuberto com hũa pelle, &
que as reuoluamos na memoria, do que
auemos de ser. Quem he tão transporta-
do & esquecido de si, que se quiser atten-
tar, não veja que he pó & cinza? Quem
ahi que senão desfaça em terra? Quê foy
que tal não fosse, & quê será que tal não
seja? Quis nisto significar o alto Deos, que
tanto que nos vier ao pensamento algũa
 vaidade, acudamos logo com a meditaçã
de quem somos, & de quê auemos de ser.
O quem visse depenadas todas as plumas
de sua presumpção & oufania, & metidas
antre a cinza da lembrança da morte. E
porque, como diz Gregorio Nazanzeno
no seu primeyro liuro da theologia, o bẽ
não he bem, se senão faz bem, porque nã
abasta fazer cousa bõa, se a tenção he má,
diz a escriptura que isto se ha de fazer pe-
ra a parte do Oriente, & não pera o Oc-
cidente, significando que nossa tenção
ha

Nazáze.

ha de ser posta em Christo, & que a elle auemos de dirigir nossas obras, & não ao mundo, que he Occidente, onde se põe o sol, onde se perde a luz, onde fenece & se consume o resplendor, ficando a terra nua de claridade, & cuberta de trevas, que a escura noyte do peccado traz consigo. Mas auemos de leuar os olhos da alma pera onde os guiar o diuino amor, pera Christo nosso Deos, a quem os prophetas chamão Oriente, porque d'elle vem a diuina claridade. Lancemos logo as penas na cinza pera o oriente. porque pouco nos aproueytará a lembrança da morte, se com ella nos não excitarmos a seruir a Deos, & a tomalo por aluo, onde vã parar as setas de nossas obras, palauras & pensamētos. Mas a lembrança da morte desta maneyra he grãde remedio pa a vida. Isto parece q̄ quis Deos significar pelo propheta Ezechiel aos. ix. capit. de suas visões, onde diz q̄ mādou Deos a hũshomēs q̄ mata sē quãtos achassem em Ierusalē,

saluo

Ezech. 9

DA LEMB. DA MORTE

saluo os que estiuessem affinados com a
 letra Tau, que he a derradeyra do a b c
 hebrayco. Algũs querem dizer que esta
 letra he hũa Cruz, & que queria Deos dar
 a entender, que viria Christo ao mundo
 remilo pela Cruz, & que sòmente se sal-
 uarião os que tiuessem a fé catholica, &
 fossem affinados com a Cruz de Christo,
 & que todos os outros morrerião pera
 sempre. He esta interpretação affaz pia &
 deuota, & fora ella muyto pera seguir, se a
 letra fora Cruz, mas está claro que não
 tem feyção d'isso no hebrayco, como sa-
 bem todos os que o sabem. Bem pode ser
 que naquelle tempo em que o propheta
 Ezechiel isto escreueo, tiuesse esta letra
 figura de Cruz, porque a mĩ me lembra,
 que li em sam Ieronymo nos commen-
 tarios sobre este lugar, que em seu tempo
 vsauão os Samaritanos de cruz em lugar
 desta letra, sem embargo que os Hebreos
 a escreuião então, como agora a escreuẽ.
 Mas ja pode ser que teriao es Hebreos
 mudados

Hieron.

mudados os seus proprios caracteres das
 letras, & que ficarião aos Samaritanos, os
 quaes reterião as antigvas figuras & fey-
 ções das letras, que tomarão do hebraico.
 Porem isto he conjectura somete. O que
 me a mí parece, saluo o melhor juyzo, he
 que per esta letra antre os Hebreos se en-
 tendia a fim, por ser fim do alfabeto he-
 brayco, assicomo antre os Gregos per esta
 letra Omega, por ser a final do alfabeto
 grego. Logo trazer o Tau assinado na
 testa he trazer a fim debuxada & impres-
 sa no pensamento, & a morte escripta na
 memoria. E he o sentido, que máda Deos
 que mourão, os que senão lembrão que
 hão de morrer, & que tenham vida, os que
 se lembrão da morte: Porque hũa das
 cousas que muyto excita ao caminho da
 vida sem fim he a memoria da fim.

CAPITULO III.

Do proueyto da meditação da cinza que
 somos, & do damno do amor
 do mundo.

Pp

Agora

DA LEMB. DA MORTE.



Gora me parece, disse o filho, que isso quer significar a igreja, quando o primeyro dia da quaresma nostraz á memoria quem somos, & nos põe na testa a cinza, que he o tau, de que fala Ezechiel, & a lembrança da morte, com que auemos d'andar afinados, & que de uemos trazer impressa na memoria. E declarãdo p palauras aquella obra & representação diz. Lembrate homẽ q̃ escinza, & em cinza te has de conuerter. Nã sey se digo nisto mal. Nã dizes, disse o pay, senão bem. E ainda te digo que diz o Senhor no Euangelho desse dia, que quando jejũarmos vntemos as cabeças, & a igreja vntanolas com cinza, porq̃ não haão suaves perfumes & excellentes ingoẽtos como a lembrança da morte. A confissão he hũa chaue q̃ desfecha todas as portas. Se quiseres entrar no paayso cõ passos d'alma, & cuydar na gloria dos santos, q̃a te inflãmares no desejo de tãmanha

nha bemaumenturança, com a chaue da
 confiração o podes fazer. Isto he o que
 dizia o diuino Paulo aos Philippenses.
 A nossa conuerfação he nos ceos. Poys
 ao inferno tambem podes ir, & desfe-
 chala com a mesma chaue, pera que cuy-
 dando nos tormentos dos damnados te
 apartes das culpas merecedoras de taes
 penas. E não te pareça que he má esta ro-
 maria ir de quando em quando ao inferno
 cõ o pensamẽto ficãdo viu o em terra, q̃ nã
 he senão muyto bõa. Mas deyxadas estas
 & outras cõfirações venhamos á que faz
 mais a nosso pposito. Hũ peccador gouer-
 nado p̃ seu dãnado appetite anda fora de
 si, e tãto q̃ está aferrolhado & fechado a si
 mesmo: & pera tornar a si he necessario
 desfecharse com a chaue da confiração.
 Isto he o que querem significar aquelles
 brados de Deos escriptos pelo seu prophe-
 ta Esaias: Redite præuaricadores ad cor:
 como se dissera. Homẽs esquecidos & a-
 longados de vos, quebradores & despre-

202 DA LEMB. DA MORTE.

Luc.15.

zadores da minha ley fazei volta & tornat
em vos, que nam ha cousa tam longa de
vos como vos. E nosso redemptor falan-
do em S. Lucas do filho prodigo & desper-
diçado diz, que tornou em si, & se cõuer-
teo. Se tornou sobresi, logo antes nã an-
daua e si. Sabes q̃ cousa he quarta feira de
cinza, he o dia em q̃ a igreja nossa Madre
mete na mão a cada hum de nós a chaue
da cõsiraçam de quem somos, & auemos
de ser, dizendo: Lembrate homem que es
cinza, & nella te has de tornar: como se
differa: desfecha a porta de ti mesmo, entra
em ti, & verás quem es, verás hũa casa de
taipa, & a taipa de cinza, & dentro nella
tudo cinza: em fim verás hum edificio de
cinza fraco & quebradiço, que e breue a
de cair, & desfazerse e cinza. Apartete de
ti descuidos, tornem te sobre ti lembranças:
iembrete q̃ escinza & em cinza te has
de cõuerter. A aue Fenix, depois de tam
velha que nam pode voar, dizem que se
queima & se conuerte e cinza, da qual
torna

torna a renascer outra Fenix, & renouada da cinza voa tão altamête, que penetra as nuuens com suas asas: assi nos pera nos renouarmos, & subirmos aos ceos cõ o pensamento, tornemonos em cinza cõ a meditaçam, abaixemonos per humildade, & conheçamos quẽ somos, & quẽ auemos de ser. A cinza lãçada pelo ar não fomêtenão aproueita, mas dana cegando aos que a lanção, & se esta no chão conserua as brasas, que se não apaguẽ, assi o homem leuantado em vaidade não ferue mais que de cegar ali mesmo, mas humildandose conserua em si o fogo do amor diuino. Diz a diuina escriptura no Exodo que de Moyses lãçar pelo ar a cinza do Egypto nascerão aos Egycios grandes chagas & postemas. Que cinza do Egypto he esta senão nos mesmos. Donvem os inchaços de nossa soberba, sen d'andarmos pelo ar de nossa presump & vaidade? A isto nos quer Deos atalh dizendo no Ecclesiastico: Qui super-

Exod.9.

DA LEMB. DA MORTE.

terra & cinis? Donde vê ao homê tanta
oufania, & fantasia, & arrogancia, de q̄ se
emsoberbece a terra & a cinza? Está nos
Deos mostrádo quẽ somos, & declarádo
a origẽ de nossa nobreza, pera q̄ como pa
uões no meo de nossa vaydade olhem os
p̄ os pés, cõsiremos a terra & cinza, de q̄
somos, & desfaçamos a roda de nossos en
ganos. Ia q̄ somos cinza, saibamonos apro
ueitar de nos. A cinza aproueita p̄ a decoa
da, com q̄ se tirão grãdes nodas. Decoada
nã he outra cousa senã agoa coada p̄ ciza.
Que cousa sã lagrimas senã decoada, & q̄
decoada he esta, senã agoa estillada p̄ nos
que somos cinza? Esta he a decoada, cõ q̄
deuemos lauar as nodoas, q̄ os peccados
fazẽ e nossas almas. E aĩda q̄ neste mũdo
hũs tẽ mays outros menos, hũs sã senho
outros seruos, hũs reys outros laurado
, todauia tãõ cinza sãõ hũs como os ou
os. Cinza enfronhada em olanda & cin
metida em faco de liteiro todo he cin
tãõ cinza he a vestida de fina seda co
mo

mo a cuberta cõ grosso burel. Bem q̃ em
quãto dura a vida hũs tẽ mays valia antre
os homẽs, outros menos, mas na morte to-
dos sam igoaes. No jogo do enxadrez ha
diuerſas peças, rey, toque, piães, & outras
muitas, & em quato dura o jogo hũas va-
lẽ mays, outras menos, mas o jogo acaba-
do todas as peças sam miſturadas com as
outras ſem differença, & igoalmente me-
das no ſaco dos rebelhos, & como os mo-
res peſão mais, elles ſão os q̃ pela mór par-
te ſe vão primeyro ao fundo: Bẽ aſſi em
quãto dura eſta vida, hũs ſam de mays al-
to tomo & excellente luſtro q̃ outros, hũs
ſam principes outros vaſſallos, hũs fidal-
gos outros piães, mas acabada a todos ſam
tornados em terra ſem differença, & igoal-
mẽte metidos neſſe ſaco da ſepultura, &
ainda te digo q̃ os mais poderoſos eſtes ſã
os q̃ puẽtura darã mais aſinha cõ ſigo no
inferno pa ſempre: o q̃ elles poderã eſcu-
ſar, ſe ſe ſouberão lêbrar da morte, & tra-
zer na memoria aſim das couſas do mũdo.

Compa-
ração.

DA LEMB. DA MORTE

Iacob & Esau filhos de Isaac & Rebeca forão gêmeos, & diz a escriptura q̄ estãdo ambos no ventre de sua mãy pa nascer o Iacob pegava nos pés a Esau. Per Iacob que se regeo pela razão se entendem os prudentes, & per Esau que se entregou a seu desejo, & perseguiu a Iacob, se entende o mundo. Que cousa he tirar Iacob pelos pés a Esau, senão que os prudentes hão de pegar na fim das cousas do mundo, que sam os pés, & cüyando que tudo ha de fenecer hão de trazer a imagem da morte ante os olhos do entendimento? Sam essas comparações & authoridades & figuras, disse o filho, tão accommodadas ao proposito, q̄ parece q̄ não ahi outras, que se possam com ellas igoalar. Antes si auerá, disse o pay, mas não as sey eu buscar nem applicar, ca não he meu nem de quem quer entender os sentidos literays, & muyto menos os mysterios, que jazem metidos no profundo mar das diuinias letras. Sam Ioão Chrylostomo cõ-

para

para isto á pescaria das perolas. Porque as Compa-
ração.
 fi, diz elle, como as perolas estão debayxo
 do mar metidas em côchas, & pa as tirar
 he necessario mergulhar muyto ao fun-
 do, assi muytos mysterios diuinos estão
 encerrados em palauras na altura do sen-
 tido da escriptura sagrada, q̄ pera os tirar
 á mister pescar ao fundo. E assicomo nem
 todos podem mergulhar a tirar as pero-
 las se não os mestres & officiaes, assi pe-
 la mor parte não entendem bem os pro-
 fundos mysterios da diuina escriptura se
 não os spirituaes, & que nella sam verla-
 dos. E se bem estiueste attento, verás que
 estes lugares, que alleguey, não sómente
 nos ensinão lêbrarmonos da morte, mas
 ainda desprezarmos o mundo, porque do
 hũ se segue o outro. E ainda que a memo-
 ria da morte não trouxesse comsigo mais
 bem que o desprezo do mundo, este ba-
 staria & seria grãdissimo. Porq̄ he elle hũ
 abyssmo de males, & hũ embaydor que
 nos traz embaydos, & anda zombando

DA LEMB. DA MORTE

com a vida & com a honra, & he hū tre-
 jeytador, q̄ joga com nosco o passē passē.
 E não te pareça que digo isto de minha
Plotino. cabeça, porque Plotino philosopho Pla-
 tonico lhe chama magico & feyticeyro,
 que com nos roubar as vōtades, nos traz
 como encantados, sem o entendermos.
 Por isso compre vigiar, viuet cō cautela,
 & afinar o entendimento, pera não ad-
 mitirmos seus enganos. E em sentindo q̄
 se começa acender algũa faísca de seu a-
 mor, a auemos logo d'apagar com a lem-
 brança da morte, porque se não vá atean-
 do, & dūa faísca se faça grande incēdio.
 Porque he tão prejudicial este amor, que
 tanto que entra nūa alma, quer logo to-
 mar posse della, & aleuantarse cō a me-
 nagem, & a ferrolhar a razam, & tela pre-
 sa em ferros. E pa ter tyranizada a alma
 desta maneyra lhe dá lá não sey que fal-
 sos contentamentos, com que ella quer
Nazáze. bem a seu mal. Gregorio Nazanzeno, a-
 quelle a quem os antigos per excellēcia
 chama

chamarão o theologo, definindo o amor
 do mundo diz que he hũ doce tyranno. Hieroni.
 Sam Ieronymo chamalhe esquecimen-
 to da razão. E com razão, porque onde o
 ha, nam a ha. Plotino chamalhe pintor, Plotino.
 que nos engana com suas falsas imagens
 de fermosura sem o entendermos. E mal
 diria quem dissesse que diz elle nisto mal.
 Porque como diz Menandro, o amor do Menádr.
 mundo traz na mão as treuas, com que es-
 curece o coração. Donde diz Plutarcho Plutare.
 que o que he de tal amor inflammado,
 está enganado & sem vista. E Quintilia-
 no afirma que os amantes não podem Quintil.
 julgar da fermosura, por carecerem de
 vista. E da qui vierão os antigos a pintar
 o amor cego, porque cega os olhos do en-
 tendimento, de tal maneyra que não vê
 sua perdição. Porque como diz hum au-
 thor, o amor do mundo he como era, que Compa.
 indo de si lançando com q̄ vay trepãdo, razão.
 & prendendo, sóbe pela arvore cõ ajuda
 della mesma & depois afeca, assi elle sóbe
 per

DA LEMB. DA MORTE.

Celio.

per consentimēto dalma& depouys a m^{ta}
 ra. Conta Celio no v.liuro de suas liçõs
 antigvas, que estaua é Babilonia no tem-
 plo de Apollo hum cofre douro antiquif-
 simo fechado, & que abrindoo hũa vez o
 acharão vazio, mas cheo de tam mau hu-
 mor, q̄ delle sayo, que matou muyta gen-
 te. Per Babilonia, que quer dizer confu-
 sam, se entēde o mundo, & pelo seu pre-
 cioso cofre douro se entende a sua enga-
 nosa fermosura & vaidade, que ainda q̄
 de fora estē ceuando os olhos dos homēs
 todauia de dentro he vão, mas cheo de
 Pōponio tal peçonha, que deleytando de fora ma-
 ta de dentro. Conta Pomponio Mela q̄
 ha em Cilicia hũa coua muyto larga &
 deleytosa, & de graciosos aruoredos na
 entrada, & que quanto mais vão per ella,
 tanto se mays vay apertando, & estreytã-
 do, & escurecendo, até que os que vão per
 ella, vão dar comfigo em tal parte, que a
 não sabem de si, porq̄ se achão metidos
 nũa maneyra de labyrintho, donde senã
 sabem

sabem sayr. Assim o mundo logo no principio promete cōtentamentos, & altas empresas, conuidandonos com grandes esperanças, que em fim nunca vem a ser mays que esperanças, até que nolas faz perder, & quãto mais nos metemos nelle, tanto mays nos enreda & embaraça, ate nos trazer a tal enleo, que lhe entregamos nossas vontades, sentidos, & pensamentos, dias, & annos, & quanto temos, sem nos dar de nada conta, nem nós a termos com nosco. Qual conta? Nem caymos nella, pera lha pedirmos, nem elle a tem, com nola não dar. Isto faz elle aos seus, sem o elles acabarem dentēder, aleuantaos pera os derribar, honraos pera os destruyr. Quantos vimos ja que andauão bufando priuança, mays soberbos que Anibal com a victoria de Canas, trazendo diante de si mays mares de soberba, que hũa balea, quando vem soprando, & depoyz vierão a cayr, & ser rodilhas, em q̃ os outros alimpauão os pes, & virã

corta

 Compara-
 ração.

DA LEMB. DA MORTE :

cortados é breue espaço todos os enxer-
tos de suas esperanças, q̄ muito tēpo auia
que crescião, sem ainda darem fructo. O
falsas esperanças do mūdo, ó vãos & en-
ganosos cuidados dos mortaes, q̄no meo
da viagem se espedaçam, & antes que ve-
jam o porto, se perdem & vam ao fundo.
Diz Solino que ha hi duas fontes de tal
natureza, que quem bebe dūa, ri tanto q̄
morre, porem selhe acodem com a agoa
da outra, deixa de rir, & viue. A primeyra
destas fontes he o esquecimento da mor-
te, & a segunda a lembrança della. Bebē-
do na fonte do esquecimento, rimos sem
rino, & deleitamonos nas cousas do mū-
do, indo rendidos a nossos appetites, cor-
rēdo tras elles a redea solta, até darmos
cōnosco em casa da morte sem fim. Porē
se acudimos com tempo com agoa da
outra fonte, que he a lembrança da mor-
te, tornamos sobre nos, & deyxadas as
vaãs & falsas deytações do mundo con-
uertemos nossos risos em lagrymas, &
noss

Solino.

Compa-
ração.

noſſa alegria em dor & contrição. Fuja-
mos logo da fonte do deſcuydo da mor-
te, & bebamos na fonte da lembrança
della, pa q̄ acabada a jornada vamos be-
ber á gloria no rio da ſuaue fattura &
eterno contentamêto. Deſprezemos na
terra a morte, pera alcançarmos no ceo a
immortalidade. E ſe querermos bem vi-
uer, não eſtimemos por ſeruiço de Deos
morrer. Porque aquelles ſe pode dizer q̄
viuem, que deſprezão a morte, eſtando
aparelhados pera ſatisfazer com a tráſi-
toria vida ao que deue á perpetua honra.

CAPITULO V.

¶ Do aparelho pera a morte, & do temor
& deſprezo della, & da conta, em
que a teueram os antigos.



ũa duuida, diſſe o filho, ſe
me offerece a mĩ, q̄ queria q̄
me ſenhor declaraffeis. Que
duuida? Diſſe o pay. Eu lha
dizey, respondeo o filho. E he ſobre iſſo q̄
diz, que auemos de deſprezar a morte.

A lem

DA LEMB. DAMORTE.

A lembrança da morte causa temela, & por isso nos deuemos de lembrar della para a temermos. E pelo contrario o desprezo da morte causa não a temer. E por que temer a morte & não a temer são duas cousas contrayras & repunhantes, segue-se que as causas, donde procedem os taes effeytos, também antresi se contrarião & repunhão: & as causas são cuidar na morte & desprezala: logo estas duas causas se contradizē, & não se cõ-padecem nũ mesmo subjecto. Porque assi como dizemos que o fogo & agoa são contrayros, porque os effeytos, que são a quentar & esfriar, são contrayros, assi parece que podemos dizer, que a lembrança da morte & o desprezo della se contrarião, poys os effeytos, que são temer a morte & não a temer antresi repunhão. E poys o senhor diz q̃ auemos de cuidar na morte, como pode ser isso, que agora acabaua de dizer, q̃ a auiamos de desprezar? Tu disse o pay, tomaste dous principios

pios ambos falsos, & porisso não he muyto ser falsa a cõclusão. Ohũ hẽ o que diseste dos effeitos. Porq̃ bem pode ser que dous effeitos sejam cõtraytos, sem serẽ contraytas as causas efficientes. Queres ver isto? Mete hũ pao nũ forno, & ouro ẽ outro: o pao farscha impuro, & escuro, & o ouro ficará apurado, & resplãdecẽte. E bẽ ves que os fogos não sãõ cõtraytos, ainda que sejam contraytos seus effeytos. E o mesmo fogo endureceo o barro, & abranda a cera atẽ a derreter, assicomo tambẽ os rayos do sol que fazem o rosto negro & o linho aluo. Assi que claro esta, que não hẽ verdadeita a proposição, que tomauas. O outro principio falso, he isso que dizes, que a lembrança da morte causa temela, & que porisso nos auemos della de lembrar pera a temer. Antes de cuydar na morte procede não a temer. Por que de cuydarmos nella procede aparelharmonos pera ella, & de estarmos pera ella aparelhados nasce não a temermos

Comparaçam.

DA LEMB. DA MORTE.

Bernard E daqui veo São Bernardo a dizer nũa epistola que o seruo de Deos, dado que não escapa da morte, ao menos não a teme: porque a virtude o faz estar prôpto

August. pera morrer: E sancto Augustinho diz q̄ o demasiado arreceo da morte vem de Seneca. ter pouco aproueytado na vida. E Seneca a conselha, como te agora antes dizia, que cuydemos na morte pera a não temermos. Porque do cuydar nella vem aparelharmonos pera ella, & de nos pera ella aparelharmos se segue não a temermos. E não digo eu que nos lembremos da morte pera a temermos, senão pera nos pera ella aparelharmos, porque então he proueytosa a lembrança da fim quando a dá a nossos peccados. Grande sciencia, disse o filho, será saberse hũ homẽ aparelhar pera bem morrer. Hé, disse o pay, hũa das mores, & may: altas que ha no mundo, & hũa das mais esquecidas q̄ ha nelle. Se hũ homẽ se aparelha p̄ hũa festa não sabendo se hade chegar a ella.

como

como se não aparelha pera a morte, a que
 sabe que necessariamente hade chegar?
 Encomendote muito este aparelho, pera
 a morte: espera a em todo lugar poys
 em todo lugar te espera. Estandoa com
 esta lembrança esperando não a teme-
 rás. Verdade hé que da lembrança da
 morte nasce hum temor, mas não della,
 senão da conta que nos Deos hade pedir,
 & que por força auemos de dar? E o te-
 mor desta conta nos faz tela com nossa cõ-
 sciencia, donde nos nasce deixarmos o a-
 mor do mundo, & abraçarmonos no de
 Deos, de que procede por vezes dezejarmos
 partirmos já desta vida, por gozarmos de
 Christo na sua gloria. Homem que hade na-
 uegar pera longas terras, & nem té feyta
 matalotajem, nem fato entrouxadao, nem
 auidados seus negocios, sempre lhe parece
 que estão as naos depressa, & q̄ partem já.
 E dalhe muita dor, quando lhe lembra, q̄
 hão de partir estado tão desaperebidos; mas
 os q̄ tem auiado tudo, dejejão partir,

Cõpara-
cam.

DA LEMB. DAMORTE.

E a pressa lhe parece tardança. Parte a armada deste mundo pera o outro, & forcadamente hade partir: os descuydados de sua alma, que nem tem pago o que devem, nem se tem tirado dos peccados, nẽ pedido perdão aos que perseguirão, nem feito nada em cousas importantes, & summamente necessarias a suas consciencias, parecelhe que està a armada a pique, & que começão já aleuantar as ancoras, & a tardança julgão por pressa, & temem a partida, pera a qual forão descuydados: mas os justos, & que tem sua alma ordenada, viuem sem estes temores, & de tal maneyra desprezão a morte, que por nenhũ medo d'ella deyxão de fazer o que deue, antes estão determinados de morrer por Christo, quando for necessario, estimando a elle muyto mais q̃ a vida sem comparação. Nem entendas q̃ digo eu que não temamos em nenhũa maneyra a morte, porq̃ he tão natural este temor, que não podemos naturalmente deyxar

deyxar de ter algũ, mas digo que a não
 auemos de temer de tal maneira, que este
 temor nos faça fazer o que não deuemos.
 E a isto chamo eu não a temer. E cha-
 mo desprezala estar hum homẽ apare-
 lhado pera morrer, antes q̃ cometer hu
 peccado mortal. Vês logo aqui como a lē-
 branca da morte, e o desprezo della não
 repunbão: antes tomando estas duas cou-
 sas da maneira q̃ digo, andão tão liadas,
 que estão bẽ loõoe de serem nũca hũa
 da outra. Sancto Ambrosio diz assi: *Ambros.*
 Se es forte despreza a morte, e se es fraco
 fugelhe, mas de tal maneyra fuge da mor-
 te temporal, que não vas dar na eterna:
 porque ninguem pode fugir da morte
 senão seguindo a vida, e a vida de Chri-
 sto. Periandro diz, que dezejar sem neces- *Periand.*
 sidade a morte he mau, mas que temela
 he pior. Quinto Curcio diz, que dos va- *Quinto*
 rões fortes mays he desprezar a morte, *Curcio.*
 que auozrecer a vida. Querem dizer es-
 tes authores, q̃ os varões esforçados, e de

DA LEMB. DA MORTE

altos animos hão de desprezar a morte, não por odio da vida q̄ acaba, mas por amor da honra q̄ permanece. E como esta hōra cōsista na virtude, & a virtude em seruir a Deos segue-se que haueremos de desprezar a morte, quando assi compriir ao seruiço de Ch̄ro. E como para este seruiço de Christos excite muyto a lembrança da morte, segue-se que não repunha esta lembrança cō este desprezo. Quem tinha mays lembrança da morte que São Ieronimo, & quem mais desprezo della que elle? Lê as suas obras, & verás hũa cousa, & outra. Toma nas mãos hũa epistola, que mandou a Cypriano, vê o prologo que fez sobre Esdras, lê hũ pouco pelos comentarios, que fez sobre os Profetas, onde elle abriu a porta de sua tenda, & mostrou as ricas sedas & borcados de sua sapiencia, & verás quão pouco temia a morte, & quão se lembrava della. Olha pera a sua imagoẽ, & veloás nũ aspero deserto, banhado é laõrmas ferido seus peitos, & cō hũa caueira diãte

Hieron.

te

te. Naquelle dura, e espãtoſa penitencia
 veràs como deſprezaua a morte e na cauei-
 ra diante como ſe lembraua della. E pera q̃
 venhamos á ſagrada eſcriptura, dizem e
 aquelle ſantiffimo Propheta, e ſereniffi- Pſal. 9.
 mo Rey Dauid, que lauaua de noite o ſeu
 leyto, e olbando por ſi ſe achaua nua la-
 goa de ſuas laorimas, com que regaua ſeu
 eſtrado, e tinba a cabeça como conuerti-
 da em fonte, e ſeus olbos em bicas de ſuas
 lagrymas, não dezejaua elle a morte. Lé os Auguſt.
 ſeus pſalmos, e veràs quantas vezes ſuſpi-
 raua, e ſalucaua por ella. Ay de mi, dizia Pſal. 119.
 elle, que minha peregrinacão hé perlógada.
 E noutra parte. Aſſi como o ciruo deſeja Pſal. 41.
 as fontes das agoas, aſſi dezeja minha alma
 de vos ver a vós meu Deos. Há minha al-
 ma ſede da fonte da vida, ah quando ſerã
 já o dia que me heide partir, e apparecer
 ante a fãce de Deos! Eſtando meus olbos e-
 ſtillando lagrimas de meus deſejos, as qua-
 es me ſeruem de pão, e mantimento,
 de dia, e de noyte. Com eſtas palauras

DA LEMB. DA MORTE.

soydoſas eſtaua o bom amante explican-
 do os abraſados deſejos, que tinha de ſe-
 ver com Deos na ſua gr̃acia, e o ſentimẽ-
 to que tinha de ſeu longo deſterro, en-
 uolto em lagrimas, em que o feruente
 amor fazia experiencia de ſeu ſenti-
 mento, e ſoidade. Chamaua a Deos fõte
 de vida, cuja ſede o tinha inflamado, e a ſi-
 ceruo ſequioſo, ligeiro, e corredor ſobre
 os outros animaes: o qual como dizem os
 Auguſt. naturaes, e o affirmã ſancto Auguſti-
 nho, mata as ſerpentes, e depõys que as
 tem mortas, corre com mór ſede, e ligei-
 reza à fonte das viuas agoas, porq̃ mor-
 tos os peccados que ſão as ſerpentes, ſus-
 pira a alma com mór feruor por aquella
 fonte da vida, que hẽ Chriſto noſſo Deos.
 E hẽ de notar que o titulo deſte Pſalmo
 he eſte. Pera a fim, entendimento aos fi-
 lhos de Core. Como ſe diſſera: Eſte Pſa-
 lmo he dirigido a Chriſto, que hẽ o fim a
 que hão de ſer dirigidas noſſas couſas. E
 he eſte Pſalmo hum entendimento, que
 con-

conuem aos filhos da caueyra. Porque core na lingua Hebraica quer dizer caueyra, como affirmam sancto Augustinho na explanacão dos psalmos. Que se entende pela caueyra, e ossos de finados, senão a lembrança da morte? Não te pareça q̄ dezejava este sancto Propheta, e real psalmista a morte, por escusar os trabalhos da vida, nem como desesperado, porq̄ isto he fraqueza, e culpa: mas lembrava-se da morte, e dezejava-a, pera se ver com Deos, cujo amor o tinha nelle transportado. E isto he perfeicão. Assi interpretão muytos aquelle Psalmo, sem embargo que outros lhe dão outros sentido, e ambos podem ser verdadeyros. Quando Periandro affirmava, como te agora antes dizia, que era mau dezejar a morte, entendia do desejo procedido de odio dos trabalhos da vida, e não do amor de Christo: porque dezejar de morrer por amor de Christo he cousa gloriosa, conformando sempre este dezejo com a diuina vontade. Aquelle di-

August.

DA LEMB DA MORTE.

uino Paulo, aquella docayna euangelica
 aquelle vaso escolhido, não dizia q' a sua
 vida era Christo, & que a morte lhe era
 preueyto? Lê a Epistola, que escreueo a
 Philippi. os Philippenses, & velo às. E logo mais a
 baixo diz, que dezeja ser morto, & desatado
 & estar com Christo. E depois vindo o tem-
 po de seu martirio hia tam alegre pera a
 morte, como se fora celebrar alouãas gran-
 des vodas. Estando elle prezo em Roma nua
 aspera, & escura cadeia, que depois foy con-
 sagrada em igreja, & he agora orago
 de Sam Pedro, & Martiniãno, na qual
 eu per vezes entrey, lhe derão nouas de sua
 morte, as quacs elle recebeu com grande
 contentamento. E logo foy leuado pela
 via Ostiense hua legoa de Roma, onde
 lhe cortarão a cabeça, que deu tres saltos
 em terra, onde se logo marauilhosame-
 te abrirão tres fontes d'agua, que ain-
 da hoje em dia durão, porque o quer
 Deos assi pera memoria daquelle mi-
 laore, as quacs eu vi com meus olhos, &
 ainda

ainda te digo que bebi dellas. Aquella
 multidão de martires q̄ morrerão pella fé
 de Christo nosso Deos, quem podera expli-
 car o Sancto aluoroco, & feruente amor,
 com que caminhauão pera a morte.
 Chorauão os amigos, & parentes que
 os acompanhauão até o lugar do mar-
 tyrio, & representando com lagrimas o
 seu sentimento, fazião triste pranto, dize-
 do hũs aos outros com alternada dor, &
 soydade tão magoadas, & lastimosas pa-
 lavras, q̄ antre indomitos tigres, & bra-
 uos liões podião fazer impressão. Mas
 nem por isso os algozes dexauão de lhe
 dar a morte, nem aos sanctos pesaua com
 ella. Antes com inextimauel alegoria &
 feruor dezejauão já de se verçò seu Deos
 na sua bemauenturanca. Querião an-
 tes perder a vida, que a fé, & marauilho-
 sa constancia, & embebidos na diuina cha-
 ridade não tinhão em conta os cruelys ty-
 rannos, nem seus terriueis tormentos, q̄
 nunca os asperos desertos de Arabia, nem
 os

DA LEMB. DA MORTE.

os espantosos ermos da Ethiopia, nem as
 brauas montanhas de Lydia criarão tão
 feras serpentes, tão temibeyes, & crueys, co-
 mo erão os tyrannos. Mas os gloriofos
 martyres entrauão por meo das chamas
 & dos cutellos, como per suaues, & de-
 leitosos jardins. Não auí tormentos por
 asperos, & exquisitos que fossen, que os
 espantasssem. Deleytauão se em morrer
 por quem morreo por elles, não querendo
 por medo da morte deyxar a verdadeyra
 vida, antes com penetratiuas palauras,
 & suspiros saydos do intimo de seu pey-
 to mostrauão o desejo que tinhão de já
 partir. Sam Basilio declarando aquel-
 las palauras do bom velho Simeão, que
 são Lucas escreue no segundo capitulo
 de seu sagrado Euangelho, Agora dey-
 xay senhor o vosso sexuo ir em paz, se-
 gundo a palaura que dado tinbeis. Diz
 que se attentarmos pera as vozes dos ju-
 stos, acharemos que todos gemem cõ a
 triste tardança, & detença desta vida

Hay

Hay hi duas vidas, bũa neste mundo, &
 outra no outro, & a morte he fiuella que
 ajunta estas duas vidas. E sayndo o san-
 tes martyres desta trabalhosa entrão na
 outza descansada: saindo desta vida, que
 he perlongada morte, per meo da breue, &
 gloriosa morte entrão naquella vida, q̃
 he eterna, & verdadeyra vida, onde há
 vida sem morte, luz sem treuas, aleoria
 sem tristeza, descanso sem trabalho, & fi-
 nalmente onde está o sumo bem, a quem
 do qual ficão todos os bens, & todos os bens
 que são contrayros a este bem, estão tam
 longe de ser bens, que são males. Antes
 da morte de Christo Iesu, não era muito
 ser a morte temida, poys por mais sã-
 tos que os homens fossem hiaõ ao limbo
 lugar que era dos justos. Mas como o san-
 gũe de Christo foy chaue, que desfechou
 a porta do parayso, & a deixou aberta
 pera todos os justos, & está o bom Iesus com
 os braços abertos pera os receber, & fazer
 participantes do seu reyno, não ha hi ra-
 zão

DA LEMB. DA MORTE.

para os bons Christãos terem o arreceo, que tem os gentios, pois nosso Saluador com sua morte temporal nos liuro da eterna, e como diz S. Paulo escreuendo aos

Rom. 4. Romanos, foy entregue por nossos delictos, e resurgião por nossa justificacão. E pois elle resurgio, tambem nos auemos de resurgir, pois elle com sua morte matou a morte. Se em hum sepulchro cerrado meterem hũ homẽ viuõ, dahi a tres dias o acharão morto. Foy metido no sepulchro Christo morto, e dahi a tres dias sabio viuõ. Aqui se mudou o curso da natureza: foy a vida sepultada no sepulchro da morte. Porque Christo hé vida, como

Ioan. 14. elle diz em S. Ioão: E foy a sepultura da morte casa da vida, e resurgio a vida ficando enterrada a mesma morte. Assi

Osea. 13. o tinha elle dito pello Propheta Osea: O morte eu serey tua morte. Conta Solino que ha abi hũa fonte no Epiro, onde se metem hũa tocha apagada say acesa e se a metem acesa say apagada. Assi no

sepul-

Sepulchro, onde se meterem hū viuo, sairá
 morto, meterão hum morto, e saio viuo.
 Sayo viua aquella tocha q̄ alumia o mū-
 do, que de si diz per S. Ioão: Eu sou a luz Ioan. 8.
 do mundo. Da qual diz noutra parte o mes-
 mo Euangelista: Elle era luz verdadey-
 ra, que alumia todo o homem, &c. Re-
 surgio viua esta luz, e ficou apagada a
 morte. Que he de tua victoria o morte.
 Onde estão os teus triumphos? Vás mor-
 ta diante de Christo vencedor, quem vay
 nū carro glorioso triumphando de ty,
 como o tinha prophetizado o Propheta
 Abacuc, quando fallando do saluador di- Abac. 3.
 zia: Diante delle hirá a morte. Tu morte
 engoliste o nosso verdadeyro Ionas, mas
 saio uiuo ao terceyro dia: engoliste o pe-
 ra que abrandasse a tempestade do mū-
 do, e a nossa Niniue se saluasse com a
 pregacão de sua doutrina. Elle elle te vé-
 ceo, e descolou. Elle hé aquella Propheta
 q̄ saio de sua terra, q̄ deixou o castello, e for-
 taleza do padre, q̄ veio pregar penitencia a
 Nini-

DA LEMB. DA MORTE.

Niniue, que veio ensinar o Evangelho ao mundo, o qual estando no mundo enchi a o ceo, e a terra, e sendo homem não deixava de ser Deos, duas naturezas não supposto. Elle he aquelle, a quem se acompaña aquellas palavras do Propheta

Jerem. 11. Jeremias: Deixey minha casa, e minha herança, deey minha amada vida nas mãos de meus inimigos. Com sua morte foste tu morto o morte, pera que nós viuessemos engoliste, mas foste engolida. Morreo a vida, e morrendo te matou, e tu ficaste morta, e ella viua. O gloriosa vitoria, o excellente presa, o espantoso, e diuino triumpho! Quem não pasmará na consi-
 racão de tam altos mysterios! Pelo primeiro Adam entrou a morte, e pelo segundo a vida, pelo primeiro o peccado, pelo segundo a graça, pelo primeiro a pena, pelo segundo a gloria. Isto he o que diz
 1. Cor. 15. Jam Paulo na primeira epistola aos Corinthios: Pelo homem a morte, e pelo homem a resurreicão dos mortos. E assi como
 em

em Adam todos morrem, assi em Christo todos serão viuificados. Isto he do Apostolo. Pera que he logo temer a morte, poys Christo morreo & resurgiu, & poys todos auemos de morrer & resurgir? E pera que he desejar longa vida, poys nos dilata nosso desterro, & nos detem neste mar de trabalhos, sem podermos entrar no porto do eterno descanso, o que não podemos fazer senão per meo da morte, que he o cays, em que desembarcamos desta vida pera a outra? E ainda que pareça que a morte he contrayra á vida, he caminho pera ella. E daqui veo a dizer Salamão no seu Ecclesiastes, que melhor Eccles.7 he o dia da morte que o do nascimento. E nos Prouerbios diz que o justo tem a Prouer. 14. esperança na morte. E por isso não tem os justos quando morrem aquella pena, que tem os maos. Isto he o que diz o liuro da Sapiencia: As almas dos justos sam na Sapien.3. mão de Deos, & não lhe tocará o tormento da morte. Não diz que não morrerão

DA LEMB. DA MORTE.

Pfal. 27.

os justos, mas que receberám a morte com contentamento. Porque a morte dos taes, como diz o Psalmista, he preciosa em o conspecto de Deos. Pola morte de Christo a morte que era pena & tormento do peccado r, he feyta alegria & merecimento do justo. Dizeme hum martire não merece em morrer por Christo? Quê duuida nisso! Ves logo a morte, que nasceo da culpa de Adam, feyta merecimento pela graça de Christo. Nossos primeyros padres por peccarẽ morrerão, & os sanctos morrem por não peccarem. Logo a morte corporal não somente não he má, mas he bõa. Quanto mais que a vida he tão triste & penosa, que nam sey como os homens tem coração pera excessiuamente a desejarẽ. Santo Ambrosio diz que em cõparação dos males da vida, a morte he mays remedio q̃ pena. E noutra parte diz q̃ nos deu Deos a morte pa remedio & fim de males. Amiano Marcelino chama a morte fim de viuer & de doer: Salustio diz

Ambros.

2. li.
etã
ũ.

o.

diz

diz q̃ não he defaentura, mas fim de de-
 faenturas. Marco Tullio na j. Tuscula- M. Tull.
 na chama he porto, & aos longos dias ṽ
 tos cõtrayros, q̃ nos não deyxão entrar pe-
 la barra, q̃ he a morte, nosso emparo, & Euripid.
 cabo dos trabalhos da vida. Euripides diz,
 como refere Plutarcho, q̃ a vida nã tẽ de Plutarc.
 vida mais q̃ o nome, mas q̃ á verdade não
 he vida mas trabalho. E Menãdro dizia, Menádr.
 como cõta o mesmo Plutarcho, q̃ duas Plutarc.
 cousas ahi perpetuamẽte vnidas & liadas,
 & estas sam ter vida & ter dor. Os contẽ-
 tamẽtos q̃ tem hũ homẽ em cincoẽta an-
 nos, contalos ha nũ dia, & os descontenten-
 tamentos dhũ dia não os acaba de cõtar
 em cincoẽta annos. Falta vida pa acabar
 de contar os trabalhos da vida. Daqui
 vierão os Thraces, em especial aquelles q̃
 se chamauão Trausos, a auorreter a vida,
 & folgar com a morte. Solino no capitu- Solino.
 lo xv. & Pomponio Mela no segundo do Põponio
 liuro primeyro escreuem, que estes ho-
 m̃s, quãdo os mininos nascião, chorauã,
 &

DA LEMB. DA MORTE

& lamentação, & fazião triste pranto, & quando morrião, os parentes & amigos se alegrão festejando a morte com grandes contentamentos. Isto affirma tambẽ

Valerio
Maxim.
Quintil.
Herodo.

Valerio Maximo no segundo liuro, & Quintiliano no quinto, & Herodoto mays antigo quelles o cõta no seu Terpsichore, que he o quinto de sua historia. E ahi muytos outros authores, que fazem disto menção, vindo a falar nas lagrymas & trabalhos deste triste desterro, & miseravel valle de nossa peregrinação. Quando os antigos em suas fingidas fatulas deyxarão em memoria que Bibli chorara tanto, que se cõuertera em fonte, & Aris em rio, não quizerão significar senão as tristezas da vida, & as lagrymas que estillamos, & em que nos resoluemos. E assi chamaão ao principio de nossa vida fonte de lagrymas, & ao discurso della rio de magoas & desaventuras. Donde veo Plinio no septimo liuro de sua historia natural adizer que erão tantos os desgostos

Plinio.

da

da vida, tantos os perigos, tantos os medos, tantos os cuidados, que nenhũa cousa era melhor pera os homêns que a breuidade da vida. Donde veo Alciano antigo rhetorico a escreuer hũ liuro em louuor da morte, a quem segue Cicero na sua primeyra Tufculana. Depoys dos quaes fez sancto Ambrosio aquelle breue mas excellente tractado do bem da morte. Pera que he logo desejar longa vida, poys quanto ella he mais longa, tanto mays se alonga nosso desterro, & se encurta nossa alegria: & quanto mais viemos, mays nojos sentimos. Donde se segue q̃ não auemos de temer a morte excessiuamente, porque dos altos & generosos corações he ter por vida dala a troco da gloriosa memoria.

Alcician.

Cicero.

Ambrosio.

CAPITULO VI.

Em que per authoridades das humanas historias vay o pay mostrando os trabalhos da vida, & a honra da gloriosa morte.

Rr iij

Pare

DA LEMB. DA MORTE



E I T O hum breue interuallo, tornou o pay á praticar dizendo: Parece que bastava pera prouar o trabalho da vida o que eu to-

mey, em to mostrar pelas historias diuinas, mas por não faltar nada, trarey algũ exemplos das humanas Dizeme não Pompeo tora mays illustre Põpeo Magno, semorrera antes da guerra civil? Que homẽ ahí dado á lição antiqua, q̃ o ou se duuidar? Não tomara armas contra seu sogro, não deyxara sua casa, não fugira de Italia, não fora infelicemente vencido de Cesar, não viera cayr em mãos de eserauos, não lhe fora cortada a cabeça tão miseravelmente, não forão todas suas riquezas possuydas de seus inimigos, & finalmente não padecera tantas desauenturas, como lhe comfigo trouxe a longa vida. Elle fauoreceo a Cesar em seu principio, & elle o fez & sublimou. Em fim fez quem lhe tanto mal fez, & ergueo quem o derribou, & quanto

quanto mais vinco, tanto mais desaventuras sentiu. Venceo em tão breue tempo tantas nações, que parecia que se lhe anticipaua o effeyto ao desejo. E quando cuydou de gozar da honra de tantas & tão infinitas victorias, ficou vécido, viu eclipsada sua fama, desbaratados seus exercitos, & perdidos seus capitães. Enterrou seus amigos, & com elles enterrou suas esperanças. Choraua sem ver remedio, baralhado em diuersos pensamētos não sabia determinar se, não se vitaua pa parte, que nam visse sua perdição: até o matarem cō tanta ignominia, q̄ seus propios inimigos ouueram delle piedade. Poys aqueile terribel Anibal, que ajuntando Anibal. grãdes nuensde exercitos ameaçaua o mundo com espantosas tempestádes, & querendo affectuar o desejo de dominar que muytos dias auia que tinha criado rayzes em seu peyto, atraueffou os alpes, espancou Italia, venceo grãdes batalhas & esteve em risco de saquear Roma, De-

DA LEMB. DA MORTE.

pois detam illustres victorias foy vécido de Scipião em sua propria terra, & fugio della com grande magoa & ignominia, & de grande senhor veio a ser seruo doutré, & a cayr em tam terriueys trabalhos que nem pera cuydar no remedio delles tinha vagar. Que magoa te parece q̄ teria, quando hũa vez estando diante del Rey Antiocho disse estas palauras. Antes que me brotassem as barbas fuy seruido, & depoyz q̄ me nascerão caãs, comecey a servir. Com que nuuê de tristeza te parece que estaria então cuberto seu coração? Aquelle grande Cyro Rey de Persia, que como diz Xenophonte teue imperio sobre os Medos, Hircanos, Syros, Asyrios, Arabes, Gregos, Lydos, Fenices, Egypcios, & outras nações, depoyz de grandes victorias & triūphos, veyo morrer a mãos dhũa molher sua aduersaria, que lhe cortou a cabeça nũa batalha, & lha meteo nũ odre cheo de sangue humano, dizendo: Fartate de sangue cabeça desejosa delle.

Xenoph

Alf

Assi o conta Herodoto, & muitos outros authores. Quando elle venceo os Chaldeus, & restituyo os Hebreos a sua antiga dinidade, & alcançou de muitas nações maravilhosos triumphos, não te parece que se então morrera, que fora com muyto mór fama? Mas viuco para morrer sua honra, & morreo para viuer sua infamia: & os lógos dias da vida lhe troxerão lógos desastres. Seria logo em cōtar quantos nojosa vida a carreta & hũa conta de males sem cōto. E esta era a causa q̄ excitaua & esporeaua muytos dos gēnios à meterem se no meo da morte volūtaria porque viã que era a vida hũ mardettrabalhos, & perigos, & lagrymas, & que na vida eterna auia descanso, & tranquillidade, & alegria. Que ainda que viuião à securas, & não atinauão com o caminho da immortalidade, todauia a couisa em si não os enganaua. Porque Thales o Milesio Thales com quẽ antes te alleguey, confessou clarissimamente que a nossa alma era im-

MB. DA MORTE

mortal. Esta sentença depois de appro-
uada per muitos philosophos veo ter a So-
crates o mais eminente dos sabios anti-
guos q̄ Athenas teue em seu thesouro,
o qual com muytas razões a engrãdeceo
& amplificou. E affirmou que auia duas
vias per onde hão as almas depois de say-
das dos corpos, hũa pera o ceo lugar da
gloria, & outr̄ a pera o lugar da pena: de
maneira q̄ cada hũa hia ao lugar de seus
merecimentos. E sendo injustamente cõ-
denado á morte, não quis fugir do carcere
podendoo fazer. Antes disse q̄ não tinha
de que se queixar de seus accusadores Ani-
to, & Melito, porque não lhe fezerão ne-
hũ mal, em lhe procurarem a morte, sal-
uo se fosse de cuydarem que lho fazião: &
que elles lhe podião diuidir a alma do cor-
po, mas não lhe podião empecer, poys hia
gozar da immortalidade cõ os justos, co-
mo largamente refere Platão na sua apo-
logia, & no dialogo de Crito: & Xenophõ
te na apologia, & no liuro dos feytos &

Platão
phonte.

ditos de Socrates. E quando veo a hora, dizem que tomou na mão o vaso da poção, com que o auião de matar, & que a bebeo sem fazer mudança. E Platão Platão. falou n'algúas partes tão altamente da immortalidade d'alma, que conta Calimaco Calimaco. que acabando Cleombroto de ler este liuro, se lançou d'hũa torre no mar, pera ir gozar daquella immortalidade.

Assi o refere Cicero na primeyra Cicero. que estáo Tusculana, & depoyes sancto Augustinho August. nos liuros de Ciuitate Dei. E Plutarcho Plutarco. conta que estando Catão Catão. Vtiense em Vtica, cidade de Africa atribulado, & accossado de tristes pensamentos pelas victorias de Cesar, que elle tinha por tyranno, passou hũa noyte o Phedo de Platão da immortalidade da alma, & que acabando de o ler se matou com hũa espada. E ainda que estes gentios erráuão grauemente em se matarem, porque nã he licito a ninguẽ tomar a morte com suas mãos, toda via quis te
trazer

DA LEMB. DA MORTE.

trazer á memoria estas historias, pera veres, como sentiãõ ser a alma immortal, & quanto mays estimauãõ possuyr a fama longa, que a vida curta. Em tanto que os Lacedemonios desterrarãõ ao poeta Archiloch, porque disse nũs versos que miho era na batalha perder as armas que a vida. Diziãõ elles que por a honra se auia de por a vida, & pola immortalidade a vida & a honra: porque entãõ ferião ganhadas, quãdo desta maneyra fossem perdidas. E daqui vinha fazerẽ aquellas palmosas estranhezas, de que estãõ cheas as historias. Isto moueo a Codro Atheniense meterse desconhecido no exercito dos ãmigos, que tinhã por oraculo de Apollo que morrerião, se o matassem. Isto fez a Marco Curcio meterse em Roma no lago, onde foy foruido, sem nũca mays apparecer, por saude da patria. Por esta causa se offereceo Bruto á morte, por liurar Roma da tyrãnia de Tarquinio. Isto inflãmou os Decios, & Metelos, & outros capitães

Codro.

Marco Curcio.

Bruto.

Decios.
Metelos

pitães

pitães a morrer pòla republica, & a ter a morte por gloriosa, indo se meter, donde sabião que não auão de sair, quebrados todos os esteos das esperanças de suas vidas. Finalmente a lembrança da honrosa fama accêdeo todos os que adeixarão de si, & os pos é muytos perigos arduos de cometer & incertos de acabar. Grandes coufas, disse o filho, se contão dos antiquos assi Gregos como dos nossos Romanos. Mas parece que nam será tanto, quanto dizê. Antes creio, disse o pai, que será mais. Por que assi como o eco de muytas palauras não representa se nam as deradeyras, & ainda pouco dellas, assi nos, não contamos das virtudes & proëzas dos homês senão o cabo, & auêdo pera dizer muito, tocamos sòmête pouco. Os antiquos forã muyto amigos de fama, & a sede que tinhão della os esporeaua a singularizar se & abalifar se na virtude, & a não ter em conta a vida que logo acaba, por alcançar a fama, que sempre dura, porque o tẽpo

Compara-
ção.

DA L'EMB. DA MORTE

po triumphado como erramos per defei-
 to em contar os grandes feytos dos ho-
 mēs, assi erramos per excessõ em contar
 seus defeytos: & acrescētamos tantas cou-
 sas outras á verdade, que parece hũa hi-
 storia destas capa de romeyro com tantos
 remendos doutros panos, que não se po-
 de diuisar o proprio. Dizem que auia na
 Olimpia cidade de Grecia hũ alpendre
 feyto per tal artificio, que se se dizia nelle
 hũa palaura alta, soauão sete. Donde vie-
 rão os Gregos a chamarlhe heptaphonõ,
 que quer dizer sete vozes. & os letrados
 septiuoca, que quer dizer o mesmo. Assi
 nos cõtando hũ erro alheo, que ouuimos
 acrescentamoslhe tantos outros, que por
 hũ dizemos sete, & d'hũ moxão nõ faze-
 mos hũ alifante carregado d'armas. E ha
 hi homēs tam deprauados nisto, que pa-
 rece que os beēs dos outros sam seus ma-
 les, & os males alheos sam seus beēs pro-
 prios. Em fim que tem por estudo os maos
 acanhar

**Compa-
 raçam.**

**Compa-
 ração.**

canhar o dos boões , não confirando
 quam grandetacha hedescobrir as alheas
 quanto mays acrescentalas , & quanta
 virtude he contar a que ha nos outros.
 Assi que a fama nos bensheeco, & nos
 males septiuoca. Auifate que nunca de-
 fames ninguem, porque a fama, caso
 que te pateça cousa pouca em compa-
 ração da graça & virtude, comtudo to-
 mada per si faz muyto ao caso. Don-
 dediz Salamão nos Prouerbios que mi-
 lhor he bom nome, que muytas rique-
 zas. Hũa maçaã dura hũ mes, & dous, &
 muytos mays, se está com sua casca, mas se
 lhetirares a casca, d'ahi a duas ou tres ho-
 ras a veras negra, disforme, & corrupta.
 Poys assi como a casca he cousa pouca
 mas dá ornamento & fermosura á maçaã,
 & a faz terse & sustentarse muyto tem-
 po, bem assi a fama, ainda que seja cousa
 exterior, & de pouca valia em compara-
 ção dos beês d'alma, todavia ella he hũa
 gentil

Prouer.
 22.

Compa-
 ração.

DA LEMB. DA MORTE :

gentil cobertura, & orna & a fermosente a virtude, & he nella como hũrico esmalte no fino ouro. E finalmente fala mays bella, fixa, & constante. E poys ahi ley q̃ manda matar quem rouba a fazenda, nã sey como a nã ha pera castigar quem rouba a fama. poys he de mays valia que a fazenda. Nã sey qual he a justiça que sofre tirar a vida, a quem tira o dinheyro, & deyxala, a quem tira a fama, estimando os homẽs mays á fama que o dinheyro & que a vida. E a sede da fama esporea ua muitos dos antiquos a singularizar se & abalifar se antre os outros, & a nã ter em cõta a vida, que logo acaba, por alcançar a fama que sempre dura, porque o tempo triumpho da vida, & a fama do tempo. Verdade he que errauão elles, porque dirigião suas obras á gloria do mundo, auendoas de dirigir á gloria de Deos. Porque assicomo nas cousas naturaes os elementos sam por causa dos corpos mistos, & as cousas menos perfeytas por causa das

per

perfeytas, & tudo por causa do homem, que he o mays excellente dellas, assi as nossas obras corporaes deue ser por causa das obras dalma, & estas deuem ser por causa da mays excellente dellas, a qual deue ser dirigida a Christo. Logo do primo ao vltimo todas as nossas obras deue ser dirigidas & ordenadas a Deos como a fim, ao qual haõ de ser dedicadas. Mas ainda que os gentios nam olhauão a este fim, mas lançauão as rayzes de suas obras em busca da falsa gloria, com tudo de tal maneyra se enfunauam nas vaãs esperanças della, que moidos dhũadesesperada & honrosa determinação se abraçauam com a morte, fazendo façanhas espartosas. Mas pera que he espátar das antigas, poys vemos as que em nossos tempos tem feyto os modernos. Não quero falar nas dos nossos Italianos, porque me parece que as tens viuas na memoria mas trarthey a ella as dos Portugueses. Quem duuidar dos notaueys feytos dos

Ss passa

DA LEMB. DA MORTE.

passados, ponha os olhos nas miraculosas
 façanhas dos presentes, & com avista das
 modernas desfará a roda do pouco credi-
 to que tem as antigvas. Dizeme as que fi-
 zerão na India os Portugueses, não mo-
 strão claramente quã pouco estimauão a
 vida, & como tinhão por gloriosa a mor-
 te em seruiço de Christo, & em honra de
 seu Rey, & de sua patria? Aquelle espanto-
 so dom Vasco da Gama conde Almiran-
 te não fez elle cousas, em cuja compara-
 ção as grandezas antigvas parecẽ pouqui-
 dades? Elle passou muito abaixo da linha
 equinocial & torrida zona, & attraessou o
 mar Oceano, Atlantico, Arabico Persico,
 Indico: & achou outro nouo ceo, & no-
 uas estrellas, & regiões incegntas & inau-
 ditas, & descobriu outro mundo, & de ceo
 ao sul além do espantoso cabo de boa es-
 perança, & tornou a virar, & attraessar a
 torrida zona, & passou per onde os anti-
 guos cuydarão que não auia passagem, &
 descobriu as Indias orientaes, & rompeo

Dom
 Valco.

os brauos & indomitos mares, & subjugo-
 u as medonhas & terribey s ondas, &
 domou os monstruosos peixes marinhos,
 & conquistou terras riquissimas, & distã-
 tissimas, & ouue grãdes batalhas, em que
 per muytas vezes se viu abraçado com a
 morte, & alcançou illustres victorias, em
 que com seu esforçado & inuenciuel ani-
 mo fez reystributarios a seu Rey, & ale-
 uantou a Cruz de Christo por final & tro-
 pheo de seus spirituaes & temporaes triū-
 phos, & leuou a fé de nosso Senhor do oc-
 cidente ao oriente, & chegou onde nun-
 ca os exercitos do grande Alexandre, né
 nenhũs dos antiquos chegarão, & eclip-
 sou a fama dos passados, & espantou os
 presentes, & deyxou de si fama perpetua
 pera os futuros. Parecete que quando se
 auenturaua a tam manhas cousas, que
 temia a morte, pera deyxar de fazer o
 que deuia? Se a elle assi temera, nunca el-
 le tam altas empresas cometera, nem
 com ellas com tanta gloria sayra. E per

DA LEMB. DA MORTE

derradeyro depoy's d'ir tres vezes á India, la morreo, sem vir gozar do descanso do galardão, que por seus trabalhos merecia, onde tam bẽ morrerã ás lâçadas dous seus filhos excellentes capitães imitando o animoso esforço, & singular virtude de seu pay, como couza sua hereditaria. Que te direy das marauilhosas & abalisadas estranhezas, grande & inuenciuel animo, illustres & sobrenaturaes victorias daquelle antre os fortes sapientissimo capitão Duarte Pacheco, espelho de todos os capitães do mundo? Quem poderia contar as proëzas, caualarias & gloriosas victorias de dom Francisco d'Almeyda. E daquelle espantoso Alfonso d'Alboquerque, áquem do qual ficão todos Gregos & Romanos: cuja morte os Mouros & gentios não podião crer, mas dizião, q̃ não morrera, senão que o mandara Deos chamar, porque tinha necessidade d'elle no ceo pera fazer algũa guerra? Que palavras ahi com que se possam explicar as
grande

grandezas de dom Anrique de Meneſes,
 dom Steuão da Gama, Antonio da Syl-
 ueyra, Martim Afonso de Souſa, dõ Ioão
 de Caſtro, dom Ioão Mazcarenhas, Ior-
 ge Cabral, Francisco Barreto, & doutros
 muytos capitães & fidalgos, & de infini-
 tos & excellentes coualecyros, cujos glorio-
 ſos feytoseu contara, ſenão forão ſem cõ-
 to, os quaes ſendo mortaes deyxarão de ſi
 memoria immortal? Não pode ninguẽ Compa-
 por nota em ſua hõra: porque aſſi como ^{raçãam.}
 os rayos do ſol vencedor das treuas deſa-
 zem com ſeu reſplendor a eſcura noyte,
 aſſi a fama das excellentes obras de todos
 eſtes que nomeey, & podera nomear, deſ-
 faz com a força de ſua claridade a eſcuri-
 dade da murmuração nascida d'hũa nu-
 uẽ de odios & falſas opiniões. Nem ahi q̃
 debater, ſenão que eſtes animoſos varões
 preferião a honra de Deos á propria vida,
 & que então cuydauão que viuião, quã-
 do por amor de Deos ſe artiſciuão á mor-
 te. E á verdade elles eſtauão na verdade,

DA LEMB. DA MORTE

porque a inconstante vida he transitoria,
& a constante virtude he immortal. Ella
he thesouro inexhausto, diamante firme,
exercito inuenciuel, & finalmente he ca-
stello inexpunhauel. Os que della forem
ornados estarão aparelhados pera a mor-
te, & os que pera ella estiuerem aparelha-
dos, claro he que não a temerão sobeja-
mente, antes trabalhando como que sem-
pre ouuessem de viuer, viuerão como se
logo ouuessem de morrer. Mas tristes da-
quelles que estando embosecados nos vi-
cios, não tendo conta com a manhaã da
emenda, lhe sobreuem d'imptrouiso a
noyte da sepultura: & não tendo lem-
brança da morte, entra ella per casa de
supito sem bater á porta. He muyto pe-
ra espantar de nossos descuydos, que ten-
do nós mortaes, & vestindo & calçando
de animaes mortos, & comendo coutas
mortas, & viuendo nas casas, que fabri-
carão os mortos, & gastando as rendas,
que nos deyxarão os mortos, & falando
cada

cada dia nos mortos, nos não lembremos da morte. Os Gregos chamão ao sepulchro *syma*, & ao corpo *soma*, pera declararem que o corpo dos viuos he sepulchro de mortos. Não se pode negar que o nosso estamago he adro & cemiterio de corpos mortos, & trazendo nos com nosco o adro & a sepultura nos não lembramos della. O descuydo grandissimo quãto ha em ti que dizer, & quanto que chorar! Quemagoa he ver a ignorancia dos homês, o descanso da vida, o descuydo da morte, quãto desatados andão do ceo, quãto atados com a terra, quãto mays perto da morte, tanto mays longe da lembrança della: arca por arca com a morte, & descuydados na vida. Qual he o coração que sentindo isto não arrebeta com dor? Quaes sam os olhos, que senão conuertẽ em fontes de viuas agoas? Encomendote filho muyto que te não esqueças da morte, mas que andes sempre pera ella apercebido, porq̃ he esta húa

DA LEMB. DA MORTE

alta philosophia. E assi o entenderão não sómente os theologos Christãos, mas os philosophos gentios. Dessa maneyra, disse o filho, entendem muytos aquella sentença de Socrates, que refere Platão, que a vida dos philosophos he meditação da morte. E querem daqui colher, q̃ a mays excellente de todas as philosophias he occupar o pensamento na lembrança da morte. E dizem qu' isto he o q̃ quis dizer Platão: ainda q̃ á verdade eu vos ouui ja Senhor a interpretação deste lugar muyto differente da commū, mas nē eu lha entendi, nē elle cuydo q̃ acabou de a declarar: & desejo de a entender delle, porque hi ha interpretações, de cujos authores me não confio, nem os queria ver, nem ouuir, porque daquelles authores se ha homē de goardar, que não sómente na vida, mas ainda na tenção se mostrão corruptos, porque erradas tenções gerão quasi sempre erradas opiniões & entendimentos.

Socrates
Platão.

CAP. I

CAPITVLO VII.

¶ Em que se expõe a authoridade de Platão
acima tocada, & quantas maneyras
ahi de morte.



Qui esteue o pay hū pouco
pensatiuo, como reuoluen-
do na fantasia o que auia
de dizer, & começou desta
maneira. Ainda que he ex-
cellente philosophia cuydar na morte, cō
tudo não he isso, o que Platão quis signifi-
car. Hi ha quatro maneyras de morte, a
primeyra he, a q̄ chamamos natural, quã-
do alma se aparta do corpo, a segunda he
quando a alma morre ao mundo, & vi-
ue a Deos, quando viuendo segundo o
espirito, morre segundo as obras da car-
ne, a terceyra he, quãdo alma perde a gra-
ça, & morre pelo peccado mortal, a quar-
ta he a morte eterna no inferno pa sem-
pre. Da primeyra falamos até aqui, & fala-
remos inda adiante. Mas agora pede a
materia que toquemos na segunda, & de-

DA LEMB. DA MORTE.

poys ella nos chamará à pratica da tercey
 ra & da quarta. Quando o homẽ vive não
 segũdo a carne, mas segũdo o espirito, &
 alma estãdo inda no corpo se aparta del-
 le per pensamẽto, & se põe em alta contẽ
 plação, como q̃ totalmente estiuẽsse do
 corpo separada, vem a alcãçar tão gran-
 des couças com o entendimento, q̃ diz

Aristot.

Aristoteles no x. das Ethicas, q̃ neste co-
 nhecimento & contẽplação cõsiste prin-
 cipalmẽte a mays excellente bemauẽcu-
 rãça, q̃ se pode nesta vida alcãçar. E por
 que morrer he apartar se a alma do corpo
 & nesta contẽplação estã alma separa-
 da d'elle, deyxando os sentidos, & aleuan-
 tando se no entendimento, alienada do
 exterior, q̃ distrahe, & metida no interior
 que vne, posta no cẽtro de si mesma, cha-

Socrates

mou Socrates a isto meditação de morte,
 como se lhe chamara meditação de ho-
 mẽ morto á carne & ao mũdo, & contem-
 plaçã dhũa alma desatada dos laços & pri-
 sões do corpo, q̃ a empedem, & reduzida
 das

das cousas visiveys ás invisiveys. E esta diffe-
 fe que era a vida dos philosophos. Isto he
 o q̄ quis significar seu discipulo Platão no
 dialogo da alma intitulado Phaedo. Assim o
 interpreta Cicero nas Tusculanas, & Macro-
 bio sobre o sonho de Scipião. Bem po-
 de ser q̄ tomasse Socrates esta doutrina
 de Pythagoras, aquelle antigo sabio, que
 foy o primeyro, q̄ se chamou philosopho,
 como tomou outras muytas, q̄ depoyes de-
 clarou & amplificou. Porque o Pythagoras
 foy tão curto nas palauras, como lōgo nas
 sentenças, & tão affeyçoado a calar, que
 mandava a seus discipulos, q̄ os primey-
 ros dous años não falassem, como diz Au-
 lio Gellio no j. das suas noytes Atticas. E
 taes avia, q̄ cinco annos não falauão, co-
 mo diz Luciano. E ainda depoyes q̄ podia
 falar, lhe mandava que fosse pouco. De
 maneyra que a sua rethorica mays enfi-
 naua a calar que a falar: porq̄ tinha elle
 pera si, que o silencio he o trajo do sabe-
 dor. Poys húa das suas sentenças era, como

Collyro
 gressa

Platão:

Cicero.
 Macrobi.

Pythag.

Aulo
 Gellio.

Luciano

re-

DA LEMB. DA MORTE

Cyrillo. refere S. Cyrillo contra Iuliano, & Laër-
Laércio. cio na vida de Pythagoras, que a imagẽ
 de Deos senão auia de trazer por pedra
 encaftoada em anél. Onde pela imagẽ de
 Deos entendia nossa alma, & pelo anél
 o noſſo corpo. Porque aſſicomo o fino ru-
 bi ou precioſa eſmeralda, he de mays va-
 lia queo anél, aſſi alma he muyto mays
 excellente que o corpo. E ainda que nem
 Cyrillo, nem Laércio iſto aſſi declarão,
 com tudo eſta me parece a verdadeyra
 interpretação. Que queria Pythagoras ſi-
 gnificar dizendo que a imagem de Deos
 não auia d'andar vnida no anél, ſenão
 que a alma não auia d'andar liada, & ata-
 da, & vnida com a carne, indolc com el-
 la, & ſeguindo ſuas obras, mas que ſepara-
 da & como ſobreſi auia de voar ao alto, &
 contemplar as couſas não ſomente huma-
 nas mas diuinas. Iſto cuydo que quis dar
 a entender Zoroaſtes, quando diſſe que
 alma tinha aſas, com que voaua fora do
 corpo eſtando nelle, & transcendia as

Zoroaſt.

ab

alturas, mas que se as alas lhe quebrauão, caya no corpo, onde estaua abatida, submergida, & sepultada. De maneyra que entendião todos estes sabios, que a vida do philosopho era apartar & alienar alma do corpo, & morrer quanto a elle. Porque tinhão elles que o corpo era grãde impedimento pera a contemplação, & chamauam lhe fundamento de maldade, laço de corrupção, morte viua, sepulchro mouediço, ladrão domestico, & outros nomes desta qualidade, que lhe pos Trismegisto, aquelle antiguo Egiptiano, a quem os Platonicos muyto imitarão. Mas como elles viuião ás escuras sem o lume da fé, não vião em que consistia a verdadeyra philosophia, cujo fundamento, he a fé, de que elles carecião. O diuino Paulo na epistola aos Colossenses, que erão mortos á carne, & viuião segundo o espirito, diz: Vos soys mortos & a vossa vida he escondida com Christo em Deos. E na segunda aos Corinthios diz

Trisme-
gisto.

Coloss. 3.

2 Cori. 6

DA L'EMB. DA MORTE.

Galat. 6. diz assi: Quasi mortos, & ex que viuemos.
 E na Epistola aos Galatas: O mundo me
 he crucificado amí, & eu a elle. Não se cõ-
 tentou com se chamar peregrino, mas
 morto ao mundo, & nam de qualquer
 morte mas de Cruz, que era a mais des-
 honrada & ignominiosa, que entam auia
 E santo Augustinho diz que auemos de
 morrer ao mundo, pera viuermos segun-
 do Deos. E sam Bernardo nũ sermão da
 quaresma falando desta morte diz estas
 palauras: O morte sem duuida bem auẽ-
 turada que goarda o homem sem magoa,
 & o faz totalmente alheo do mundo.
 Mas he necessario q̃o que nam viue em
 s, viua Christo nelle. E isto he o que diz o
 Galat. 2. Apostolo: Viuo eu, ja nam eu, mas viue
 Christo em mĩ. Como se dissera: Sou mor-
 to ao mundo, nam sinto nem curo suas
 cousas, mas as de Christo me acham viuo
 & aparelhado. Isto he de sam Bernardo,
 com quem concertam os outros douto-
 res catholicos. Donde se conclue q̃entam
 mor-

morremos ao mundo, & ao corpo, quan-
 do nossa alma governada pelo espirito,
 como que nam ouuesse corpo, atalhados
 os passios do appetito sensitiuo, entra cõ
 a guia da razão no caminho da alta con-
 templaçã & diuino amor, & como aguea
 real aleuantada do ninho se alça ao ceo
 aberto, penetrando altissimos segredos,
 & nam vay onde quer o corpo, mas elle
 vay õde ella quer. Isto quis nosso Senhor
 significar no Euangelho, quando sarãdo
 o paralytico, que jazia no leyto, lhe disse:
 Aleuantate do leyto, & tomao ás costas &
 vayte pa tua casa. Pelo paralytico se en-
 tẽde a alma enferma, pelo leyto o corpo.
 E assicomo onde hia o leyto, lá hia o para-
 lytico, assi onde vay a carne, lá vay a alma
 do triste peccador, q̃ jaz entrẽuada no
 corpo. Mas recuperada a saude d'alma
 aleuãtase em cõtemplaçã, & vay com o
 pensamẽto a sua casa, q̃ he a gloria, medi-
 tãdo os diuinos & altos mystérios. E ja nã
 he governada pelo corpo, mas elle pella.

Math. 9.

E isto

DA LEMB. DA MORTE

E isto he aleuantarse a alma, & caminhar pera sua casa, leuando consigo o leyto, que dantes a leuaua. Isto baste quanto a morte tomada da segunda maneyra: agora tratemos breuemente da terceyra.

Ezech. 33 Conta o Propheta Ezechiel aos trinta & tres capitulos de sua prophacia, que foy leuado em espirito de Deos a hum campo cheo de ossos de finados, & era tanto o numero, que o nam tinham. E disse-lhe o Propheta: Ossos secos ouui a palaura de Deos. E apos estas & outras palauras veo o spirito sobr'elles, & a alleuantarãse cubertos de carne, & ficaram homens viuos. Que campo he este cheo de ossos de finados, senão o mudo cheo de peccadores? E assi como pera se aleuantarem os ossos, & ficarem homens viuos, veo sobre elles o spirito, assi pera o triste, que está em peccado mortal, ficar viuo, he necessaria a graça diuina, sem aqual o impio se **Thren. 5** nam pode justificar. Isto he o que diz Ieremjas nas lamentações. Conuerteynos
Senhor

Senhor a vos, & seremos conuertidos. E isto significou Christo nosso Saluador dizendo em sam Ioão. Ninguem pode vir a mĩ, se meu padre o não trouxer. Ves logo aqui como os que estão em peccado mortal, estão mortos, tomando a morte na terceyra maneyra, que he a de que falamos. Que isto assi seja, dilo a sagrada escriptura no liuro da Sapiencia per estas palauras: O homẽ mata pela malicia a sua alma. Daqui se colhe claramente, que o peccador he homicida de si mesmo. San Tiago diz que o peccado como for consummado, gera morte. Então se chama peccado consummado, quando a vontade deliberadamente nelle consente, ainda que senão ponha per obra: porque basta ser consummado per deliberado consentimento do pensamento & vontade pera matar. E por isso se chama elle peccado mortal, porque mata a alma. Donde se conclue que a vida do maõ he morte. Isto he o que diz sam Paulo aos Ro-

Ioan. 6.

Sapien. 6

Iacobi. 1.

DA LEMB. DA MORTE.

Rom. 8. mãos: Se viuerdes segūdo a carne, mor-
rereys. E Christo nosso Senhor, dizia em

Matth. 9 sam Matheus: Deyxa os mortos enterrar
seus mortos. Como se dissera: Deyxa os
mortos quanto a alma enterrar os mor-
tos quanto ao corpo. Effes que enterrāo
os outros, tambem estāo enterrados. E
esta he hūa cousa assaz monstruosa, an-
dar sepultada hūa alma morta nū corpo
viuo. Onde ves que chama nosso Senhor
mortos aos viuos, que sendo viuos quan-
to ao mundo, erāo mortos quāto a Deos.

Chryso. Donde veo a dizer sam Ioāo Chryfosto-
mo, que he impossivel viuermos, se em
nos os vicios nāo morrerem. Como nos
podemos chamar viuos estando nos vi-
cios sepultados? A alma dá vida ao cor-
po, & a graça dá vida a alma, a qual sem
graça esta morta sendo immortal, & estā-
do ella morta, diz se o homē nāo ter vida,
& ficando elle sem vida, nāo viue, & nāo
viuendo estā morto. E como Christo nos-
so Deos seja a vida, como elle diz em sam

Ioāo

João, segue-se que quem viue apartado Ioan. 14
 delle, não viue, porque como pode viuer
 sem vida? Ves logo claramente, q̄ oq̄ está
 em peccado mortal, he morto, & não se
 pode chamar homē mas fantasma. E se
 não fosse o costume, assi nos deuiamos de
 espantar de ver hū homē, que loubesse-
 mos que estaua em peccado mortal, co-
 mo de ver hū finado andar fora da se-
 pultura enterrado em si mesmo. Cuyda-
 mos muytas vezes que vemos homēs, &
 não sam homēs, nos homēs não vemos
 homēs, mas fantasmas d'homēs, & se-
 pulturas de si mesmos. Vemos ossos, &
 caueyras, & corpos mortos, fracos, ca-
 ducos, & transitorios. Em fim vemos ima-
 gēs viuas no parecer, & mortas no obrar.
 E sendo tão miseraneys, cuidão que estão
 seguros em fugirem de Deos pera si. Tã- Genes. 3
 to q̄ Adam peccou diz a escriptura q̄ fu-
 gio, & se escōdeo de Deos, porq̄ cō a mor-
 te se apartou da vida. E disse he Deos.

Te ij Adã

DA LEMB. DA MORTE

Adã onde estás? Como se dissera: *Quê de ti? Porq̃ fugiste de mĩ pera ti? Onde estás, pois não estás em mĩ, pois estás em ti perdido sem mĩ? Pois morrêdo pelo peccado mortal viues sem viueres? Não te poderia acabar de contar os males, que com figo traz esta morte, a qual se bem attentaste, he totalmente contrayra áquella, de que agora antes faluamos, porque aquella aparta a alma da carne, & esta ajunta a*
com ella pera nossa perdição. Porque assi como a vela, se a apagares, viuirá sem se consumir, mas não a matando, ella mesma viuendo se está consumindo, de maneyra que sua vida he sua morte, assi tu, se te apagares & morreres ao mundo, viuirás sem te consumir, & se viueres a elle, viuendo te estarás consumindo, & estarás morrendo, & a vida do corpo será morte d'alma, que he a terceyra maneyra de morte, de que te prometi, que te auia de falar. Agora direy algũa cousa da quarta, q̃ he a morte eterna no inferno pera
sem

Compa-
ração.

sempre: onde sam lançados os maos, por que senão lembrárão de suas más obras, pera se dellas arreponderem, nem das boas, senão pera se dellas gloriarem, por que as boas obras hão se de depositar no cofre do esquecimento, por atalhar a vaã gloria, & as más na buceta da memoria, pera fazer dellas penitencia.

CAPITULO VIII.
E FINAL.

¶ Da morte eterna, & da lembrança da temporal, com hũa deuota peroraçam.



VIDA perfeytissima he a visam diuina, onde ha vida sem morte, contentamento sem arreceo, bem sem mal: da qual vida participão os sanctos na gloria, & os q̃ estão aqui nesta vida, ainda q̃ não participẽ della, ao menos participãode sua esperança. Mas como os q̃ estão no inferno careção não somete da quella celestial & eterna vida,

Tt iij mas

DA LEMB. DA MORTE.

mas ainda da esperança della, por isso se chamão mortos, & aquella pena se chama eterna morte, por quanta eternalmēte sam priuados da eterna vida. E ainda que aqui tratey desta morte no quarto lugar, ella se chama morte segunda, da qual diz assi sam Ioão no Apocalypse: Aquelle que vencer, não sera offendido da morte segunda. Como se disse: Aquelle que vencer os vicios, & triumphar de sua propria vontade, sera liure do inferno. E noutra parte do mesmo Apocalypse diz, que os maos serão atormentados nū tanque acceso de fogo & enxofre. E acabado isto diz: E esta he a morte segunda. Della diz o Psalmo: Pessima he a morte dos peccadores. E noutra parte: Serão metidos no inferno como ouelhas no curral, & a morte os comera. Alli a pena ja nunca tera fim, E como diz S. Gregorio nos moraes, sera morte sem morte. Mas pa tu nã vires a esta morte eterna, cuyda na tēporal, & esta pa ella apercebido, não te tome de

fo-

Apoca-
lyp. 2.

Apoca-
lyp. 21.

Psal. 33.

Psal. 84.

Gregor.

Sobre salto. A morte prendenos a todos,
 & tomanos habito & tōsura. Se nos acha
 em habito de verdadeyros Christão, val
 nos a igreja, & liuramonos pelas ordēs da
 misericordia: & senão somos entregues a
 justiça secular do inferno. Mas a culpa di
 sto não se ha de attribuir a morte, senão
 a nos, que não fazemos nosso deuer, ea el
 la faz o seu. Se Adam não peccara, não
 morrera, porque S. Paulo diz que per hū
 homē entrou o peccado, & pelo peccado
 a morte. E por isso se chama ella morte de
 morsu vocabulo latino, que quer dizer
 bocado, porque polo bocado do pomo
 defeso entrou ella. E nem he má, como
 muytos dizem, nem tão medonha, como
 a fazē. De mī te digo q̄ me não pesaria cō
 ella. E nesta lōga idade, em q̄ meves, nesta
 velhice castigadora dos etros da mocida
 de, estou cōtente, porq̄ me parece q̄ vou ja
 vêdo a terra, & q̄ cāsado da lōga nauega
 ção da vida começo ja entrar pela barra
 do porto da morte: nē queria por nenhū

Rom. 5.

DA LEMB. DA MORTE

preço tornar outra vez a empégarme nas duvidosas & tempestuosas ondas. Nem te pareça, que me dà pena, verme desemparedado das forças, & daquella disposição, que com figo traz a mocidade, antes dou graças a nosso Senhor, porque me liurou do poder de tão perigosos senhores, & me trouxe a conhecer nestes dias, q̄ os meus crão acabados. O reposteyro dhū principe arma a casa, & depoy de passada a festa torna a desfamar. Assi o tempo arma a mocidade de força, & gentitileza, & vizeza de sentidos, mas depoy vindo a velhice, elle mesmo torna a desfamar sua tapeçaria, & a tirar tudo, até que as paredes ficão nuas & despouoadas. E daqui vejo eu que minhas festas sam acabadas, & meus dias consumidos, poys o tempo, que he o reposteyro da natureza, me tem ja desfamada & tirada toda a tapeçaria de minha mocidade, & me tem dado o desengano de minha partida, a qual eu ja queria ver. E se me vem as lagrymas

aos

Compara-
ção.

aos olhos, quando vejo morrer outros velhos de minha idade, que tenho por virtuosos & amadores das cousas de Deos, não he tão fomentepor ver quebrados os esteos & colunas da republica, mas tambem por os ver ir primeyro qu'eu, a receber a coroa da victoria. E em extremo fico consolado, quando os vejo receber a morte com contentamento, porque final he que lhe fara Deos merces, poys vão com alegria, onde os chama. Ca como queremos que nos de premio aquelle, em cuja presença apparecemos contra nossa vontade? E se todostem obrigação a terem prompta sua vontade á de Deos, quanto mays os velhos, que tem passado todo o verde de sua vida? Assim como as maçãs verdes se arrancão d'arvore com força, mas as maduras, ellas per si estão desejan-do de cair, bem assi os mancebos morrem trabalhosamente, como pomos, que estão no verde de sua idade: mas os velhos como maduros elles

Compara-
ção.

DA LEMB. DA MORTE

Compa-
ração.

estão desejando de morrer, pera que fays-
dos dos males temporaes, vam gozar dos
beês eternos. E assi como os açores de
Noruega voão com môr ligeyreza que
os das outras terras, não por elles natu-
ralmente serem mays ligeyros, mas por
verem quam pouco espaço tem pola bre-
uidade do dia, que alli não he mays que
de tres horas, assi os velhos vendo quam
pouco espaço tem de vida, deuem de dar
obra á virtude com grande pressa, & voar
altamente com grande velocidade, quã-
do não poderem com obras corporaes, ao
menos com as spirituaes, pera que a mor-
te os ache apercebidos, & vão com grande
alegria possuir a eterna bemaueiturança.
E se Deo pela sua misericordia me lá le-
uasse, antes quera q fosse hoje que á ma-
nhã. O claro & desejado dia aquelle, em
que os justos entrão na bemaueiturança
recebidos & festejados dos sanctos, ad-
mittidos ao banquete dos espiritos cele-
stiaes! O bemaueiturada morte principio
de

de tamanho bem! Esta he a de q̄ diz o real
 Propheta: Preciosa he em o cōspecto do
 Senhor a morte dos seus sanctos. O rece-
 bimento singular, ó festa sem nenhū arte-
 ceo de mudança! Quē fosse tão ditoso q̄
 visse este dia! O glorioso dia aquelle, em q̄
 eu entrar na gloria, & naquellas bēaen-
 turadas moradas pera sempre, se o Señor
 Deos pola sua immensa piedade me esta
 merce quiser fazer, onde verey o mesmo
 Deos, aquella desejada gloria, aq̄lle sum-
 mo bē, fartura de meus desejos, onde con-
 uersarey cō os sanctos, & verey não somē-
 te os q̄ cá conheci, mas os de q̄ li, & ouui,
 & outros muitos. O alegria inextimavel,
 ó contentamento á quē do qual fica to-
 da a humana cōsiraçã! Mas não sey se me
 toiherão minhas delauēturas tãoanha
 bēauenturãça. Dayme Senhor lagrymas
 palauar meus males, q̄ me não priuē de
 tantos beēs. Vos meu Deos que days a-
 goa aos brutos animaes não a negueys
 a meus olhos, pera que afogado Pharaó

Psal. 115.

DA LEMB. DA MORTE

no mar de minhas lagrymas, me veja li-
 ure do Egypto, & saya seguro do labyrin-
 tho do mundo, com o fio da vida pelas
 portas da morte, & va gozar do verda-
 deyro contétamento. Porque aqui que
 contentamento posso eu ter assentado
 sobre os rios de Babylonia, desfazendo
 meus olhos em lagrymas com lembran-
 ças de Sião, tendo dependurados os in-
 strumentos musicos de minha alegria nos
 esteriles & amargosos salgueyros do mû-
 do? Liurayme Senhor desta Babylonia,
 pera que foruido em vossas lembranças,
 & abraçado em vosso amor, parta pera a
 celestial cidade de Ierusalem, onde can-
 te com os sanctos as suaues musicas de
 Sião: Aleuanto a vós minha voz dizendo
 com o Propheta: (Educ de custodia ani-
 mam meam.) Tiray Senhor minha alma
 deste carcere, liuraia desta coua & prisão
 do mundo, leuayme deste desterro a essa
 patria, & deste miserauel vale a esse glo-
 rioso monte da visam diuina, onde goze
 de

Psal. 136.

Psal. 141.

de vós na eterna bemaumenturança. Aqui acabou o bom velho de falar, & saiãolhe pelos olhos hūas raras lagrymas hūas a pos as outras, que fizeram ao filho derramar outras tantas. E assi esteueram hum pouco saluçando ambos, & soltando de tal maneyra os olhos ao choro, que o despejo das lagrymas, que alli ficou, podera ser bõa testemunha do sentimento & deuuação, que com aquellas deuotas & foidosas palauras teueram. E alimpandose o filho disse pera o pay: Muyto quisera Senhor que esteuerão aqui meus irmãos, pera se aproueytarem desta pratica, em que tratou altamente da morte. Isto, disse o pay, se me offereceo ao presente, que he bem pouco. em comparação do muyto, que se podera dizer. E não tenhas magoa de não estarem aqui teus irmão, q̄ eu por exercicio escreuerey tudo isto, pera que tu & elles o leays. E recolhiamonos pera casa, que ha muyto que o sol he recolhido, & que a terra está cuberta das trevas,
que

DA LEMB. DA MORTE

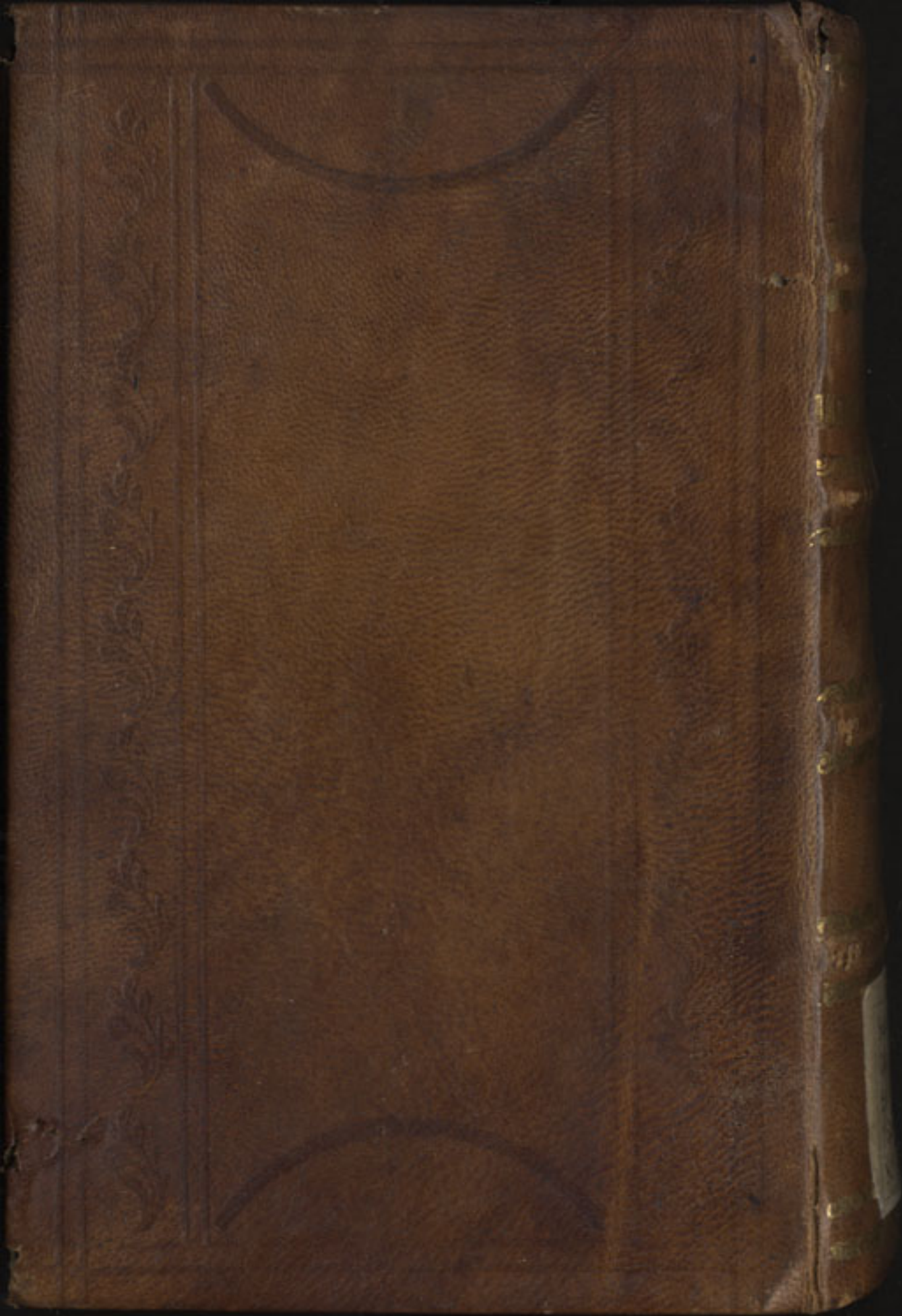
que a escura noyte traz consigo. Reco-
lhamos, disse o filho, poylo assi manda. E
folgo muyto de não morrer tal pratica,
como esta, & de a perpetuar entre-
gandoa ás letras, porque a escri-
ptura he a vida das
palauras.



Fim do dialogo da lembrança da morte.







FR. HEITOR PINTO

IMAGEM DA VIDA CRISTÃ

Sala R

Gab.

Est.

Tab. 4

N.º 13